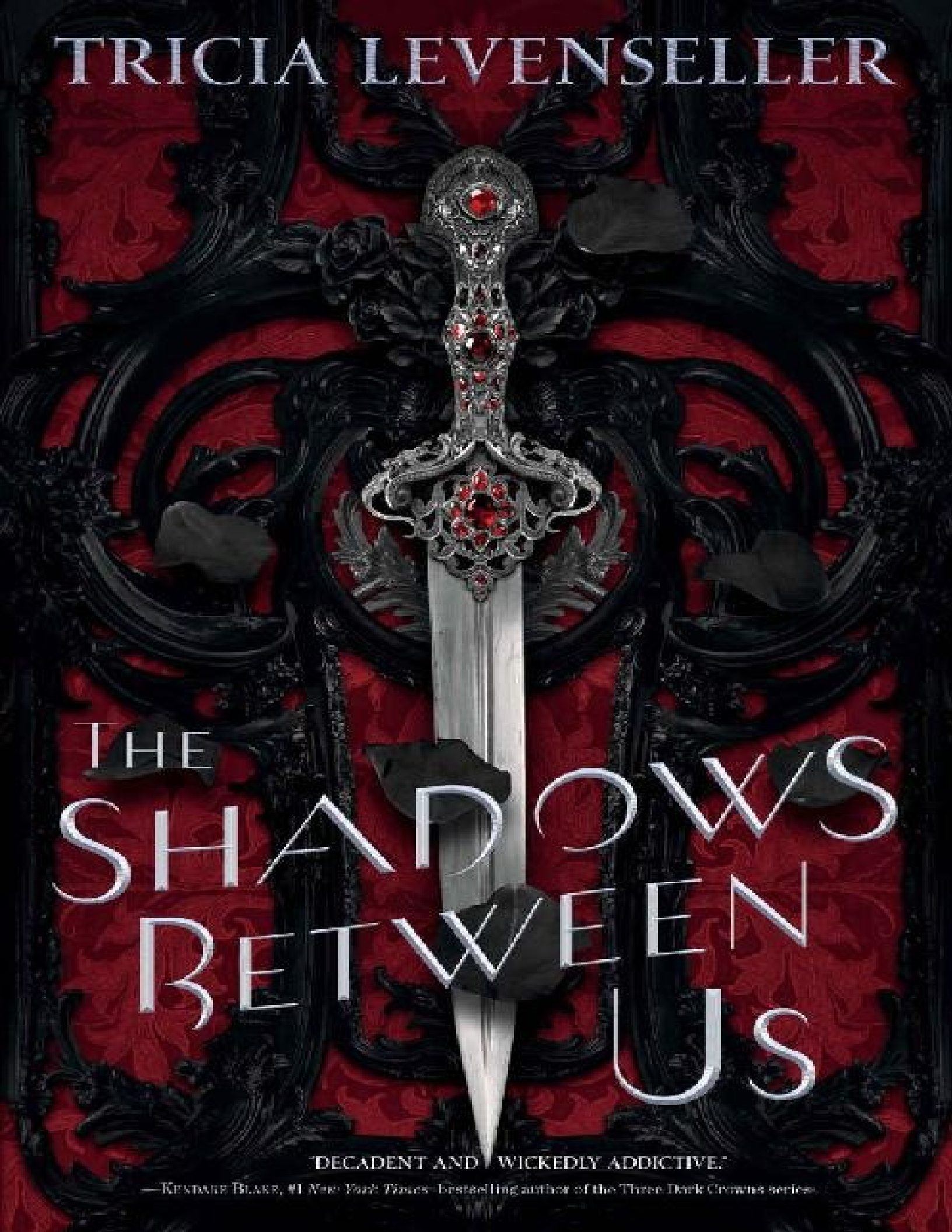
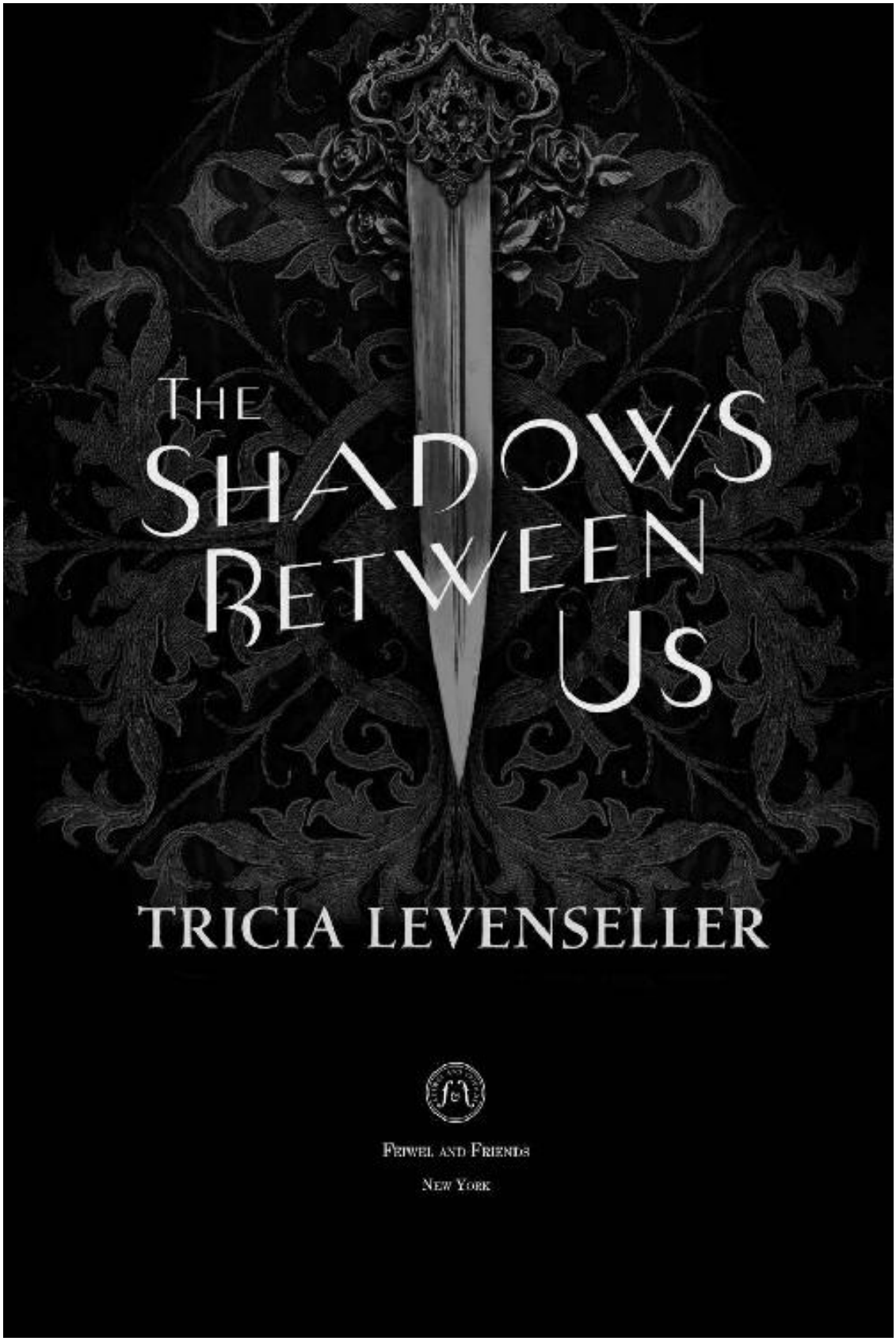
TRICIA LEVENSELLER



THE SHADOWS BETWEEN US

"DECADENT AND WICKEDLY ADDICTIVE."

—Kresley Cole, #1 *New York Times* bestselling author of the Three Dark Crowns series



FEIWEL AND FRIENDS
NEW YORK

Traduzido e Revisado por
WhitethornTeca e Salem Witches

Para Becki
Eu não consigo pensar em ninguém que mereça mais esse romance da Sonserina.
Obrigada por ter lido primeiro!

É LEGAL ISSO DE NÃO ENVELHECER. EU GOSTO DE SER O ETERNO GARANHÃO.

—Damon Salvatore, *Diários de Um Vampiro*,
1 Temporada, Episódio 4

CAPÍTULO
1

Eles nunca encontraram o corpo do primeiro e único garoto que partiu meu coração. E eles nunca encontrarão.

Enterrei Hektor Galanis em um buraco tão profundo que nem os demônios da terra poderão alcançá-lo.

Meu sonho era estar com ele, no dia em que ele me disse que tinha sido divertido, mas ele acabou. Alguma outra garota conquistou sua afeição. Eu nem lembro o nome dela. Naquele momento, tudo que eu conseguia pensar era no fato de ter dado tudo a Hektor: meu primeiro beijo, meu amor, meu corpo.

E quando eu disse a ele que o amava, tudo o que ele tinha a dizer foi *Obrigado, mas acho que é hora de seguirmos em frente.*

Ele tinha outras coisas a dizer também. Quando afundei minha adaga em seu peito, as palavras saíram dele quase tão rápido quanto o sangue.

Ele não conseguia entender aquilo. Eu também não. Mal me lembro de pegar a adaga que meu pai me dera no meu aniversário de quinze anos, três meses antes, com seu cabo de jóias e brilho prateado, mas me lembro que o sangue de Hektor combinava com os rubis incrustados.

Também me lembro do que finalmente ajudou minha cabeça a alcançar meu coração palpitante: a última palavra que saiu dos lábios de Hektor.

Alessandra.

Sua última palavra foi o meu nome. Seu último pensamento foi sobre mim.

Eu venci.

Esse conhecimento se instala dentro de mim agora, exatamente como

aconteceu há três anos. Essa sensação de retidão, de paz.

Eu levanto meus braços no ar, esticando-me como um gato, antes de rolar na cama.

Um par de olhos castanhos está a poucos centímetros dos meus.

— Diabos, Myron, por que você está me encarando? — Eu pergunto.

Ele pressiona um beijo no meu ombro nu. — Porque você é bonita. — Myron está de lado, com a cabeça apoiada em um punho fechado. Meus lençóis o cobrem da cintura para baixo. É uma maravilha que ele se encaixe na minha cama, ele é tão alto. Cachos se espalham pela testa e ele desliza a cabeça para trás para clarear a visão. O cheiro de sândalo e suor flutua sobre mim.

Com uma mão, mantenho os lençóis sobre o peito enquanto me levanto para uma posição sentada. — A noite passada foi divertida, mas você deveria ir. Eu tenho muito o que fazer hoje.

Myron olha fixamente para o meu peito e reviro os olhos.

— Talvez mais tarde? — Eu pergunto.

Ele olha para mim, antes que seus olhos voem significativamente para o meu peito mais uma vez.

Não, espera. Não é o meu peito. Para a mão segurando os lençóis no lugar e o peso extra que agora eu sinto lá.

Há um diamante no meu dedo. É lindo, cortado em forma de ovo e enterrado em ouro. Ele pisca na luz da manhã enquanto eu inclino minha mão de um lado para o outro. O anel é de longe a bugiganga mais cara que ele já me deu.

— Alessandra Stathos, eu amo você. Quer se casar comigo?

Risos enchem o quarto, e Myron se encolhe. Eu rapidamente coloco minha mão livre sobre meus lábios.

— O que você está pensando? — Eu digo um momento depois.

— Claro que não. — Eu olho para o anel deslumbrante mais uma vez.

Com esse presente, Myron ultrapassou sua utilidade. Por alguma razão, meus amantes deixam de me dar presentes caros quando eu rejeito suas propostas.

Infelizmente.

— Mas somos tão felizes juntos, — Diz ele. — Eu vou cuidar de você todos os dias. Dar tudo o que você merece. Vou tratá-la como uma princesa.

Se ele apenas soubesse que tenho meus objetivos um pouco mais altos que isso. — É uma oferta muito gentil, mas ainda não estou pronta para me estabelecer.

— Mas... eu compartilhei sua cama. — Ele resmunga.

Sim, ele e outros três garotos este mês.

— E agora é hora de você deixá-la. — Saio da cama quando a porta do meu quarto se abre.

Myron congela com a mão estendida em minha direção, e meu pai, Sergios Stathos, Lorde Masis, encara o que dá para ver de nossos corpos nus.

— Saia. — Ele fala com uma voz mortalmente calma. Meu pai é mais baixo que os meus 1,65cm, mas ele é construído como um touro com um pescoço grosso, ombros largos e olhos penetrantes que perfuram a alma.

Myron tenta levar os lençóis com ele, mas eu os tenho firmemente presos ao meu redor. Quando ele falha em arrancá-los de mim, ele se abaixa para pegar suas calças.

— Saia agora. — Meu pai específica.

— Mas...

— Obedeça ou eu mandarei chicotear você!

Myron se levanta. Pouco. Ele se agacha como se pudesse esconder seu corpo alto. Ele chega a meio caminho da porta antes de virar. — Meu anel?

— Certamente você quer que eu fique com ele? Para me lembrar do tempo que passamos juntos?

O rosto de Myron se torce. Ele tem um pé na direção da porta e o outro na minha.

Meu pai rosna.

Myron sai correndo, quase tropeçando nas botas de meu pai enquanto passa por cima do batente da porta. Depois que ele se foi, meu pai se vira para mim.

— Você dificulta para eu encontrar uma combinação adequada quando é pega com um novo companheiro de cama todas as noites.

— Não seja ridículo, pai. Essa foi a quinta estadia de Myron.

— Alessandra! Você deve parar com isso. É hora de você crescer. Se estabelecer.

— Chrysantha encontrou um marido, então? — Ele sabe muito bem que a lei me proíbe de casar até que minha irmã mais velha case. Há uma ordem para as coisas.

Ele se aproxima da cama. — O Rei das Sombras demitiu várias mulheres solteiras do palácio, entre elas Chrysantha. Eu esperava que sua irmã chamasse a atenção dele, a rara beleza que ela é.

Ah, sim. Chrysantha é uma beleza rara. E ela é burra como uma pedra.

— Mas não era para ser. — Concluí ele.

— Myron está disponível — Ofereço.

Meu pai lança um olhar para mim. — Ela não se casará com Myron.

Chrysantha será uma duquesa. Já fiz acordos com o duque de Pholios. Ele é um homem velho que quer uma garota bonita no braço. Está feito. Isso significa que é a sua vez.

Finalmente.

— Você de repente se interessou pelo meu futuro, não é? — Eu pergunto, só para ser difícil.

— Eu sempre tive seus melhores interesses em mente.

Uma mentira completa. A única vez em que meu pai se incomoda em pensar em mim é quando ele me pega fazendo algo que acha que eu não deveria fazer. Chrysantha tem sido seu foco durante toda a minha vida.

Ele continua: — Vou abordar o conde de Oricos para discutir a combinação entre você e seu filho, que herdará um dia. Em breve, devo pensar, dada a saúde doentia de Aterxes. Isso deveria deixar você feliz.

— Não deixa.

— Você certamente não vai continuar sendo meu problema para sempre.

— Tão tocante, pai, mas estou de olho em outro homem.

— E quem seria?

Levanto-me, puxando o lençol comigo, antes de colocá-lo debaixo dos braços. — O Rei das Sombras, é claro.

Meu pai ri. — Eu acho que não. Com sua reputação, será um milagre se eu conseguir que o filho de qualquer nobre a tenha.

— Minha reputação não é conhecida por ninguém, exceto aqueles a quem ela diretamente interessa.

— Os homens não guardam as façanhas do quarto para si mesmos.

Eu sorrio. — Eles guardam quando sou eu.

— O que isso quer dizer?

— Eu não sou idiota, pai. Eu tenho algo de todo homem que viu o interior deste quarto. Myron tem problemas com jogos. Ele perdeu uma herança de família em um jogo de cartas. Culpou um criado pelo pingente que faltava, o chicoteou e o despediu. Seu pai não ficaria feliz em ouvir isso. E Damon? Por acaso sei que ele faz parte de um grupo de contrabandistas que importam armas ilegais para a cidade. Ele seria enviado para a prisão se alguém soubesse a verdade. E não vamos esquecer Nestor, que gosta bastante das tocas de ópio. Eu poderia continuar nomeando todos os meus amantes, mas acho que você entendeu.

Embora seu rosto não mude, os ombros do pai perdem um pouco da tensão. — Certamente vencedores os homens que você mantém ao redor, querida.

— A questão é, pai, eu sei o que estou fazendo. E vou continuar fazendo o que eu quiser, porque sou a mestra de mim mesma. E você? Você vai me enviar para o palácio com a próxima onda de mulheres para ver o rei, porque se há algo em que eu sou boa, é fazer homens me pedirem em casamento. — Eu mostro o diamante no meu dedo em sua direção.

Os olhos dele se estreitam. — Há quanto tempo você planeja isso?

— Anos.

— Você não disse nada quando enviei Chrysantha para o palácio.

— Pai, Chrysantha não conseguiria chamar a atenção de um cão raivoso. Além disso, a beleza não é suficiente para chamar a atenção do Rei das Sombras. Ele tem belezas desfilando na frente dele o ano todo.

— Me envie. Vou conseguir um palácio para todos nós. — Eu termino.

O quarto fica quieto por um minuto inteiro.

— Você vai precisar de vestidos novo. — Diz finalmente — E eu não vou receber o dote da sua irmã por semanas ainda. Não haverá tempo suficiente.

Eu puxo o anel do meu dedo e olho para ele com amor. Por que ele acha que eu tenho tantos amantes? Eles são divertidos, com certeza, mas o mais importante, eles vão financiar minha estadia no palácio.

Eu seguro o anel onde meu pai pode vê-lo. — Há muito mais de onde isso veio.

★ ★ ★

COSTURAR SEMPRE FOI um hobby meu, mas é impossível que eu faça todo o novo vestuário necessário para meus próximos planos em tão curto espaço de tempo. Trabalhando com minha costureira favorita, eu desenho e encomendo dez roupas novas para o dia, cinco vestidos de noite e três camisolas apropriadamente indecentes (além das que eu mesma fiz – Eudora não precisa saber como pretendo passar minhas noites).

Meu pai não participa do planejamento, pois está muito ocupado com o contador, preocupando-se com a propriedade. Ele está falido e desesperadamente tentando esconder. Não é culpa dele. Meu pai é bastante competente, mas a terra simplesmente não está produzindo como antes. A doença assolou alguns anos atrás e matou a maior parte do gado. Todos os anos, as colheitas ficam mais finas. Um poço já secou e mais e mais inquilinos estão saindo.

A propriedade Masis está morrendo, e ele precisa adquirir dotes decentes

para mim e minha irmã, a fim de manter suas terras em funcionamento.

Embora eu esteja ciente da situação, não me preocupei com isso. Todos os meus amantes sentem a necessidade de me dar coisas boas. Muitas coisas caras. Tem sido um jogo divertido.

Aprendendo seus segredos. Seduzindo-os. Conseguindo que eles me banhem de presentes.

Mas para ser honesta?

Estou entediada com isso.

Eu tenho um novo jogo em mente.

Eu vou cortejar o rei.

Suspeito que não demore mais de um mês até que ele se apaixone por mim. E quando ele propor, direi sim pela primeira vez.

Depois que o casamento for oficial e estiver consumado?

Vou matar o Rei das Sombras e tomar o reino dele para mim.

Só que desta vez não precisarei enterrar o corpo. Vou encontrar um bode expiatório conveniente e deixar o Rei das Sombras para alguém descobrir. O mundo precisará saber que sou a última realeza que restou.

A rainha deles.

CAPÍTULO
2

Meu pai sai da carruagem primeiro e estende o braço para mim.

Agarro-o com uma mão enluvada, levanto minha saia pesada na outra e desço os degraus.

O palácio é uma grande estrutura pintada inteiramente de preto.

Sua aparência é gótica, com criaturas aladas repousando sobre as colunas. Torres redondas varrem as laterais, cobertas de telhas, um estilo arquitetônico recente.

Toda a extensão do palácio é construída perto do topo de uma montanha, com a maior parte da cidade descendo. O Rei das Sombras é um grande conquistador, espalhando sua influência lentamente por todo o mundo, assim como seu pai antes dele. Como os reinos vizinhos tentam retaliar de tempos em tempos, uma cidade bem protegida é vital e o grande palácio é considerado inexpugnável.

Guardas patrulham o terreno com rifles pendurados sobre os ombros, mais um impedimento para nossos inimigos.

— Não tenho certeza se o preto foi a melhor opção de cor para o seu traje. — Diz meu pai enquanto me conduz pelas escadas da entrada principal. — Todo mundo sabe que a cor favorita do rei é verde.

— Todas as garotas presentes estarão vestindo verde. O objetivo é se destacar, pai. Não se misturar.

— Eu acho que você pode ter pecado no excesso.

Eu acho que não. Com a conquista de Pegai pelo rei, algumas das damas da

corte experimentaram o estilo Pegaino de calças soltas com bainhas de jóias embaixo de uma blusa justa. Depois de um tempo, o estilo desapareceu. Era muito diferente para a maioria das mulheres se adaptar.

Eu projetei uma combinação do estilo Pegaino e do nosso estilo naxosiano pesado. Uso calças justas embaixo de uma saia no chão, que parte no meio para mostrar as calças. Botas de salto alto me levantam a uma polegada do chão. O vestido é de mangas curtas, mas uso luvas por tanto tempo que se sobrepõem às mangas. Minha blusa está amarrada nas costas, por baixo da saia, o decote um pouco abaixo da minha clavícula. Modesto e ainda não matronal.

Um pingente de rosa negra repousa sobre uma gargantilha no meu pescoço. Brincos combinando pendem dos meus lóbulos, e meu cabelo está meio arrepiado.

— Suponho que você tenha um plano para a primeira vez que for apresentada ao rei? — Ele pergunta. — Ele receberá cada dama uma a uma até o estrado. Ele mal olhou para Chrysantha quando chegou a vez dela. O Rei das Sombras nunca desce os degraus para interagir com os foliões. Ele nem chama ninguém para dançar.

— Claro que tenho um plano. — Respondo. Não se entra em batalha despreparado.

— Você vai me contar esse plano?

— Isso não envolve você. Você não precisa saber.

Os músculos de seu braço se aglomeram levemente. — Mas eu poderia equilibrar. Ajudá-la. Você não é a única que quer que você tenha sucesso.

Faço uma pausa no topo da escada. — Você já seduziu um homem antes?

As bochechas dele ficam vermelhas. — Claro que não!

— Então não vejo por quê preciso que você equilibre alguma coisa. Tenha certeza, pai, se houver alguma maneira de você ser útil, eu lhe direi. Por enquanto, eu posso lidar com as coisas.

Continuamos em ritmo lento. O porteiro acena uma saudação para nós quando passamos por ele, e meu pai me leva em direção ao salão.

Mas não podemos chegar a trinta metros dele, porque uma linha verde se estende por quase todo o caminho de volta à parede oposta.

Cerca de cem meninas conversam com suas famílias e umas com as outras, todas esperando uma apresentação com o rei. Tenho certeza de que nem todas podem ser elegíveis para o casamento. Muitas parecem irmãs mais novas das damas mais velhas da fila. Ainda assim, se o rei mostrar algum interesse nas damas mais jovens, estou certa de seus pais vão *deixá-las* disponíveis.

Papai tenta me levar até o final dessa linha e, embora pareça estar se movendo em um ritmo um pouco rápido, isso simplesmente não funciona.

— Não, não vamos esperar na fila. — Eu digo.

— Essa é a única maneira de obter uma apresentação com o rei.

— Vamos para o salão primeiro.

— Você estará perdida em um mar de pessoas lá. Isso não vai chamar a atenção dele.

Solto um suspiro pelo nariz antes de me virar para ele. — Se você não pode fazer o que foi solicitado, então pode sair. Lembre-se, pai, toda a sua tutela com Chrysantha não fez nada. Suas maneiras não funcionam. Eu sou responsável por esse plano e o executarei como achar melhor. Simplesmente não serve se brigarmos assim que entramos na festa, então tome uma decisão agora.

Seus lábios pressionam em uma linha fina. Ele não gosta que lhe digam o que fazer, muito menos por mim, sua filha mais nova.

Talvez se mamãe ainda estivesse viva, ele seria mais gentil e amoroso, mas a doença a levou quando eu tinha onze anos.

Finalmente, ele assente e estende a mão livre na nossa frente, convidando-me a liderar o caminho.

Eu obedeço.

A música otimista de uma orquestra flutua por um conjunto de portas abertas mais adiante. Elas parecem ser usadas principalmente para sair da festa, no entanto. Eu assisto garotas com lenços pressionados contra o nariz para abafar suas mães choronas e raivosas, repreendendo-as por correrem para o corredor, fazendo retiradas apressadas.

O rei tem rejeitado abertamente as mulheres que vêm para uma apresentação? Eu sorrio com o pensamento de sua franqueza. É exatamente o tipo de coisa que eu faria na posição dele.

Meu pai e eu passamos por mais alguns nobres que saem antes de finalmente sermos apanhados no meio da festa.

Casais deslizam juntos na pista de dança. Os cavalheiros bebem vinho dos cálices e as mães fofocam umas com as outras à margem. Grupos de garotas riem atrás de lenços ou xales enquanto olham fixamente para o estrado.

Para o Rei das Sombras.

Eu nunca coloquei os olhos no homem antes, e agora estou livre para observá-lo o quanto quiser enquanto estou momentaneamente escondida entre os outros convidados.

Seu nome, ao que parece, é bem merecido e alinhado com os rumores que

ouvi. Gavinhas de sombra sombreiam seu contorno inteiro. Elas rodopiam como se estivessem vivas, acariciando sua pele e se dissolvendo em nada antes de reaparecer novamente.

É fascinante de assistir.

Eles dizem que o Rei das Sombras possui algum tipo de poder, mas ninguém sabe o que é. Alguns dizem que ele pode comandar as sombras para cumprir suas ordens, que ele pode usá-las para matar – sufocar a vida de seus inimigos. Outros dizem que são um escudo.

Que nenhuma lâmina pode perfurar sua pele. E até outros dizem que as sombras falam com ele, sussurrando os pensamentos daqueles que estão ao redor.

Eu certamente espero que o último não seja verdadeiro.

Saber o que tenho reservado para ele depois da noite de núpcias simplesmente não funcionaria.

Depois de me ajustar ao contorno da sombra, sou capaz de captar outros detalhes. Seu cabelo é tão preto quanto as sombras ao seu redor. Os lados são curtos, mas o cabelo em cima tem algum volume, separado para o lado. Sobrancelhas fortes sombreiam seus olhos. As linhas de sua mandíbula são tão nítidas que poderiam cortar vidro, e uma boa dose de barba as cobre. Com um nariz reto e lábios carnudos...

Ele é a coisa mais linda que eu já vi, mesmo quando seus traços estão definidos entre o tédio e a irritação.

Seduzir o rei provará ser uma tarefa muito agradável, de fato.

Nós combinamos, eu noto, quando assimilo suas roupas.

Embora todos os vestidos ao nosso redor variem de menta ao azul-petróleo e azeitona, nós dois estamos vestidos de preto da cabeça aos pés. O rei veste calças elegantes. Uma camiseta preta, gravata, colete e sobretudo. Botões prateados brilhantes adornam sua jaqueta.

Uma corrente oscila do ombro para o bolso acima do peito esquerdo, segurando um relógio, sem dúvida. Luvas de couro preto cobrem suas mãos, que repousam nos braços de sua cadeira. Um florete embainhado se inclina contra seu trono, por estilo, não necessidade, tenho certeza.

Embora ele não se incomode com uma coroa, não há dúvida quanto ao status do homem.

— Ele é tão impressionante. — Digo finalmente. E jovem. Eu sei que ele foi coroado apenas cerca de um ano atrás, mas ele não pode ser muito mais velho do que eu.

— Lembre-se, se você se aproximar, você não tem permissão para chegar a um metro e meio dele.

Sim, eu conheço a lei. Ninguém tem permissão para tocar o rei.

Fazer isso é punível com a morte.

Oh, ele é um mistério delicioso que mal posso esperar para resolver.

— Dance comigo, pai.

Tendo aprendido sua lição, papai coloca uma mão na minha cintura e me leva a uma dança Naxosiana lenta, sem questionar. Nós viramos a periferia da pista de dança, mas eu ordeno que meu pai nos leve para mais perto do centro.

À nossa esquerda, dois cavalheiros dançam juntos. O mais alto gira o mais baixo em perfeita forma. À nossa direita, um homem e uma mulher se aproximam indecentemente um do outro, e silenciosamente os aplaudo. A rebelde em mim gosta de jogar perversão na cara do decoro.

Depois de um minuto, vejo alguns homens olhando por cima das cabeças de suas parceiras de dança para me ver de relance. Meu traje preto está fazendo seu trabalho esplendidamente.

Mas, principalmente, acho que é o fato de que minhas pernas vestidas de calça são uma raridade no salão. A maioria dos homens não está acostumada com o estilo. E optei por roupas justas que mostrem minhas curvas da melhor maneira possível.

— As pessoas estão olhando. — Diz meu pai.

— Esse é o ponto, não é?

Imagino como deve ser a cena lá em cima no estrado – o centro negro de uma margarida em meio a pétalas de sálvia.

Mais e mais meninas saem do salão depois de obterem suas apresentações. Espero que a fila termine em breve. Não pode haver *tantas* garotas de sangue nobre.

Uma faísca repentina de calor cai no meu pescoço e se espalha até os dedos dos pés. Eu estou sendo vigiada. — Diga-me, pai, já atraímos a atenção do rei?

Ele vislumbra o trono pelo canto do olho. Eles se ampliam. — Acredito que sim.

— Excelente. Continue dançando.

— Mas...

— Pai. — Eu aviso.

Eu me deixei perder nas etapas. Eu amo tanto dançar. Adoro a maneira como meu corpo se torna leve e fluído quando passo pelos movimentos, a maneira como as rotações enviam meu cabelo por cima dos meus ombros, a maneira

como minha saia gira em volta das minhas pernas.

Quando a música está quase no fim, pergunto: — Quantas mulheres restam na fila?

— Dez.

A música termina e a orquestra toca outra.

— Nós deveríamos… — Ele começa.

— Estou com sede. Vamos às mesas tomar um refresco.

— Mas...

Ao meu olhar, ele pega meu braço mais uma vez e me leva até uma mesa cheia de copos cheios de vermelho e pequenas amostras de comida em bandejas.

Seleciono um copo, segurando-o nos dedos pela haste longa e levo-o aos lábios.

— Senhor Masis. — Diz uma voz brilhante do outro lado da mesa fina.

Eu olho para cima. À nossa frente está um nobre de cabelos dourados, mais velho que eu. Talvez trinta. Ele ainda parece jovem no rosto, mas é muito mais amplo nos ombros do que os homens com os quais eu estou acostumada a me divertir.

— Lorde Eliades! — Meu pai cumprimenta, me esquecendo por um momento. — Onde você esteve? Não o vemos no clube há semanas.

Não tenho a menor ideia de que clube ele está se referindo, mas suponho que eu deveria saber que papai não passava as noites com amantes. Ele nunca superou a mamãe.

Papai estende a mão para apertar a de Eliades, e noto que o jovem cavalheiro tem bastante calos na mão direita. Que incomum para um senhor. Mas, quando tomo nota dos distintos músculos visíveis em suas calças, considero-o um cavaleiro talentoso.

— Infelizmente, minhas propriedades precisaram de minha total atenção por um longo tempo. Eu precisava…

Já entediada com a conversa, eu não me incomodo em ouvir.

Em vez disso, eu me viro para examinar aqueles que estão dançando. Um cavalheiro pisa no pé da parceira durante uma curva porque está de olho nas minhas pernas.

— Ai. — Ela protesta.

Sorrio para o meu copo, tomando outro gole, tomando cuidado para não olhar para perto do trono. Eu juro que ainda posso sentir um raio de calor caindo sobre mim vindo daquela direção.

— Perdoe minha grosseria! — Meu pai de repente exclama mais alto. —

Orrin, esta é minha filha Alessandra. Agora que Chrysantha está prometida, vou permitir que ela faça uma excursão no palácio.

Eu sufoco um gemido antes de me virar. Suponho que isso apenas ajude minha causa a ser vista interagindo com outros convidados e não demonstrando nenhum interesse pelo rei. Mas também tenho certeza de que considerarei intolerável qualquer amigo do meu pai.

Pego minha saia na minha mão livre e faço uma reverência. — Um prazer.

Os olhos de Eliades brilham antes que ele se curve em uma reverência. — Ela é tão bonita quanto a mais velha. O temperamento é tão doce quanto?

Antes que meu pai tenha que procurar uma resposta para essa pergunta, Eliades acrescenta: — Ainda estou chateado que você não me deu Chrysantha. Meu dinheiro é tão bom quanto o de um duque!

— Como conde, tenho certeza que você entende que eu tive que dar a ela o melhor título oferecido. Por mais que eu aprecie nossa amizade, minha querida Chrysantha...

Eu fecho meus olhos com força. Chrysantha é a última coisa que quero que todos discutam. Esta noite é sobre *mim*.

— Pai, outra dança está começando. — Coloquei meu copo vazio na mesa e puxei seu braço.

Lembrando-se do propósito dessa excursão, meu pai se desculpa e me alinha com os outros dançarinos. Eu tento esconder minha ira. Mesmo em uma festa em que Chrysantha está ausente e meu pai está empenhado em me ajudar a chamar a atenção do rei, ele não pode deixar de falar de sua favorita. A filha que se parece com a mãe e compartilha seu comportamento gentil.

— A fila acabou. — Diz ele enquanto damos os primeiros passos, seu foco agora retornando ao rei.

— Apenas continue dançando. Não olhe mais para o rei.

— Mas ele está nos observando.

— *Ignore-o.*

De relance, vejo o rei se mexer em seu assento, como se ele se sentasse em uma posição por muito tempo porque estava ocupado.

Ocupado comigo.

Minha raiva se afasta com o pensamento. Essa música é mais rápida, exigindo mais destreza e concentração. Quando o rosto de meu pai se torna um borrão na minha frente, sou capaz de esquecer tudo sobre o rei. Não há nada além do tempo batendo no ritmo do meu coração e a sensação dos meus pés varrendo o chão.

Antes que a música termine, a música é interrompida abruptamente. Os casais ao nosso redor se dispersam, e meu pai interrompe nossa dança.

O rei está se aproximando, suas sombras flutuam atrás dele enquanto ele se move. Eu tento acalmar minha respiração pela dança que fiz quando meu pai pega meu braço no dele e se vira para cumprimentar nosso soberano.

— Sua Majestade. — Diz papai, curvando-se.

Eu faço uma reverência junto com ele.

— Lorde Masis. — O rei diz com um aceno de cabeça. — Eu não acredito que estou familiarizado com a sua parceira de dança.

Eu mantenho meus olhos apenas à direita do rei. Embora não o veja, posso sentir os olhos do rei me encarando da cabeça aos pés.

Ele está me observando nos últimos quinze minutos, pelo menos, mas agora ele leva um bom tempo para ver de perto.

— Perdoe-me, senhor — Diz meu pai. — Permita-me apresentar minha segunda filha, Senhorita Alessandra Stathos.

O rei inclina a cabeça em um ângulo. — Você não se alinhou com as outras damas, Lady Stathos. A pista de dança é mais interessante do que eu? — Sua voz é um profundo barítono; não é muito reconfortante, mas poderosa.

Eu luto contra um sorriso enquanto permito que nossos olhos se encontrem pela primeira vez. Uma sacudida deliciosa dispara por todo o meu corpo com a conexão.

Seus olhos são o verde do mar, de aves batendo e ventos violentos. Há algo perigoso nas profundezas deles, algo emocionante, e percebo naquele momento que fingir desinteresse será difícil.

Quando finalmente consigo desviar meu olhar, deixo-o viajar para baixo, checando o rei lentamente enquanto ele assiste.

Avaliando-o adequadamente, desde as pontas dos cabelos pretos até a base das botas brilhantes.

— Sim. — Concluo.

O ar deixa meu pai em um guincho doloroso.

Mas o Rei das Sombras solta uma risada baixa.

— Vi damas deixando o baile em prantos, — Continuo. — Parecia que falar com Sua Majestade era uma maneira de ser expulsa. Eu não ia deixar isso acontecer antes de me juntar à dança.

— É a dança que você gosta? Ou você está apenas pretendendo mostrar o seu... — Ele lança um rápido olhar para as minhas pernas — Vestido?

— Você está zombando da minha roupa? — Eu mesma projetei.

— Muito pelo contrário. Eu gosto bastante. — Uma pitada de humor espreita nas bordas de seus lábios. Eu acho que pode ser às minhas custas, e eu não gosto disso nem um pouco.

Eu digo: — Me dê suas medidas, e eu posso fazer um para você.

Outro sorriso se estende pelos lábios do rei, e não posso deixar de admirar o quão mais bonito ele se torna com o movimento.

— Dance comigo. — Diz ele.

Meu pai fica tão quieto que alguém poderia pensar que ele foi transformado em pedra.

— Isso é um pedido ou uma solicitação? Me disseram que você enforca garotas que ficam muito perto de você.

— Não enforco. Essas meninas são convidadas a deixar a festa.

Desde que você meça com a sua distância, eu também não a dispensarei.

Ainda não estou pronta para ceder ainda. — Existe alguma diversão em uma dança quando você não pode tocar seu parceiro?

— Aceite meu convite e você descobrirá.

CAPÍTULO
3

A pista de dança esvazia até que seja apenas eu e o rei. A orquestra lança uma nova música, que somente nós podemos compartilhar.

Mantendo seus olhos nos meus, o rei avança um passo, e eu retrocedo com o movimento, seguindo sua liderança. Esse estilo de dança é mais improvisado, em vez de ter uma coreografia definida, e não posso deixar de me perguntar se o rei está de alguma forma me testando com ela, vendo se consigo acompanhar. Quando ele dá um passo para o lado, eu faço o mesmo. Ele mantém os braços cruzados atrás das costas, mas dançar não deve ser tão rígido, então eu deixo os meus se moverem comigo.

No começo, é difícil não se distrair com as gravinhas negras dançando ao seu redor. As sombras são tão incomuns, tão fascinantes. Eu me pergunto o que aconteceria se eu atingisse uma.

Se enrolaria em volta do meu dedo? Dissiparia com o toque da minha pele? Seria a sensação de mergulhar em uma névoa?

Lembro-me de mim mesma quando o Rei das Sombras me estende um braço. Eu sei que não devo pegá-lo, então, em vez disso, giro para ele, deixando minha saia sair do chão para mostrar mais das calças justas embaixo. Fecho os olhos e sinto o movimento mais profundamente.

O ritmo aumenta e os movimentos do rei também. Eu pareço sentir suas ações ao invés de observá-las. A dança se torna emocionante e assustadora, quase como se houvesse algo desesperado na própria música. Enquanto a música avança cada vez mais rápido e os olhos do rei se enterram nos meus, não posso

deixar de sentir como se ele estivesse tentando me comunicar algo através da dança.

Não vejo nada além de olhos verdes, não sinto nada além do chão contra meus pés. Perco toda a noção de tempo e propósito.

Quando a música para, eu mergulho minha cabeça para trás enquanto o Rei das Sombras deixa uma mão enluvada inclinar-se para mim na imitação de uma carícia.

Eu estou respirando pesadamente enquanto olhava para dois redemoinhos de verde esmeralda. Nós nos endireitamos segundos depois.

Quando o rei finalmente desvia o olhar de mim, ele levanta a voz para que todos possam ouvir. — Isso é folia suficiente para uma noite.

E sem outra palavra, o rei dá meia-volta e sai da sala, pegando a espada na saída.

Estou olhando para o local onde ele desapareceu em um silêncio atordoado.

No instante seguinte, criados vestidos com perucas tolas conduzem todos para fora da sala. Papai pega meu braço e eu sigo silenciosamente sua liderança.

O que acabou de acontecer?

Eu pensei que a dança era perfeita. Eu não o toquei. Eu não cheguei muito perto.

O rei, que nunca dançou publicamente com ninguém desde a coroação, *me* chamou para dançar.

E então ele saiu sem outra palavra.

Homens não me dispensam. Ninguém o faz desde Hektor. Sinto minhas narinas dilatarem e meu rosto esquentar.

— Foi uma tentativa valente. — Diz meu pai enquanto me eleva à carruagem. — Os diabos sabem que você conseguiu mais do que qualquer outra mulher. Sua Majestade não apenas se incomodou em olhar para você, ele pediu uma dança. Ele lembrará de você. Isso não está necessariamente acabado.

A carruagem se move lentamente, parando e rolando em pequenos incrementos, à medida que o tráfego recua de todas as outras pessoas que saem do palácio.

— Um momento! — Uma voz chama. A carruagem chega a outra parada brusca.

A cabeça de um homem aparece na janela aberta da carruagem. Um servo do palácio, pela maneira como está vestido.

— Lady Stathos? — ele pergunta.

— Sou eu.

Ele enfia um braço na carruagem e me apresenta um envelope preto. Quando eu pego, ele não sai. Ele espera pacientemente que eu o abra.

Perdoe-me, Lady Stathos, mas mudei de ideia. Eu não desejo que você saia ainda. Você é muito interessante para isso. Você virá se juntar à minha corte? Considere isso um convite, não uma exigência. Meu homem aguardará a leitura desta nota no caso de sua aquiescência.

—KM

Eu me pergunto sobre a assinatura. Seriam essas as verdadeiras iniciais do rei? Suponho que não deveria ter esperado que ele assinasse RS. *Rei das Sombras* não é seu nome, afinal.

A alegria corre através de mim quando percebo o que isso significa.

— O que é isso? — Meu pai pergunta.

— O rei pede que eu fique na corte.

— Então por que ainda estamos sentados nesta carruagem?

Eu me viro para o servo. — Aceitarei o convite de Sua Majestade.

— Muito bem, minha senhora. — Ele abre a porta da carruagem para mim, mas a fecha antes que papai possa descer os degraus. — Receio que o convite se estenda apenas à senhorita, meu senhor. Você está livre para voltar para casa.

E antes que meu pai possa proferir uma palavra de protesto, o servo me leva de volta ao palácio.

★ ★ ★

NÓS NÃO PASSAMOS pelas portas principais. Em vez disso, sou levada por uma entrada lateral, algo que parece ser usado apenas pelos criados.

De fato, lavadeiras curiosas e trabalhadores da cozinha me encaram enquanto sou arrastada por longos corredores com carpete preto. Passamos por candeeiros em forma de videiras espinhosas.

Por portas forradas de vasos pintados com garanhões e águias.

O rei está tentando me esconder? Ou talvez simplesmente não fazer um espetáculo da minha chegada mais permanente?

Eventualmente, o criado me deposita na frente de uma porta.

Ele pega uma chave dentro do casaco e nos deixa entrar.

O quarto é mais grandioso do que qualquer coisa em que eu já estive, com cortinas grossas para bloquear a luz, móveis de madeira detalhados com rosas requintadas e almofadas das mais macias, mas não é nada comparado ao que seriam os quartos de uma rainha, tenho certeza.

Uma empregada está esperando no quarto, provavelmente tendo acabado de trocar a cama.

— O rei já pediu suas coisas, minha senhora. Devem estar aqui amanhã logo pela manhã. — Diz o homem que me trouxe até aqui.

— Mas eu acabei de concordar e você ainda não disse a ele que eu aceitei.

O servo se mantém um pouco mais alto. — O rei estava esperançoso que você aceitasse.

Esperançoso? Mais como presunçoso. Arrogante.

— Eu compreendo.

Eu tenho muito trabalho pela frente.

CAPÍTULO
4

Na manhã seguinte, o café da manhã é entregue no meu quarto, junto com meus pertences. Passo a manhã ordenando criados. Os guarda-roupas estão cheios de todos os vestidos que eu desenhei.

Uma penteadeira tem meus pós, perfumes e jóias colocados sobre ela.

Não gosto muito de ler, mas trouxe vários livros comigo para o palácio. A maioria são trabalhos sobre filosofia, matemática, agricultura e outros tópicos importantes. Eles existem para esconder os únicos três livros de interesse. Para os olhos externos, eles parecem inofensivos: três volumes cheios de plantas e ervas usadas para fins medicinais. Mas em cada um, existem vários capítulos sobre venenos e antídotos, muito úteis para mim, porque terei que matar o Rei das Sombras depois de garantir sua mão em casamento.

A morte de Hektor foi confusa, nojenta, muito difícil de esconder e limpar. Estou relutante em esfaquear alguém novamente. O veneno é uma maneira muito mais limpa de matar, e será muito mais fácil.

Sem mencionar, é quase impossível erradicar o envenenador.

Ordeno que as empregadas coloquem os livros em uma prateleira vazia no quarto. Então eu dou um passo para trás para admirar todo o conjunto.

Sim, serve.

Uma empregada me ajuda a me vestir. Eu seleciono uma saia azul escura para usar sobre calças combinando. O tecido é um algodão simples, diferente do tafetá da roupa da noite passada.

Rendas pesam meus tornozelos, o padrão de uma trilha de rosas. Em vez de

botas, opto por sapatos. Minha blusa amarra na frente de uma maneira semelhante a um espartilho. Será altamente escandaloso, e suspeito que nenhum dos homens da corte poderá tirar os olhos de mim.

Essa é a questão. Quando um homem vê algo que vários outros homens querem, ele não pode deixar de querer também.

A empregada puxa todo o meu cabelo para o topo da minha cabeça, esquentando-os em cachos que escorrem pelo meu pescoço e pelas orelhas.

Logo quando estou começando a me sentir pronta para o dia, outro criado entra nos meus aposentos.

Ele se inclina. — Minha senhora, o rei espera que você se junte a ele e ao resto dos cortesãos nos pomares para tomar chá.

— Perdi o almoço?

— Receio que sim, mas o rei esperava que você o fizesse. Ele assumiu que se instalar no seu novo quarto levaria a maior parte do dia.

Fico feliz em saber que o rei está pensando em mim, mesmo quando não estou por perto.

— Se eu também puder acrescentar, minha senhora, o rei geralmente não faz um evento para o chá da tarde. Espero que ele tenha organizado tudo para você.

— Para mim?

Ele cruza as mãos de luvas brancas atrás das costas. — Entendo que esta é sua primeira vez na corte. Há muitas pessoas novas com quem se familiarizar.

Isso traz um pequeno sorriso aos meus lábios. — Então suponho que não deveria decepcionar Sua Majestade em não aparecer.

★ ★ ★

TRILHAS COM LINHAS DE TIJOLO se envolviam sob árvores cheias de flores de cerejeira. Um riacho fino escorre para um lado e os pássaros enchem o ar com sua música.

Muitos lugares acolchoados foram adicionados ao ar livre, e uma mesa comprida cheia de sanduíches finos, frutas fatiadas, biscoitos, bolos e outros doces é constantemente reabastecida pelos criados.

Excitação me desperta ao pensar em todas as oportunidades que tenho pela frente. Desta vez, meu pai não está aqui para estragar as coisas e estou cercada pelas pessoas mais influentes do mundo.

Um grupo de senhoras senta-se perto do riacho, compartilhando as mais

novas fofocas. Três cavalheiros estão amontoados sob uma das cerejeiras, xícaras de chá na mão, rindo de algo que um deles disse. Alguns casais se ramificaram de outros grupos. Eu assisto um par de damas cortejadas com as mãos entrelaçadas, os aros de suas saias tocando. Realmente, as damas da corte poderiam aproveitar alguns dos meus conselhos de moda. Espero começar algumas novas tendências.

Com todos os cortesãos distraídos por seus companheiros atuais, ninguém percebe minha chegada ainda.

Faço uma demonstração de caminhar em direção à mesa de refrescos, deixando meus olhos vagarem em busca do rei, quando algo esbarra em mim por trás.

Eu quase perco o equilíbrio, mas me firmo, embora uma enorme pressão prenda minha saia.

Uma reprimenda já está em meus lábios quando me viro, mas sou educada.

Há um cachorro ofegando diante de mim.

Pelo menos eu acho que é um cachorro. Ele também tem uma semelhança surpreendente com um urso. Em tamanho e cor.

— Olá, — eu digo, me inclinando e estendendo minha mão.

O cachorro dá uma tragada antes de cutucar meus dedos com o nariz. Um convite para acariciá-lo, se eu já vi um.

Eu sempre quis um cachorro, mas meu pai proibiu porque ele tem uma reação terrível a eles.

Eu o acaricio – *ele*, eu corrijo depois de uma rápida olhada para baixo para confirmar o sexo – atrás das orelhas.

— Bom garoto, — eu digo, — embora eu apreciasse se você saísse da minha saia.

Ele se deita, cobrindo ainda *mais a* minha saia, o nariz molhado cavando no tecido.

— O que você está fazendo, criatura boba? — Me ajusto para evitar perder o equilíbrio e acabo esbarrando em algo com o pé.

Uma bola do tamanho de uma maçã. Escondida embaixo das minhas saias. Eu a pego.

— Oh, é isso que você está procurando? — Eu pergunto.

O cachorro pula para uma posição em pé, abanando a cauda, finalmente liberando minha saia. Afasto meu braço, jogo a bola o mais longe que posso e assisto o vira-lata gigante correndo atrás dela.

E então, pelo canto do olho, um fio de sombra.

O rei está me observando. Suas sombras escurecem quando nossos olhos se encontram, girando mais densamente em torno de sua forma. Eu me pergunto se elas mudam com os pensamentos dele. Se eu pudesse aprender a lê-los, se os estudasse por tempo suficiente.

Ele fica na sombra projetada por uma das árvores, apoiando o corpo no tronco. Hoje ele tem o cabelo escovado da testa e não consigo adivinhar que feitiçaria consegue manter os fios no lugar com tanto volume. Ele veste uma camisa preta de mangas compridas, luvas combinando, um colete de brocado azul profundo e uma gravata preta.

Eu não tinha percebido que estava sorrindo para o cachorro até sentir minhas feições se surpreenderem.

E então eu assisto o cachorro trotar até o rei e largar a bola aos pés dele.

Com um rápido ajuste, endireito minha saia e vou em direção ao rei, parando quando estou a cinco metros de distância. Cruzo os braços sobre o peito.

— Esse é seu cachorro? — Eu acuso, mesmo sabendo a resposta.

— Bom garoto, Demodocus, — diz o Rei das Sombras, pegando a bola e jogando longe novamente. Demodocus corre atrás dela mais uma vez. Para mim, ele diz: — Você tem um bom braço.

— E você tem uma pontaria impressionante.

Ele levanta uma sobrancelha. — Certamente você não está me acusando de intencionalmente jogar a bola em você.

— Foi exatamente o que você fez. — Mas por que? — Se você queria minha atenção, tudo que você precisava fazer era pedir. Não estou inclinada a dar agora que sei que você praticamente ordenou que seu cachorro me atacasse.

Os cantos da boca dele se levantam. — Não era sua atenção que eu queria. Fiquei curioso para ver como você reagiria ao Demodocus.

— Por quê? — Eu pergunto, perplexa.

Demodocus galopa em nossa direção antes de jogar a bola nos sapatos perfeitamente polidos do rei. Ele a levanta com uma mão enluvada antes de arremessá-la em direção a um grupo de damas sentadas em cadeiras ao longo do riacho. Demodocus aparece na frente delas, correndo para pegar seu prêmio, e uma saraivada de gritos se eleva no ar.

O rei arqueia levemente o pescoço, como se isso comprovasse seu argumento. Seja qual for.

— Você reage bem ao inesperado, — diz ele finalmente. — E você gosta de animais. São duas coisas que eu não sabia sobre você antes.

— E você é desonesto. — Enviando seu cachorro em senhoras inocentes.

— Agora certamente você já adivinhou isso sobre mim, — diz ele, afastando-se da árvore. Ele entra na luz e eu dou um passo para trás com o movimento, mantendo a distância apropriada. Seu sorriso cresce quando ele me olha de cima a baixo.

— Algo engraçado? — Eu pergunto.

— Estou apenas admirando seu traje mais uma vez. Diga-me, o espartilho não deve passar por baixo da blusa?

— Não é um espartilho. É apenas estilizado como um. Eu gosto da aparência dos cadarços. Por que escondê-los?

O rei leva um momento para digerir isso. — Você vai causar todos os tipos de problemas na minha corte.

Não sei dizer se ele está preocupado ou divertido com isso.

— Veja como você já mudou as coisas. Se você me der licença.

— Ele se vira para o local. — Demodocus! Venha garoto!

Demodocus alcança o rei, e os dois decolam rapidamente entre as árvores, sombras seguindo o rei como um cometa.

Já mudei as coisas? Mas o que ele quis dizer?

Coloquei as costas no lugar que o rei deixou e me concentrei nas outras formas no jardim.

Oh.

As damas da corte – vestidas de preto da cabeça aos pés. Nem um pontinho de verde à vista.

Elas estão se vestindo como eu na noite passada. Como eu não percebi isso imediatamente?

Eu chamei a atenção do rei. Ele me pediu para dançar, e agora ele foi visto conversando comigo nos pomares. As pessoas estão me encarando abertamente agora. E...

E um grupo de senhores e senhoras mais velhos está caminhando em minha direção. Existem cinco deles, cada um na casa dos quarenta ou cinquenta, espero. Eles parecem importantes.

Percebo pela maneira como eles não olham de relance para mais ninguém ao seu redor, como as pessoas se movem para que eles passem.

E da maneira como outras pessoas que estavam prestes a se aproximar de mim param para deixar esses cinco me alcançarem primeiro.

— Lady Alessandra Stathos, não é? — O homem na frente do grupo pergunta, estendendo a mão. — Meu nome é Ikaros Vasco. Eu sou o chefe do conselho do rei.

Eu ofereço minha mão, e ele se inclina sobre ela com uma cabeça de cabelos mais brancos que castanhos. Lorde Vasco envelheceu bem, exceto pelas rugas nos olhos.

— Sim. É um prazer conhecê-lo, Lorde Vasco.

Ele não se incomoda em apresentar o resto de seus companheiros, que devem ser os outros conselheiros do rei.

— Receio não saber muito sobre você, — diz ele quando se endireita. — Segunda filha de conde. Nunca vista na sociedade até a noite passada. Embora existam alguns senhores na corte que alegam conhecê-la, fizeram negócios com seu pai.

Ele olhou dentro de mim. Se aprofundou no meu passado. Claro que ele fez. Seu trabalho é saber tudo o que pode sobre aqueles com quem o rei passa seu tempo. A verdadeira questão é: foi o rei quem ordenou que meu passado fosse investigado? Ou o conselho está agindo por conta própria?

— Receio que você tenha a lei para culpar por isso, — respondo honestamente. — Minha irmã acabou de ficar noiva. Eu não tinha permissão para participar de eventos até recentemente. As únicas pessoas que tive a chance de conhecer são aquelas com quem meu pai faz negócios.

— E seus filhos, ao que parece.

Eu pisco. — Desculpe?

— Achei bastante curioso que nenhuma das damas da corte já tenha ouvido falar de você. Quero dizer, sua irmã esteve aqui no último baile. Ela ficou na corte. Fez amigos. E ainda assim ela nunca mencionou você. É como se você não existisse então.

Sorrio educadamente enquanto um peso de chumbo repousa no fundo do meu estômago. Confie em Chrysantha para causar problemas sem sequer estar aqui. De novo.

— E, no entanto, — continua Vasco, — Myron Calligaris e Orrin, lorde Eliades, dizem que conhecem você. Eles tinham muito a dizer sobre você, de fato. Eliades não conseguiu falar o suficiente sobre seus encantos. — Vasco faz uma careta. — Calligaris tinha... outras coisas a dizer sobre a senhoria.

Aposto que ele tinha. Myron ainda está chateado com a minha rejeição.

Minha irmã e meus amigos cavalheiros estão pintando uma imagem horrível de mim sem nem dizer nada de ruim contra mim.

Mas eu posso consertar isso.

— Receio que lorde Calligaris tenha pedido permissão a meu pai para me cortejar *antes* que minha irmã estivesse noiva. Como cavalheiro cumpridor da

lei, meu pai foi obrigado a recusar seu pedido. — Eu deixei meu rosto cair em um olhar de tristeza. — Receio que lorde Calligaris me culpe por isso. Você acredita nisso? É como se ele não respeitasse aqueles que estabelecem e cumprem as leis do nosso reino.

Esses, é claro, são os cinco homens e mulheres diante de mim.

Lorde Vasco assente com novo entendimento. — De fato. Vou ter que revisitar minha conversa anterior com ele.

E antes disso, terei que lembrar Myron sobre o que acontecerá se ele divulgar a natureza de nossos encontros anteriores. Senhoras não podem ter amantes antes do casamento. Apenas uma das muitas leis que mudarei quando estiver no trono.

Apenas uma sugestão de um boato como esse arruinaria a mim e a todos os meus planos.

— Aproveite seu tempo na corte, Lady Stathos, — diz Vasco. — Tenho certeza que você está feliz de ver muitos rostos familiares, mas eu poderia sugerir – se você está esperando passar mais tempo com o rei, isto é – que você faça algumas amigas *mulheres*. Hmm? E talvez tentar um traje mais tradicional? — Ele olha para as minhas roupas com algum desgosto.

— Já tenho amigas, lorde Vasco. Talvez você não tenha questionado tantas mulheres quanto deveria na corte.

— Mesmo? — ele pergunta.

— Sim, se você me der licença.

Eu tenho três segundos para examinar os pomares. Primeiro, meus olhos pousam no grupo de mulheres que gritaram quando Demodocus saltou na frente delas. Eu mentalmente balanço minha cabeça. *Não elas.* Então meus olhos brilham em uma reunião de senhores e damas em um amontoado. Eles parecem amigáveis demais para eu ser vista lá.

E então vejo duas damas separadas do resto. Elas se sentam em um banco diante do riacho, desfrutando de um pouco de silêncio longe de todos os outros.

Sim, elas servem.

Eu ando com propósito em direção a elas. Sinto o olhar aquecido do conselho nas minhas costas. Eles me observam o caminho inteiro, que felizmente é longe demais para ser audível — Olá, — digo quando chego ao par. — Meu nome é Alessandra Stathos. Posso me juntar a vocês?

A primeira garota ilumina instantaneamente, e eu deixo meus ombros caírem de alívio. Esse é exatamente o tipo de resposta que eu precisava que o conselho visse.

— Claro, por favor, sente-se! Eu sou Hestia Lazos. Por favor, me chame de Hestia.

Eu gosto dela instantaneamente, só por isso. Somente amigos trocam nomes.

Então eu vejo o traje dela. Ela está vestindo calças por baixo da saia. Duvido que ela tivesse a roupa em mão. Gostaria de saber quantas costureiras tiveram que ficar acordadas a noite toda para que ela o usasse no dia seguinte.

A coloração de Hestia é um rico âmbar com tons amarelos. Ela usa o cabelo curto, a apenas uma polegada do couro cabeludo, os fios enrolados em mechas apertadas. A falta de comprimento mostra seus lindos brincos, um par de jóias envolto em complicada siderurgia.

— E esta é minha boa amiga Rhoda Nikolaides.

— É um prazer conhecê-la, Lady Stathos, — diz Rhoda. Ela usa um vestido preto com saias terrivelmente pesadas. Ela mal consegue se encaixar no banco com a espessura de suas saias. Embora todos os nobres estejam vestidos com roupas finas, posso dizer que essa senhora é fabulosamente rica. Suas saias brilham tão intensamente que eu posso praticamente ver meu reflexo nelas. O cabelo dela é penteado de uma maneira tão complexa que seriam necessárias pelo menos três mulheres. Os fios são da mesma cor do meu cabelo preto, mas a pele dela é um pouco mais escura, mais âmbar que o meu bege escuro.

— Por favor, me chame de Alessandra, — eu digo, seguindo o exemplo de Hestia. Além disso, preciso fazer amigas rapidamente, não é? Não tive muitas oportunidades de fazer amigas, e é minha experiência que a maioria das mulheres não gosta de mim. Não quando sou a competição delas pelas atenções dos homens.

Mas essas duas são todas sorrisos sinceros.

— Finalmente nos encontramos! — Hestia diz. — Eu ia me aproximar de você, mas então pensei que talvez não devesse, já que não queria sobrecarregá-la. O que há com todo mundo querendo saber quem você é! E então eu vi o conselho, que tomou a decisão por mim. Estou tão aliviada que você pediu para se juntar a nós.

Estou morrendo de vontade de perguntar quem fez o vestido que você usou ontem à noite. Foi simplesmente adorável!

— E deliciosamente escandaloso, — acrescenta Rhoda. — Eu adoro o quão aventureira você é com seu guarda-roupa. Certamente chamou a atenção do rei rapidamente. — Ela sorri como se tivéssemos compartilhado algum segredo perverso.

As duas me olham com expectativa.

Eu digo: — Na verdade, eu mesma projeto as roupas. Adoro costurar, e contrato uma costureira para ajudar quando tenho pouco tempo para fazer tudo.

— Você está brincando! — Hestia diz, seus brincos compridos balançando com a virada da cabeça. — Não é à toa que você o vestiu tão bem. Você o projetou com sua própria figura em mente. Escrevi para minha costureira assim que o baile terminou e lhe ofereci o triplo da taxa habitual, se ela pudesse terminar essa roupa para mim. Ela fez o possível para atender minhas instruções escritas, mas ainda não gosto do ajuste das calças. É simplesmente brilhante usar uma saia por cima delas. Você sabia? A razão pela qual o estilo Pegain desapareceu tão rapidamente foi que... — ela abaixa a voz a um sussurro — ...a maioria das garotas não aguentava ter o traseiro tão exposto. Mas você resolveu esse problema, não foi?

Não sei bem o que pensar da conversa, mas de repente uma voz soa atrás de nós, me fazendo pular.

— Perdoe-me por interromper a conversa sobre calças. Eu ficaria feliz em continuar a conversa, mas simplesmente preciso garantir uma apresentação.

O recém-chegado caminha ao redor do banco para ficar diante de nós. — Leandros Vasco. Ao seu serviço, minha senhora.

— Vasco? — Eu pergunto quando ele pega minha mão e a beija. — Você é parente de Ikaros Vasco, o chefe do conselho do rei?

Leandros suspira. — Receio que ele seja meu tio.

Não vejo a semelhança. Leandros parece alguns anos mais velho que eu. Ele é longo e esbelto – como o rei, mas seu cabelo é castanho claro, que ele usa até os ombros. Sua barba curta é bem aparada. Ele veste um colete de seda vermelho em cima de uma camisa preta, as abotoaduras em forma de rosas. Seu nariz foi quebrado uma vez, mas está bem. Apenas um pequeno entalhe perto da ponte revela algo. Consegue fazê-lo parecer perigoso e arrojado de uma só vez. Não fosse pelo fato de eu ter de dar toda a atenção ao rei, Leandros é exatamente o tipo de homem com quem me veria brincando.

Rhoda pressiona os lábios no meu ouvido. — Leandros não foi capaz de tirar os olhos de você no baile na noite passada. Eu acho que ele já está encantado com você. Mas, novamente, quem não está?

— Certamente não posso culpá-lo por seus parentes. É um prazer conhecê-lo, Leandros. — digo, ousando usar seu primeiro nome. Só porque eu não posso ir para a cama dele, isso não significa que eu não posso flertar. Nossos olhos se encontram, e ele de repente me avalia sob uma nova luz. Como uma possibilidade. É terrivelmente mau dar-lhe esperança, mas eu simplesmente não

consigo me conter.

— E onde estão seus companheiros? — Eu pergunto. Eu tinha visto Leandros mais cedo nos pomares. Antes que Demodocus me abordasse. Ele estava conversando com outros dois homens da idade dele.

— Distraindo as massas, é claro. — Ele assente por cima do meu ombro.

Eu me viro para ver seus amigos interceptando outros cavalheiros vindo em minha direção.

— Querendo toda a minha atenção, não é? — Eu pergunto.

— Você pode me culpar? — ele pergunta.

Eu sorrio — Há quanto tempo vocês três estão no palácio? — Eu pergunto, incluindo as meninas na conversa.

— Cerca de seis meses, — diz Rhoda, — mas Leandros está aqui há muito mais tempo, não é?

— Sim, — diz ele. — Eu moro no palácio há anos. Estar no conselho do rei exige que meu tio esteja morando aqui. Eu pedi para me juntar a ele. Não gosto muito de morar no campo.

— Você cresceu com o rei, então? — Eu pergunto.

Algo no rosto de Leandro parece entristecido pela pergunta. — Durante a adolescência, sim. Estávamos bem perto, na verdade.

Junto com meus amigos.

— Estavam? — Eu entendo o uso dele do tempo passado.

— Ele afastou todos depois que se tornou rei. Ele não confia em uma alma. Eu suspeito que é por isso que ninguém é permitido perto dele.

— Suponho, — Rhoda diz após uma pausa na conversa, — que eu também desconfiaria se fosse um rei, sabendo que o último havia sido assassinado.

Não sei muito sobre o falecido rei e rainha ou seus amores, mas sei que o culpado nunca foi pego. Alguns, é claro, especulam que o novo rei é responsável. Mas isso dificilmente importa para mim.

Não tem nenhuma influência nos meus planos.

CAPÍTULO 5

Quando nos levantamos do banco, Hestia e Rhoda me convidam para me juntar a elas e às outras senhoras na sala para alguns bordados antes do jantar.

— E essa é a minha deixa. — Diz Leandros. — Adeus, senhoritas. Alessandra, espero ver você mais vezes no futuro.

Concordo com a cabeça, protegendo levemente os olhos com os cílios, antes de me virar para Rhoda e Hestia. — Não sou muito a favor de bordar, mas poderia trazer uma das novas roupas em que estou trabalhando.

— Sim! — Hestia exclama. — Então você pode me ensinar alguns pontos. Ah, poderia, Alessandra?

Há algo tão genuíno por trás da pergunta. Não posso deixar de responder com 'Claro'.

— Maravilhoso. — Ela responde. — Eu já posso dizer que seremos grandes amigas.

Andamos juntas por um tempo, e um criado parado no riacho se junta a nós. Normalmente não tomo nota de criados, mas este é bastante bonito.

— Oh, este é Galen, meu servo. — Explica Rhoda. — Ele me acompanha na maioria dos lugares e levará os materiais de bordado para a sala de estar para nós.

— Minha dama. — Ele se inclina, uma cabeça de cachos cor de chocolate mergulhando em direção ao chão.

Não acostumada a ser apresentada para criados, apenas inclino a cabeça, mas nem Rhoda nem Galen parecem ofendidos. De fato, assim que chegamos ao

castelo, os dois vão na direção dos suprimentos de bordado de Rhoda, os dois já conversando.

Depois de juntar minhas próprias coisas, um servo me leva até a sala de estar. Disseram-me que a sala pertencia à falecida rainha, que ela usava para atividades sociais com as damas da corte.

Aparentemente, o Rei das Sombras permitiu que a nobreza feminina continuasse seu bordado lá, já que não há uma rainha atual para usá-la.

As portas estão abertas para mim e entro em uma sala circular com piso de mármore e um teto lindamente pintado, parecido com o céu noturno, estrelas e tudo. Janelas altas deixam entrar muita luz natural e um lustre pende, iluminado com cem velas. Embora o palácio já tenha sido equipado com fios de eletricidade, eu amo que a rainha tenha mantido uma luminária tão bonita.

Almofadas de pelúcia e cadeiras em espiral ao redor da sala, a maioria delas já ocupadas. As poucas vazias que encontro são bordadas com rosas negras nos assentos e nas costas. Eu notei o design em todo o castelo e me pergunto o motivo disso. O brasão da família real é um garanhão preto chutando as pernas da frente no ar.

Portanto, isso deve simbolizar outra coisa.

— Alessandra!

Eu me assusto com a voz.

— Por aqui. Eu guardei um lugar para você!

Bem no centro de tudo, Hestia se levanta e acena para mim. De alguma forma, ela conseguiu trocar de roupa, pegar o bordado e me encontrar aqui. Agora ela usa uma saia azul por cima da calça preta.

Pequenos pássaros azuis estão costurados sobre o tecido.

Não tenho certeza se fico lisonjeada ou aborrecida com a flagrante imitação do meu traje azul.

Eu ando até ela, segurando uma faixa de tecido em meus braços.

As senhoras têm suas saias espalhadas ao redor delas, para que possam sentar-se mais confortavelmente nos sofás e cadeiras.

Como estou de calça, opto por um travesseiro grande no chão, cruzando as pernas nos tornozelos enquanto me sento.

Qualquer conversa que estivesse em andamento quando entrei continua. Hestia fala sobre o senhor com quem passou mais tempo dançando no baile na noite passada.

Rhoda se junta a mim no chão, indiferente ao fato de seus tornozelos ficarem expostos quando ela se senta.

— Se não for muito grosseiro perguntar, posso saber sua idade, Alessandra? — ela pergunta.

— Eu tenho dezoito anos, — eu digo. — E você?

Ela respira fundo. — Vinte e quatro. Tenho quase certeza de que sou a dama solteira mais velha da corte.

— Certamente não, — eu digo, espalhando o tecido ao longo do meu colo para que eu possa descobrir de onde parei.

Rhoda assente. — Devo admitir, no entanto, que eu já fui casada uma vez. Então talvez não importa que eu esteja solteira atualmente?

— O que aconteceu com seu primeiro marido? — Eu pergunto.

— Oh, nada tão terrível como me deixar. Ele só morreu. Nem mesmo o homem mais rico pode escapar da velhice.

Eu levanto uma luva e escondo um sorriso. — Não é um jogo de amor, então?

— Não, mas ele me deixou muito dinheiro, então acho que não devo reclamar muito. E ele me deu Galen! Galen era seu criado, sabe. E depois que meu marido morreu, eu meio que o mantive. Ele foi uma grande ajuda para fazer todos os preparativos para o funeral e me ajudar a me adaptar.

— Mas você está com pressa de se casar de novo? — Eu pergunto.

Ela ajeita as saias. — Oh, eu não preciso me casar de novo.

Não com a minha fortuna, mas eu gostaria muito de ter algo quente e apaixonado. Eu era muito jovem casada com um velho encolhido.

Estou pronta para estar com alguém jovem e saudável. Alguém que eu possa amar. Você não quer isso?

Eu já me apaixonei antes. Foi o que aconteceu com Hektor. Não deu certo. A paixão não leva a nenhum lugar bom. Isso me transformou em uma assassina.

No entanto, estou muito lisonjeada que ela me confidencie sobre seu desejo de paixão sem casamento. Ela está confiando em mim com esta informação. Isso me leva a responder honestamente.

— Eu já tive minha rodada de amor.

Ela torce uma sobrancelha. — Mas você é solteira. Como terminou?

— Ele decidiu que não me queria mais. A paixão leva a feroz desgosto, Rhoda. Você deve pensar duas vezes sobre o quanto deseja isso.

— Eu não tinha pensado nisso. — Ela olha para longe, perdida em pensamentos por um momento. — De qualquer forma, estou me adiantando. Ainda tenho quatro meses de luto.

— Luto, — repito.

— Sim, eu não estou vestindo preto porque eu quero. A esposa deve estar de luto por um ano após a morte do marido. Devo usar apenas preto e, se eu participar de funções sociais, não posso participar plenamente; Eu devo assistir do lado de fora.

Minha boca escancara. — Você não pode estar falando sério!

— Muito sério, eu temo.

— Não não não. Isso não vai funcionar, Rhoda! Eu retiro o que disse. Você *precisa* de um encontro apaixonado. Não faz sentido lamentar-se por um homem que você nunca amou. Temos que encontrar alguém imediatamente. Existe alguém na corte que desperta uma paixão em você?

Acaba que existem vários homens nos quais Rhoda está interessada. Eu prontamente esqueço todos os nomes que ela me diz, mas ela dá risinhos sobre seus olhares e títulos.

No começo, eu escolhi minhas duas novas amigas como uma forma de apaziguar o conselho, mas agora estou percebendo o quão útil as duas serão. Rhoda conhece bem todos os homens da corte.

Ela os observa cuidadosamente (de longe, é claro) desde que o marido morreu. Ela pode ser minha oportunidade de me encaixar melhor com a corte. E Hestia está quase obcecada com a forma que eu me visto. Suspeito que ela seja a fonte principal de todas as fofocas sobre mim, já que está fazendo um grande esforço para ser como eu. Saber como os que estão na corte me vêem o tempo todo é inestimável. Foi apenas uma sorte que o conselho tenha revelado o pouco que eles já sabiam de mim. Preciso estar ciente de como sou percebida constantemente para saber o que o rei e sua corte pensam de mim.

Em um intervalo no discurso de Rhoda, pergunto a ela: — Foi por isso que você veio a corte? Pelos homens?

— Ah não. Eu vim à corte porque o rei solicitou.

— Ele pediu?

— Sim, muitos de nós foram convidados a ficar. Bem, para ser sincera, é quase um comando. Eu não acho que poderia sair se quisesse, mas estou me divertindo tanto avaliando todos os homens na corte que não me importo nem um pouco.

Um comando.

Um pensamento me atinge. — Rhoda, você estava no palácio na noite em que os pais do rei foram assassinados?

Tristeza oculta suas feições. — Sim, oh, foi uma noite horrível.

— E Hestia estava aqui também? E Leandros?

Ela pensa. — Eu acredito que sim.

— E ele ordenou que todos ficassem na corte? Ele ordenou que todos aqui ficassem na corte?

Ela olha para mim de repente. — Oh, você pensa...

— Sim.

O Rei das Sombras está tentando erradicar o assassino de seus pais. Ele convidou todos os que estavam lá na noite em que morreram para ficar no palácio. Ele *ordenou* a permanência indefinida para poder ficar de olho neles e encontrar o culpado.

Mas não pode ser por isso que estou aqui. Eu não estava aqui quando seus pais morreram. E, segundo Leandros, o rei não deixa ninguém chegar perto dele. Todas as suas interações sociais são ilusórias na melhor das hipóteses.

Então, por que ele me convidou para ficar no palácio? Pode realmente ser simplesmente porque meu plano está funcionando?

Penso nisso enquanto termino a bainha da saia na qual estou trabalhando. Estou criando algo novo, uma saia que fica pendurada no chão nas costas, mas sobe acima da metade da coxa na frente. É claro que vou usar calças justas por baixo da roupa. Acho que nem o rei poderia evitar me expulsar da corte se eu mostrasse minhas pernas completamente.

O resultado final é ainda melhor do que eu imaginava, mas preciso criar um top para combinar, e ainda não pensei no design para isso. Eu esperava que a saia me inspirasse. Eu penduro a roupa no meu guarda-roupa por enquanto.

A nota chega no momento em que meu estômago ronca para o jantar.

Minha querida Lady Stathos,
Eu ficaria honrado se você se juntasse a mim para jantar hoje à noite.

—KM

★ ★ ★

OUTRO SERVO ME LEVA através do palácio. Tomo nota cuidadosamente de todas as curvas e escadas, tentando adquirir um mapa mental do lugar em que estou vivendo agora.

Eventualmente, passo por uma porta e sou levada a uma sala grande.

Eu estava esperando um salão, mas isso é uma biblioteca. Os livros abrangem prateleiras que se estendem até o teto de seis metros. Até onde eu sei, nem um pouco de poeira reveste um único volume, apesar de alguns deles parecerem empoeirados.

Uma chama já foi feita na lareira em uma parede e duas poltronas bastante grandes esticam-se diante dela, uma de cada lado de uma mesa pequena. O chá já foi preparado.

O criado estende uma das cadeiras para mim e eu me sento.

— Sua Majestade chegará em apenas um momento. — E com uma reverência, ele me deixa sozinha na sala.

Com uma sugestão de movimento no chão, eu estalo meu pescoço nessa direção. O que eu achei que era um tapete de pele colocado entre a mesa e a lareira, agora percebo que é Demodocus.

— Olá novamente, — eu digo.

Os olhos de Demodocus abrem por um breve segundo antes de retomar a soneca na frente do fogo.

— Tivemos um dia agitado, não é? Toda essa busca levou o melhor de você, eu suponho.

Demodocus rola, se colocando de costas para mim.

— Mensagem recebida. Vou deixar você voltar a dormir. Mas onde está seu mestre?

Olho ao redor da sala, observando as cores das lombadas, quando o rei chega.

Só que ele não usa a porta.

Ele atravessa uma parede de livros.

Minhas costas se esticam na cadeira enquanto observo o Rei das Sombras tomar forma através dos livros, as sombras ao redor dele ficando mais claras quando ele está atravessando a parede.

Ele já está me observando quando seus olhos tomam forma além dos volumes, e eu me pergunto se ele estava me observando, esperando meus olhos pousarem naquele exato local na parede antes de passar por prateleiras sólidas.

Meus olhos endurecem por vontade própria. — Isso deveria me impressionar? — Atrasada, eu continuo, — Sua Majestade.

Suas botas até os joelhos batem suavemente no tapete enquanto ele percorre a sala. — Eu já adivinhei que é preciso muito para impressionar você. — Ele puxa a cadeira oposta e se senta.

Nós nos observamos por um momento em silêncio, mas finalmente, a curiosidade tira o melhor de mim. — Há quanto tempo você é capaz de fazer isso?

— Atravessar paredes? A habilidade continua na família real, embora não se desenvolva até que uma criança comece a crescer na idade adulta.

— Um efeito colateral das sombras, sem dúvida.

O Rei das Sombras sorri enquanto leva a xícara de chá aos lábios. — Sem dúvida, — ele diz depois de engolir.

Eu posso dizer que ele está muito divertido com minhas perguntas, e essa percepção me fez calar a boca. Coloquei meu foco total na minha xícara de chá, bebendo enquanto olhava em volta a grande extensão da sala. Não posso dar exatamente o que ele quer, nem ser previsível demais. Eu tenho que andar uma linha muito tênue. É o mesmo com todo homem.

— Vejo que Demodocus está desempenhando suas funções excelentemente como cão de guarda, — diz o rei nas costas do cão.

Eu sufoco um sorriso. — É para isso que ele serve?

— Quando ele está por perto, notei que a corte têm menos probabilidade de se aproximar de mim. Quando o comprei, ele deveria ser uma fonte de proteção.

— E, em vez disso, você ficou preso com um ursinho de pelúcia, — digo com um olhar carinhoso para o cachorro.

Depois de uma batida e a permissão do rei para entrar, os servos trazem nossa ceia. Parece que eles trouxeram todos os quatro pratos de uma só vez. Uma tigela de sopa está diante de mim, e o cheiro de abóbora e creme flutua para cima, deixando minha boca salivando. Ao lado, é colocada uma bandeja de frutas, bem cortada, com uma tigela de iogurte doce para mergulhar. O prato principal é alce curado, cortado em tiras temperadas e colocado em uma cama de verduras.

E, finalmente, uma fatia de bolo de chocolate para cada um de nós está posicionada no centro da mesa, chuvisco de chocolate quente dos lados.

Os homens de meia-calça e peruca param nas bordas da sala.

— Deixem-nos, — diz o rei. — Não precisaremos de mais nada.

Há algo em vê-lo dar ordens que tem o meu sangue fluindo mais rápido nas minhas veias. Ele tem esse poder. Os homens são forçados a obedecê-lo sem protestar. Eles fariam qualquer coisa que ele ordenasse.

Eu quero esse poder.

Vê-lo de perto tem minha resolução fortalecida.

Quando a porta se fecha, mudo os pratos e tigelas na minha frente, movendo

tudo para os lados da mesa até que meu caminho fique livre para o bolo de chocolate. Aproximo-o até que esteja diretamente na minha frente.

Não olho para o rei, mas sinto que ele está me observando de perto. Enquanto dou uma mordida, o bolo macio praticamente derrete na minha boca, e eu sei que fiz a escolha certa de começar com ele enquanto ainda está quente.

Quando não aguento mais o constrangimento, me digno a olhar para cima. O rei tem sua própria fatia de bolo na frente dele.

— Como somos parecidos, — diz ele depois de lamber uma gota de chocolate dos lábios.

— Porque nós dois gostamos de chocolate? Você não deve sair muito se acha que é uma característica incomum.

Ele bebe numa das taças que foram trazidas com a comida. — Eu não quis dizer chocolate. Quando vejo algo que quero, alcanço sem hesitar.

Talvez se ele estivesse me olhando de outra maneira, eu pensaria que ele quis dizer que me queria. Mas seu olhar não é caloroso. Está relaxado, e estou tendo a nítida impressão de que ele não consegue fazer isso com frequência.

— O que você está alcançando agora? — Eu pergunto.

Ele leva apenas um momento para pensar. — O mundo, — ele diz simplesmente. — Eu quero possuir tudo isso. Que toda cidade carregue meu brasão de armas e que toda pessoa em todo o continente saiba meu nome e reconheça meu reinado.

Eu me deixei imaginar por um momento. O mundo inteiro conhecendo meu nome e vivendo sob meu domínio. Que melhor maneira de me sentir inteira, completa e realizada?

— E você? — ele pergunta, cortando pensamentos sobre mim em pé em uma torre, com vista para tudo o que é meu. — O que você procura?

Talvez eu devesse pensar mais sobre a minha resposta. Devo ser cuidadosa e calculada, mas digo sinceramente: — Reconhecimento.

Ele inclina a cabeça para o lado.

— Eu sou a segunda filha. Praticamente ignorada. Nunca convidada para festas ou bailes. Nunca pensada ou realmente vista.

Eu desejo realmente viver. Para fazer parte de tudo. Não mais mantida escondida enquanto Chrysantha experimenta tudo. Eu nunca quis esperar minha vez.

— Eu vejo você, — diz o rei, e as sombras ao seu redor aumentam levemente, como se elas também estivessem me reconhecendo. — Diga-me, Lady Stathos, o que você faria com o reconhecimento que deseja se lhe fosse

dado repentinamente?

— O que você quer dizer?

— Não pode ser apenas a atenção que você procura, pode?

Isso seria muito mesquinho, e você não me parece o tipo mesquinho.

Então me diga – esse reconhecimento. Por que você quer isso?

Tomo um gole lento de vinho enquanto penso na minha resposta, me perguntando o que ele espera que eu diga. No final, eu opto pela verdade novamente.

— Eu quero amigos. Eu quero ser uma parte maior do mundo ao meu redor. Se eu for vista e respeitada, outros valorizarão minha opinião. Eu quero o poder de mudar as coisas.

— Mudar? Como mudar uma lei que impede as filhas mais novas de entrar na sociedade até que a mais velha esteja noiva?

— Exatamente, — eu respondo.

— Acho que podemos ter alguns objetivos em comum, Lady Stathos.

Lembro-me de minha conversa anterior com Rhoda e da constatação de que o rei está procurando um assassino entre os que estão na corte. Isso, junto com todas as perguntas que ele me fez hoje à noite, provoca minha explosão.

— Por que estou aqui? — Eu pergunto.

O rei entrelaça os dedos na frente dele e inclina o queixo para cima. — Eu tenho um conselho respirando no meu pescoço. Eu tenho dezenove anos. Dizem que sou um jovem rei e, até os vinte e um, tenho que procurá-los por permissão para tudo o que faço e seguir seus conselhos em todas as coisas. O que eles mais querem é que eu encontre uma esposa e garanta que, caso algo aconteça comigo, um herdeiro já esteja disponível.

Eu não respiro enquanto ele diz a próxima parte.

— Não tenho intenção de casar ou produzir herdeiros. Eu tenho um império para construir e traidores para tirar da minha própria corte.

O que eu preciso é que o conselho pare de me perseguir, e se eu parecesse cortejar alguém, eles fariam exatamente isso.

— Você está aqui, Lady Stathos, porque estou procurando uma amiga. Alguém que não está procurando ser uma rainha, como você.

Alguém que não tem medo de me dizer o que está pensando, não importa se acha que eu não vou gostar. E a nossa amizade também terá o benefício de provocar o conselho.

— Você é linda, — continua ele. — Mas não tão bonita que me tente. Você é tudo o que estou procurando. Você é perfeita.

Eu não tenho palavras. Para não ter minha mandíbula pendurada na mesa, coloquei outro pedaço de bolo na minha boca.

Você é perfeita, ele disse. Logo depois, *não tão bonita a ponto de me tentar.*

Eu quero dar um tapa nele. Eu quero beijar ele. Eu quero jogar o resto do meu bolo na cara dele, tanto quanto eu quero terminar a deliciosa sobremesa.

Eu dou outra mordida. Tenho muitos pensamentos inundando minha mente, mas consigo entender uma coisa.

— Você me usaria, — eu digo. Plana. Impassível.

Ele coloca o garfo de volta no prato ao lado do bolo. — Eu não estou buscando usar você. Estou lhe oferecendo uma troca.

Permaneça aqui na corte. Permita que todos tirem suas próprias conclusões sobre nós dois. E em troca, todos neste castelo saberão seu nome. Você não perderá outra festa ou baile novamente. Todo convite será feito a você, tantos que você não poderá aceitar todos eles.

— O que faz você pensar que eu não quero ser rainha? — Eu pergunto.

— Se você quisesse, teria entrado na fila com o resto das meninas. Você não tentaria me insultar em todas as chances que tem.

Bom. Ele não vê através da minha farsa.

Olho para a taça em cima da mesa. Depois de deixá-lo se remexer na cadeira por mais algum tempo, digo: — Você terá que compensar o comentário incrivelmente rude que acabou de fazer se espera que sejamos amigos.

— Rude?

— Você disse que eu não era bonita o suficiente.

Sua boca se abre. — Não, eu disse que você é bonita demais.

Eu disse que você é perfeita.

Agora estou apenas sendo mesquinha.

Reduza tudo por enquanto. Coloque um sorriso e aceite sua oferta.

— Perdoe-me, — diz ele um segundo depois, me surpreendendo. — Faz muito tempo desde que tive uma amiga que não andava de quatro. Minhas palavras não saíram do jeito que eu quis dizer.

Mas elas saíram. Por isso que é tão irritante.

Mas digo: — Aceito sua oferta e tudo o que vem com ela.

— Excelente. — O Rei das Sombras troca seu bolo pela comida ainda fumegante. — Se queremos ser amigos, então certamente devo chamá-la de Alessandra quando estivermos sozinhos?

— Ainda não somos amigos, Vossa Majestade, mas uma vez que formos, como devo chamá-lo?

Um leve sorriso ainda permanece em seus lábios. — Meu nome é Kallias. Kallias Maheras.

— Kallias. — Eu digo, deixando as sílabas caírem da minha língua: *kuh-lie-us.**

Fui confiada com o nome de um rei.

Agora eu preciso que ele me dê seu coração.

*N.T.: a pronúncia de Kallias é Kuhlieus, a personagem destaca o LIE, que significa mentira.

CAPÍTULO
6

Penso enquanto volto para o meu quarto.

Não sou bonita o suficiente para tentá-lo, não é? Vamos ver sobre isso. Vou fazê-lo se apaixonar tanto por mim, que ele esquecerá que já viu outra mulher. Ele estará *implorando* por mim quando eu tiver terminado com ele.

E então ele implorará por sua vida antes de eu acabar com ele.

Esse doce pensamento me sustenta quando chego ao meu quarto e ando em direção a minha cama.

O rei não estava errado. Uma pilha grande de cartas repousa sobre a mesa no meu quarto, mas não consigo abri-las imediatamente.

Há um homem ao lado da minha cama. Eu meio que esperava que fosse o bonito Leandros, só para que eu pudesse ter uma história para contar ao rei sobre expulsar homens do meu quarto. Mas infelizmente.

É Myron.

— O que você pensa que está fazendo? — Eu exijo. — Como você chegou aqui?

Ele é tão alto que sua cabeça está a apenas um pé do teto.

Impecavelmente vestido com calça preta e um casaco cor de ameixa, ele se vira ao som da minha voz.

— Alessandra, que bom vê-la aqui.

— É o meu quarto!

— Sim, e sua empregada ficou muito feliz em me deixar entrar. Tudo o que eu tinha que fazer era sorrir e inventar uma história sobre deixar uma bugiganga

para você descobrir em sua penteadeira. Aparentemente, ela é romântica.

Eu faço uma careta. — Pelo seu bem, é melhor você esperar que ela não fale nada.

— Por quê? Seria tão terrível que as pessoas soubessem que eu deixei um presente?

Olho para ele, tentando entender por que ele poderia estar aqui, quando ele tira os sapatos e se reclina na minha cama.

— Venha aqui. — Ele ronrona.

— Saia. — Eu digo, minha voz ficando abrupta e aguda.

— Só porque você não queria meu anel, isso não significa que você não me quer. Eu conheço você.

— Desde que você não percebeu, permita-me explicar tudo para você. *Eu não te quero.* O rei está me cortejando agora. O rei, Myron.

Por que eu iria querer o segundo filho de um visconde, quando posso ter o Rei das Sombras?

Myron se levanta tão rapidamente que a cama range. — Ele não vai ter você. Você não é virgem. Não depois do que eu fiz com você.

Eu suspiro. — Myron, só porque você era virgem quando nos conhecemos, isso não significa que eu era.

Sua boca se abre.

— O que você disse a lorde Vasco e ao conselho? — Eu exijo.

— Eles disseram que conversaram com você.

— Eu não fui seu primeiro?

Eu tiro minhas luvas e as jogo de lado, depois faço o mesmo com meus sapatos. — Veja como isso funciona. Você não diz *nada* sobre me conhecer novamente. Você veio à propriedade do meu pai algumas vezes com seu pai a negócios. Nada mais. Você me viu de passagem. Isso é tudo.

— Eu não vi você de passagem. Eu vi você nua. Mais de uma vez. — Ele diz ameaçadoramente. — Aposto que o conselho e seu amado Rei das Sombras adorariam ouvir isso.

Eu jogo meus olhos para o céu. — Não é assim que este jogo é jogado. Você esqueceu, Myron? Eu sei o que você fez. Seu pai lhe deu um dos seus bens mais valiosos. Para *você,* seu estúpido segundo filho. E você jogou fora. E se ele descobrisse? Aposto que uma deserdação está no seu futuro.

A mandíbula de Myron se aperta.

— Por que você acha que não tenho uma reputação ruim, Myron? É porque eu sei jogar este jogo. Agora vá embora e nunca mais fale comigo.

Ele pega os sapatos na saída, batendo a porta alto o suficiente para meus vizinhos ouvirem. Contanto que ninguém esteja no corredor, esperançosamente ninguém conseguirá adivinhar de onde ele veio.

★ ★ ★

COM A MANHÃ VEM UM novo conjunto de ideias para intrigas.

Estou pegando meu rei e livrando o palácio de qualquer um que atrapalhe.

Depois do café da manhã, costumo ler a pilha de cartas, classificando-as por importância. Convites de duquesas e marquesas são colocados em uma pilha. Condessas e viscondessas em outra pilha. E as das baronesas não me incomodo em abrir. Uso minha manhã para responder, aceitar convites e recusar outros. Escrevo uma agenda para mim, para poder acompanhar todos os meus compromissos e depois envio uma carta para Eudora. Vou precisar de mais trajes de noite. Não devo ser vista com o mesmo vestido duas vezes.

Duas horas depois, ligo para uma empregada para me ajudar a me arrumar. Naturalmente eu tive que despedir minha primeira empregada, mas a nova conhece todos os tipos de penteados divertidos. Ela coloca meu cabelo na minha cabeça, colocando cada fio com um alfinete cravejado de ametista. Um presente de um amante anterior, claro. Meu rosto está maquiado com perfeição. Eu visto calças de lavanda com um desenho de miçangas complicado na frente de cada perna. A saia de brocado violeta é simplesmente divina, com mangas compridas e uma bainha no chão. Entro em botas pretas com um salto pequeno, visto luvas pretas na altura dos pulsos e depois vou almoçar.

Não tão bonita que me tente.

Eu xingo quando me lembro daquelas palavras odiosas.

Pareço ser uma das primeiras a chegar ao grande salão.

Pequenos grupos de cortesãos conversam animadamente uns com os outros. Quando entro na sala, algumas cabeças se viram, as vozes são baixas para os tons de fofocas, e as mulheres puxam seus leques.

E então um homem se aproxima de mim.

— Lady Stathos! Eu esperava ter a chance de falar com você novamente.

Loiro. Bonito. Talvez uma década mais velho que eu. Onde eu o vi antes?

— Orrin, Lorde Eliades. — Diz ele.

Eu ainda devo dar a ele um olhar peculiar, porque ele acrescenta: — Seu pai nos apresentou no baile!

Ah, isso faz o serviço. Ele foi a única pessoa que conheci além do rei. Ele continuou trazendo Chrysantha e tentando me comparar com ela.

Eu não gosto desse homem.

— Simplesmente adorei sua irmã enquanto ela estava no palácio. — Ele diz antes mesmo de eu responder: — E sei que você é maravilhosa! Como tivemos essa conexão no baile do rei na outra noite, espero que você queira ir ao baile de caridade da condessa que está por vir comigo. Tenho certeza que você recebeu o convite. Alekto é um amigo, e eu adoro funções que levantam dinheiro para os menos afortunados. Eu simplesmente tenho tanto dinheiro para gastar! — Ele ri como se tivesse contado uma piada antes de continuar. — Uma vez comprei um cobertor para todas as crianças do orfanato Naxosiano. Você sabe quantos cobertores foram? Duzentos e trinta e sete. Você pode acreditar que tantas pobres almas são...

— Com licença. — Eu digo. Leandros entrou na sala e, como ele não me considera um prêmio de consolação depois de não se casar com minha irmã, dou as costas a Orrin sem o menor sentimento de culpa.

Na verdade, tenho que afastar fisicamente a última conversa.

Caridade. Órfãos. Os demônios desperdiçaram boa aparência em um homem assim.

Sorrio para Leandros e seus companheiros.

— Lady Stathos!

— Leandros.

Hoje ele está muito elegante, vestido com um colete azul-petróleo e botas marrons. A cor realmente faz seu cabelo brilhar. Ele é ladeado por outros dois homens. Os amigos dele que afastaram os cortesãos enquanto estávamos nos pomares, acredito.

— Alessandra. — Ele emenda, já que eu usei seu nome. — É bom ver você.

Um cotovelo não tão sutil bate no lado de Leandros, e ele lembra que não estamos sozinhos. — Certo. Estes são meus amigos e estão desesperados para conhecê-la. Conheça Petros. — Ele aponta para um sujeito alto, com uma generosa porção de sardas no nariz e nas bochechas. De alguma forma, as imperfeições apenas o tornam mais bonito. — E Rhouben. — Rhouben usa as roupas mais ousadas e vibrantes que eu já vi. Ele mistura azuis e verdes brilhantes de uma maneira tão ousada, parecendo tão bem quanto qualquer pavão. Eu acho que ele pode fazer isso para compensar a clareza de seus traços.

— Senhores. — Eu digo.

Cada um pega minha mão e oferece um beijo por cima da minha luva.

— Finalmente, — Diz Rhouben, quando ele solta minha mão. — Estou morrendo de vontade de conhecer a única pessoa na corte que se veste melhor do que eu.

— Eu argumentaria, — Digo. — Mas só faria isso para ser educada.

Ele ri. — E a honestidade está no topo de tudo. Você é um tesouro raro.

— Cuidado agora. — Diz Petros. — Você é um homem noivo, Rhouben. Tire as mãos.

— Parabéns. — Ofereço ao primeiro homem. — Quem é a sortuda?

Rhouben faz uma careta. — Melita Xenakis.

— Ainda não a conheci. Ela está aqui?

Petros olha por cima do ombro. — Sim, é ela que olha com desagrado para o casaco de Rhouben.

Encontro Melita imediatamente. Cachos loiros perfeitos repousam sobre seus ombros, cobrindo um brocado azul. Na verdade, agora observo que todas as mulheres estão vestindo azul. O que eu vesti ontem. Eu sorrio de satisfação. Como se sentisse meu olhar, o olhar de Melita pega o meu. Seus traços se transformam em uma carranca hedionda, como se eu tivesse cometido algum crime olhando para ela. Ou falando com seu noivo.

— Nesse caso, você tem minhas condolências. — Eu digo. — Ela é muito protetora com você, não é?

Petros dá um tapa nas costas do amigo e ri. — Você não sabe da metade. Ela é como uma sanguessuga, grudada no braço de Rhouben onde quer que ele vá. E, oh, você vai adorar isso! Seu pai nem contou a ele sobre o noivado até que já estivesse pronto.

Rhouben geme com a memória.

Eu luto para não rir. — E você, Petros? Você está cortejando alguém?

— Não mais. — Ele diz tristemente. — Eu estava de olho em Estevan Banis, mas no baile do rei, ele dançou três vezes seguidas com lorde Osias.

— Os homens podem ser tão inconstantes. — Ofereço.

— De fato.

— E você, Leandros? — Eu pergunto, incluindo ele na conversa.

— Estou completamente desapegado, então você não precisa se preocupar. — Ele me dá um sorriso diabólico.

— Infelizmente, agora estou falando. — Eu digo. — O rei pediu permissão para me cortejar ontem à noite!

Rhouben e Petros me parabenizam, mas Leandros parece apropriadamente desconcertado. Enquanto a conversa continua, deixo meus olhos acompanharem

os novos nobres entrando no grande salão. Ofereço-lhes sorrisos brilhantes, o que é suficiente para que eles participem da conversa. Nosso grupo de quatro cresce rapidamente para dez. Todos os rapazes estão ansiosos para me fazer perguntas: Quais funções vou participar? Meu cartão de dança está cheio para o próximo baile? Por que não agraciei a corte com minha presença até agora?

Não mencionei que o rei está me cortejando desde que contei a Leandros e seus amigos. Os novos homens não precisam saber, principalmente porque eu preciso deles para esse pequeno show que estou fazendo para o rei.

Um arauto diz alguma coisa, mas não pode ser ouvido em nossa conversa no canto. Mas pelo canto do olho, vejo o Rei das Sombras entrar no grande salão. Na verdade, eu estava esperando por isso.

Aqueles sentados à mesa que o vêem se levantam para mostrar respeito.

Kallias não se senta imediatamente. Ele faz com que os que estão na mesa permaneçam de pé enquanto seus olhos percorrem a sala. Embora eu não esteja olhando para ele completamente, posso sentir o momento em que eles pousam em mim. É como se uma corrente de calor surgisse no ar.

Na próxima coisa que Petros diz, eu rio um pouco mais alto do que o necessário.

Vê? Eu quero gritar. A *maioria dos homens me acha bonita. A maioria dos homens me acha* irresistível.

— Lady Stathos. — As palavras não são gritadas, mas ressoam pela sala como se tivessem sido. Os homens ao meu redor se acalmam instantaneamente e se viram para se curvar ao seu soberano.

— Sim, meu rei? — Eu pergunto.

— Você já contou a todos as nossas novidades?

— Não, senhor.

Ele estende um braço em minha direção enquanto se dirige à sala. — Estou cortejando Lady Stathos. — Seu olhar voa significativamente para a próxima mesa, onde seus conselheiros estão sentados.

Os homens ao meu redor repentinamente dão um passo para trás como se fossem pegos fazendo algo impertinente. Todos exceto Leandros, Petros e Rhouben, que parecem não se importar com o fato de que o rei acabou de me reivindicar publicamente como dele.

Eles eram amigos dele. Ele os deixou de lado. Por que eles deveriam se importar se o irritam?

Lorde Ikaros Vasco, o chefe do conselho, levanta-se e ergue sua taça de vinho. — Por um cortejo feliz!

Os que estão ao redor da sala pegam suas taças e repetem as palavras. Vasco mantém os olhos nos meus enquanto bebe um gole da taça.

Estou te observando, seu olhar diz.

Ofereço um sorriso sincero em resposta antes de inclinar minha cabeça para a sala de parabenizações.

Então deixei meus olhos descansarem no rei. Não posso dizer pelas características dele se ele está reagindo ao me ver cercada por homens, mas talvez sua declaração seja reação suficiente. Ele me reivindicou *verbalmente.* Ou foi apenas para o benefício do conselho?

Afinal, são a eles quem ele precisa convencer do nosso noivado.

O rei está usando um colete violeta, percebo então. De alguma forma, conseguimos combinar nossas roupas mais uma vez. É como se tentássemos parecer uma frente unida.

Como se eu sempre quisesse ser sua rainha.

Kallias levanta um dedo e gesticula para o assento à sua direita.

Um criado pula de seu lugar na parede e corre para puxar a cadeira.

Cuidadosamente. Oh, com tanto cuidado com a proximidade do rei.

É quando percebo que duas cadeiras vazias estão à esquerda e à direita do rei. Ninguém tem permissão para se sentar a dois lugares dele.

Exceto eu.

O local à sua direita imediata é apresentado a mim, e o salão fica quieto enquanto um após o outro, os nobres notam que a cadeira – a que está ao lado do rei – está aberta.

Eu puxo minhas luvas, certificando-me que elas estão seguras, antes de eu me desculpar para meu círculo de admiradores e atravessar a distância até Kallias.

Quando estou sentada, mantenho minhas mãos no colo, tomando cuidado para não bater em nada ou tocar em alguém.

Estamos muito mais perto do que os cinco passos da lei, mas se Kallias está permitindo, não vou reclamar. Além disso, o mais delicioso perfume de lavanda, menta e almíscar enche meus sentidos nas proximidades. O Rei das Sombras cheira deliciosamente.

Kallias traz um bocado do que parece ser uma espécie de sopa de legumes aos lábios. — Vejo que você está fazendo amigos. O reconhecimento é tudo o que você esperava que fosse?

— Muito cedo para contar.

Um criado coloca um guardanapo no meu colo antes de retomar sua posição

ao longo do exterior da sala.

— Você parece requintada hoje. — Diz o rei, baixando a voz.

Estamos separados o suficiente para não achar que mais ninguém na mesa possa ouvir.

— Você está tentando compensar o que disse ontem. — Digo em um tom igualmente reservado.

— Estou apenas falando a verdade.

Bem, é um começo.

Abaixo da mesa, assisto par após par de olhos fingindo não estar me olhando. Os homens se perguntam o que eu fiz para que o rei me reivindicasse. As mulheres assistem cada movimento meu, perguntando como elas poderiam fazer que o rei *as* revindicasse.

Meus olhos olham brevemente para Myron, que desvia o olhar assim que percebe que foi pego olhando.

Bom garoto.

Não acredito como o rei já cumpriu sua promessa. Essas cartas no meu quarto são o resultado de dançar comigo, de falar comigo onde poderíamos ser vistos nos pomares. E depois do seu anúncio hoje? Não consigo nem imaginar quais portas ele abriu para mim agora.

— Você acha que todas as mulheres estarão vestindo roxo amanhã? — Eu pergunto, antes de voltar minha atenção para a minha comida.

— Eu suspeito que elas tentarão pagar suas empregadas domésticas para dizer a elas que cor você vestirá amanhã.

Com isso, meus olhos se estreitam. — É isso o que você fez? — Olho significativamente para o traje dele que combina com o meu. — Ou você simplesmente olhou através da parede para o meu quarto para dar uma olhada por si mesmo?

Esses dentes brilham num sorriso mais largo ainda. — Eu juro que já faz anos desde que eu espiei o vestido das mulheres. Não tenho mais doze anos.

Eu provo meu próprio prato. É tão delicioso quanto o jantar da noite passada. — Você foi pego?

— Ah, sim. Quando Lady Kalfas me viu, ela me denunciou à minha mãe, que me repreendeu tanto que nunca me senti tentado a olhar novamente.

— Que palavras poderiam ter convencido você a não tentar de novo?

— Ela me disse que, se eu persistisse em olhar, era o máximo que eu conseguiria com as mulheres. E ela disse que ninguém jamais me respeitaria se eu não os respeitasse.

Eu sorrio na minha tigela. — E foi a ideia de nunca obter respeito ou nunca fazer mais do que olhar que fez isso por você?

— Ambos. — Ele admite. — Assim como a ideia de ter que discutir essas coisas com minha mãe novamente.

Eu rio gentilmente com isso. Embora parte de mim não possa deixar de pensar se ele conseguiu fazer mais do que olhar. Relações íntimas seriam impossíveis quando a lei proíbe alguém de tocá-lo, não é?

Após uma pausa na conversa, digo: — Seu conselho está nos observando de perto.

É verdade, embora eles estejam sendo mais sutis sobre isso do que aqueles sentados em nossa própria mesa.

— Eles estão chateados porque eu os proibi de sentar comigo durante as refeições. Tenho que falar de política o dia todo, mas me recuso a aguentar isso na mesa do almoço.

— Há damas no seu conselho? — Eu digo isso como uma pergunta. Eu assumi que elas faziam parte do conselho, mas agora percebo que elas poderiam simplesmente ser as esposas dos homens. Estes são os tempos modernos, e as mulheres têm mais direitos e liberdades do que nunca. Ainda assim, a monarquia tende a ser mais lenta para se adaptar do que todos os outros.

— Sim, Lady Desma Terzi é a tesoureira real. Eu nunca conheci ninguém melhor com números. E então Lady Tasoula Mangas é minha ligação com o povo comum aqui na cidade. Ela fica de olho nos mercados e na economia, me informando de qualquer coisa digna de nota.

— E os outros dois senhores? Eu já tive o prazer de conhecer o Vasco. — Se eu quiser governar o reino um dia, precisarei saber os nomes de todos os que estão no conselho.

— Lorde Vasco pode ser preventivo. Ele era um velho amigo do meu pai. Ele é o homem mais bem conectado do reino. Se há um problema que preciso resolver, ele é o primeiro a ter uma solução. Depois, há Kaiser, o general com os homens a postos aqui na cidade. E, finalmente, Ampelios. Ele... termina as coisas.

— Assassino? — Eu adivinho imediatamente.

Kallias toma um gole de sua bebida. — Entre outras coisas.

Nós dois assistimos enquanto Ampelios leva uma faca afiada para a carne na frente dele, cortando o bife em pedaços iguais e esfaqueando-os com a ponta para colocar um pedaço em sua língua.

— Esses são os cinco indivíduos para os quais você está encenando. —

Acrescenta Kallias.

— Me disseram que eu seria uma excelente atriz se não fosse pelo meu nobre nascimento.

— Eu não duvido. — Kallias passa os olhos pelos convidados sentados à nossa mesa. — Coloquei na minha mesa as pessoas mais próximas da minha idade. Não que isso importe muito com a distância que devo manter deles.

Quero perguntar a ele *por que* ele deve manter essa distância.

Por que a lei impede as pessoas de tocá-lo? Tem algo a ver com as sombras dele? Mas ainda não conheço o rei o suficiente para fazer essas perguntas.

CAPÍTULO
7

Depois do almoço, dou uma olhada na programação que fiz para localizar o evento mais próximo. Uma trupe de artistas está participando do espólio do visconde de Christakos nesta sexta-feira, e uma festa de convidados foram chamados para assistir a uma apresentação de *The Lovers,* uma peça na qual duas pessoas encontram amor apesar de todos os obstáculos que as separam.

Embora Kallias, sem dúvida, tenha recebido um convite também, seria melhor que ele soubesse que estarei participando, para que ele possa me acompanhar.

Pego um pedaço de pergaminho de uma pilha sobre a mesa e seleciono uma caneta. Sabendo que a carta será apenas para os olhos dele, começo.

Querido Kallias,
Recebi um convite para assistir a uma peça realizada na casa do visconde e viscondessa de Christakos. A performance será sobre a história de dois amantes se unindo, apesar das probabilidades pendentes. Não acrescentaria credibilidade ao nosso ardil sermos vistos juntos em uma apresentação dessas? Eu espero que você me acompanhe.

Sua amiga,
Alessandra

Nem uma hora depois um servo me entrega uma resposta.

Querida Alessandra,
Obrigado pelo seu convite, mas temo que terei de recusar. Surgiu um novo problema, que exige que eu esteja em reuniões constantes durante toda a semana. Mal terei tempo para fazer uma pausa para as refeições.
Mas aproveite a peça sem mim. Tenho certeza que será esplêndido. Pelo menos eu posso trabalhar sabendo que você não ficará entediada.

Seu amigo,
Kallias

Pego um pedaço de papel novo.

Kallias,
Que problema? Há algo que eu possa fazer?

Sua amiga,
Alessandra

Alessandra,
As notícias serão espalhadas mais cedo ou mais tarde, mas parece que o reino tem um bandido perigoso à solta. Ele está atacando nobres na estrada e roubando o dinheiro deles. Lady Mangas do conselho me informa que

existe um excedente repentino no fluxo de dinheiro entre os camponeses, então podemos apenas concluir que o bandido está roubando os nobres e dando ao povo. Naturalmente, não posso ter meu próprio povo com medo de viajar. Devo acabar com isso de uma vez.

Obrigado por sua oferta de ajuda, mas estou certo de que resolveremos isso rapidamente, desde que possamos focar toda a atenção.

Seu amigo,
Kallias

Quem no mundo roubaria e depois não guardaria as riquezas para si? Isso é apenas um negócio ruim. Alguém que é estúpido certamente deve ser pego em breve.

No entanto, eu deveria estar envolvida nisso. Os nobres que foram roubados pagarão impostos para *mim* no futuro. Se Kallias não resolver esse problema, ele se tornará meu.

Mas como se pega um ladrão que não retém seus achados?

Isso torna muito mais difícil encontrá-lo. Vou ter que pensar sobre isso. É uma situação que deve ser tratada com cuidado.

★ ★ ★

OUTRA CARTA CHEGA POUCO TEMPO DEPOIS, novamente de Kallias. Ele me convida para jantar com ele. Naturalmente, eu aceito.

No entanto, decido mantê-lo esperando. Não quero que ele me pense que sou muito ansiosa.

Depois de quinze minutos, eu me junto ao criado que espera do lado de fora do meu quarto. Ele me acompanha até a biblioteca mais uma vez.

Quando entro, uma grande massa peluda se lança para mim.

Demodocus para a meros centímetros de distância. Quando ele vê que tem toda a minha atenção, ele cai no chão, de barriga para cima.

— Estou tão feliz que você está feliz em me ver. — Eu digo enquanto levanto um pé para esfregar sua barriga.

Kallias, que levantou-se com a minha entrada, diz: — Você o deixou esperando. Esfregar sua barriga é o preço que você deve pagar.

— Perdoe-me, Demodocus. — Eu digo, enquanto esfrego meu pé em movimentos mais longos. Os olhos do cachorro voltam para o crânio dele. — Eu estava trabalhando em algo e não queria deixar inacabado. Estamos quites agora?

Atrevo-me a levantar a perna, e o cachorro se vira e corre para os pés de Kallias antes de cair na frente dele, ofegando.

Kallias espera que eu me sente antes de pegar seus talheres e comer.

Nosso jantar já foi servido. Hoje à noite são pernas de frango em um molho marrom, legumes descascados polvilhados com sal, pedaços de pão molhados de manteiga e mel e éclairs de chocolate para a sobremesa, se não me engano.

— Tomei a liberdade de organizar o primeiro prato para você. — Diz ele, indicando o éclair diante de mim. — Eu sugiro que você se apresse, como sempre, para que o resto da comida não esfrie.

Se ele está irritado com o meu atraso, ele não mostra nenhum sinal disso. Talvez seja apenas minha imaginação que as sombras se movam sobre ele mais rapidamente.

Mergulho meu dedo no chantilly em cima do éclair e o levo aos meus lábios. Abandonando um garfo, pego a massa delicada em uma mão e a mordo. Chocolate enche minha boca. Penso em elogiar Kallias por seu chef, mas sou surpreendida pelo olhar em seu rosto.

— Algo errado? — Eu pergunto, sabendo que ele ficará distraído com a maneira sensual em que eu provei minha comida.

Ele limpa a garganta e ignora a pergunta. — No que você estava trabalhando?

— A primeira peça de uma roupa nova. — Eu digo, pensando no projeto de costura de ontem. — Estou experimentando um novo estilo do meu próprio design.

— Outra peça escandalosa, espero?

Eu sorrio. — Mal vejo como minhas peças são consideradas escandalosas. Toda a minha pele está encoberta. — Mais ou menos.

— Não há um tornozelo ou pulso para ser visto.

Ele mastiga lentamente uma garfada de frango enquanto seus olhos pousam no meu pulso. — Percebi. Isso é por minha causa? Ou você prefere manter as

mãos cobertas?

Eu olho para as próprias mãos enluvadas. — Eu certamente não me importo com luvas. Elas são um acessório divertido para qualquer roupa. Mas como a lei nos proíbe de tocar, me pareceu sensato continuar usando-as quando passaremos bastante tempo juntos.

— Que autopreservação sua.

Sua expressão é ilegível. Não sei dizer se ele está brincando comigo ou outra coisa.

Por curiosidade, pergunto: — Você me mataria? Se eu tocasse em você?

Ele mantém os olhos em mim enquanto toma um gole da taça.

— Por que você precisa me tocar?

— Não é incomum os amigos se tocarem. Apertos de mão. Abraços. Empurrões brincalhões quando se diz algo irritável. Certamente você já teve amigos antes? Leandros disse que vocês dois eram íntimos.

Ele não responde, voltando o olhar para a comida. Mas não vou ser descartada tão facilmente.

— Certamente você não precisava afastar seus amigos depois que se tornou rei? Você não pode suspeitar que mataram seus pais, pode?

— Até que o assassino dos meus pais seja extirpado, não confio em ninguém.

— Mas o que eles poderiam ganhar com um esquema tão horrível? — Eu pergunto.

Ele encolhe os ombros. — Talvez eles pensassem que estavam ajudando, me fazendo rei.

— Se eles fossem realmente seus amigos, saberiam que você não desejava ver seus pais machucados.

Kallias engole a comida na boca e faz uma pausa, como se estivesse se perguntando se deveria me dizer alguma coisa.

— Não é a única razão pela qual os mantive afastados.

— O que você quer dizer?

Seus olhos encontram os meus. — Uma coisa é rastrear o assassino do rei e da rainha falecidos. Outra coisa é ter um assassino atrás de mim enquanto tento erradicar o assassino de meus pais.

— Alguém está tentando te matar? — Eu pergunto, surpresa. — Como você sabe?

Ele termina o frango e começa com um pepino salgado. — Eles falharam uma vez já. No mês passado, minhas luvas foram contaminadas com veneno

tópico. Quando as coloquei, minhas mãos pareciam estar pegando fogo. A toxina teria se espalhado para o meu coração em menos de um minuto, disseram-me.

Olho as mãos escondidas atrás das luvas agora. — Você está bem? Como você sobreviveu?

— Eu não sou tão fácil de matar. Minhas sombras me salvaram.

Gostaria de saber se ele também usa luvas para cobrir marcas de queimadura. Qualquer que fosse o veneno, isso soa terrivelmente desagradável.

— E você acha que seus amigos poderiam ter algo a ver com isso? — Eu pergunto.

— Meus amigos. O Conselho. Qualquer pessoa da nobreza. Um servo no palácio. Poderia ser qualquer um. Não posso me arriscar.

Penso em Leandros, Petros e Rhouben. Sinceramente, duvido que qualquer um deles seja capaz de matar, principalmente pela maneira como olham para o seu amigo sempre que Kallias entra na sala. Eles sentem falta dele. E o que eles teriam a ganhar de qualquer maneira? Suponho que o tio de Leandros esteja no conselho. Se não houver rei, Ikaros Vasco permanecerá em poder por muito mais tempo. Mas isso não significa nada para Leandros. Ele não pode obter a coroa. Um parente distante do rei conseguiria primeiro.

E Petros não me parece do tipo sedento de poder. Conheço pouco de sua família, mas ele não pode reivindicar o trono. Rhouben não quer nada além de se libertar de sua noiva, até onde eu sei.

Mas não digo nada disso. Se o rei já decidiu não confiar em ninguém, há pouco que posso fazer para convencê-lo do contrário. E fazer isso só *me* colocaria em suspeita.

— Você tem alguma ideia de quem é o responsável? Algo mais específico do que alguém atualmente no palácio?

Kallias me olha desconfiado sobre a borda da taça.

— Você é minha passagem para o reconhecimento. Lembra? Sem você eu não tenho nada. Sem festas ou respeito. — Até que eu possa ganhar o último sozinha, é claro. — Ninguém tem permissão para matar você no meu turno. Eu quero ajudar.

Ele assente, como se satisfeito com a minha resposta.

— Acho que alguém do conselho estava envolvido. Simplesmente porque se eu morrer, não há ninguém na minha linha direta para passar a coroa. O conselho governaria meu império indefinidamente. Até que um novo soberano possa ser determinado. Eu tenho muitos primos em terceiro grau. Eles teriam que lutar por isso. E tem que ter sido um nobre ou um membro da guarda.

— Como você sabe disso?

— Porque o palácio estava trancado na noite da morte dos falecidos rei e rainha. Havia um grupo insurgente de camponeses que foram deixados no palácio, causando estragos. E ninguém, exceto a nobreza, teria permissão para entrar na sala segura com meus pais. Quando a sala foi aberta, seus corpos foram encontrados.

— Onde você estava? — Eu pergunto.

— Do outro lado do palácio. Eu estava envolvido em um jogo de esporte com os filhos de outros nobres. Fomos levados para outra sala segura quando descobrimos que os tiros vieram de dentro do palácio.

— Mas não foram os atiradores que chegaram ao rei e à rainha?

— Não. Todos os intrusos foram pegos antes de chegarem às suítes reais. Foi uma distração. Alguém os deixou entrar para que tivesse a oportunidade de matar meu pai e minha mãe.

A sala fica quieta. Nem Kallias nem eu estamos mais tocando nossa comida.

— Um tópico tão sombrio. — Diz Kallias, finalmente. — Não quero sobrecarregá-la com meus problemas. Agradeço por você querer ajudar. Mas não é para você se preocupar.

— Se eu fosse sua amiga, certamente você desejaria compartilhar seus problemas?

Ele não responde, como se apenas a menção de seus problemas fizesse sua cabeça pensar neles.

Eu o perdi, então digo em um tom brilhante: — O conselho parece convencido do nosso ardil.

No tempo que leva para piscar, as sombras se iluminam, virando uma mera neblina, diminuindo a velocidade de seus movimentos. — Sim. Eles não pararam de me parabenizar durante nossas reuniões hoje.

— Então eles me aprovam? — Lorde Ikaros deixou de suspeitar de mim?

— Nesse momento, tenho certeza de que eles aprovariam qualquer coisa com um útero. Eles não disseram uma palavra sobre suas excentricidades.

— Que excentricidades?

— Suas roupas. — Diz ele com um sorriso.

— Isso não é justo vindo de um homem vestido de sombras.

— Sob minhas sombras, é um traje perfeitamente normal.

— Não que alguém notaria. Você se destaca como uma faísca em um quarto escuro por conta própria. Mas alguém como eu? Eu tenho que tentar me destacar.

— Não mais. — Diz ele. — Você está sendo cortejada pelo rei. Só esse fato faz de você a garota mais popular do mundo.

CAPÍTULO
8

Uma nova quantidade de cartas é entregue a mim na manhã seguinte. Na maior parte, são convites adicionais para almoços, bailes e banquetes. Mas uma letra se destaca. É a do meu pai.

Querida Alessandra,
Acaba de me chegar a palavra de que o rei anunciou publicamente seu cortejo. Você tem meus parabéns. Estou orgulhoso de você. No entanto, admito que estou decepcionado por ter ouvido os detalhes de lorde Eliades, em vez de você. (O pobre homem parece apaixonado por você. Ele ficou bastante chateado com a notícia. Parece que já temos um excelente plano reserva se você falhar com o rei. Orrin é muito rico, afinal.)

Faço uma pausa na leitura, para afastar o pensamento de ter que me casar com Eliades. Ele é muito bonito, mas eu não duraria dois minutos sozinha com esse homem. Não se ele acha que a caridade e os gatinhos salvadores são os temas mais interessantes da conversa. Eu continuo lendo.

Sua irmã também ficou muito feliz em saber do seu cortejo. Ela...

Eu pulo esse parágrafo.

Finalmente, devo dizer-lhe que um policial veio à casa, acompanhado por Faustus Galanis, barão de Drivas. Você lembra do Senhor Drivas, não é? Eu acredito que você fez amizade com o filho dele, Hektor. Certamente você se lembra do pobre rapaz desaparecido há três anos? Lorde Drivas agora está convencido de que seu filho está morto, e ele e um policial estão conduzindo uma investigação. Eles me fizeram um monte de perguntas sobre o seu relacionamento com Hektor. Eu acho que eles estão esperando que você tenha uma ideia de onde ele poderia ter ido depois que ele fugiu.

Eu lhes disse que você viu Hektor apenas algumas vezes quando ele veio à propriedade com o pai dele, mas não ficaria surpreso se eles quisessem fazer uma pergunta pessoal. Qualquer coisa que você possa contar sobre a última vez que viu Hektor provavelmente será mais útil.

E pelos demônios, por favor me diga que ele não era um dos seus companheiros de cama. Não seria bom se isso acontecesse durante a investigação deles. Não quando você está fazendo tanto progresso com o rei!

Tenha cuidado, querida, e tente fazer o que puder para acelerar esse cortejo. Hmm?

Atenciosamente,
Seu Amoroso Pai

Minha mão está apertando mortalmente a carta enquanto leio a assinatura. Por que diabos uma investigação seria levantada de repente? Eles não poderiam ter encontrado o corpo de Hektor, poderiam?

Não, eu me asseguro. Não, eles não poderiam...

★ ★ ★

FOI DIFÍCIL LEVAR o corpo de Hektor para fora do meu quarto depois que eu o matei. O único golpe de sorte foi que ele me insultou na minha cama, e foi aí que ele deu seu último suspiro. Isso tornou possível enrolá-lo em um baú vazio. Travei a maior fechadura que pude encontrar e coloquei a chave junto com o corpo de Hektor antes de fechá-lo.

Ninguém estaria abrindo aquele baú sem uma machadinha.

Mas isso ainda deixou uma bagunça no quarto.

Queimei meus lençóis na lareira e disse à crida que meu sangramento mensal sujara meu colchão. Fiquei surpresa que ela acreditasse na mentira. Eu não tinha sangrado há meses devido ao meu extrato que impede a gravidez.

Eu sabia que não demoraria muito para que Hektor começasse a cheirar mal; então, no dia seguinte, liguei para alguns criados para carregar minha mala até a carruagem. Disse a eles que sairia para encontrar uns amigos para um piquenique e conduzi os cavalos eu mesma.

Quando encontrei o local perfeito, no fundo da Floresta Undatia, esperei pela cobertura da escuridão. Desde que conheci Hektor, não era incomum que eu ficasse fora da noite para o dia, e nem a equipe nem meu pai pensariam duas vezes sobre isso, embora eu soubesse que receberia uma bronca do meu pai mais tarde.

Cavar o buraco foi a coisa mais indigna que já fiz. Demorou quase a noite toda, com muitas pausas para descansar meus músculos doloridos. No momento em que considerei o buraco suficientemente profundo, percebi meu erro.

Era muito profundo e eu não conseguia sair.

Gritei de pânico, presa naquele buraco com nada além de uma pá. Pensei em talvez me cavar escadas, mas me perguntei se minhas forças me abandonariam completamente antes que eu conseguisse.

Começou a chover.

Por fim, pensei com clareza suficiente para tirar minhas botas dos pés. Eu bati os calcanhares na terra e os usei para me arrastar para fora. Meus músculos estavam espasmódicos dentro do meu corpo, e meu vestido estava úmido de lama, minhas narinas cheias de terra.

Mas não me permitiria morrer no túmulo que cavara.

Quando finalmente enfiei o baú sobre a borda do carrinho, a tampa se abriu e Hektor olhou para mim quando comecei a cobrir seu rosto com sujeira.

Fui cuidadosa. A chuva estava escondida nos trilhos dos cavalos. E quando voltei na manhã seguinte, tudo o que restava era destruir meu vestido e chegar ao meu quarto sem ser vista.

Lidei com Hektor como lidei com todo o resto da minha vida: sozinha, e meticulosamente.

Eles não poderiam ter encontrado ele. Mesmo se alguém fosse viajar para a Floresta Undatia, não havia como saber que eles estavam de pé em uma cova.

Nesse caso, Lorde Drivas deve pensar que Hektor simplesmente se demorou demais para ficar de férias, e de alguma forma encontrou dentro de si o desejo de encontrar seu filho. Não que ele se importasse tanto – com Hektor sendo o quarto sobressalente na linha de sucessão.

Algo mudou, mas eu não vou deixar isso me incomodar. Fazer qualquer pesquisa só atrairia mais atenção para mim. Prepararei minhas respostas cuidadosamente para quando Lorde Drivas e seus policiais chegasseem. Caso contrário, continuarei como antes.

★ ★ ★

ALGUNS DIAS DEPOIS, olho á noite para o teto pintado na sala de estar da rainha. Quando eu for rainha, acho que vou refazê-lo. Eu posso ver as estrelas lá fora em qualquer noite que eu desejar. O que eu gostaria de pintar seriam coisas que não consigo ver facilmente.

Talvez uma paisagem de cada um dos cinco reinos conquistados por Naxos. Que, em breve, serão meus reinos.

— Pronto. — Hestia declara. — Eu fiz certo?

Olho para o trabalho dela. — Não. Os pontos devem ser uniformes, e você vai querer apertá-los mais. Isso vai descosturar assim que você tentar colocá-lo.

Ela suspira. — Certo. Mais apertado e mais uniforme. Eu posso fazer isso. Mas como conserto o que já fiz?

Pego a agulha dela e puxo até que a linha deslize do furo.

Coloco a ponta embaixo do último ponto e a uso para puxar a linha.

— Repita. — Eu digo, devolvendo a agulha para ela.

Hestia se recosta no assento e se concentra. Ela está usando um vestido em um lindo tom de turquesa, que eu usei ontem. Eu me pergunto se me imitar em todos os aspectos, está levando-a a algum lugar na corte.

Rhoda, no entanto, está vestida com um vestido amarelo brilhante que mostra todas as suas curvas para seu melhor efeito. Ela está aceitando meu conselho de desconsiderar seu período de luto muito bem.

Rhoda fica do outro lado de Hestia, pedindo a opinião de Galen sobre qual fio ela deve usar para a flor que está costurando. Ele oferece várias cores para ela examinar, e eles discutem os méritos de cada uma. Eu ainda estou confusa com o quanto ela interage com seu criado, mas eu gosto dela o suficiente para não dizer nada sobre isso. Posso ser legal com Galen, se é o que Rhoda gostaria.

Mas tenho que me perguntar se Rhoda não percebe como Galen olha para ela. Ele parece muito distraído com a súbita mudança de roupa dela. Ou talvez seja com ela, apenas.

A porta da sala se abre repentinamente, e um criado vestido com meia e peruca entra, segurando uma caixa nas mãos.

— O que você está fazendo? — Rhoda exige, levantando-se da cadeira. — Nenhum homem é permitido dentro desta sala. — Aparentemente, Galen não conta.

— Perdoem-me, senhoras, mas o rei me enviou. Eu tenho algo para Lady Stathos.

— Aqui, — eu digo, meu semblante se iluminando.

— Minha senhora. — Diz o criado, curvando-se diante de mim e segurando a caixa preta.

Eu pego, o papel de embrulho enrugando sob meus dedos. Uma fita vermelha envolve a caixa antes de terminar em um laço no topo.

A embalagem é razoavelmente leve, e o aroma mais suave de lavanda e hortelã surge dela.

Kallias embrulhou ele mesmo.

— Ah, vamos lá, Alessandra. — Diz Hestia, sua voz ficando mais alta. —

Abra o presente do rei!

Eu puxo o laço, e ele cai. Cuidadosamente, desdobro o papel.

De alguma forma, parece indelicado rasgá-lo. Quando termino, encontro a frente e puxo a tampa, as dobradiças se levantando para cima sem nenhum som.

Perco o fôlego.

Recebi inúmeras jóias e pedras preciosas de meus amantes, mas isso...

Aninhado em veludo preto, há um colar diferente de tudo que eu já vi. Os rubis foram cortados em forma de pétalas, espalhando-se para fora em uma rosa florescendo do tamanho de um punho bem fechado. Armações de aço pretas em cada gema, dando uma bela borda às pétalas, permitindo que cada jóia se destaque.

As damas da sala ofegam apropriadamente.

Rhoda se inclina sobre o meu ombro para dar uma olhada adequada na bugiganga.

— Minha nossa. — Diz ela. — O rei deve estar louco por você. — Mais calma, ela acrescenta: — Muito bem, Alessandra.

Hestia está tão perto que sua respiração está embaçando as gemas. Fecho prontamente a tampa e entrego a caixa de volta ao criado.

— Cuide para que isso seja colocado em meus aposentos. — Eu digo.

— Claro. — Ele volta por onde entrou.

— Como ele é? — Rhoda quer saber. — O rei?

Todo o bordado é renunciado enquanto as damas se inclinam para a frente em seus assentos.

— Ele é muito inteligente e capaz. — Digo, pensando em todas as reuniões e problemas que ele manipula. — E atencioso.

— Oh, nos dê detalhes! — Hestia diz.

Estonteada com a atenção, não posso deixar de dar-lhes alguns detalhes. Eu lhes digo como comemos nossas sobremesas primeiro quando jantamos juntos. Como ele me elogia pelo meu novo traje.

Como ele cheira à lavanda e hortelã. Como ele gosta do seu cachorro gigante. Eu também lhes digo falsidades. Falo de como Kallias beija minhas mãos enluvadas em particular. Como ele sussurra no meu ouvido do nosso futuro. De um passeio romântico sob as estrelas, quando todo mundo está dormindo.

Afinal, tenho que vender a ideia do nosso namoro.

— Ele é romântico. — Termino, amando a maneira como a sala inteira tenta entender cada palavra minha.

★ ★ ★

EU RECEBO UMA NOTA afirmando que Kallias não está disponível para jantarmos juntos, devido ao atraso de um reunião. Suspeito que ele ainda esteja trabalhando duro para capturar com o bandido.

Rumores estão por toda parte no palácio. Aparentemente, houve outro ataque. Os nobres estão pressionando seu rei.

Eu sento sozinha em meu quarto, arrumando o colar na mesa ao meu lado para que eu possa admirá-lo.

Depois, uma empregada me ajuda a tirar meu vestido e vestir uma camisola. Se ela pensa alguma coisa sobre as camisolas que eu mesma fiz, ela não diz nada sobre.

Hoje à noite vesti um modelo de seda amarelo-creme. As mangas – ou tiras, na verdade – pendem dos meus ombros, e o vestido mergulha na frente para revelar apenas uma sugestão dos meus seios. Menos que um decote, na verdade. Uma mera linha não significa revelar muito, mas o suficiente para enlouquecer um homem para querer ver mais.

Se eu tivesse alguém para mostrar.

Sento na beira da minha cama, minhas mãos atrás de mim, apoiando meu peso, quando ele aparece.

Eu pulo de pé antes que eu possa me parar, meu coração disparado.

Mesmo que eu já o tenha visto atravessar paredes antes, isso não me preparou exatamente. Sinto que não é algo que eu possa me acostumar.

Estou orgulhosa de mim mesma por não ter gritado, pelo menos.

Vejo o rosto do rei quando ele adentra mais no quarto e percebo que está olhando para mim. Seus punhos estão cerrados firmemente ao lado do corpo. Apesar da hora tardia, ele está vestido do pescoço aos pés com seu traje diurno.

— Eu pensei que você tinha parado de olhar para as mulheres enquanto elas estavam se vestindo. — Eu digo.

Sua mandíbula treme levemente quando ele diz: — Você está vestida.

— Mas eu poderia não estar. Se você tivesse batido primeiro...

— O que diabos você fez?

Eu cruzo meus braços. Eu me recuso a me esconder, rei ou não.

— Qual o problema com você? Eu não fiz nada.

Incapaz de suportar me olhar de tão longe, ele se aproxima até estarmos a poucos metros de distância. — O castelo inteiro está cheio de gente! Você disse ou não às damas na sala de estar de minha mãe que nos tocamos?

Dedos frios andam pela minha espinha. Não tenho certeza se é melhor mentir ou não. — Servos fofocam. Eles exageram.

— O. Que. Você. Disse?

Eu me afasto da cama. — Estou tentando vender nosso cortejo. Eu embelezei nossas interações. Eu disse que damos passeios à meia-noite juntos e que você é mais íntimo quando estamos sozinhos.

Por que ele está tão preocupado? Não é como se ele tivesse uma reputação a proteger. Ele é o rei. A realeza pode fazer o que bem entender.

— Você disse que nos tocamos? Quais foram suas palavras exatas? — Ele exige.

Eu dou voltas na minha mente, tentando encontrar as palavras.

— Eu disse que você beijou minhas mãos enluvadas em particular.

— Enluvadas? Tem certeza de que disse enluvadas?

— Tenho certeza. Por quê?

Ele passa a mão pelos cabelos, e o estilo imaculado cai, os fios caindo nas suas orelhas.

— Você não pode dizer às pessoas que você violou a lei. Você não pode...

— Você não tem o direito de ficar com raiva de mim! — Eu falo, cansada de ser repreendida. — Você me encarregou de vender nosso cortejo. Esse era o acordo. Se havia coisas que eu não tinha permissão para fazer, você deveria ter dito isso. Agora me diga por que as pessoas não podem achar que nos tocamos. E não ouse tentar me dizer que é para minha segurança. Você pode perdoar alguém por qualquer coisa. Você é rei. Então, o que esses rumores significam para você?

A raiva cai do seu rosto, e acho que ele percebe pela primeira vez que estou de camisola. Seus olhos percorrem meu comprimento.

Lentamente, exatamente como ele fez quando fomos apresentados no baile.

— Eles me deixam fraco.

Ele se vira e desaparece através da parede sólida do meu quarto.

CAPÍTULO
9

Exijo que minha empregada procure algo vermelho em meu guarda-roupa na manhã seguinte. Eu sei exatamente a roupa que ela encontrará. Um vestido até o chão que requer uma anágua para dar algum volume. Da minha cintura até o chão, a seda é reunida em cachos, dando-lhe uma aparência amassada com bom gosto. O corpete fica preto no tronco e abraça minha cintura, chegando a um pequeno ponto sobre cada peito, me dando cobertura total. O vestido é sem mangas, mas uso luvas que chegam quase aos meus ombros.

Eu não queria prejudicar meu novo colar usando um vestido com mangas.

Minha empregada encaixa o fecho na parte de trás e o pingente de rosa vermelha cai sobre minha clavícula, combinando tudo lindamente.

Não estou usando o vestido para o rei. Não depois da noite passada. Não, sou forçada a usar sua bugiganga porque todas as mulheres na sala me viram recebê-la. Como ficaria se eu não o usasse?

Assim que termino, uma bandeja é trazida e colocada sobre a mesa, um café da manhã com frutas frescas, mingau com açúcar e suco feito na hora.

Ao lado da primeira bandeja, um criado traz uma segunda, colocando-a do outro lado da minha mesinha.

— O que é isso? — Eu pergunto.

Então Kallias entra e os criados nos deixam sozinhos na sala.

— Eu deveria saber. — Eu resmungo quando me sento, me perguntando se devo estar preparada para mais punições dele.

— Eu pensei em me juntar a você hoje. — Diz ele, segurando minha cadeira

para mim. — Eu deveria visitar seus aposentos para vender nosso ato. Evitaremos, é claro, o quarto de dormir, para não arruinar sua reputação.

Tomo um gole de suco antes de dizer: — Você estava no meu quarto na noite passada. Essa sala deve ser reservada apenas para quando você quiser gritar?

Ele olha para baixo, envergonhado. — Eu estava apressado em fazer suposições. Eu deveria saber que as mulheres exagerariam suas fofocas. — Ele levanta os olhos da comida, dando uma boa olhada em mim. No meu pescoço. — Você gostou do meu presente?

— Eu gostei mais antes de você gritar comigo.

Seus olhos escurecem e ele para a mão que estava a caminho de correr pelos cabelos. Ele fica absolutamente imóvel por um momento, como se pensasse em algo cuidadosamente.

— Ah, — ele diz finalmente. — Eu ainda não me desculpei.

— Não, você não fez.

— Sinto muito por me comportar como um idiota ontem à noite. Você poderia me perdoar, Alessandra, minha amiga, se eu prometer nunca fazer isso novamente?

— Fazer o que, precisamente? — Eu pergunto.

— Tirar conclusões precipitadas sem chegar primeiro a você, a sério. Não com raiva.

Eu tomo meu tempo, fazendo um bom show pensando sobre isso. Mas é claro que eu o perdoo. Ele de longe me deu as mais sinceras desculpas que já recebi.

— Você poderia gritar comigo, por sua vez, se isso a faria se sentir melhor. — Ele oferece.

— Não estou com disposição para gritar.

— Então guarde para quando estiver de bom humor. É justo.

Eu sorrio. — Eu perdôo você.

A tensão em seus ombros relaxa, e ele se concentra na refeição diante dele. Sem olhar para cima, ele diz: — O colar fica adorável em você.

Ele está realmente buscando minha gratidão. Ele está preocupado que eu não goste?

— É o presente mais requintado que já recebi. — Digo com sinceridade.

Um pequeno sorriso atinge os cantos dos seus lábios. — Sem dúvida, você recebeu muitos presentes de homens.

— Sem dúvida. — Eu respondo de brincadeira.

— Lorde Eliades tentou cortejá-la com presentes?

— Então você notou as atenções dele em relação a mim?

— Acho que todos no castelo podem dizer que ele está apaixonado por você.

Eu sorrio. — Ainda não, ele não está.

— Bom. — Como uma reflexão tardia, ele acrescenta: — Porque não faria as pessoas pensarem que você está sendo cortejada por alguém que não seja eu. Isso arruinaria nossos planos.

— Claro. — Mas isso poderia ter sido apenas uma pitada de ciúmes em seu tom?

★ ★ ★

ENTRO EM MEUS APOSENTOS para a noite, depois de passar uma tarde adorável com as damas na sala de estar. Não vi Kallias, exceto no café pela manhã. Cada vez mais, está se tornando importante pra mim encontrar um caminho para as salas de reunião. Não só desejo ter uma vantagem inicial para começar a administrar o reino, mas se essas salas são onde Kallias passa a maior parte de seu tempo, então eu preciso estar lá.

De que outra forma eu posso fazê-lo se apaixonar por mim, se não estamos passando mais tempo juntos?

Mando minha criada embora assim que visto uma camisola simples e me aproximo da cama.

— Alessandra.

Eu suspiro tão alto que quase engasgo com o ar. Minha mão voa para o meu coração.

— O que *diabos*, Myron?

Ele sai do meu guarda-roupa entre todos os lugares, vestido com brocado intocado, sem rugas à vista, apesar do local apertado em que ele estava.

— Por que diabos você está saindo do meu guarda-roupa? — Eu exijo.

— A única maneira de me infiltrar aqui era esperar até que um criado se distraísse na limpeza. Então eu esperei por você.

— Pensei ter deixado perfeitamente claro que não estaríamos mais nos falando. Como você *ousa* ignorar meus desejos? Isso não vai ficar sem consequências.

Myron sorri como se tivesse acabado de ganhar a herança de seu pai antes de se jogar em uma cadeira almofadada perto da minha cama. — Esse é o problema, Alessandra. Você não tem mais nada para jogar contra mim.

Meu rosto continua sendo uma máscara de indiferença, mas minha pele se arrepia com a orelha. — Do que você está falando?

— Você não ouviu as notícias ainda? Meu pai morreu esta manhã. Meu irmão herdou o viscondado. Estamos bem próximos, Proteus e eu. Garanto-lhe que ele não se importará nem um pouco com o fato de eu ter perdido aquele maldito pingente três vezes em um jogo de cartas. Proteus também gosta de jogar.

Meu sangue fica frio em minhas veias. Minha influência se foi. — Proteus deve ser muito melhor em jogos do que você, considerando que ele não apostou cada centavo que possui.

A mandíbula de Myron se aperta, e ele se levanta abruptamente.

— Não, veja, você não fala mais comigo assim, Alessandra. A não ser que você queira que todo o palácio saiba exatamente o quanto você é realmente uma prostituta.

Minha visão fica embaçada, e pura raiva vibra através de mim.

Minha adaga está na minha bota. Eu penso em usá-la por um segundo.

Mas a morte de Hektor está sendo investigada. Não posso ter outra morte em minhas mãos. E eu nunca tiraria o corpo do palácio sem ser vista. Não, esta situação deve ser tratada com muito cuidado.

Talvez eu pudesse atrair Myron para longe do palácio antes de matá-lo?

— Nada a dizer? — Pergunta Myron. — Ou sua mente precisa de mais tempo para processar isso? Talvez eu possa ajudar, deixando sua situação perfeitamente clara. — Ele se inclina para frente.— Eu possuo você. Você fará o que eu disser, sempre que eu disser. E você vai começar me colocando nesse jogo na propriedade do visconde amanhã à noite.

— O jogo? — Eu pergunto. — Por que você gostaria de ir?

— Porque é hora de fazer alguns amigos mais poderosos. Devo muito dinheiro a muitas pessoas. Meu irmão pode fazer muito por mim. Mas você? A mulher cortejando o rei? Você vai me levar para as propriedades mais prestigiadas do reino. E quando o mundo te vir – a *escolhida do rei* – sendo levada pelo meu braço, eles saberão que sou alguém para prestar atenção.

Não não não não não não não não.

Soltei um suspiro de ar com a maior calma possível antes de me sentar na beira da cama, colocando um olhar derrotado no rosto.

— Errei ao tratá-lo como o fiz, Myron. Eu sinto muito. Mas não precisamos ser inimigos. Nós podemos nos ajudar. Fico feliz em colocar você no jogo.

— Poupe o ato, — diz Myron, imóvel. — Eu te conheço há muito tempo

para saber quando você está fingindo.

— Eu garanto que você nunca poderia dizer quando eu estava fingindo.

As bochechas de Myron ficam vermelhas e seu pescoço parece estourar uma veia. Ele se aproxima de mim e levanta a mão como se pudesse me bater. Ele faz uma pausa e depois a solta. — Eu não sou de violência. Eu não preciso bater em você. Como eu disse, eu tenho você. Agora me envolva nesse jogo, ou vou contar ao rei tudo sobre como você gosta de passar suas noites.

★ ★ ★

ISSO NÃO PODE ESTAR ACONTECENDO.

Eu sempre sentei ao lado do rei, com toda a nobreza observando todos os meus movimentos, como se eles pudessem aprender os segredos dos maiores mistérios da vida se eles apenas me encarasse por tempo suficiente.

E hoje?

Hoje, Myron está sentado à minha esquerda, não o rei. Orrin, lorde Eliades, tendo visto uma oportunidade, rapidamente se sentou à minha direita. Rhoda e Hestia me lançam olhares questionadores do outro lado da mesa. Mas não consigo fazer muito mais do que encarar minha sopa.

— Sentimos sua falta no baile de caridade, — diz Orrin. — Doei dois mil necos ao abrigo para sem-teto em Naxos. Uma quantia tão pequena em comparação com a vastidão da minha renda anual, mas pretendo dar muito mais ao longo do ano.

Myron se inclina. — Sorria, querida; todo mundo está assistindo. Faça agora, ou terei que iniciar uma conversa que não seja apropriada para a mesa do almoço.

Meus lábios levantam, mas é mais uma careta do que qualquer outra coisa.

Sinceramente, não posso dizer qual diabo é pior, o da direita ou o da esquerda.

Não dormi uma piscadela ontem à noite. Em vez disso, tenho planejado como sair da minha situação com Myron. Até agora, não tenho nenhuma ideia, salvo assassinato definitivo, mas preciso ser paciente. E, de alguma forma, garantir que Myron não ponha em risco minha posição com o rei.

Leandros, Petros e Rhouben sentam-se juntos do outro lado de Rhoda, conversando entre si. Oh, eu daria tudo para estar desse lado da mesa.

Melita Xenakis, a noiva de Rhouben, mantém um aperto firme em seu braço,

como se ela não o fizesse, ele escaparia dela.

Rhouben tenta comer sua comida com a outra mão enquanto a ignora descaradamente.

Melita, no entanto, fica olhando para este lado da mesa entre cada mordida de comida.

Para Orrin, eu percebo.

Isso é admiração nos olhos dela?

Que interessante.

— O que você acha dos atos de caridade de lorde Eliades, lady Xenakis? — Eu pergunto, falando por cima da próxima observação chata de Orrin.

Melita sacode como se estivesse saindo de um transe. — Me perdoe?

— Você não estava admirando a generosidade do conde? Ou era algo mais?

Vermelho arde em suas bochechas. Ela se afasta de mim e se inclina para Rhouben. Olho de um lado para o outro entre Rhouben e Orrin. Orrin é certamente mais bonito, o que provavelmente atrairia uma mulher vaidosa como Melita. Eu tive várias outras conversas com Leandros e seus amigos desde a primeira reunião do almoço. Eu sei que Rhouben é o primogênito de um visconde. Um visconde muito rico. Ele herdará um dia. Mas Orrin é um conde. Já na posse de sua terra e título.

Uma ideia começa a se formar. Uma que poderia me livrar de Orrin e Myron.

— Sua Majestade, o Rei! — Um arauto explode e todos estão subitamente de pé. Hestia se levanta tão rapidamente que sua colher joga gotas de ensopado na túnica de Orrin. Meu humor melhora um pouco.

Kallias entra na sala, dá uma olhada nos assentos vazios na cabeceira da mesa e diz: — Lady Stathos?

— Sim? — Eu pergunto, sempre aliviada por ele estar aqui.

— Venha se juntar a mim, sim?

Não espero que um criado me ajude a sair da cadeira. Eu praticamente pulo dela. Kallias me observa enquanto passo por Myron, um olhar de pura gratidão no meu rosto.

— Quem é aquele homem? Eu não o conheço. — Diz Kallias enquanto me sento.

— Ele não é ninguém. — Digo com toda honestidade.

— Agora estou mais curioso.

O grande salão voltou a vibrar com força total, então ouso levantar a voz um pouco. — O nome dele é Myron Calligaris. Ele é filho de um visconde.

— E como vocês dois se conheceram?

— O pai dele tinha negócios com o meu pai. Nós nos encontramos algumas vezes quando ele vinha para a propriedade Masis.

Kallias tem sua atenção na comida, mas não posso deixar de sentir como se a indiferença fosse forçada. — Vocês são amigos, então?

— Não mais. — Cometo o erro de olhar para Myron, que pisca para mim.

— Ele parece muito amigável.

Aquele tom. Oh, como eu gostaria de poder lê-lo. — Você poderia agrupá-lo com Eliades. Ah. Um admirador que hesita em desistir. Eu mal posso culpá-los por isso.

Coloco minhas mãos no meu colo enquanto um criado pega meu prato do meu assento anterior e o coloca diante de mim.

— Outra reunião ocupou você? — Eu pergunto com cuidado. — O bandido atacou de novo?

As sombras de Kallias escurecem. — Desde a última vez, não. Mas tivemos notícias de outro problema.

Concordo com a cabeça, concentrando minha atenção na minha comida. Eu não quero perguntar. Eu quero que ele me diga por conta própria. Eu quero que ele confie em mim. Confie em mim.

Minha paciência é recompensada.

— Recebemos delegados de Pegai. — O reino mais recente que Kallias conquistou. — As notícias que eles trazem não são boas. Existem atos abertos de rebelião que se espalham pela direita e pela esquerda. As pessoas matam meus soldados. Iniciam incêndios no quartel. Jogam comida podre na minha regente quando ela passa pelas ruas.

— Eles se opõem à sua lei?

Um músculo pulsa em sua mandíbula. — Eles foram derrotados. Eu os conquistei justa e honestamente. Os impostos deles não são mais do que eram antes, e meus soldados protegem toda a cidade. A única ilegalidade encontrada é nos camponeses insurgentes.

— Então, o que há para ser feito? Enforcamentos públicos?

— Até agora, foram apenas açoites públicos. Quanto menor a população, menos impostos eu recebo. Eu pretendo avançar para conquistar Estetia até o próximo ano. O exército precisa do dinheiro. — Ele levanta os olhos da comida de repente. — Isso não pode ser interessante para você. Não precisamos discutir isso.

— Acho isso fascinante. — Respondo. — Mas, se eu perguntar, açoitar um

homem não dificulta seu trabalho? Como você obterá seus impostos, então?

— Você tem uma ideia melhor?

— Muitas vezes, não é o medo de punição que impede as transgressões. — Como sei muito bem da minha história de desobedecer ao meu pai. — Às vezes, trabalhar para ganhar algo é melhor. O que o povo de Pegai quer além de sua independência?

Ele se vira para mim. — Eu não sei.

— Talvez um bom lugar para começar seja dar-lhes uma voz. Permita que eles selecionem alguém de sua própria escolha para fazer parte do conselho do regente – se os ataques cessarem.

— Você daria a eles mais poder? — Ele pergunta incrédulo.

— Claro que não. Eu daria a eles a ilusão de poder. Depois de saber quem eles escolheram e com quem essa pessoa mais interage, você encontrará os líderes. E você pode acabar com todos eles. Esmague toda a rebelião sob os pés.

Ele engole a comida na boca. — Alessandra Stathos, isso é positivamente desprezível. — Ele diz as palavras como se fossem o maior elogio que ele pode me dar. — Você é uma jóia absoluta, sabia disso?

Meu corpo inteiro esquenta com os elogios.

★ ★ ★

NAQUELA NOITE, faço perguntas. Primeiro ao visconde, o irmão de Myron, Proteus. Então, para o dono do popular salão de jogos, que eu sei que Myron frequenta.

Estes são os primeiros passos para colocar meu plano em ação.

Isso ainda não acabou. Não por um longo tempo.

CAPÍTULO
10

O vestido que escolhi para esta noite é talvez o mais requintado.

Na minha primeira saída do palácio, quero chamar atenção. Quero que todos saibam que sou eu quem corteja o rei de seis reinos.

Mesmo que ele não esteja presente comigo.

O vestido é prateado, a saia mostrando fitas soltas feitas para parecer cachoeiras caindo pelos lados. Minúsculas pedras preciosas, safiras e esmeraldas são moldadas para parecer peixes pulando do tecido agrupado ao longo da bainha.

Meu único acessório é um leque cinza, perfeito para ocultar minhas feições, caso a peça seja tediosa.

E, é claro, para esconder minha aversão por Myron.

Ele tem os cachos tirados dos olhos e presos na nuca com uma fita. Sua jaqueta é de cor ébano, com pespontos dourados nas bainhas, nos ombros e na frente. Calças pretas apertadas com botões dourados adornam suas longas pernas.

— Seu braço, Alessandra. — Diz Myron quando saímos da carruagem.

Abstenho-me de cerrar os dentes enquanto coloco meu braço no dele.

Rhoda e Hestia nos acompanham. E apesar de eu ter apresentado Myron para ambas como um amigo de infância, elas continuam lançando olhares interrogativos para ele.

— Não posso acreditar que você não queria me dizer que cor você estaria vestindo hoje à noite, — Hestia geme ao meu lado. — Eu deveria ter adivinhado

prata!

— Seu vestido rosa é adorável. — Digo a ela. — Você parece uma fada da primavera.

— Preciso estar vestindo o que a futura rainha está vestindo.

Estou muito lisonjeada com a suposição para dizer qualquer coisa imediatamente.

— Em algum momento, — Rhoda propõe. — Você realmente deve se tornar sua própria versão, Hestia. Encontre o seu próprio estilo. E se aproprie.

Hestia a ignora.

— Acredito que isso seja suficiente, senhoras. — Diz Myron. — Venham comigo.

— Podemos conversar enquanto caminhamos. — Provoco. Ele não tem permissão para tratar minhas amigas dessa maneira. Ainda assim, Hestia e Rhoda não dizem nada enquanto percorremos o caminho.

O visconde e a viscondessa de Christakos têm uma propriedade encantadora. Arbustos cuidadosamente aparados alinham a entrada.

Degraus de mármore levam à porta da frente, e o visconde e sua esposa estão vestidos apenas com as mais finas sedas e cetins.

A senhora da propriedade segura minha mão na dela quando é a nossa vez de nos cumprimentarmos. — Lady Stathos! Que honra é recebê-la em minha casa, mas onde está Sua Majestade? — Ela olha para Myron, como se apertar os olhos pudesse transformá-lo em Kallias.

— Detido pelo trabalho, receio.

— Uma pena. Fique à vontade, e espero que diga a ele sobre como você gostou da nossa hospitalidade.

Myron aperta mais meu braço.

— Em vez disso, estou acompanhada pelo meu amigo Myron Calligaris. — Digo desajeitadamente. — Segundo filho do falecido visconde.

— Oh. Como vai? — A viscondessa pergunta educadamente.

— Muito bem considerando, minha senhora. Espero que você não se enfureça muito com Alessandra por me permitir acompanhá-la na ausência do rei. Ela pensou que a distração poderia me fazer algum bem.

A viscondessa sorri, mas ela olha incisivamente para os convidados atrás de nós, sugerindo claramente que gastamos muito o tempo dela.

— Lady Christakos tem muito mais convidados para cumprimentar. Deveríamos seguir para aproveitar as festividades. — Digo. Então começo a andar, puxando Myron comigo antes que ele possa dizer qualquer outra coisa

estúpida.

O salão do baile estava livre de tudo, exceto cadeiras almofadadas, que estão formadas em círculo ao redor do meio do chão, que suponho que sejam reservadas para o palco.

Nossos assentos estão na primeira fila, porque foram selecionados para a realeza.

— Veja! É o duque de Demétrio. Sua filha entrará para a sociedade no início da próxima semana. Alessandra, você deve me apresentar.

Sei sobre o baile realizado em homenagem à filha do duque. Já aceitei um convite para o evento, mas não posso ir até lá agora e deixar Myron me fazer de boba mais uma vez.

— A peça começará em breve. — Argumento. — Não há tempo.

Myron me responde com um olhar. Um olhar que indica muito claramente o que acontecerá se eu não fizer o que ele pede.

Mas tento novamente. — Há um assento vago ao lado dele. Você pode pegá-lo antes que alguém o faça. Então você terá toda a peça para conversar com ele.

Myron pensa sobre isso por apenas um segundo antes de nos deixar.

Agradeço aos demônios. E eu realmente espero que ele não cause muito dano sozinho.

Finalmente tomamos nossos assentos. Rhoda senta no meio entre mim e Hestia, a cadeira à minha esquerda desocupada.

— Lembre-me por que o trouxemos conosco? — Rhoda pergunta.

— Não tive escolha. Meu pai exigiu que eu o apresentasse a algumas pessoas novas. — Minto.

— Pensou rápido em se livrar dele, no entanto. — Diz Hestia.

— Obrigada. Eu gostaria de nunca ter ficado *amiga* dele. — Interpreto apressadamente a palavra que quase deixei de fora. — Ele só está me usando devido a minha ligação com o rei. — Olho para as meninas à minha direita. — Essa é a única razão pela qual somos amigas?

Hestia parece ofendida. — Claro que não! Foi o seu vestido que me fez querer ser sua amiga! E agora que te conheço, não poderia dizer menos sobre o que você veste! Bem, na maior parte. — Ela altera.

— Admirei sua capacidade de prender um homem tão rapidamente. — Acrescenta Rhoda. — Não teve nada a ver com o rei especificamente. Não somos todos atraídos por nossos amigos por coisas insignificantes no começo? Os laços verdadeiros se desenvolvem depois, quando o caráter é revelado.

Satisfeita com as respostas, olho para o palco vazio.

Um cavalheiro com cachos bronzeados fixa os olhos no lugar vazio ao meu lado e me dá um sorriso.

Leandros.

— Alessandra. — Diz ele depois de se aproximar. — Estou tão feliz em ver que você se juntou a nós fora do palácio abafado por uma noite. No entanto, você conseguiu se separar do rei por tempo suficiente? Você não me daria falsas esperanças, não é?

Oh, ele é um flertador. Amo isso.

— Está tudo em seu coração. lorde Vasco. — Reclamo.

Ele joga as mãos sobre o coração dramaticamente. — Você me feriu com seu discurso formal.

— Onde estão seus companheiros? — Pergunto, olhando atrás dele por sinais de Rhouben e Petros.

— Estou surpreso que você não consiga sentir o desgosto de Rhouben daqui. Você o encontrará à direita. Terceira fila da frente.

O brilho de seu traje se destaca como um farol. Eu o teria visto se tivesse olhado. Suas roupas brilhavam com ouro e vermelho. Em qualquer outro homem, pareceria ridículo, mas ele usa com confiança. À direita, vejo a razão de seu desgosto.

Melita Xenakis. Ela tem o braço dele em um aperto mortal, parecendo bastante satisfeita consigo mesma. Como se Rhouben fosse um peixe que ela acabara de pegar. Como se sentisse meu olhar, ela olha na minha direção. Quando ela vê o assento vazio ao meu lado, onde o rei deveria estar sentado (ou talvez ela esteja pensando em Orrin?), ela sorri para si mesma e desvia o olhar.

Que vad…

— E Petros está rindo no canto com lorde Osias.

— Não é o homem que estava flertando com a namorada dele no baile?

— Sim, bem, Petros decidiu que dois podem jogar nesse jogo.

— Que conivente da parte dele, — Digo com um sorriso.

— Ah, não! — Hestia diz de repente. — Um lacaio está trazendo lady Zervas para cá. Leandros, sente-se!

Leandros tenta me pedir permissão, mas Hestia se levanta e o empurra para o assento vazio ao meu lado antes de se sentar novamente. O lacaio não perde o ritmo, alterando um pouco o curso para levar Lady Zervas para um novo local.

— Por que não queremos que ela fique conosco? — Eu pergunto, inclinando-me para Rhoda.

Hestia faz o mesmo, curvando-se sobre o colo de Rhoda para que eu possa

ouvi-la sussurrar. — Ela é uma chatice terrível. Tão melancólica o tempo todo. Nós não nos divertiríamos com ela por perto.

— Eu não a reconheço da sala de estar da rainha. — Digo.

— Isso é porque ela não se une às outras damas. — Diz Rhoda.

— Ela fica sozinha a maior parte do tempo.

— Me pergunto por que ela fica no palácio se não gosta da companhia.

— Ela tem que ficar! — Rhoda explica. — Sua presença foi ordenada no palácio, assim como todos nós.

Ah, ela estava lá na noite em que o rei morreu. Agora o palácio é sua prisão até que o culpado seja encontrado.

Observo Lady Zervas sentar-se. Assim que ela se senta, olha diretamente para mim, sua expressão praticamente letal.

Leandros ri do meu lado.

— Por que ela está me olhando assim? — Pergunto.

— Todas as mulheres vão olhar para você assim quando você estiver sentada ao meu lado. É o ciúme.

Dou-lhe um olhar duvidoso.

Ele sorri. — Tudo bem, pode não ser por minha causa. Mas é o ciúme.

— Porque eu estou cortejando o rei? Ele tem menos da metade da idade dela!

— Não, não Kallias. Foi o falecido rei que Lady Zervas cortejava. Eles tiveram um breve namoro antes que o coração do rei fosse roubado pela falecida rainha. Zervas nunca o superou. Ela vê você em uma posição onde estava uma vez, e a inveja por isso, imagino.

Agora olho para a dama sob uma nova luz. Seu cabelo volumoso está riscado de cinza, mas não a faz parecer velha, mas digna. Ela se carrega com um ar de importância, mas não se importa em olhar para ninguém ao seu redor agora que já me observou. Sim, ela se comporta como se fosse uma rainha.

— Esta noite, ela é minha pessoa favorita. — Continua Leandros. — Não sei de que outra forma eu poderia ter convencido você a me deixar sentar ao seu lado.

Reviro os olhos para ele, no momento em que algumas das luzes da sala se apagam, escurecendo o palco improvisado.

Os atores tomam seus lugares, correndo pelas frestas entre as fileiras de cadeiras para chegar ao centro. E a performance começa.

★ ★ ★

A PEÇA É TÃO terrivelmente chata. No final, os dois amantes ainda não foram capazes de reconciliar suas diferenças para ficarem juntos. Toda a performance foi um longo argumento, na verdade. Não havia brincadeiras de espada, socos, nada emocionante.

O próximo evento que concordei em participar era o baile de debutante para a filha de 16 anos do duque e duquesa de Demétrio, primos distantes do rei, mas relações nunca são demais, no entanto.

Envio outra nota a Kallias, convidando-o a se juntar a mim, esperando que desta vez seja diferente, considerando que ele tem uma conexão com a família, mas sua resposta é a mesma.

Minha querida amiga Alessandra,
Eu gostaria de poder acompanhá-la. Gostei bastante da última vez que dançamos. Infelizmente, estou trabalhando duro para colocar seu plano para Pegai em ação. Com alguma sorte, teremos os rebeldes reprimidos antes do final do mês.

O conselho e eu também estamos lidando com o mais recente ataque do bandido mascarado, desta vez muito perto do palácio para o meu gosto. Temos pelo menos uma descrição mais precisa do homem. Capuz marrom. Máscara marrom sobre os olhos.

Claro que isso foi sarcasmo.

Receio também ter que pular o jantar esta noite. O conselho levará isso para a sala de reuniões hoje à noite.

Espero sinceramente que você esteja aproveitando seu tempo entre a nobreza. Ouvi que o seu amigo Calligaris a acompanhou na peça do visconde. Fico feliz em ver que você conseguiu encontrar um substituto para

mim.

Seu,
Kallias

Um substituto? É ressentimento que detecto nos golpes de sua mão? Ou talvez um aviso sutil?

Eu preciso me livrar de Myron, e rápido. Para fazer isso, preciso falar com Rhouben. No entanto, também preciso falar com Kallias na tentativa de fortalecer nosso cortejo. Peso as duas opções, tentando decidir o que fazer primeiro. Faz muito tempo desde que vi o rei. Devo localizá-lo.

Não me aproximo mais de alcançar meus objetivos quando os dias passam sem que nós dois nos vejamos. Como o rei deveria se apaixonar por mim então?

Nenhum servo está acima do suborno e uso qualquer um que eu possa encontrar em todo o palácio para me direcionar para as salas de reunião usadas pelo rei e pelo conselho.

Minha tarefa final é difícil. Tenho que parecer cortejar o rei, mas também tenho que aparecer para Kallias como se só quisesse ser sua amiga. O tempo todo, na verdade, tentando fazê-lo se apaixonar por mim.

É uma linha tênue de andar.

Chego até um corredor deserto, sem saber para onde ir, quando uma figura dobra uma esquina.

— Leandros!

— Alessandra! Você está me procurando agora? Foi sobre nosso tempo juntos na peça? Você finalmente enxergou a razão e terminou com Kallias?

Mascaro o sorriso que quer aparecer. — Na verdade, estou procurando por Kallias.

Leandros olha em volta de si mesmo interrogativamente. — Nos meus aposentos?

Gemo. — É onde estou? Estou procurando as salas de reuniões. Um criado me indicou esse caminho.

— Estes são os quartos de hóspedes. Garanto que o rei não está em lugar nenhum neste andar.

— E paguei a esse último homem um neco pelas instruções.

Claramente, fui enganada.

— Ou você tomou um rumo errado.

— Você se atreve a sugerir que a culpa é minha?

Um brilho aparece em seus olhos. — Você está sendo cortejada por um rei. Eu não ficaria surpreso se sua mente estivesse em outro lugar enquanto você viajava pelo castelo.

Estreito meus olhos. — Não sou o tipo de dama que desmaia por um título.

— Que tipo de dama você é? — Ele pergunta, sua voz assumindo um tom brincalhão.

— O tipo que gosta de atenção do seu talvez pretendente. — Eu não quis dizer isso em voz alta, mas o pensamento amargo veio à tona, no entanto.

Leandros assente, como se isso fizesse sentido para ele. — Posso acompanhá-la até as salas de reuniões? Não tenho nada melhor para fazer do que passar um tempo com uma mulher bonita.

Concordo com gratidão. — Por favor, faça isso. Nesse ritmo, o rei já terá partido quando um servo competente me indicar o caminho certo.

— Ainda estamos culpando os criados, não é?

Estou com vontade de dar um tapa nele.

Leandros ri com o olhar no meu rosto. — Me perdoe. Por aqui.

Ele me oferece o braço e eu o pego.

Depois de alguns instantes, digo: — Não acredito que estou reduzida a isso. Procurando por ele durante suas reuniões. — Leandros pensará que estou chateada apenas porque o homem que está me cortejando não tem tempo para mim.

— Um rei é muito ocupado. — Diz ele. — Tenho certeza que se ele pudesse passar mais tempo com você, ele o faria.

— Foi isso que você disse a si mesmo quando ele se afastou? — Pergunto.

Os músculos do braço que estou segurando começam a endurecer. Talvez isso tenha sido muito duro.

— Não. — Ele diz finalmente. — Eu sabia que Kallias precisava se curar após a morte de seus pais. Ele tinha acabado de chorar por seu irmão, apenas para ter seus pais tirados dele. Tenho dado tempo para ele, porque pensei que, eventualmente, ele se apoiaria em mim e em seus outros amigos em busca de apoio. Mas ele não se recuperou.

— Kallias tinha um irmão? — Pergunto.

— Você não se lembra da morte do príncipe herdeiro?

Balanço a cabeça.

— Você era jovem quando isso aconteceu. Xanthos Maheras era o irmão mais velho de Kallias por dois anos. Me disseram que o rei esperava muito dele,

mas eu não o conhecia na época.

— O que aconteceu com Xanthos?

— Um acidente, eles dizem.

— Que terrível.

Leandros assente. — Meu tio me levou ao palácio alguns anos depois, pensando que a companhia de garotos da idade dele poderia ajudar. Eu não estava realmente preparado para gostar dele… é uma amizade planejada, entende?

Eu conheço o sentimento precisamente.

— E agora que seus pais se foram — Continua Leandros. — Kallias não confia em ninguém. Salve você, ao que parece. — Uma pausa. — Como ele está?

Dou um tapinha no braço de Leandros. — Ele parece bem o suficiente. Ele está terrivelmente ocupado levando tudo em seus ombros. Mas temos boas conversas.

— Só me preocupo que ele tenha esquecido completamente como se divertir.

Diversão.

Sim, é exatamente disso que Kallias precisa. Alguém para lembrá-lo de como é se divertir.

— Aqui estamos. — diz Leandros quando entramos em um novo corredor. — Direto em frente. Você não vai perder.

— Obrigada pela ajuda. Nunca teria encontrado sozinha.

— Por nada. — Leandros puxa o braço de volta e seus olhos pousam no colar na minha garganta – a rosa cravejada de rubis. — Lindo.

— Foi um presente de Kallias.

— Os poetas dizem que o valor de uma mulher virtuosa está acima dos rubis. Acho que o rei valoriza você mais do que todas as jóias preciosas do mundo juntas. Eu sei que o faria se você fosse minha.

E ele se despede, desaparecendo de vista.

Fico olhando para ele, uma mistura peculiar de emoções rodando dentro de mim.

Os poetas podem dizer o que quiserem. O valor de uma mulher não é decidido pelo que está entre as pernas, mas pelo que está em sua mente.

Mas os flertes de Leandros estão além de lisonjeiros. Talvez ele possa ser alguém para usar no futuro, caso eu precise deixar Kallias com ciúmes. Ou, se os dois fossem melhores amigos, Leandros saberia mais do que eu sobre os interesses e hobbies de Kallias. Ele poderia ser uma fonte valiosa de informação,

se eu pudesse abordar o assunto naturalmente.

Quando chego ao fim do corredor, sou parada por um homem com óculos grandes demais, sapatos de salto alto, calças justas e uma túnica preta. Ele segura uma caneta e um pergaminho nas mãos.

— Minha senhora, posso ajudá-la? — Ele pergunta. Ele tenta ser sutil em relação ao olhar que me dá, mas vejo isso claramente.

— Meu nome é Lady Alessandra Stathos. Eu esperava encontrar Sua Majestade entre as reuniões.

O homem se curva. — Ouvi falar da sua chegada à corte, Lady Stathos. Tenho certeza de que o rei adoraria saber que você passou aqui, mas temo que ele esteja em reuniões consecutivas pelo resto do dia.

— Eles trocam de sala? Talvez eu possa encontrá-lo de passagem...

As portas se abrem e um grupo de homens e mulheres saem. O nomeador agarra meu braço para me tirar do caminho para eu não ser atropelada.

— Perdoe-me, minha senhora. — Diz ele uma vez que a multidão furiosa passou. Ele desaparece na sala, e eu o sigo prontamente antes que a porta possa fechar.

A sala é menos uma sala de reuniões do que uma de assembleias. Os bancos ocupam mais da metade do espaço. Contra a parede oposta repousa um trono e uma dispersão de cadeiras menores. Enquanto Kallias ocupa o trono, os membros do conselho ocupam os assentos ao redor.

É uma sala onde as decisões são tomadas, onde o poder é exercido. Quando Kallias estiver morto, estarei à frente desta sala, decidindo o destino dos outros.

Kallias me vê quase que imediatamente. Ele se levanta e passa pelo nomeador para me alcançar.

— O que você está fazendo aqui? — Ele pergunta calmamente.

— Montando um show. — Respondo. — Sinto falta do meu pretendente. Pensei em te roubar um pouco. Poderíamos dar um passeio a cavalo pelas montanhas.

— Parece adorável, mas temos mais compromissos agendados, receio. Eu não posso nem dar um passeio pela sala com você.

— Oh. — Digo, colocando para fora. — Bem, o que foi tudo isso? — Faço um gesto em direção aos nobres raivosos que saíram em um bufo.

Kallias esfrega sua têmpora. — Mais pessoas da nobreza que foram separadas de seus objetos de valor por nosso bandido mascarado.

— Você colocou uma patrulha mais pesada nas estradas?

— Isso e mais. Fizemos tudo o que conseguimos pensar. Lady Tasoula

questionou pessoalmente os comerciantes que vivem nas áreas onde esses roubos ocorreram. Nenhuma das pessoas vai falar contra o bandido. Ele é o herói deles. Eles não vão se voltar contra ele. Suspeito, no entanto, que nenhum deles conheça sua verdadeira identidade.

— Ampelios… questionou muitos dos camponeses. Mas não pegamos ninguém que aceitou a caridade do bandido. Sem os comerciantes cooperando nos dizendo quais camponeses de repente têm mais moedas de sobra, não temos como saber quem está recebendo as moedas roubadas.

— Tentamos ataques espetaculares para pegá-lo, sem sucesso. Emitimos uma recompensa por sua captura, mas nenhuma alma é tentada por ela. Este homem está me fazendo parecer um tolo. Quando por as mãos nele… — Kallias interrompe de repente, lembrando com quem está falando. — Eu sinto muito. Estou deixando meu temperamento tirar o melhor de mim. Você não deveria estar aqui para lidar com isso.

Os membros do conselho estão calados, escutando a conversa sem se preocupar em fingir o contrário. Lorde Vasco olha entre Kallias e eu, esperando para ver como vou responder.

— Majestade, tenho uma ideia para lidar com o bandido, se você quiser ouvir. Como você gostou tanto do meu conselho ao lidar com os rebeldes em Pegai, espero que confie em mim o suficiente para me deixar falar sobre esse assunto também. — As palavras floridas são para o benefício do conselho, é claro.

Kallias pisca lentamente. — Por favor, continue.

— Se as tentativas de prender o bandido não deram certo, então talvez uma armadilha para aqueles a quem ele está entregando seus bens roubados ajudaria? Então você pode encontrar as pessoas certas para questionar a identidade do ladrão.

— O que você proporia? — Kallias pergunta.

— Derreta algumas moedas. Crie um novo selo para marcá-las, algo que varia apenas um pouco do selo atual. Quando o dinheiro for roubado e usado para comprar coisas no mercado, você pode prender quem for encontrado carregando-as.

A sala fica em silêncio.

— Isso é... muito trabalho para colocar em um plano simples, — Diz Lady Terzi, tesoureira do reino. Ela tem um livro grande à sua frente. — Se algo der errado e perdermos esse dinheiro...

Kallias se vira para encarar a mulher. — Deveríamos colocar esse plano em

ação. Imediatamente. É a melhor ideia para sair desta sala. A menos que alguém tenha outras objeções? — Seus dentes cerram quando ele responde à pergunta. Até os 21 anos, ele não tem a palavra final, lembro. Ele tem que depender do voto do conselho.

Quando ninguém fala, Kallias repete a ordem, antes de voltar para mim. Ele esfrega a parte de trás do pescoço, girando-o até ouvir um *estalo* fraco.

— Agora que está em andamento, você estará livre para se juntar a mim no baile de Demetrio? — Pergunto esperançosamente.

— Sinto muito, querida. Eu governo seis reinos diferentes. Sempre há mais a ser discutido. Não tenho tempo para festas, bailes ou peças de teatro. Mal tenho tempo para comer e dormir.

Atrevo-me a dar um passo mais perto, e lavanda e hortelã tomam conta de mim. — Apenas lembre-se, Kallias. Para sermos convincentes, precisamos ter a aparência de um casal que *se corteja. Casais que estão se cortejando fazem coisas juntos. Eles participam de festividades juntos.*

Ele me olha por mais um momento. — Vou lhe enviar mais presentes.

O quê? Isso é para me apaziguar? Ou tornar a fachada mais convincente?

— Epaphras! — Kallias grita.

Pulo quando o nomeador se apressa.

— Por favor, acompanhe Lady Stathos fora da sala de reuniões.

Sou escoltada sem mais nenhuma outra palavra.

CAPÍTULO
11

Não consigo decidir se aquilo correu bem ou não.

Por um lado, acho que apenas impressionei o conselho. Por outro, não estou mais perto de conseguir que Kallias passe mais tempo comigo. Talvez o pouco que tenho de sabedoria me faça ser convidada para futuras reuniões?

Provavelmente é demais para esperar.

Ainda assim, vou precisar esperar e ver o que acontece e tenho outros problemas para resolver.

Depois de procurar em todos os lugares por Rhouben, um criado finalmente me leva a uma das salas de bilhar do palácio. As damas geralmente não entram no ambiente dos jogos, mas não vou deixar que isso me pare.

É claro que ele está acompanhado por Leandros e Petros.

— Alessandra! — Leandros exclama. — Você me procurou duas vezes em um dia. Você é realmente uma provocação terrível.

— Não *te* procurei. Lembrarei que estava procurando pelo rei antes. E agora, na verdade, estou aqui para ver Rhouben.

— Ele está com alguém, minha dama. Você realmente gosta de olhar para o inatingível, não é?

— De jeito nenhum, embora essa pareça ser sua estratégia.

Petros ri enquanto aplica giz no seu taco de bilhar. — Ela te pegou.

— Por que você precisa me ver? — Rhouben pergunta enquanto se inclina sobre a mesa, avaliando a bola branca e sua trajetória pretendida.

— Tenho um pretendente indesejado do qual quero me livrar.

— Ai. — Petros diz em nome de Leandros.

Reviro meus olhos. — É claro que estou falando de Myron Calligaris.

— Pensei que era Eliades que estava lhe causando problemas. — afirma Leandros.

— Ele também. Na verdade, meu plano deve me livrar dos dois.

Rhouben acerta a bola mestra e uma série de barulhos resulta enquanto outras bolas coloridas ricocheteiam.

— Sou a pessoa errada para ajudá-la. — diz ele enquanto se levanta. — Se soubesse me livrar de atenção indesejada, não ficaria noivo de Melita. Mas meu pai me ameaçou com deserdação se eu não cumprir seus desejos.

— Apenas conte ao rei sobre esses idiotas. — diz Petros para mim. — Uma ameaça do homem mais poderoso do mundo certamente os fará recuar.

Eu absolutamente não posso fazer isso. Se Kallias confrontar Myron, Myron arruinará tudo com sua boca grande.

— Espero fazer isso sem envolver Kallias. — Digo. — Não preciso dele lutando minhas batalhas por mim.

— Quer que eu o desafie para um duelo? — Leandros pergunta, enquanto se inclina sobre a mesa de bilhar para sua vez. — Este sujeito Myron não pode incomodar você se ele tiver uma espada presa no estômago.

— Também não preciso de você lutando nas minhas batalhas. — Digo.

— Então *você o* desafia para um duelo. — Diz Leandros, com um sorriso nos olhos. Ele se levanta de sua jogada, e a jogada vai para Petros.

— Eu luto com minha mente. Não com armas. É por isso que estou aqui. Preciso que Rhouben me ajude a colocar um plano em ação.

— Acho que acabamos de discutir o quão abismal eu sou em me livrar de atenção indesejada. — Diz Rhouben. — A única coisa que funciona com Melita é me esconder, como estou fazendo agora.

— E se eu te disser que tenho um plano para libertá-lo de Melita?

Rhouben se endireita tão rapidamente que ouço suas costas estalarem. — Você está falando sério?

— Muito.

— O que você precisa? Diga e é seu. — Ele mal consegue expressar as palavras rápido o suficiente.

Leandros e Petros pausam o jogo para ouvir.

— Primeiro, preciso que você responda algumas perguntas, se quiser?

— Claro!

— O que Melita quer mais do que qualquer outra coisa?

— Casar-se com um homem rico e bonito com um título mais alto que o pai, um barão.

— É por isso que ela te pegou na primeira oportunidade. — Percebo. — E o motivo dela observar Orrin. Ele tem um título melhor que você.

— E ele é muito mais bonito. — Petros acrescenta sem ajuda.

Rhouben estende a mão e bate nele.

— Por que seu pai permitiria que você se casasse com alguém de uma classe inferior a sua? — Pergunto, curiosa.

— Ele é amigo do barão. Eles falam em unir suas famílias desde antes de eu nascer. — As palavras saem como um resmungo.

— Bem, estamos preparados para parar com isso. Tudo o que precisamos é providenciar que Orrin e Melita se reúnam. — Digo.

— Como você vai gerenciar isso? — Leandros pergunta. — Eliades está apaixonado por você, e eu mal vejo como isso vai te livrar de… Myron, não é?

— Sim, quanto a isso, vou precisar de dinheiro.

Rhouben encosta o bastão de bilhar na parede mais próxima. — Você pode realmente me livrar de Melita sem me deserdar?

Concordo.

— Quanto dinheiro você precisa?

Sem piscar, eu digo: — Cinco mil necos.

Petros assobia. — Isso é mais do que meu pai faz em um ano.

— Mas não o pai de Rhouben? — Pergunto.

Rhouben não precisa pensar duas vezes sobre isso. — Vou te dar o dinheiro. Apenas me diga o que mais você precisará.

— Convide seu pai para o palácio. Não me importo como, basta trazê-lo aqui. Enquanto isso, você precisa bancar o noivo perfeito, para que ninguém suspeite de nada.

Petros vira para o amigo. — Nesse caso, ele está condenado.

★ ★ ★

NA TARDE SEGUINTE, Kallias me envia uma pulseira amarrada com pérolas negras e diamantes negros, um design verdadeiramente impressionante, considerando que Naxos está longe do mar. Na quarta-feira, recebo um pente de marfim cravejado de diamantes azuis, destinado a ser usado em um penteado elaborado. Sexta-feira, recebo esmeraldas cortadas em formas de folhas, amarradas em

torno de uma faixa de colar que termina em um topázio grande.

Cada presente é trazido até mim quando estou cercada por pessoas. Saber que esses presentes são para seu benefício, e não para mim, tem uma forte amargura se enraizando em mim toda vez que outro é entregue pela mão enluvada de um servo.

O rei deveria estar apaixonado por mim. Ele deveria me dar presentes porque está apaixonado por mim.

Não porque ele está fazendo más tentativas de convencer os outros de nossa farsa.

Ele está tornando isso impossível.

★ ★ ★

UM SERVO ME ENCONTRA no dia do baile de Demetrio, uma carta na mão. Eu quebro o selo de cera vermelha brilhante e leio:

Minha querida Alessandra,
Espero que você perdoe minha ousadia, mas chegou-me a notícia de que o rei não a acompanhou até sua última excursão na propriedade dos Christakoses. De fato, há rumores de que você passou a noite com um amigo de infância. Isso me atreveu a esperar que talvez você tenha terminado as coisas com Sua Majestade.

Você, é claro, sabe sobre minhas viagens de negócios...

Pulo para o final para encontrar a assinatura. É de Orrin. Eu nem percebi que ele tinha saído do palácio...

Eles me mantiveram longe do seu lado por muito tempo, mas penso em você diariamente. Sinto falta da

sua conversa, do seu sorriso, do jeito que você olha para longe de mim quando fica envergonhada pela minha generosidade.

Quando olho para o céu noturno, deixo de ver sua beleza. Tudo em que consigo pensar é você. Seu cabelo de zibelina e como desejo correr meus dedos por seus comprimentos. Seus lábios, maduros como cerejas...

As descrições das minhas partes distintas do corpo continuam por mais cinco parágrafos. Eu pulo para o final.

Por favor, escreva-me e diga que sentiu tanto a minha falta quanto eu.

Seu humilde servo,
Orrin Galopas, Conde de Eliades

Queridos deuses. O homem é completamente ilusório. Levanto os olhos da carta e me surpreendo ao encontrar o criado que a entregou ainda esperando do lado de fora da porta dos meus quartos.

— Desculpe-me, minha dama, mas meu senhor esperava que você pudesse enviar uma resposta através de mim.

Quero desencadear minha fúria contra o servo de Orrin. Em vez disso, limpo a cabeça o suficiente para pensar razoavelmente. — Quanto tempo Lorde Eliades ficará longe do palácio?

— Eu deveria esperar mais uma semana, pelo menos, minha senhora.

— Bom. — Começo a fechar a porta e o criado tosse.

— Oh, não haverá resposta para o conde. — E bato o restante da porta.

Esta carta é uma oportunidade. Uma maneira de concluir o resto de nossos planos.

★ ★ ★

UMA PEQUENA FILA SE ESTENDE na entrada, mas Myron, Hestia, Rhoda e eu não esperamos muito tempo antes de sermos recebidos pelo duque e pela duquesa.

Depois das apresentações, o duque levanta os olhos por cima do meu ombro. — O rei não está com você?

— Kallias queria muito vir. — Digo, ousando usar o primeiro nome do rei na frente do duque. Preciso mostrar intimidade entre nós, já que Kallias não está realmente aqui. — Infelizmente, ele está trabalhando duro para proteger nosso reino.

— Estou aqui para escoltar Lady Stathos. — Diz Myron, parando um pouco na minha frente.

Os olhos do duque se arregalam quando ele reconhece Myron da peça. Demetrio olha de volta para mim. — Você conhece este cavalheiro?

Eu posso dizer pelo tom de sua voz o que ele quer dizer. *Você se associa voluntariamente com esse homem?*

Myron está me arruinando. Uma saída de cada vez. Ele me dá uma cotovelada nas costelas.

— Myron é um amigo de infância. — As palavras me doem fisicamente de dizer. — Ele é... muito charmoso.

— Oh. — Diz o duque. — Bem, aproveite o baile.

Posso dizer que Myron deseja ficar e conversar com o duque por mais tempo, mas desta vez é Rhoda quem nos leva para dentro.

Por um momento, perco a ira quando avisto o salão de baile. O duque e a duquesa se referem à filha pequena como sua estrela cadente, uma referência, disseram-me, ao seu talento prodigioso de tocar piano. As decorações foram feitas para combinar com o carinho.

As velas são colocadas dentro de suportes com orifícios cortados em forma de estrelas, os desenhos ampliados e exibidos no teto e nas paredes. Pacotes de flores em amarelos e azuis cobrem todas as superfícies da grande propriedade, as flores seguindo a forma da luz fraca que aparece atrás de uma estrela cadente. E o vestido da jovem rivaliza com o meu com diamantes costurados a cada centímetro. Um longo véu a segue por três metros e meio por toda parte que vai, fazendo difícil perdê-la de vista na multidão, já que os foliões têm que se importar com a seda se arrastando no chão.

Assim que Hestia, Rhoda e eu observamos, minhas duas amigas são rapidamente levadas pelos homens à pista de dança.

— *Ele é muito charmoso*? — Myron repete quando estamos sozinhos. — Você deveria exaltar minhas virtudes ao duque.

— Aparecer *comigo* no baile já é suficiente, Myron. Você não quer exagerar. Você vai se arruinar se exagerando. Os verdadeiros homens de caráter não precisam se esforçar tanto.

— Cuidado, Alessandra. Se você não me vender o suficiente, talvez eu tenha que começar a expor suas virtudes a corte. Ou melhor, a falta delas. — Ele ri de sua própria piada.

Depois que ele se recompõe, ele me puxa para o número de dança entre outros casais na pista. — Pense no que você quiser de mim e dos meus métodos. — Diz ele depois de uma volta no salão do baile, — Mas meu plano está funcionando esplendidamente. Eu já garanti alguns convites por conta própria. Não preciso que você me envolva em outros eventos.

— Nesse caso, você não precisa mais de mim.

— Não seja ridícula. Minha conexão com você é o que está me dando a credibilidade necessária. Continuaremos a nos associar regularmente.

— Credibilidade?

— Sim, estou procurando homens para investir em meu novo empreendimento… Ow!

Eu acidentalmente pisei no pé de Myron, tão pega de surpresa com as palavras. — Você está me usando para conseguir que os nobres *invistam em um negócio*?

Myron me leva ao próximo turno da dança, agindo como se não tivéssemos nenhum tipo de discussão. — Claro. Se você se lembra, tenho muitas dívidas. Eu preciso sair disso. Estou almejando comprar alguns navios para abrir uma linha comercial com o Reino da Estetia.

Estou sem palavras por um momento. — Você. *Você*… o homem que gasta todo o seu dinheiro em cartas e dados… está convencendo os membros da corte a lhe dar seu dinheiro para que você possa abrir um comércio com um reino que nosso Rei das Sombras está planejando *invadir.*

Myron olha para mim. — Sou bom em fazer com que outros me dêem dinheiro. Eu já arrecadei bastante. Além disso, não é como Estetia soubesse que o rei planeja conquistá-los.

Meu cabelo deve pegar fogo, um calor enorme emana do meu corpo. — Você vai manchar meu bom nome quando roubar todo esse dinheiro para pagar suas dívidas.

— Não. Não estou usando para pagar minhas dívidas. Eu vou comprar navios comerciais. Com os lucros dos meus novos negócios, começarei a pagar minhas dívidas.

Nossa segunda dança juntos termina, e a orquestra toca uma terceira música, mas me afasto de Myron.

— Alessandra, eu não disse que você poderia parar de dançar comigo.

— Não, não podemos ser vistos dançando três músicas seguidas.

Ele sorri. — Eu mando em você. Você fará o que eu disser.

— Se dançarmos outra dança, é melhor você contar para todo mundo meu segredo, porque os rumores sobre mim serão abundantes e o rei terminará nosso cortejo. Três danças seguidas é quase um anúncio de um noivado. Então você não terá nada a ganhar comigo. — As palavras são desesperadas, mas Myron deve ver a razão.

Ele suspira. — Oh, muito bem. Vou procurar outra parceira, mas não ouse desaparecer da festa. — E abençoadamente, ele me deixa.

Eu tomo o resto da música para me recompor. Estou cortejando o rei. Vou me livrar de Myron muito em breve. Tudo seguirá conforme o planejado. Ninguém me faz de boba.

Depois de mais algumas respirações firmes, decido salvar o que posso da noite e aproveitar a festa.

Eu permaneço junto à parede, pensando em chamar a atenção de um homem para encorajá-lo a me chamar para dançar. Encontro um estranho alto, com cabelos de um tom vermelho profundo, sua pele beijada pelo sol e seu corpo musculoso praticamente esticando o traje formal bem ajustado. Ele me dá um aceno educado e segue em frente.

Embora um pouco irritada com a rejeição, continuo destemida e tento captar o olhar de outra pessoa. Encontro um loiro de ombros largos com um bigode bonito e dou-lhe um sorriso tímido. Ele devolve a saudação com entusiasmo e se afasta de mim.

Que diabos?

— Nenhum homem aqui vai pedir para dançar com você. — Diz uma voz feminina atrás de mim.

Eu me viro e encontro a dona da voz, Zervas, com os cabelos grisalhos caindo sobre os ombros em cachos perfeitos. Ela esconde a boca atrás de um leque creme e seus olhos não revelam nada de sua expressão.

— Você está sendo cortejada pelo rei. — Diz ela a título de explicação. — Ninguém mais ousaria se aproximar de você, salve seu... amigo.

Orrin também se atreveu, mas suponho que ele não tenha muito senso de autopreservação. Ele está muito ocupado salvando gatinhos de se afogarem.

— Se você me permitir dar alguns conselhos. — diz Lady Zervas, mas ela

não faz isso como uma pergunta. Ela continua. — Negue os favores do rei. Você só ficará infeliz se retomar esse cortejo. Na melhor das hipóteses, ele a manterá sempre à distância, com medo de tocá-lá.

— E na pior das hipóteses? — Eu pergunto.

— Isso depende do que você mais teme. Ou ele morrerá e a deixará para trás neste mundo, ou ele se casará com outra, e você será forçada a vê-lo feliz com outra pessoa.

— Opções tão sombrias.

— Eu experimentei as três por um tempo.

— E qual foi pior? Vê-lo com outra mulher ou saber que ele estava morto?

Ela fecha o leque, sua bica em uma linha dura. — A primeira, querida. Definitivamente a primeira.

Ela se vira, pegando as saias em uma mão e se afastando.

Que mulher horrível.

Meus olhos pegam uma mancha de cor no salão. Rhouben está dançando com sua noiva, seus lábios mal escondendo uma careta enquanto ela tagarela sobre algo. Quando eles se viram, ela me vê e puxa Rhouben para mais perto, jogando o cabelo por cima do ombro.

Eu preciso falar com Rhouben de qualquer maneira, e insultar Melita é apenas um feliz bônus. Ela foi autorizada a passar muito tempo desmarcada.

Me aproximo do casal, esperando até que eles cheguem aos arredores da pista de dança antes de bater no ombro de Rhouben.

Ele para e seus olhos brilham de alívio quando me vê.

— Posso interrompê-los? — Pergunto. – Você se casará com o homem em breve, Lady Xenakis. Não é esportivo da sua parte mantê-lo para si mesma antes disso. E certamente você não negaria algo a futura rainha?

Antes que ela possa pronunciar uma palavra, Rhouben se livra das garras de Melita e me leva na dança.

— Você é uma deusa. — Diz ele no meu ouvido. — Você me salvou.

— Considere uma poupança mútua. Ninguém vai dançar comigo. Todos eles temem a ira do rei.

— Eu não. E agora, estou entediado demais para me importar com a ira de Melita. Ou do meu pai. Nós devemos nos esgueirar.

Dou a ele um sorriso travesso. — E fazer o que exatamente?

— Eu deveria dizer algo travesso, mas honestamente não me importo, desde que isso me afaste dessa mulher. A propósito, tenho o dinheiro que você pediu nos meus quartos no palácio. Posso entregá-lo assim que voltarmos.

— Isso é maravilhoso! E tenho algo que deve nos ajudar. Eliades me enviou uma carta de amor. Agora podemos imitar a caligrafia dele. Tudo o que preciso é colocar as mãos no selo dele para autenticar a carta que enviaremos a Melita. Disseram-me que Orrin estará de volta ao palácio em pouco mais de uma semana. Ele sem dúvida tem seu selo com ele, então teremos que esperar até o seu retorno para roubá-lo. Você já ouviu falar do seu pai?

— Ainda não. Ele tem o hábito de adiar a leitura de minhas cartas, mas ele virá assim que ler. Eu disse a ele que retirei cinco mil necos da minha conta. Isso o trará aqui em pouco tempo.

— E o que você pretende dizer a ele quando ele chegar furioso? — Eu descanso minha cabeça no ombro de Rhouben assim que vejo Melita olhando para nós dois.

— Que estou comprando algo espetacular para Melita, é claro.Mas precisava de algo chocante para iniciar sua jornada ao palácio. Quando ele chegar, acho que posso mantê-lo aqui até Orrin voltar dos negócios.

— Boa. Precisamos ter cuidado. Tempo é tudo.

Outro casal se aproxima ao nosso lado. É Petros, dançando com um homem novo que não reconheço. — Você está monopolizando a namorada do rei?

— Estou apenas tentando escapar da minha. — Diz Rhouben.

— Você já teve Alessandra por duas danças. Se houver uma terceira, as pessoas vão falar. Aqui, vamos trocar.

De repente, sou puxada pelos braços de Petros e Rhouben se vê segurando o parceiro de Petros.

— Oi. — Diz Rhouben, sem jeito.

— Você prefere dançar com um homem ou dançar com Melita?

— Petros pergunta, enquanto ele me carrega.

A última coisa que vejo é Rhouben entusiasticamente se envolvendo na dança com o antigo parceiro de Petros.

Então meus olhos estão em Petros. Estou rindo de toda a troca, inebriante por tomar o parceiro de dança de Melita, tonta com o alívio de que ainda haja homens dispostos a dançar comigo. Bêbada com o pensamento de que Myron estará fora de cena em breve.

Petros me enaltece com histórias de suas recentes aventuras.

Lorde Osias e Lorde Banis aparentemente brigaram por ele. Ambos estão sofrendo com ferimentos leves esta noite, então ele teve que encontrar outros parceiros para se divertir.

Depois de um total de duas danças, Petros me rodopia para fora da pista, me

levando para os braços de outro homem.

— Leandros. — Digo. — Onde você esteve?

— Pessoas importantes nunca chegam a tempo nos eventos, mas parece que perdi muita diversão.

— Não. — Digo. — Você chegou bem a tempo.

Sobre seu ombro, vejo Petros encontrando uma dama para dançar. Enquanto isso, Rhouben está literalmente se afastando de Melita, tentando se distanciar dela. Suponho que meu conselho para interpretar o noivo perfeito foi pedir demais.

Leandros é mais do que um dançarino talentoso com a habilidade em que ele me levanta do chão e me gira no ar. Enquanto sinto suas mãos nas minhas, seus braços me envolvem enquanto passamos pelos passos da dança, não posso deixar de me perguntar se algum dia vou sentir Kallias dessa maneira.

CAPÍTULO
12

É tarde da noite quando voltamos do baile e Rhouben e eu trocamos dinheiro por carta nos meus aposentos. Petros está conosco, insistindo que não perderia a diversão. E ele também proclama ser um excelente falsificador.

Rhouben e eu olhamos por cima do ombro dele quando ele termina a carta.

Querida Melita,
Eu assisti você de longe por muito tempo. Não posso mais manter meus sentimentos em segredo. Sua beleza é como a luz do sol. Quase dói olhar para você, e você torna impossível para mim olhar para mais alguém.

Por favor, devo falar com você sozinha. Você vai me encontrar no seu quarto às nove horas da noite de ___? Você vai me cumprimentar com um beijo, para que eu saiba se seus sentimentos por mim ardem tão intensamente quanto os meus por você?

Seu humilde servo,
Orrin Galopas, Conde de Eliades

Comparamos a escrita dele com a nota que Orrin me enviou. Petros administrou perfeitamente o formato das cartas de Orrin. Ninguém saberia a diferença. É improvável que a nota caia nas mãos de alguém, exceto na de Melita, mas é melhor prevenir do que remediar. Para o nosso plano para salvar Rhouben desse casamento funcionar, precisa ser perfeito.

— E agora? — Rhouben pergunta.

— Agora, tudo o que resta. — Digo. — É esperar Orrin chegar de volta ao palácio. Quando ele o fizer, adicionamos a data à carta e depois a selarei com o brasão de Orrin. Então você deve levar esta carta para Melita sem que ela o veja entregando.

— Mas como você vai conseguir o brasão dele?

Petros se levanta da cadeira e estala as costas. — Ele está apaixonado por ela, seu idiota. Como você acha que ela terá acesso aos quartos dele e receberá o brasão? Ela vai brincar com ele.

Rhouben me agarra em um abraço, me esmagando contra seu brilhante colete vermelho e amarelo de brocado. — Você é realmente a melhor, Alessandra. Se isso funcionar, devo minha vida a você.

— Não seja tão dramático. — Diz Petros.

— Você quer uma vida com Melita? — Rhouben desafia.

— Ponto bem colocado. Sim, você lhe deve sua vida. E eu aceito as cinco promessas que você prometeu pelo uso da minha caligrafia.

— Quando eu te prometi isso?

Deixo os dois brigando de brincadeira, minhas saias pesadas por carregarem de um envelope cheio de dinheiro.

★ ★ ★

EU PASSO MINHA MANHÃ longe do palácio, executando algumas tarefas necessárias. Distribuo o dinheiro de Rhouben com cuidado, sabedoria e, quando volto ao palácio, meu sorriso é aberto e sincero.

Até encontrar Lorde Ikaros Vasco no caminho de volta aos meus quartos.

— Ah, Lady Stathos, exatamente quem eu estava procurando.

— Está tudo bem? — Eu pergunto.

— Claro. Por que tudo não deveria estar?

— Porque o chefe do conselho do rei está me procurando. Você praticamente me ameaçou durante a nossa última conversa.

Vasco inclina a cabeça para o lado. — Você e eu nos lembramos dessa conversa de maneira muito diferente.

Eu sorrio educadamente, mas meus dentes se apertam atrás dos meus lábios.

— Não, eu só queria perguntar como está indo o seu namoro com o rei. Kallias é tão particular. O jovem rei não dirá uma palavra sobre isso.

— E eu também não.

Vasco acena para si mesmo, como se estivesse esperando essa resposta. — Será que isso acontece porque o namoro não está acontecendo?

Eu pisco. — Perdão?

— Ele envia presentes para você e vocês desfrutam da companhia um do outro durante as refeições, mas o que mais? Que eu saiba, vocês não passam mais tempo juntos. Ele não a acompanha em nenhum evento. Ele já te beijou?

Eu me volto para o homem. — Isso não é da sua conta. E você sabe perfeitamente o quão ocupado o rei está. Ele não participa de eventos comigo porque está em reuniões com você e o conselho.

— Para ser claro, eu sei exatamente o que Kallias passa seu tempo fazendo. Mas ele tem um conselho para cuidar das coisas até a maioridade. Agora é a oportunidade perfeita para confiar em nós para governar o reino, enquanto ele passa seu tempo com uma jovem bonita como você.

Não consigo pensar em nada para dizer ao homem em troca.

— A menos que o namoro não seja real. Nesse caso, o conselho começará a providenciar que mais damas se encontrem com o rei, e não teremos nenhuma utilidade para você.

E com isso, Vasco sai.

★ ★ ★

EU ODEIO NÃO TER a última palavra em uma conversa.

Absolutamente detesto. O que é pior, o conselho não está caindo no nosso ardil. E se não há ardil, Kallias não precisa me manter por perto. Como vou vencê-lo de verdade, então?

Entro nos meus aposentos, a ameaça de Vasco rasgando em minha mente.

— Alessandra.

Dou um pulo. Como carambas as pessoas continuam entrando nos meus quartos?

— Pai.

Ele cruza os braços sobre o peito. — Eu pensei que talvez minhas cartas para você estivessem se extraviando, mas parece que você está recebendo seu correio sem problemas. — Seus olhos apontam para a montanha de convites que eu já abri e li. Entre eles está a carta de amor de Orrin. Rhouben me devolveu, sem utilidade depois que Petros fez sua falsificação. Franzo o cenho para ela em desagrado.

— Eu estava começando a escrever para você.

— Sem dúvida. — Diz ele com sarcasmo. — Você está envolvida no palácio. Na riqueza. Na atenção. Você esqueceu todo o seu propósito de estar aqui.

Uma dor de cabeça bate nas minhas têmporas e o vermelho tinge as córneas da minha visão. — Eu tenho me concentrado em ganhar a atenção do rei, e é por isso que não tive tempo de escrever para você. As coisas estão progredindo perfeitamente. Se houvesse algo para lhe contar, eu diria.

Ele anda de um lado para o outro na frente do meu guarda-roupa. — Perfeitamente, não é? Então talvez você possa me dizer por que me chegou a notícia de que o rei nunca a acompanha a eventos fora do palácio? De fato, ouvi dizer que você está na companhia daquele garoto Calligaris constantemente.

Não consigo me concentrar no meu Pai quando meus olhos começam a tremer. — Garanto que tenho tudo sob controle. Não há necessidade de se preocupar. Eu tenho o rei exatamente onde eu o quero. E Myron não será mais um problema. De fato, quando eu conversar com ele, ele sairá do palácio. Permanentemente.

Seu rosto muda. No começo, não consigo ler. Então me ocorre com horror. *Pena.*

— Alessandra, querida, você tentou o seu melhor. Chega um momento em que devemos admitir que fomos derrotados. Você teve uma boa corrida no palácio, mas o rei claramente não a quer. Mas não se preocupe. Nós não estamos arruinados. Eu criei planos.

Meus dedos lentamente se fecham em punhos ao meu lado. — O que você *fez*?

— Eu falei com Lorde Eliades. Não, não me olhe assim. Ele é rico e me dará um bom dote pela sua mão.

— Ele é um conde!

— Eu sou um conde.

— Você o considerou inaceitável para Chrysantha, mas aceitável para mim?

Ele faz uma pausa apenas antes de dizer: — Suas circunstâncias são

diferentes.

Porque ela é a favorita dele, e eu não sou. — O objetivo é elevar minha posição! Por que você tentaria me fazer condessa quando estou tentando me tornar rainha?

Pai balança a cabeça tristemente. — Estou orgulhoso de você por tentar, mas é uma lição importante aprender a reconhecer quando você foi derrotada.

Eu sei quando sou derrotada e eu mal comecei.

— Você verá a razão. — Acrescenta. — Uma vez que você tiver tempo de aceitar tudo. Agora, por que você não me deixa acompanhá-la até em casa?

Olho para o teto, reunindo meus pensamentos e acalmando meu tom. — Deixe-me esclarecer as coisas perfeitamente, Pai. Não sou um gado que você pode vender, e não pode me forçar a um casamento que não quero. Não quando o próprio rei está providenciando todo o meu conforto.

Meu pai franze os lábios. — Você se casará com Eliades ou será deserdada.

— Então me deserde! O rei me envia presentes caros. Eu tenho muito dinheiro e moro no palácio. Não há nada que você possa fazer para me ameaçar. Você atingiu o auge da sua utilidade, Pai. Você me colocou no palácio, e agora eu posso assumir daqui. De fato, quando eu ganhar o benefício do rei, vou garantir que você não veja nem *um centavo* do *meu* tesouro.

A sala fica quieta, e papai me olha em alarme por um segundo.

— Tire um tempo antes de recorrer ao drama, Alessandra. Falo com você mais tarde.

Ele sai da sala, mas seus passos são incertos.

★ ★ ★

ANTES DO SOL TER nascido completamente na manhã seguinte – muito antes da hora que os servos deve chegar – eu me dirijo aos aposentos de Myron. Ele não se deu ao trabalho de trancar as portas, então eu abro uma porta após a outra, até encontrar o quarto. A configuração é completamente idêntica à do meu quarto; no entanto, Myron não se deu ao trabalho de decorar ao seu próprio gosto.

Deslizo para a cama com os pés escorregadios e deixo meu olhar tomar a forma adormecida de Myron. Tão vulnerável. Se eu quisesse matá-lo, eu poderia fazê-lo agora.

Mas o que eu fiz com Myron é muito mais doce do que deixá-lo ir facilmente com a morte.

Estendo a mão enluvada e belisco a ponta de seu nariz o mais forte que posso.

Myron inspira profundamente e senta-se em um movimento, arregalando os olhos até perceber que sou eu no quarto. Ele esfrega o sono de seus olhos.

— Se você está aqui porque mudou de ideia sobre a natureza do nosso relacionamento, receio que não te queira mais, — diz Myron após um longo bocejo. — Agora, por favor, vá embora para que eu possa voltar a dormir.

Ele se acomoda em seus cobertores.

Desta vez eu bato nele.

Isso chama a atenção dele.

— Que diabos? — Ele exige. — Eu preciso lembrá-la...

Eu seguro um papel diante do nariz dele. — Você vai sair do palácio imediatamente. Assim que eu sair por aquela porta, você arrumará suas coisas e partirá, para nunca mais voltar. Eu nunca quero ver seu rosto ou ouvir seu nome novamente.

— O que é isso? — Ele pega a nota, mas eu a puxo de volta para que ele não tenha nenhuma ideia de destruí-la.

— Este é um contrato de devedor.

Myron torce o nariz em confusão.

— Eu comprei todas as suas dívidas. — Digo simplesmente. — Do clube. Dos homens aos quais você deve dinheiro. Tudo isso. Agora você me deve cinco mil necos.

Todo o seu corpo fica perfeitamente imóvel.

— Nada a dizer? — Eu pergunto. — Permita-me deixar isso perfeitamente claro, caso você não entenda. *Eu possuo você.* Um passo em falso de sua parte, e eu o envio para a prisão dos devedores por incapacidade de pagar suas dívidas substanciais. Quanto tempo você acha que levaria seu irmão para tirá-lo de lá? Ou... você acha que ele se incomodaria?

Observo cada movimento da garganta de Myron enquanto ele engole, saboreando cada segundo de sua nova miséria.

— Você devolverá todo o dinheiro que aceitou da nobreza e deixará de reivindicar qualquer conexão comigo. Se você respirar em uma direção que eu não gosto, me certificarei de que você nunca veja o lado de fora de uma cela.

Eu chego à frente e dou um tapinha na bochecha zombeteiramente. — Seja um bom rapaz. Agora vá.

— Você está mentindo. — Diz ele enquanto eu alcanço a porta para sair.

— Eu estou? Não deve demorar muito para você verificar por si mesmo.

Mas não brinque. Você tem até o almoço para ir embora.

Meu sorriso é radiante quando saio de seus aposentos. Eu só tenho controle sobre um homem e, no entanto, o poder disso desce sobre mim em ondas intoxicantes de calor. Quando eu for rainha, experimentarei isso mil vezes, sabendo que comandarei milhares de milhares?

★ ★ ★

COM A EMOÇÃO DA vitória ainda em cima de mim, eu vou em busca de Kallias. Ainda é cedo. Certamente muito cedo para reuniões? Depois de chamar vários criados, finalmente me disseram que o rei está tomando café da manhã na biblioteca.

Por que ele não me enviou um convite?

Eu entendo o porquê assim que um criado me deixa entrar na sala. Kallias está cercado por correspondências. Em meio a inúmeros papéis e utensílios de escrita, acho que vejo uma tigela com ovos cozidos, e meio pedaço de torrada virada em um livro próximo. Um livro que suspeito que ele esteja usando como peso de papel.

— Nesse momento, você não parece ser um rei grandioso. — Eu digo.

O Rei das Sombras levanta os olhos da carta que está escrevendo. — É bom ver você, Alessandra. Eu sinto que já faz muito tempo que não a vejo.

— Isso é porque faz.

Ele estremece um pouco. — Espero que você possa ver por si mesma que tive boas razões para a minha ausência. — Ele gesticula freneticamente para o pergaminho em que está se afogando. No movimento, um turbilhão de sombras segue seus braços.

— Temos um problema. — Digo sem mais preâmbulos.

— Você está bem? — Ele pergunta, olhando para cima e me dando uma olhada rápida.

— Ikaros Vasco veio me ver. Ele questionou se nosso namoro é real. Ele suspeita de nós. Meu pai até apareceu no palácio para me levar para casa, porque ele estava tão convencido de que eu *falhei em ganhar você.*

Kallias finalmente pousa a caneta. — Como isso é possível? — Então um olhar de aborrecimento cruza seu rosto. — Isso é por causa do tempo que você passou com aquele garoto de Calligaris?

Caramba, Alessandra, você não deveria ter...

— É por causa de *você*. — Eu digo, ousando interrompê-lo.

Ele se levanta e aperta as mãos na frente dele, suas sombras escurecendo para gavinhas da meia-noite. — Eu não fiz nada além de mostrar meu interesse em você. Você senta à minha direita imediata durante as refeições. Eu te envio presentes.

Espero que ele continue, mas percebo que ele não tem mais nada para vender seu argumento. — Você quase nunca se junta a nós para as refeições. É verdade que você me envia presentes, mas nunca me acompanha a eventos fora do palácio. Sua negligência comigo está se mostrando. Myron tentou tirar proveito disso, mas acabei com ele. Você precisa fazer mais, especialmente porque não podemos nos comportar como um casal de namorados normal.

— O que você quer dizer com isso?

— Casais normais sussurram palavras doces no ouvido do outro. Eles riem quando estão juntos, compartilhando fôlego. Casais normais não conseguem tirar as mãos um do outro.

— Não podemos fazer essas coisas. — Diz ele, suas palavras cortadas.

— Não precisamos fazer essas coisas. Não é isso que estou dizendo. Demônios! Você quer vender nosso ato de namoro? Então me *corteje*, Kallias. Leve-me em passeios longe do palácio. Passe algum tempo comigo sem ser nas refeições. Entregue seus presentes para mim pessoalmente. Aja como um homem apaixonado.

Ele me observa por um longo momento, considerando minhas palavras cuidadosamente, espero.

— Não. — Ele diz lentamente. — Não. — Desta vez, com mais firmeza, como se estivesse se convencendo. Ele olha em volta para a montanha de papéis. — Não tenho tempo para isso.

Uma desculpa conveniente. O que está segurando ele?

— Eu pediria que você se juntasse a mim. — Ele diz. — Mas como você pode ver, não há espaço na mesa. Eu vou te ver… quando eu te ver.

Ele aponta os dedos em direção à porta, uma oferta para me retirar silenciosa.

★ ★ ★

ESTOU TOTALMENTE CONSCIENTE DE QUE pareço uma criança quando volto em direção ao meu quarto. Mas ninguém está por perto para ver, então eu me dou

por vencida.

Quando ouço alguém virando a esquina à frente, eu me endireito e deixo meus sapatos baterem normalmente. Eu faço o meu melhor para manter minha irritação pelo intruso à distância. Sim, este é o *meu corredor.*

— Duas cartas para você, minha senhora. — Diz uma criada se curvando, estendendo uma bandeja de prata em minha direção. Agarro os envelopes antes de desaparecer no meu quarto.

A primeiro é da minha irmã. Eu olho para a letra perfeita dela por um minuto inteiro antes de decidir que eu provavelmente deveria ler a carta antes de jogá-la na minha lareira acesa.

Querida Irmã,
Espero que esta carta a encontre em boa saúde. A vida na corte tem muitas tentações, mas acredito que você permanece penitente e casta.

O duque e eu estamos passando um tempo maravilhoso juntos. Infelizmente, sua saúde está em declínio, então nossos dias consistem principalmente em eu ler em voz alta as maiores obras de poesia.

Examino mais parágrafos das atividades terrivelmente chatas que ela faz com o duque e os vários presentes que ele lhe oferece ("Dez carruagens! O que farei com tantas?").

E então, à moda de Chrysantha, algumas linhas de importância enterradas no final de sua carta:

Uma policial veio hoje à propriedade perguntando o que eu sei sobre seu relacionamento com Hektor Galanis há três anos atrás. Eu pensei que todas as perguntas eram estranhas, é claro, mas no final, o Barão de Drivas exigiu saber se eu achava que você poderia ter alguma

coisa a ver com o desaparecimento dele.

Não tema. Enquanto eu lhes dizia que você era uma mulher depravada e sem dúvida dormia com o homem, você nunca faria algo tão terrível como ajudar a afastar um nobre de sua família.

Uma troca tão estranha, você não acha?

Espero que você aproveite o resto da sua estadia no palácio e espero que tenha feito alguns amigos que a influenciarão para sempre.

Sua irmã amorosa,
Chrysantha

Olho para as minhas mãos por muito tempo antes de perceber que deixei a carta cair. Nem sei por onde começar a processar os vários níveis de inaptidão e descuido de minha irmã.

Eu não sabia que ela estava ciente dos meus relacionamentos noturnos, e agora o barão sabe que eu dormi com o filho dele. Assim como um policial, que claramente tem o seu apoio. Quantos questionários mais eles planejam realizar antes de vir me questionar pessoalmente?

E quanto tempo levará até que as notícias das minhas atividades noturnas cheguem ao palácio e destruam meu relacionamento com o rei para sempre?

Pego a carta e a rasgo em pedaços ilegíveis antes de jogá-la no meio das chamas.

Quero arrancar um punhado do cabelo de Chrysantha do couro cabeludo. Ela sempre tirou tudo de mim. Mas como ela conseguiu tirar isso também?

É só depois de alguns minutos andando pelo meu quarto que me lembro que uma segunda carta chegou. Poderia ser ainda mais más notícias? Com pavor, quebro o selo e desdobro o pergaminho.

Querida Alessandra,
Perdoe a impertinência, mas não posso deixar de notar

como você parece infeliz nos acontecimentos da tarde. Eu pensei que poderia fazer algo para animá-la. Gostaria de saber se você pode ter um tipo diferente de entretenimento? Você me permitiria levá-la para sair à noite? Vamos dizer amanhã à noite às oito horas? Eu prometo que você não vai se arrepender.

Seu servant,
Leandros Vasco

Talvez essa seja apenas a oportunidade que preciso. Eu pretendo fazer perguntas a Leandros sobre o rei. Preciso de mais informações para fazer Kallias ser meu, e que melhor maneira de obter isso do que perguntar a um homem que costumava ser o melhor amigo de Kallias?

Sem mencionar o fato de que Leandros me adora. Eu mereço ser adorada por uma noite, não é? Especialmente quando Kallias não se importa de reservar um tempo para me ver.

Depois de apenas algumas discussões comigo mesma, escrevo de volta.

Querido Leandros,
Eu ficaria feliz em acompanhá-lo.

Atenciosamente,
Alessandra Stathos

CAPÍTULO
13

Olho com desagrado para as faixas de algodão escuro nas mãos estendidas de Leandros.

— Você espera que eu *use* isso? — Eu pergunto.

Leandros sorri de onde ele se encontra dentro da área de recepção dos meus aposentos. — Tenho uma noite planejada para nós, mas você não pode se vestir assim.

— O que há de errado com a minha aparência?

Tomei muito cuidado ao me vestir hoje. Meu vestido é um roxo claro que se apega firmemente às minhas pernas. Sem agitação ou anáguas à vista. Eu nunca me senti mais confortável. A roupa foi, é claro, escolhida porque combina com o novo xale que Kallias me presenteou. Feito de cetim lavanda, o xale tem pendões pendurados nas pontas, pingando ametistas. Eu pensei que talvez pudesse irritá-lo se ele soubesse que eu usava enquanto divertia outro homem.

Embora, esse outro homem esteja atualmente vestido como um servo. Com calças de algodão, botas gastas e uma camisa branca surrada, ele parece pronto para rastejar sob uma ponte para dormir a noite toda.

— Você parece rica e irresistível. — Diz Leandros. — Isso não serve para o lugar em que iremos hoje.

Sinto meu rosto se contrair em uma careta desconfortável, mas não consigo me importar. — Para onde você está me levando?

— É uma surpresa.

Eu ainda não pego as roupas.

— Olha, você pode ir dormir cedo hoje à noite ou pode fazer algo um pouco perigoso e muito divertido.

Ele joga as roupas nos meus braços e me empurra em direção ao meu quarto.

Quando eu emerjo, olho para mim mesma.

Eu visto uma blusa branca com mangas soltas reunidas nos pulsos. O avental é de um preto liso, envolvendo firmemente meus seios e barriga antes de cair frouxamente sobre minhas pernas. É simples, chato, camponês.

Leandros está atrás de mim e solta meu cabelo imaculado.

— Pare!

Muito tarde. Os fios caem sobre o meu rosto em ondas soltas.

— Minha empregada levou uma hora para fazer isso.

— E era adorável. — Diz Leandros. Algo sobre o brilho perverso em seus olhos me impede de protestar demais.

Será uma aventura, mesmo que eu esteja mal vestida. E Leandros vai prestar atenção em mim a noite toda. É o que eu disse a ele que queria de Kallias. E ter outro homem disputando minha atenção – um que não está me chantageando para fazer isso – é uma oportunidade muito boa para deixar passar.

É mesquinho, eu sei. Mas eu quero punir Kallias. E eu preciso de uma distração – apenas por uma noite – do barão e da instabilidade que está prestes a me arruinar.

— Vamos sair daqui antes que alguém me veja. — Eu xingo.

Sorrindo, Leandros me arrasta pelo corredor antes de entrarmos na escada dos criados e descermos.

Atrás do palácio, dois cavalos estão selados e prontos para nós, um garoto do estábulo segurando-os pelas rédeas. Leandros joga uma moeda para o garoto antes de se curvar ao meu lado e juntar as mãos.

— O que você está fazendo?

— Ajudando você a montar no seu cavalo. — Percebendo minha confusão, ele acrescenta: — Você não pode andar de lado. As camponesas não fazem esse tipo de coisa.

— Eu não sou camponesa!

— Hoje você é, agora ande logo.

Percebo naquele momento que tenho uma escolha a fazer. Ou faço isso, ou não. Mas não há mais gritos porque sou uma dama. Não optei por sair com Leandros porque queria ser tratada como uma dama. As mulheres não passam tempo sozinhas com homens que não são seus parentes. Elas não se juntam com o ex-melhor amigo do rei para obter mais informações sobre como seduzir o rei.

Piso em suas mãos em concha e balanço uma perna sobre o cavalo. O tecido da minha saia sobe pelas minhas pernas, e Leandros ajuda a endireitá-la, posicionando o material para que eu fique coberta.

Mas enquanto ele faz isso, um dedo roça minha panturrilha nua.

Eu respiro fundo. Faz semanas desde que fui tocada. Mais do que eu passei em anos.

— Perdoe-me. — Diz ele. — Eu não quis...

— Não precisa. — Eu digo. — Continue. Estou pronta para esse entretenimento prometido.

Leandros pula em seu próprio cavalo. — Então vamos embora.

Percorremos as ruas pavimentadas de pedra e passamos por lanternas à luz de velas, o cavalo de Leandros à frente do meu.

Curvamo-nos pelas ruas da montanha, camada após camada de bairros tranquilos, pousadas degradadas e até uma casa obscena.

Não há muitas pessoas nas ruas, não tão tarde da noite quando está escuro demais para os comerciantes venderem seus produtos.

Parte de mim se sente mais e mais culpada quanto mais viajamos para longe do palácio, como se eu estivesse abandonando todo o meu propósito. Mas não é assim. Eu preciso de uma noite fora. Uma fuga. E a noite de hoje não é sem propósito.

— Diga-me. — Eu digo enquanto os cavalos entram em outra estrada. — Como você era quando mais jovem?

— Ignorante. Esperançoso. Despreocupado.

— Mais despreocupado do que você é agora?

Ele sorri, os dentes brilhando ao luar. — Muito mais.

— Você era amigo do futuro rei. Que tipo de travessuras vocês dois fizeram? — Espero que a pergunta seja uma boa transição, ocultando o fato de que estou com fome de informações sobre Kallias.

Ele pensa um momento. — Uma vez pegamos sapos do lago e os colocamos na cama de sua tutora.

— Tenho certeza que ela mereceu.

— Ela tinha uma voz terrivelmente estóica, e Kallias se perguntou se ele poderia fazer alguma coisa para provocar uma mudança no tom.

Eu ri. — E você estava ansioso demais para ajudá-lo.

— Ele foi meu único amigo por um tempo. Nós fizemos muitas coisas juntos. Esgrima. Equitação. Jogos. Kallias adora competição. Ele adora ganhar. Mas de qualquer forma, que homem não?

— Que *pessoa* não? — Eu emendo por ele.

— Você ama competição, Alessandra?

— Claro.

— Bom. Agora estou ainda mais convencido de que você apreciará o entretenimento desta noite.

Nós paramos em um prédio despretensioso, todas as paredes retas e a escuridão silenciosa. Leandros amarra os cavalos em um poste próximo. Temo que eles não estejam mais lá quando voltarmos, mas não vou deixar isso arruinar a noite.

De alguma forma, Leandros encontra uma escada. Suponho que é preciso saber procurá-la para encontrá-la. Ele pega meu braço e me leva para baixo, até estarmos envoltos em escuridão, incapazes de ver algo.

— Contei às minhas criadas com quem saí hoje à noite. Se eu não voltar, saberão que você me matou.

Eu posso ouvir o sorriso dele no escuro. — Você não vai morrer nas minhas mãos. É só um pouco mais a frente.

Um rangido de dobradiças e uma rajada de ar depois, entramos por uma porta de porão. Uma tocha solitária envia um lampejo de luz pelo corredor. Distante, ouço o estrondo baixo do que podem ser gritos.

Ao atravessarmos o novo corredor, Leandros diz: — Faça o que fizer, fique perto de mim o tempo todo.

Dobramos uma esquina, descemos um pequeno lance de escada e, finalmente – finalmente – mergulhamos em uma porta que derrama luz, barulho e cheiro de cerveja.

— Boxe? — Eu digo quando avisto a cena diante de mim.

À frente, a sala se inclina suavemente para baixo, permitindo uma visão da cena no meio: dois homens se enfrentam, pulando na ponta de seus pés descalços, as mangas arregaçadas até os cotovelos, o suor escorrendo pelo rosto.

Moedas trocam de mãos, meninas andam com copos em cima de bandejas, homens e mulheres gritam para os desafiantes, vaiando e aplaudindo.

— Vamos nos aproximar. — Diz Leandros, conduzindo-me a uma mesa vazia. Sentamos e uma garota vestida de maneira semelhante a mim se aproxima, perguntando se gostaríamos de algo para comer ou beber.

— Uma cerveja para mim. — Diz Leandros, antes de olhar para mim.

— Eu vou ter o mesmo. — Por que não? Só porque gosto de vinhos finos não significa que não possa provar algo mais simples de vez em quando.

Voltamos a cabeça para a cena abaixo, bem a tempo de ver o maior

competidor pegar o menor no queixo com um golpe violento. O que foi atingido voa para trás, batendo no chão de madeira com um *baque* audível. A multidão explode com uma mistura de aplausos e gemidos.

A garçonete retorna com nossas bebidas, colocando uma na frente de cada um de nós. Leandros leva a caneca aos lábios, bebendo metade do conteúdo de uma só vez.

Para não ficar atrás, levanto meu próprio copo aos lábios, tentando não provar o líquido vulgar que escorre pela minha garganta. Amargo e diluído, é positivamente nojento, mas deixa um calor na minha barriga. Dreno o copo inteiro antes de jogá-lo de volta na mesa.

— Eu sabia que você apreciaria este lugar. — Diz Leandros. — Você interpreta bem a filha digna da nobreza, mas logo abaixo da pele há uma garota esperando para se divertir.

Meu sorriso não é forçado. — Com que frequência você vem aqui?

— Nem perto do suficiente. Meu tio espera muito de mim. Se ele soubesse que eu estou aqui... — Ele interrompe com um calafrio.

Eu soltei um grunhido pouco infantil. — Nenhuma conversa sobre responsabilidades hoje à noite. É por causa das responsabilidades que Kallias afirma que não pode passar nenhum tempo comigo. Sem sentido nenhum. Se alguém pode fazer alguma coisa acontecer, é o rei. Se ele quer uma agenda menos ocupada, deve comandá-la.

— Se alguém pode tirá-lo de sua concha, é você. Dê tempo a ele. E se ele nunca aparecer, sempre haverá eu.

A caneca de Leandros agora está vazia também, e ele levanta dois dedos para a garçonete. Outra exclamação especialmente alta soa da multidão quando o brutal candidato comete uma falta em outro inimigo.

— Eu tenho que me casar com um homem rico. — Eu digo. — Meu pai é ganancioso e não me deixa ter nada menos. — Oh espere.

Não, suponho que isso não seja mais verdade, não é? No meio de todas as coisas que não estão indo do meu jeito agora, esqueci meu pai e a situação dele não é mais um problema.

— Sorte a sua, sou repugnantemente rico. — Diz Leandros.

— E você está contente em ser um prêmio de consolação?

— Você se acostuma quando vive no palácio com o rei.

Eu cruzo meus braços. — Fiquei com a impressão de que o rei não demonstrou interesse por nenhuma mulher antes de eu ir à corte.

— Ele não precisa. Elas ainda o querem e não se contentam comigo. Mas

tenho certeza que você não terá esse problema.

O segundo copo de cerveja é colocado diante de mim. Este consegue ter um gosto melhor que o primeiro.

— Ele não vai quebrar suas regras. — Eu digo. — Nem mesmo por mim. — A cerveja deve estar liberando minha língua um pouco, mas parece que não me importo muito.

— O não tocar é um problema?

Escondo meu rosto atrás do meu copo. — As mulheres têm necessidades tanto quanto os homens.

Os dentes de Leandros aparecem quando ele levanta a caneca.

— Talvez ele só precise que você dê o primeiro passo.

— E acabar na forca? Eu acho que não.

— Então você terá que encontrar outra pessoa para satisfazer essas necessidades. Pelo menos enquanto isso.

— Você gostaria disso, não gostaria?

— Eu sou um homem de interesses básicos. Alegria. Esporte. Sexo. Não quero mais nada.

— Não consigo imaginar por que você ainda não tem uma dama.

— Todas as evidências ao contrário. — Diz ele, balançando sua caneca em minha direção.

Uma deliciosa nebulosidade enche minha mente, e me vejo oferecendo mais sorrisos a Leandros do que normalmente faria.

— Você está tentando me embebedar? — Eu pergunto.

— Mesmo se eu tentasse, não seria para tirar vantagem. Apenas para ajudá-la a ter um tempo mais divertido. Agora venha!

Ele se levanta do assento e pega uma das minhas mãos. Eu levanto minha caneca para beber o resto do seu conteúdo, apenas para encontrá-la já vazia. Como isso aconteceu?

Minha embriagez é apenas um pouco instável quando Leandros e eu entramos na multidão que circula os candidatos mais novos. Nós conseguimos nos espremer por um caminho até a frente. O grande bruto ainda permanece invicto.

— Assistir é apenas metade da diversão! — Leandros grita para ser ouvido sobre os gritos dentro da sala. — Vencer é o verdadeiro esporte.

Um jovem rapaz com menos de doze anos corre ao redor do círculo externo, carregando um cálice grande na frente dele. — Façam suas apostas aqui! Dez por uma chance no nosso mais novo concorrente!

Um homem menor, com o nariz torto, entrou no círculo de espectadores. Depois de tirar a camisa, ele move os braços e pula de um pé para o outro.

Leandros segura uma nota. — Dez necos dizem que o bruto vence.

— Não é muito divertido da sua parte, senhor. — O garoto diz em troca, aceitando o dinheiro e colocando-o no cálice.

— Eu aposto para ganhar.

— E a senhora? Você fará uma aposta? Seja esportiva e torça pelo homem menor! Ele pode nos surpreender ainda!

Examino os dois candidatos com cuidado, observando seus movimentos. Aquele com o nariz torto é muito menor, mas está entrando agora, onde o bruto já gastou muita energia. Ainda assim, o homem maior parece que poderia pegar o Nariz Torto e dobrá-lo ao meio com pouco esforço.

Estou prestes a recusar a aposta, quando percebo algo.

O bruto estica os braços à sua frente, mas, ao fazê-lo, estremece levemente, antes de esfregar a mão sobre o lado direito.

Costelas machucadas, provavelmente. Embora ele esteja vencendo as partidas, ele ganhou alguns machucados. Eles estão vestindo ele.

— Por que não? — Eu digo finalmente. — Vamos dizer... — Eu faço uma demonstração de vasculhar meus bolsos. — Vinte e cinco necos no homenzinho?

— Uma boa aposta, senhorita! — O rapaz diz, arrancando o dinheiro avidamente dos meus dedos e depois fugindo rapidamente, como se estivesse com medo de mudar de ideia.

— Isso foi tolice. — Diz Leandros. — Você sabe que o garoto recebe apenas restos do que o proprietário ganha das apostas.

— Eu não fiz isso por caridade para o garoto. Eu pretendo vencer.

Seu escárnio se transforma em uma risada. — Eu não quero você azeda pelo resto da noite. Você vai me culpar pela perda de todo o seu dinheiro.

Reviro os olhos e nos viramos para assistir à partida. Os concorrentes vão até uma linha traçada no chão e esperam que um mediador bata com a mão no chão antes que os dois se rasgem.

Nariz Torto é rápido em seus pés, mandando socos no bruto antes de sair rapidamente do alcance. O bruto o observa atentamente, mantendo os olhos nos punhos estendidos. Depois de um tempo, ele abre o punho esquerdo e se conecta diretamente ao queixo do homem menor. Ele voa para trás vários metros, mas não perde o equilíbrio.

Nariz Torto torce o pescoço para o lado antes de mergulhar para a frente, lançando um punho na direção do rosto do animal. O homem maior sai do

caminho e dá um soco no estômago do Nariz Torto.

Ele cai bem na minha frente.

O chão fica selvagem. Gritos de *Pontin, Pontin, Pontin* ressoam, e suponho que deve ser o bruto.

— Levante-se! — Algumas vozes imploram, tentando encorajar o jovem lutando para respirar no chão.

— Mais sorte da próxima vez. — Leandros me diz com um encolher de ombros.

Mas isso ainda não acabou. Dou um passo à frente, agarro o Nariz Torto pelo braço suado e o coloco de pé. Ele se inclina contra mim quando um enorme gole de ar finalmente assobia em seus pulmões.

— Agora ouça. — Eu digo em um rosnado baixo. — Eu tenho muito dinheiro investido em você, e você não vai me deixar perder, não é?

— Ele é muito forte, senhorita. — Diz o homem com respirações instáveis.

— Ele tem pelo menos uma costela machucada no lado direito. Pare de apontar para o rosto e dê um giro mais baixo. Quebre. Seus. Ossos. — Sem outra palavra, eu chego atrás dele e o jogo na luta.

Leandros torce o nariz. — Você cheira a homem suado.

— Como se você pudesse sentir qualquer coisa além do cheiro de cerveja no meu hálito.

— Gostaria que eu estivesse perto o suficiente para sentir seu cheiro, mas...

A luta continua, e Leandros não termina sua frase. Não quando o pequeno candidato se aproxima de Pontin com o punho esquerdo na cabeça antes de imediatamente dar um soco poderoso nas costelas.

Saliva sai voando da boca de Pontin, mas Nariz Torto não para por aí. Com uma série de socos rápidos, ele espancou Pontin tão impiedosamente quanto um padeiro amassa a massa.

Em apenas alguns segundos, o homem maior cai.

Ele não se levanta.

A multidão silencia.

Eu levanto minhas saias enquanto passo por cima do bruto e levanto o punho do meu pequeno competidor no ar. Então o barulho é explosivo, meus ouvidos queimam com a força dele.

Notas e moedas trocam de mãos rapidamente, e o vencedor se inclina para dar um beijo sangrento na minha bochecha.

Estou muito levada pela vitória para me importar.

Satisfeita, volto ao meu lugar e o garoto com o cálice está de volta,

brandindo um enorme maço de notas para mim.

— Duzentos e cinquenta necos, senhorita. Uma excelente aposta. Mas você não gostaria de colocá-lo na próxima partida? Ninguém tem a mesma sorte apenas nos jogos. Você tem um olho natural para o talento! O que diz? Eu guardo isso para você e coloco no seu vencedor mais uma vez?

— Talvez da próxima vez. — Eu digo, pegando meu dinheiro e guardando-o.

Não consigo tirar o sorriso presunçoso dos meus lábios quando me viro para Leandros.

— O que você disse a ele? — Ele pergunta, olhando estupefato para seu campeão deitado no chão.

— Ele só precisava do favor de uma dama para encontrar coragem para vencer a luta.

O mediador silencia a sala com um apito. — Quem lutará com o nosso novo campeão? Quem está pronto para ganhar algum dinheiro no ringue?

Pego o braço de Leandros para içá-lo no ar, mas ele o puxa de volta. — Estou bastante contente em assistir.

Soltei uma risadinha, a cerveja ainda fazendo coisas maravilhosas pela minha cabeça, enquanto observamos um novo competidor entrar no círculo.

Apesar de não apostar mais, Leandros e eu fazemos nossas próprias apostas particulares sobre quem vencerá.

Depois de mais três partidas, Leandros perdeu completamente o orgulho.

— Ninguém adivinha corretamente tantas vezes seguidas!

— Não é sorte. — Eu digo. — É uma observação cuidadosa.

Apesar de ter vencido todas as apostas privadas entre nós, Leandros parece duvidoso. Suponho que terei que continuar provando a ele.

Mas o chão começa a clarear, os homens do círculo vão embora, encharcando pessoas que não saem do caminho rápido o suficiente com suor.

— A noite ainda mal começou. As partidas já terminaram? — Eu pergunto.

Leandros balança a cabeça, um novo sorriso surge. — Apenas as partidas entre os homens.

— Entre os *homens*? — Eu repito.

Um esfregão desliza sobre o chão, então algum tipo de pó é borrifado na área destinada aos competidores. Giz, eu acho.

Então uma senhora entra no ringue. Ela está vestida com simplicidade, mas escandalosamente, com as saias levantadas até a metade da coxa, mantidas no lugar por cordas.

Para que ela possa lutar, eu percebo.

Ela é muito impressionante, todos os músculos flexíveis e a graça feminina. Com bochechas redondas, olhos pequenos e um nariz delicado, ninguém jamais imaginaria como ela passa as noites.

Ela usa os cabelos tirados do rosto, presos firmemente ao couro cabeludo.

O rosto dela é todo profissional, e não tem um sorriso.

— Quem competirá contra a campeã da noite passada, a Viper?! — O mediador pergunta, andando em círculo para examinar a multidão, que de alguma forma dobrou. Um corpo atrás de mim empurra, e eu empurro meus quadris de volta para ele.

— Por que eles mandam as moças irem por último? — Eu pergunto.

— Porque elas são muito mais divertidas de assistir. — Responde Leandros.

— Sem dúvida, isso tem algo a ver com o fato de a multidão ter uma excelente visão de suas pernas?

Leandros não diz nada, confirmando minhas suspeitas.

Finalmente, uma mulher entra no círculo riscado. Ela tem ossos maiores que a Viper, com mais curvas, mas pela maneira mais lenta que ela se move, eu sei que ela não vai ganhar.

— A Viper vai vencê-la. — Digo a Leandros.

— Eu aceito essa aposta.

Ele perde.

Em segundos.

Viper ganhou merecidamente o nome dela. Seus ataques ocorrem rapidamente, um após o outro, e a mulher maior não tem chance de se afastar. Ela não deveria ter deixado sua oponente atacar primeiro.

Viper enfrenta uma segunda oponente.

Uma terceira.

A garçonete aparece com mais cerveja e eu perco a noção de quantas outras bebidas eu pego dela.

Há coisas que eu deveria estar perguntando a Leandros.

Perguntas sobre Kallias e se ele já teve amantes. Eu deveria descobrir... alguma coisa. Algo que vai ajudar com a minha reputação, eu acho?

Mas não me lembro bem e, no momento, não me importo nem um pouco com nada disso. Estou me divertindo muito assistindo Viper.

E percebo que toda vez que ela está prestes a dar um soco, ela aperta a mandíbula levemente. Seus movimentos são bastante previsíveis. Ela gosta de começar do alto, atingindo o rosto para desorientar seus oponentes antes de descer para o estômago e bater arrancar o fôlego deles.

— Quem é a próxima?! — O mediador pergunta. — Quem enfrentará nossa campeã e ganhará um pedaço dos lucros da casa, se for vitoriosa? E quanto a você?

Ele escolhe uma jovem garota pequena na frente do círculo. Ela balança a cabeça com veemência.

— Você? — Ele se aproxima de outra garota, essa mais robusta, melhor construída para lutar, mas ela também recusa.

Talvez seja a cerveja. Ou a dormência de todas as minhas vitórias anteriores. Talvez seja meu desejo profundo de ser reconhecida pelo mundo.

— Eu vou competir! — Eu digo.

Leandros vira seu pescoço, um olhar de confusão cruzando suas feições, como se alguém talvez tivesse lançado sua voz em minha direção.

— Excelente! Temos uma candidata! Dê um passo à frente, jovem senhorita!

Movo minhas pernas, mas Leandros agarra meu braço em um aperto. — O que você está fazendo?

— Competindo.

— Você não pode fazer isso. O rei cortará a minha cabeça.

Eu me inclino para frente. — Ainda bem que nunca precisaremos contar isso a ele.

— Alessandra! Você é uma dama!

— Hoje não. — Eu o lembro, e puxo meu braço para trás antes de entrar no círculo.

Olho para as saias pesadas, mas perco o equilíbrio ao fazê-lo.

Felizmente eu me pego antes de cair. — Alguém tem uma gravata que poderia me emprestar?

Nada menos que cinco homens rasgam faixas de cabelo, gravatas, cintos ou outros itens de seu corpo para me entregar.

Eu aceito um cinto e o uso para levantar minhas saias e afastá-las das minhas pernas, antes de apertar tudo nas costas.

Vários assobios soam.

Fico feliz que Leandros me deu roupas velhas para vestir hoje à noite. Eu odiaria estragar um dos meus próprios vestidos.

— Como você se chama, senhorita? — O mediador me pergunta.

Penso em dar o meu nome verdadeiro, mas gosto bastante da ideia de algo mais divertido, como a Viper.

Uma imagem de Kallias me vem à mente, do papel que desejo tão ferozmente. — Me chame de Rainha das Sombras.

O mediador grita o título para a multidão ouvir. O garoto com o cálice corre pelo lado de fora e os senhores e damas fazem suas apostas.

— Vão para o centro, senhoras.

Eu mantenho meus olhos em seus queixos.

Sim, existem dois deles. Ela não tinha um quando começou a lutar?

— Lutem. — Diz o mediador, batendo a mão no chão.

Viper bate no meu rosto imediatamente, como eu sabia que ela faria. Eu me agacho e empurro meu punho o mais forte que posso no meio de seu estômago.

Ela recua, seus braços indo para onde eu a golpeei. A multidão enlouquece e minha mão palpita. Eu sei o suficiente para manter meu polegar fora do meu punho, mas minha pele e juntas não estão acostumadas a esse contato.

Viper se recupera um instante depois, sacudindo as mãos como se pudesse afastar a dor. Ela salta em minha direção e eu mantenho meus olhos em seu rosto.

A mandíbula dela aperta, seu punho esquerdo está se aproximando. Eu me afasto, tentando dar um soco na direção de seu rosto, mas ela bloqueia com um braço como aço, o movimento enviando um choque no meu braço.

Ela segue com um soco na minha cara.

Eu não me esquivo a tempo.

O punho dela se conecta logo abaixo do meu olho, e meu pescoço vira para trás com a força dele.

A gravidade me reivindica, me puxando para o chão. Eu posso ver fileiras e filas de pernas vestidas de calça de onde eu pouso. Elas estão girando. Não, todo o ambiente está. Sinto líquido escorrendo pelo meu rosto. Sangue? Lágrimas? Cuspe? Distante e distante, acho que ouço a voz de Leandros.

Então tudo fica escuro.

CAPÍTULO
14

— Você é uma garota tola, tola. — Leandros diz mais uma vez quando chegamos ao castelo nas primeiras horas da manhã. Desde que recuperei a consciência, ele não fez nada além de enfiar pão e água na minha garganta. Eu meio que fiquei sóbria, mas parece que alguém jogou um tijolo no lado esquerdo do meu rosto. Lembrança da Viper.

Nós andamos por um corredor silencioso, os empregados e funcionários há muito que se retiraram para suas camas.

— Parecia uma boa ideia na hora. — digo.

— Da próxima vez não beba tanto.

— Essa cerveja camponesa é enganosamente potente.

— Toda cerveja é potente quando você bebe seis copos.

Estremeço ao tocar timidamente a área ao redor do meu olho.

— Não acredito que machuquei minha melhor característica.

— Não sei o que farei sobre o olho roxo. Vou precisar fazer um milagre com meus pós de rosto para cobri-lo.

Paramos à minha porta e Leandros abaixa a voz enquanto me encara.

— Todos as suas características são as melhores. Nenhuma outra mulher segura uma vela para você.*

Ele se inclina para frente, beijando a mancha preta ao redor do meu olho. Quando ele se afasta, ele olha para os meus lábios.

Foi uma noite incrível. Uma que não esquecerei tão cedo. E Leandros é bonito. Bonito demais para o seu próprio bem.

Eu levo a mão até os seus cabelos castanhos dourados, deslizo os dedos na parte de trás da cabeça, prestes a atraí-lo para perto.

Mas então eu paro.

Estou aqui para conquistar o rei. Não seu amigo de infância.

Mas ele realmente descobriria sobre um beijo?

Não seria um beijo. Não tenho dúvida de que Leandros beija fantasticamente bem, e eu o arrastaria para o meu quarto em pouco tempo.

Eu quero um reino ou um embaraço de lençóis? Não deve ser tão difícil tomar essa decisão. Mas faz semanas desde o meu último flerte.

Com um suspiro, deixo minha mão cair.

— Boa noite, Leandros. Obrigada por esta noite. Não vou esquecer.

Um sorriso triste atinge seus lábios, mas sempre cavalheiro, ele assente e caminha pelo corredor e se afasta de mim.

Eu já me arrependo da decisão, pois estou sozinha e com frio no corredor vazio, mas é tarde demais para mudar de ideia.

Pego minha chave nos maços de notas no bolso e entro na sala.

Tiro os sapatos, esvazio os bolsos na mesa.

Então olho para cima.

Kallias está no quarto

★ ★ ★

ELE ESTÁ SENTADO NA MINHA CAMA, as pernas cruzadas na frente dele. As mangas da camisa estão desabotoadas, mas ele ainda usa luvas. Sem colete ou jaqueta, mas uma pequena extensão da parte superior do peito amostra, sem uma gravata ou um botão de cima.

Embora pareça relaxado ele está perfeitamente alerta.

— Você teve uma noite agradável? — Ele pergunta sem olhar para mim, nenhuma dica de seu humor pode ser encontrada em sua voz.

— Eu tive.

— Parece que Leandros também. Por que você não lhe deu um beijo de boa noite?

Ele estava ouvindo. Ele tinha que estar. Oh, nunca fiquei tão agradecida por minha coragem em afastar Leandros.

— Uma dama nunca beija após o primeiro encontro.

— Então você queria? — Agora seus olhos se erguem. Eles se estreitam nos

meus olhos negros como uma flecha afiada para um alvo. Ele se levanta e caminha até mim. — O que aconteceu? Leandros...?

— Claro que não.

Ele levanta a mão ao meu rosto e eu permaneço perfeitamente imóvel. Um único dedo enluvado se aproxima e roça brevemente a pele abaixo do meu olho. O couro é macio e frio.

A mão de Kallias se aperta em um punho e cai ao seu lado.

— Ele me levou para o boxe.

— Boxe?

— Ele me levou para assistir as partidas. Depois de ganhar várias consecutivas apostando qual jogador venceria o outro, decidi tentar a minha própria sorte.

Kallias parece que alguém acabou de lhe fazer uma pergunta com uma resposta impossível.

— *Por quê?* Por que diabos você faria isso? Você foi vencida!

Eu me levanto.

— Bem, sim. Mas foi maravilhoso até então.

Uma risada ofegante escapa dos lábios do rei e posso dizer que o humor não é gentil.

— Por quê você está aqui? — Eu falo.

— Cancelei minha noite de reuniões. — Diz ele. — Eu pensei em surpreendê-la, levando você para sair hoje à noite. Mas você não estava em lugar nenhum. Eu pensei em esperar por você.

— Quantas horas você passou sentado na minha cama?

Ele passa os dedos pelos cabelos em um golpe furioso.

— Por que você passaria a noite com Leandros?

— Importa com quem eu passei a noite? Ele é gentil e divertido e *realmente tem tempo para mim.*

Kallias fica quieto por um momento, provavelmente tentando apresentar seu próximo argumento. Eu não lhe dou a chance.

— Eu concordei com o seu plano. — Eu digo. — Eu estou fazendo o papel de sua namorada. Mas você sabe o que mais veio com o acordo, Kallias? Amizade. Você me prometeu um amigo em você. Você não estava entregando. Eu tive que procurar amizade em outro lugar.

— Você tem Rhoda e Hestia. — Diz ele.

— Rhoda e Hestia não vão me convidar para dançar em festas. Você sabia que nenhum homem se aproximará de mim? Estou fora dos limites. É como se

eu tivesse contraído a praga.

Ele está calado.

— Leandros e seus amigos são os únicos que me tratam como pessoa e não como a futura rainha. Você sabe por que eles simpatizam comigo? Por que eles fizeram amizade comigo? Porque eles também sabem como é ter você chamando-os de amigos e depois deixá-los de lado. Talvez eu *tenha* tentado beijar Leandros. Talvez eu esteja sozinha. Certamente você sabe como é isso!

Kallias recua, como se eu tivesse lhe dado um tapa.

Eu não sinto muito. Nem um pouco.

— Eu não sou uma boneca que você pode vestir e deixar em paz até que esteja pronta para brincar comigo, Kallias. Sou uma pessoa. E se você não pode respeitar isso, vou arrumar minhas coisas e partir amanhã.

Oh, eu realmente espero que não seja a última cerveja fazendo efeito. Certamente é minha mente sensata, sabendo que Kallias não ligará para meu blefe. Que ele vai se desculpar e me implorar para ficar. Que ele vai mudar de atitude e começar a me dar atenção.

Ou talvez eu não pudesse controlar a ameaça, bêbada ou não.

Kallias me irrita de uma maneira que ninguém jamais fez. Nem meu pai.

Prendo a respiração, esperando que ele diga alguma coisa.

As sombras do rei brilham, como chamas engolindo todo o seu corpo. Ele se vira sem olhar para trás e sai, derretendo através da parede de pedra sólida.

Oh, céus.

O que eu fiz?

Eu caio na cama. Apesar de quão errado as coisas estavam acontecendo, não posso deixar de me exaurir. O boxe, combinado com a hora tardia, praticamente arrasta minha mente para o esquecimento.

Mas, pouco antes de partir, a pele do meu olho enegrecido esquenta. Não com dor. Não da memória do beijo pressionado lá.

Mas do fantasma de uma mão enluvada.

★ ★ ★

MINHA CABEÇA LATEJA ASSIM que acordo. É uma combinação maravilhosa de muita cerveja e uma má noite de sono.

E, além disso, tudo se desenrola.

Que escolha tenho senão cumprir minha ameaça e ordenar que os criados

comecem a arrumar minhas coisas? As palavras queimam na minha garganta enquanto eu dou as ordens e eu bato em dois lacaios diferentes que se movem muito devagar para o meu gosto.

Depois de um momento, percebo que este é um trabalho que levará horas. Não faz sentido ficar olhando esperando eles terminarem.

Eu deveria tentar continuar o meu dia normalmente.

Rhoda e Hestia conversam enquanto eu encaro o assento vazio na cabeceira da longa mesa no grande salão. Kallias não está lá.

Vou vê-lo novamente antes de sair?

E por que diabos estou esperando minhas coisas serem embaladas antes de partir? Eles chegarão à propriedade do meu pai, quer eu os acompanhe ou não.

Na verdade, acho que não vou voltar para a propriedade dos Masis. Como posso depois de insistir que não precisava do Pai?

E, honestamente, prefiro não ver seu rosto tão cedo. Não, eu vou para uma pousada. Ficar sozinha por um tempo até que eu possa repensar tudo.

A cadeira permanece vazia durante todo o almoço. Claro que ele não quer me ver.

Eu o perdi. Perdi um trono, uma coroa, a admiração de um reino, o poder de ser uma rainha.

Eu levo meu tempo retornando aos meus aposentos depois de passar a tarde na sala de costura. Como se algum plano brilhante de salvar tudo viesse a mim, se eu tivesse tempo suficiente.

O que eu vou fazer? Estou realmente me deixando perder tudo?

Primeiro eu provavelmente deveria dar uma olhada no meu olho para ver se o pó facial ainda está fazendo seu trabalho para cobrir meu machucado. Então, não sei o que virá a seguir.

Se meu quarto estiver empacotado, eu vou embora. Se não, vou demorar um pouco mais.

Entrei temendo o fato de não ouvir a agitação dos pés. Eles devem ser feitos! Mas enquanto ando pelos meus aposentos, encontro o inesperado.

É como se eu nunca tivesse pedido a remoção de nada. O quarto foi limpo. A cama feita. Os móveis espanados. Mas o guarda-roupa ainda está cheio das minhas roupas. A cômoda contém todos os meus cosméticos.

Nada está embalado.

Aqueles servos preguiçosos e horríveis. Volto para o corredor, ansiosa para encontrar alguém para gritar e sou imediatamente chamada por um criado.

— Minha senhora. — Ele diz antes que eu possa pronunciar uma palavra —

O rei pede sua presença. Você importa em me seguir?

Sim, eu me importo muito. Kallias tem mais a dizer sobre o passeio da noite passada? Ele quer me banir publicamente do palácio? Me expulsou por passear com seu antigo amigo?

Mas se houver uma chance de ele querer esquecer nossa discussão e fazer as coisas voltarem a ser como eram, devo aceitar.

Com certeza, posso seduzir um rei, mesmo que o veja apenas meia hora, duas ou três vezes por dia? Eu posso ir a festas onde nenhum homem fala comigo. É apenas por um curto período de tempo. Até que eu possa garantir meu casamento com o rei e depois matá-lo.

Então eu poderei ter todo pretendente que eu quiser.

Mas por que Kallias precisa tornar tudo tão difícil?

O criado me leva ao primeiro andar, levando-me a uma saída dos fundos do palácio. Ele para diante de uma carruagem simples e abre a porta para mim.

Lá dentro, vejo um contorno de calças pretas e sapatos finos.

Kallias?

Ele vai me escoltar pessoalmente do palácio? Por quê?

Agarrando minha melhor tentativa de manter minha dignidade, entro na carruagem e sento-me em frente ao rei.

A porta se fecha atrás de mim e Kallias usa o florete deitado no banco ao lado dele para bater duas vezes no teto da carruagem.

Depois de um tapa de rédeas e o movimento sacudido dos cavalos, partimos.

As sombras dançam ao longo das almofadas em torno de suas pernas e ombros. Ele veste uma camisa branca de algodão. Sem jaqueta ou colete. Embora ele use luvas. Suas calças são muito simples hoje. Seus sapatos estão bons, mas suspeito que seja porque ele não possui mais nada.

Pela cara dele posso dizer que ele está esperando que eu faça uma pergunta. “*Porque estamos aqui? Para onde você está me levando? Você ainda está com raiva?*”

Mas não lhe dou satisfação.

Viro o nariz e olho pela janela, observando a paisagem que passa. Não é muito para se olhar. Casas e ruas de pedra e gente comum cuidando de seus negócios diários.

Mas então a carruagem vira e eu sou lançada do meu assento e em direção ao colo de Kallias.

Há uma sensação como a fumaça de um fogo passando sobre meus membros, e meu nariz inspira o cheiro almiscarado de lavanda e menta dele.

Mas não sinto o contorno de Kallias contra o meu corpo.

Quando abro os olhos, percebo que não aterrei nele.

Eu já passei por ele.

Eu estou dentro dele.

Estou de joelhos no assento que ele ocupa, ele e suas sombras me envolvendo.

— Ahh!

Empurrei-me para trás, preocupada que ele, de alguma forma, me agarrasse. Que eu tivesse capturado as sombras, que eu tivesse sido engolida pela escuridão.

A sensação de fumaça pelo corpo diminui ao mesmo tempo em que a carruagem para bruscamente. Eu tenho que sustentar meus pés com mais firmeza para não cair novamente no rei.

Mas então eu percebo.

Eu o toquei.

Eu quebrei a lei.

Ele já cruzou comigo.

Agora o que ele vai fazer?

Olho para cima e vejo que Kallias ainda está inteiro. De alguma forma, não o espalhei a massa incorpórea dele ao tombar.

Seu rosto ainda é como pedra, apesar de não ser tão sólido como tal.

— Está tudo bem, senhor? — O motorista chama.

Os olhos de Kallias nunca deixam os meus.

— Estamos bem. Continue.

— Sim, sua Majestade.

Estamos atravessando a montanha, eu percebo. Não para baixo. Foi por isso que caí do meu lugar, porque sinto que estou constantemente a ponto de perdê-lo mais uma vez.

E agora temo que o rei esteja me levando a algum lugar para me matar.

Eu poderia fugir? Pular da carruagem e desaparecer antes que ele possa segui-la? Então o que será de mim?

Eu deveria tentar. Eu deveria pensar em alguma coisa.

— Você é real? — Eu pergunto, as palavras pulando dos meus lábios antes que eu possa segurá-las.

— Bem real. — Diz ele em resposta.

— Mas você não é sólido. Você é... todas as sombras. Te machuquei? É por isso que você não deseja ser tocado? Você vai me matar? — Todas as perguntas

terminam, cada uma começando antes da última terminar.

Ele aperta a alça do seu florete. Espero que apenas para fazer algo e não porque ele está pensando em usá-lo.

— Não. — Ele diz finalmente. — Para todas as perguntas.

Meu coração se acalma um pouco. Ele realmente não tem motivos para mentir para mim. Se ele ia me matar, acho que ele já teria feito isso.

— Como é que você é capaz de tocar essa espada, mas eu não?

Ele não pode ser tocado por seres vivos? Isso tornaria muito difícil consumar um casamento, independente. Mas então, senti a pressão da luva na minha bochecha...

No espaço de um piscar de olhos, as sombras desaparecem.

Tudo o que resta é Kallias. Real, humano. Corporal. Palpável.

Lindo.

Em outro piscar de olhos, ele voltou a ser cercado por sombras.

— Eu posso ativar e desativar a capacidade. — Diz ele — Eu posso forçar meus dedos a solidificar para pegar algo, enquanto o resto de mim permanece intangível.

— Mas por que a lei? — Eu pergunto — Se ninguém pode machucá-lo, por que proibir as pessoas de tocarem em você? Por que se preocupar com luvas ? Isso te machuca? Tocar alguém pele a pele?

— Não me dói tocar em ninguém. A menos que eles estejam me mutilando de alguma maneira.

Então por que? Eu quero gritar. Por que afastar todos? Por que se isolar de todos? Por que viver sozinho e intocado?

— Se eu tocasse alguém pele a pele quando não estivesse na minha forma sombria, minha capacidade desapareceria sempre que eu estivesse na presença deles. Eu seria corporal sempre que eles estivessem por perto. Eu seria suscetível à morte e à dor e tudo mais. Meu pai viveu mais de cem anos. Uma vida longa e solitária, até que ele decidiu se casar com minha mãe. Então ele foi mortal. Ela era a âncora, mantendo-o de castigo. E qualquer um poderia assassiná-lo enquanto minha mãe estava perto.

— E eles o fizeram. — Ele termina — Apaixonar-se foi o que o matou. Agora você vê por que desejo apaziguar o conselho sem realmente cumprir os desejos deles. Alguém matou meus pais e eles farão o mesmo comigo se eu me deixar aproximar de alguém. Às vezes até me pergunto se a morte do meu irmão não foi um acidente.

Não ouso dizer nada, por medo de que ele pare de confiar em mim.

— Ele não era como eu, sabe — Diz Kallias — A habilidade passa de pai para filho. Mas meu irmão Xanthos? Ele não conseguiu a habilidade. Eu acredito que é por isso que ele morreu tão jovem. Alguém queria tirá-lo da linha de sucessão. Meu pai estava muito mais protegido. Demoram mais tempo para encontrar uma maneira de acabar com ele.

Mal posso acreditar que ele está confiando tanto em mim. Mas também não posso deixar de me perguntar se isso é algum tipo de teste.

Eu digo: — Quando você entrou no meu quarto naquela noite, queria saber exatamente o que eu tinha dito. Porque se as pessoas pensassem que estávamos nos tocando...

— Eles viriam atrás de mim. — Ele termina. — E eu teria que estar sempre em alerta.

— Por que você está me dizendo tudo isso? — Eu pergunto — Você tem certeza que não vai me matar?

— Você estava certa, Alessandra. Na noite passada. Todas essas coisas que você disse. Eu tenho medo de viver verdadeiramente. Estar com você fora das observadas refeições me deixa vulnerável. Se alguém descobrir meu segredo, se acidentalmente nos tocarmos, eu poderia ser morto.

— Mas não é assim que se vive. — Ele continua —Talvez eu não tenha permissão de ter alguém fisicamente perto de mim. Mas isso não significa que não posso deixar você entrar. Eu... gosto de você e espero que você possa gostar de mim também.

Algo em mim... amolece. Há algo em olhar para este homem sombrio e poderoso e ouvir suas esperanças por nós. Isso me faz querer fazer essas esperanças se tornarem reais.

Logo antes de eu matá-lo, é claro.

— Então você está me levando...? — Eu pergunto.

— Para um dos meus lugares favoritos. Estamos ficando juntos. Fora do palácio. E não porque convencerá ainda mais o conselho de nosso namoro, embora isso seja um benefício. Estamos fazendo isso porque somos amigos e você merece muita diversão.

— A noite passada foi divertida.

— Um pouco de diversão comigo. — Ele esclarece, ajeitando a mandíbula — Chega de noites com Leandros.

Eu levanto uma sobrancelha.

— Estou tentando me comprometer. Estou passando um tempo com você e não podemos ter o conselho descobrindo que você está compartilhando seu favor

com mais de um homem.

— Tudo bem. — Eu digo — Mas eu me reservo o direito de ver quem eu quiser, se você começar a se comportar como um idiota novamente.

Às vezes me pergunto se é apenas uma questão de tempo até eu ir longe demais. Antes que eu diga algo para finalmente empurrá-lo até o limite e se livrar de mim para sempre.

Mas descobri que durante todas as nossas conversas não tive que fingir. Quando digo coisas, é porque realmente sinto e penso assim. Eu posso estar tentando conquistar o coração de um rei, mas...

Eu ainda estou sendo eu mesma.

Isso nunca aconteceu antes com um alvo.

— Isso é justo. — Diz ele.

Eu o recompenso com o sorriso mais encantador que posso encontrar e não é nem um pouco falso.

— Você acha que eu poderia me sentar ao seu lado? — Eu pergunto — Então eu não caio do meu banco de novo? A inclinação é íngreme.

Ele corre para um lado da almofada de pelúcia em resposta. Eu me acomodo ao lado dele, nas minhas saias escovando suas sombras.

— Muito melhor. Obrigada.

*N.T.: É uma expressão de comparação. Ele quis dizer que não há nenhuma outra mulher melhor do que ela.

CAPÍTULO
15

Quando a carruagem para, o motorista desce do poleiro e abre a porta para mim, estendendo um braço para me ajudar a descer o único degrau. A saia de hoje é fina, uma variedade verde com tecido que brilha ao sol. As calças são ajustadas e pontilhadas com tecido preto recolhido na imitação de pétalas de flores.

— Eu nunca tive a chance de elogiá-la pela sua roupa.

— Essa é uma das poucas roupas que ainda não usei. Eu estava com raiva de você e não queria usar sua cor favorita.

— Mas então você usou mesmo assim?

— Eu pensei que poderia deixá-lo mais irritado quando você fosse forçado a me ver sair com todas as minhas coisas.

Ele sorri. — Eu ficaria. — Ele se vira para o motorista. — Iremos caminhar. Não precisaremos da sua ajuda por um tempo. Voltaremos quando estivermos prontos.

O motorista assente antes de seguir uma trilha à esquerda da carruagem. Ele desaparece em uma cobertura de árvores. Kallias recupera seu florete da carruagem e amarra-o ao cinto. Então ele pega uma grande cesta tecida no topo da carruagem.

— Por aqui. — Ele diz.

Quando ele segura a cesta em uma mão, os juncos desaparecem repentinamente, as sombras os devoram, até que tudo esteja tão envolvido neles quanto o rei.

— Quando você toca em algo, torna-se intangível como você? — Eu

pergunto.

— Eu tenho que agarrá-lo com uma mão corpórea. Então, quando eu voltar às sombras, o objeto irá vir comigo. Uma benção. — Acrescenta. — Caso contrário, a coisas se agitariam bastante quando minhas roupas caíssem através de mim.

Não posso deixar de rir levemente disso.

A grama é macia e silenciosa sob meus pés, enquanto Kallias me leva na direção oposta do motorista. O chão rola para cima e para baixo com as colinas. Sou grata pelas minhas pernas vestidas de calça e pelas botas mais resistentes que eu usei hoje.

— Você não está preocupado em ficar sozinho aqui em cima? — Eu pergunto.

— Porque eu estaria? Não posso me machucar.

— Mas eu posso.

— Não se preocupe. Vários cavaleiros nos seguem a uma distância discreta. Pegamos uma carruagem simples em vez da carruagem real. Meus homens estão vagando pelas bordas deste local. Fora de vista. Além disso, ninguém viaja por esse caminho, a menos que esteja tentando atravessar a passagem para outro reino, e por que eles fariam isso? Os invasores não conseguem chegar ao fim, porque há homens postos do outro lado da montanha.

— Eu não uso essa espada apenas pela aparência. — Acrescenta. — Eu sei como usá-la. Tenha certeza de que a única coisa perigosa aqui fora sou eu.

— E devo ter medo de você? — Eu pergunto.

— Nunca.

Na próxima elevação, vejo um grande carvalho, os galhos proporcionando uma sombra agradável do ar quente. A algumas dezenas de metros de distância, um lago repousa, ondulações se formando de insetos que dançam na superfície da água ou um peixe fazendo uma breve aparição.

Um campo de narcisos nos rodeia, as pétalas douradas balançando na brisa, colorindo todo o lugar no que seria uma pintura perfeita.

Está me dando ideias para o design de roupas. Da próxima vez que viermos aqui, terei que trazer um caderno de desenho.

Da cesta, Kallias remove um cobertor xadrez vermelho e branco, espalhando-o sob a sombra da árvore. Ele coloca seu corpo magro em cima dele, cruzando as pernas debaixo dele antes de vasculhar os outros componentes.

Eu me sento ao lado dele. Perto, mas não perto o suficiente para tocar.

— É lindo aqui. — Eu digo.

— Minha mãe costumava esgueirar com eu e Xanthos aqui fora quando éramos crianças. Brincávamos na lama, pegávamos sapos, pegávamos as flores. Ela nunca esteve ocupada demais para nós, apesar de ser uma rainha.

— Ela parece divertida.

— Ela era. Eu... sinto falta dela. — Ele passa os olhos pelos narcisos. — Ela adorava flores. Até hoje, os zeladores tomam medidas extras para manter seus jardins de flores fora do palácio.

Ele está finalmente se abrindo. É exatamente isso que preciso para nos aproximar.

— Sinto muito. — Eu digo. — Eu também perdi minha mãe. Eu tinha onze anos quando a doença a levou. Por alguma razão, mal me lembro dela. Lembro-me principalmente da minha governanta. Eu não via minha mãe frequentemente. Papai a amava profundamente, e eu não suporto meu pai. Então, me pergunto se talvez eu não teria gostado dela se a conhecesse bem… sinto muito que você tenha perdido a sua.

— Obrigado. — Ele solta um suspiro. — Mas eu não te trouxe aqui para falar sobre coisas tão tristes. Estamos aqui para comer. — Ele acena para toda a comida que ele colocou diante de nós.

Há o suficiente para alimentar vinte pessoas. Vejo pelo menos cinco tipos diferentes de sanduíches, de pepino a carne de porco desfiada. Morangos com as hastes cortadas e algum tipo de molho de chocolate para mergulhar. Pernas de frango temperadas com alecrim.

Folhas verdes desfiadas com tomates e cenouras. Cachos de uvas.

Minha boca saliva ao ver tudo.

Kallias e eu aproveitamos nossa comida, e desta vez ele ouve atentamente enquanto eu lhe dou detalhes de golpe por golpe da noite passada. Tenho orgulho das apostas que ganhei. Eu me pego querendo contar a ele como aprendi os tiques das pessoas ao meu redor e os usei em meu proveito.

— Você parece ser uma excelente general. Talvez eu deva demitir Kaiser e contratá-la.

Eu lambo o molho de chocolate dos meus dedos. — Receio não ter conhecimento de armas. Embora eu sempre carregue uma adaga comigo.

A que eu usei para matar Hektor.

— Isso é bom. É preciso estar sempre preparada para o imprevisível. — Ele se recosta, desfrutando de um estômago cheio, e nós dois apreciamos ficar sozinhos. Estar livre do palácio. Livre de responsabilidade neste belo lugar.

— Eu gostaria de ter pensado em trazer roupas de banho. A água é tão

refrescante nesta época do ano. — Diz ele.

— Quem disse que precisamos de trajes? — Eu pergunto.

— Sua roupa é apertada, e a saia consumiria água como uma esponja para afogar você.

— Eu não pretendia manter nossas roupas. — As palavras estão fora antes que eu perceba que elas podem ser muito precoces.

Kallias se vira para mim, um sorriso malicioso no rosto. — Lady Alessandra, quanto mais eu aprendo sobre você, mais eu gosto de você.

Ele se levanta, pega o decote na parte de trás da camisa de algodão e o puxa em um movimento. Ele olha para mim, chamando meu blefe, me desafiando a me despir.

Só estou distraída por um momento pela extensão de músculos visíveis em seu peito. Eles estavam tão bem escondidos sob a camisa solta. Sob as camadas de coletes e casacos, ele costuma ser encontrado.

Mas agora ele está em exibição, e eu decido que é a melhor aparência dele.

Eu mantenho meus olhos nos dele enquanto desfaço os botões da minha saia. Uma vez desfeita, tiro a roupa, então estou vestida apenas com aquelas calças e uma blusa apertada e sem mangas.

— Seus guardas? — Eu pergunto.

— Eles estão fora de vista. — Diz ele, sua voz cada vez mais profunda. Então, como se fosse necessário um grande esforço, ele se vira.

Se vira.

Que diabos?

— O que você está fazendo? — Eu pergunto.

— Estou esperando minha amiga se despir e entrar na água.

Oh, é assim que vai ser?

Essa é a verdade das coisas entre nós, ou Kallias está tentando forçar essa distinção em nosso relacionamento?

Fazendo o máximo de barulho possível, tiro minhas botas e calças, tiro a blusa e a roupa de baixo e depois me aproximo da água, me perguntando se Sua Majestade espreitará. Se é apenas um ato ou se ele pensa em me pegar de surpresa.

Ele nem se mexe.

O Rei das Sombras é um desmancha prazeres.

A água está fria no começo, mas depois de alguns segundos, eu me acostumo, ousando ir cada vez mais fundo, até que todas as partes importantes estejam cobertas.

— Estou dentro. — Digo a ele.

Ele se vira e faz um movimento giratório com o dedo. Minha vez de desviar o olhar enquanto ele tira o resto de suas roupas.

Meus dedos do pé cavam na lama lisa enquanto eu encaro a outra direção. Eu mantenho meus pensamentos longe de todas as criaturas que vivem no lago e, em vez disso, tento imaginar como Kallias parece nu. Toda aquela pele bronzeada e músculos magros.

Estou tão perdida em pensamentos que pulo quando ouço passos atrás de mim.

— Você pode olhar agora. — Diz ele.

A água é tão escura que eu poderia ficar bem na frente de Kallias e não ver nada debaixo d'água.

Mas é uma pena.

Ele disse que não podia tocar. Ele não disse nada sobre olhar.

Então, por que ele desejaria desviar o olhar? E por que diabos ele me forçou a me virar?

De repente, me apresso a pensar em algo para dizer antes de nosso passeio ficar estranho.

— As sombras facilitam a flutuação? — Pergunto-lhe.

— Sim, facilitam.

Ele está submerso apenas até a cintura, me dando uma bela vista de seu torso. Não há uma marca nele. Nem uma cicatriz ou sarda à vista. Como ele é tão perfeito?

Um silêncio se constrói, enquanto pensamos no óbvio. Estamos nus. Em um lago. Não fazendo nada desagradável.

Como é essa minha vida agora?

Eu preciso dizer outra coisa. Mas todos os tópicos que correm pela minha mente são terrivelmente inadequados.

— Você é virgem? — Eu pergunto.

Muito bem, Alessandra.

Mas ele parece muito divertido com a pergunta. — Não. Você é?

Eu deveria dizer que sim. Toda a reputação de uma dama depende desse fato, como eu bem sei. Mas do jeito que ele pergunta, sério, não posso deixar de perguntar...

— Importa se eu não for? — Atrevo-me a perguntar.

— Nem um pouco. — Diz ele imediatamente.

Meus lábios se separam. — Mas é praticamente uma lei tácita que as

mulheres devem ser virgens nas noites de núpcias.

— Não é minha lei. De fato, fiz o possível para dar às mulheres os mesmos direitos que os homens. É o que minha mãe gostaria.

Além disso, como os homens podem esperar que todas as mulheres permaneçam virgens enquanto não o fazem? Os números não somam.

Ele fala sério. Todo esse tempo eu me preocupei com Myron arruinar as coisas, quando eu não precisava ter me incomodado.

Primeira coisa quando voltarmos, estou cobrando suas dívidas.

— Não. — Eu digo finalmente. — Eu não sou virgem. — Então, corro para acrescentar: — Então você se permite tocar as pessoas, afinal?

— Eu costumava. Antes de eu ser rei.

— E as senhoras em questão não estão por perto para contrariar sua capacidade?

— Quando eu era mais jovem. — Ele explica. — Paguei generosamente pelas atenções das mulheres. As cortesãs, principalmente, para quem eu dei pequenas fortunas para que elas pudessem recomeçar suas vidas em um dos outros cinco reinos.

— Isso é... inteligente. — Digo a ele.

Ele olha para a água, vendo gotas caírem de seus dedos. — Eu quase gostaria de não ter feito isso. Então eu nunca saberia o que estava perdendo.

Talvez eu deva ser solidária. Em vez disso, pergunto: — Você foi celibatário por um ano inteiro?

— Sim.

— E você planeja permanecer celibatário? — Pode haver pausas desnecessárias entre cada uma das palavras, mas não posso evitar. — Certamente não vale a pena?

Ele encolhe os ombros. — Sou o homem mais poderoso do mundo e viverei para sempre. Imagino que os homens desistiriam de muito mais apenas pela imortalidade.

Hmm. O que eu daria por esse poder?

Suponho que não importa. Tudo o que tenho a fazer é investir meu tempo. Não há nada que eu tenha que abrir mão.

— De onde essa habilidade sombria se originou? — Eu pergunto.

— Minha família governa desde o início dos tempos, ou pelo menos é o que me disseram. Um dos meus ancestrais – o nome dele era Bachnamon – lutou para manter seu trono. Muitas tentativas foram feitas em sua vida. Seu próprio primo tentou usurpá-lo.

— Ele orou aos deuses pedindo ajuda primeiro. O deus da força. O deus da sabedoria. O deus da justiça. Ele pediu força para manter seu poder, para ser forte o suficiente para destruir seus inimigos. Ele queria que sua linhagem permanecesse no poder para sempre.

Nenhum respondeu.

— Então ele orou aos demônios em seguida. O demônio do sofrimento. O demônio da vingança. O demônio da dor. O último respondeu. Bachnamon recebeu o poder das sombras. Ele era invulnerável à morte e à dor, desde que permanecesse em sua forma sombria. Mas porque a habilidade foi dada por um demônio, não foi sem seu preço. Ele recebeu imortalidade, desde que passasse a maior parte de seus dias na sombra. Mas se não o fizesse, a habilidade seria repassada aos seus filhos.

Eu fico ali, digerindo que tudo por um momento enquanto assisto tentáculos de sombra serpentearem por seus braços.

Eu olho para os olhos dele, apenas para encontrá-lo assistindo uma gota de água escorrer pelo meu ombro.

Ele tosse. — Agora é minha vez de fazer perguntas. Conte-me dos homens que tiveram a sorte de receber seus favores. Havia mais de um? — E então sua voz muda. — Você tem um namorado esperando por você agora?

A pergunta parece surgir nele com horror.

— Eu não tenho ninguém agora. Mas como eu disse, cresci recebendo pouca atenção da minha família. Então eu procurei em outro lugar.

— Ah, Alessandra. Se ao menos eu te conhecesse mais cedo. Eu nunca te ignoraria.

— Um rei tão galante.

— Quantos homens? — Ele quer saber.

Dezenas.

Em vez de responder, pergunto: — Quantas mulheres?

De alguma forma, acho que nossas respostas podem ser semelhantes.

— Tudo certo. Guarde sua resposta, e eu vou guardar a minha. — Diz ele.

— Justo. Agora posso nadar?

— Certamente. Mas se eu chegar ao outro lado do lago antes de você, você me deve uma resposta a qualquer pergunta que eu fizer.

— Fechado. — Eu digo ao mesmo tempo em que pulo para o outro lado.

Maldito seja. Ele ganha.

— Quero ouvir sobre o primeiro garoto. — Diz ele. — Como começou e terminou?

Os únicos pensamentos que tenho sobre Hektor Galanis são quando lembro de sua morte. O começo do nosso relacionamento é algo em que não penso muito.

— Ele era o quinto filho de um barão. — Eu começo. E percebo que talvez não deva usar o pretérito ao falar sobre ele. Estou praticamente admitindo que sei que ele está morto, e uma investigação está sendo conduzida. Eu preciso prestar mais atenção nas minhas palavras.

— Meu pai tinha negócios com o pai dele, — Continuo. — Ele veio à nossa propriedade com o resto de seus irmãos. Os mais velhos perseguiram Chrysantha no momento em que chegaram. Mas Hektor me destacou. E fiquei atraída por ele apenas por esse fato. Eu tinha quinze anos.

— Eu não tinha nenhuma experiência com homens na época.

Eu quase não tinha *visto um*, enclausurada em casa como estava.

Devorei os elogios de Hektor. Eu apreciei sua proximidade. E na segunda vez em que seu pai veio, ele me levou a um canto tranquilo da casa e me beijou. Na próxima vez, ele me despiu.

Kallias é talvez o melhor ouvinte que eu já encontrei. Ele pode estar tão quieto, suas sombras acalmando com ele.

— Isso durou dois meses. Durante esse período, felizmente tive uma empregada que me ensinou como prevenir a gravidez. Eu aprendi os caminhos do quarto. Ele ficou muito feliz em me instruir e me dar prazer. Até que ele encontrou alguém novo. Alguém mais nova, inexperiente e disposta a dormir com ele. Então acabou. — Faço uma pausa, pensando que acabei aqui, mas depois me sinto inclinada a acrescentar: — E então jurei que nunca mais me apaixonaria. Então, todo homem depois de Hektor foi usado e descartado quando fiquei entediada com eles.

Encontro um ponto frio na água e volto alguns metros. Não sei se Kallias está perturbado com o que lhe disse, ou se ele não sabe responder, mas pergunto: — Você já se apaixonou?

— Não. — Ele diz. — Nunca. Como é?

— Horrível.

O silêncio cresce, mas não de uma maneira desagradável. Eu me sinto mais perto de Kallias do que jamais estive antes. Exposta de uma maneira que não tem nada a ver com a minha nudez.

Um ponto de movimento chama minha atenção.

— Quem é aquele? — Eu pergunto, olhando por cima da cabeça de Kallias. — É um dos seus guardas?

Kallias se vira no lugar, olhando de volta para a costa e os vigorosos restos de nosso almoço ainda lá.

— Não. — Ele diz. — Alessandra, fique onde está.

Kallias corta a água em movimentos largos enquanto se aproxima da costa, em direção à figura que paira sobre o nosso piquenique, olhando para o seu conteúdo. Eu acho que é um homem, mas é difícil dizer com o traje que ele veste. Um carvalho esconde grande parte de sua figura. Um capuz esconde seu rosto.

— Pare! — Kallias grita, seu torso saindo da água enquanto o resto dele permanece submerso. — O que você pensa que está fazendo?

O homem se vira, seu capuz caindo. Não que isso revele alguma coisa. Um pano marrom cobre seu rosto do nariz para cima, apenas duas fendas permitindo que seus olhos enxerguem.

— Tanta comida para apenas duas pessoas. — Diz o homem, sua voz estranhamente profunda, como se estivesse tentando mascarar seu verdadeiro timbre. — Certamente você se satisfez e os pobres ficam com mais fome a cada minuto. Vou fazer com que suas sobras sejam distribuídas para aqueles que mais precisam.

É ele. O bandido mascarado que abordou os nobres.

O homem da máscara marrom reúne o cobertor pelos cantos, varrendo toda a comida para o centro. Ele coloca a protuberância inteira de volta na cesta descartada.

— Isso é propriedade do rei! — Kallias grita de volta para ele. — Você vai soltar isso imediatamente.

— É o rei que exige impostos muito altos para poder manter tropas em todas as terras que conquistou. Enquanto você inicia novas guerras em reinos inofensivos, seu próprio povo sofre. Está na hora de você cuidar daqueles que mais precisam da sua proteção.

Sem outra palavra, o bandido pula nas costas de um cavalo em espera e começa a galopar para a colina mais próxima.

Kallias se vira para mim. — Vista-se. Rapidamente. — Ele corre o resto do caminho para fora da água, gritando por seus guardas.

Percebo que estou olhando quando ele se abaixa para pegar suas calças, pulando nelas sem problemas.

— Rápido! — Ele grita comigo novamente e depois corre de volta para a carruagem.

Sem precisar de mais estímulos, nado para a praia, torcendo os cabelos,

tentando sacudir as gotas de água da minha pele. Minhas roupas não são fáceis. Tudo está apertado, sem vontade de deslizar sobre a pele molhada. Depois de muito esforço, finalmente me visto e corro atrás de Kallias.

CAPÍTULO
16

— Como diabos ele passou por vocês? — Kallias grita com cerca de dez homens que cercam a carruagem. Nosso motorista voltou, carregando um buquê de flores silvestres que ele provavelmente pretendia levar para casa para uma namorada. Mas Kallias não lhe dá atenção.

— Você são pagos para fazer um trabalho. Para proteger seu rei. E vocês falharam. Como? O que diabos vocês estavam fazendo?

Metade dos homens se viram para mim.

— Nós não estávamos preparados para uma... uma... distração. — Diz um dos homens.

— Devo entender que vocês falharam em me proteger porque não estavam respeitando a dama da maneira que ela merece?

— Você dificilmente pode nos culpar, senhor. Ela estava *nua*.

Kallias dá um passo à frente, puxa a espada e a aponta para o homem que falou. O homem olha para o florete preso em seu intestino, os olhos arregalados. Ele cai quando Kallias puxa sua espada de volta.

Lembro-me de Hektor e as últimas respirações que ele tomou.

Foi a única vez que eu já vi a morte.

Até agora.

O resto dos guardas recua, provavelmente preocupados que eles sejam os próximos.

— Alguém mais quer oferecer desculpas? — Kallias pergunta em voz baixa.

Ninguém diz uma palavra.

— Você. — Kallias aponta para um dos guardas. — Vá em frente e reúna meu conselho. Nos encontramos assim que eu retornar.

★ ★ ★

DURANTE A VIAGEM DE RETORNO NA CARRUAGEM, Kallias tem o dorso da mão pressionada aos lábios conforme pensa. Ele encara o nada. Não me evitando, apenas perdido em seus próprios pensamentos.

— Perdoe-me. — Diz ele, de repente olhando para cima. — Você não deveria ter visto isso. Eu não deveria ter feito isso na frente de uma dama. O que você deve pensar de mim agora?

Eu fiquei perfeitamente calma o tempo todo. Não senti como se estivesse em perigo quando o bandido atacou. Nem da segurança da água. E acho a pergunta de Kallias desconcertante.

— Eu acredito em você agora. — Eu digo — Você sabe como usar essa espada.

Sua expressão fica incrédula.

— Você não está com medo? De mim?

— Você defendeu minha honra. Por que eu deveria temer você?

— Porque eu matei um homem na sua frente.

Eu dou de ombros.

— Você tem que tomar decisões difíceis como rei. Você tem que derrubar aqueles que te desobedecem. Fazer deles um exemplo. É assim que você mantém a ordem. Você acha que eu não sei disso?

— Eu ainda não deveria ter feito isso na sua frente. — Ele desvia o olhar.

— Kallias.

Seu olhar se concentra em mim mais uma vez.

— Não tenho medo das decisões que você tem que tomar como rei, e eu nunca pensaria menos de você por elas. Estou surpresa que você tenha matado apenas um deles, para ser sincera.

Ele responde com a voz baixa.

— O resto também morrerá, mas não posso fazê-lo quando estou em menor número e quando temos que confiar neles para nos proteger na estrada de volta.

A carruagem para em frente ao palácio e Kallias pula para fora.

Ele está descalço, vestindo apenas calças, enquanto o resto de suas roupas foi deixada para trás em nossa pressa. Não que seja fácil perceber. Ele tem suas

sombras em pleno vigor. Cada centímetro de pele nua é cortada pela escuridão esfumaçada.

Eu sigo atrás dele, e ele não diz nada enquanto subimos as escadas, percorremos corredores, passamos por portas. Senhoras e criados assustam-se ao ver seu peito nu e as sombras assombrosas quando passamos por eles – até que finalmente chegamos a uma sala de reuniões.

Cinco indivíduos estão sentados em volta de uma mesa grande.

Kallias se senta no sexto assento. Na ponta.

— Ikaros, traga um assento para Lady Stathos.

Se o resto do conselho pensa algo sobre minha presença, eles não dizem nada. O tio de Leandros pega uma cadeira nos arredores da sala e a coloca no canto da mesa, ao lado do rei.

— Esse problema do bandido mascarado já durou tempo suficiente. — Diz Kallias quando já estou sentada. — Como o nosso plano para pegá-lo progrediu?

Dificilmente acho que Kallias está nervoso com a perda de alguns alimentos. Não, é o fato de alguém ter roubado do *rei*, que esse bandido ousaria desafiar seu monarca. O problema tornou-se pessoal e Kallias deve lidar com ele imediatamente.

— As moedas foram concluídas. — Diz Lady Terzi.

— E eu deixei escapar a notícia de que elas serão transportadas em breve. — Diz Lady Mangas.

Ikaros Vasco coloca os dedos sobre a mesa.

— Se o bandido foi visto tão perto do palácio, certamente ele pretende morder a isca.

— Quando ele atacar e redistribuir o ouro, minhas tropas estarão prontas para reunir os camponeses apanhados com elas. — Diz Kaiser.

Ampelios se mexe na cadeira. — E então eu estarei pronto para questioná-los. Nós o pegaremos, senhor.

Kallias leva alguns momentos apenas para respirar, para pensar em tudo. Se algum dos membros do conselho pensa alguma coisa sobre sua nudez parcial ou a umidade de nossas roupas, sabiamente não dizem nada.

— Bom. — Diz Kallias — Quero relatórios diários sobre como isso progride. E Kaiser? Certifique-se que todos os homens que nos acompanharam em nosso passeio sejam enforcados

★ ★ ★

A SALA DE ESTAR está agitada com fofocas no dia seguinte. Eu imediatamente sei que é sobre mim, pois todo mundo fica quieto assim que entro na sala com meu último projeto de costura, a blusa que combina com minha saia alta-baixa. (Eu decidi usar algo que seria adequado e decotado na frente.) Algumas damas pegam o bordado apressadamente e tentam parecer ocupadas. Outras encaram, mas minhas boas amigas não têm nada além de sorrisos para mim.

— Nós guardamos um lugar para você! — Rhoda diz, seus dedos apontando para uma cadeira almofadada em frente a ela.

Uma conversa leve começa quando eu sento no lugar oferecido.

— *Desembucha!* — Hestia diz quando meu traseiro mal bate na almofada.

Eu olho para Rhoda em busca de ajuda.

— Você estava nadando com o rei! — Rhoda diz, e a sala fica em silêncio, prendendo a respiração e esperando que eu divulgue toda a história.

Eu digo: — E nós estávamos *nus.*

As mãos de Hestia cobrem sua boca, enquanto Rhoda sorri de prazer.

— Ele foi um perfeito cavalheiro. — Asseguro a sala, embora esteja direcionando minha atenção para minhas amigas. — Não me tocou. Nem olhou enquanto eu me despia.

Uma garota do outro lado da sala tosse na mão.

— Pelo seu bem, espero que uma proposta esteja em andamento. Nenhum outro homem terá você agora. Mesmo se vocês dois forem castos ou não. Nua é nua.

Outra garota engasga com a observação, dificilmente seria tão ousada com a namorada do rei.

— Eu tive uma boa conversa com o rei sobre virgindade. — Eu digo, e continuo a refazer a conversa. No final, eu digo: — Considerando que pelo menos metade de vocês já dormiu com um homem, acho que deveriam me agradecer por não precisar mais manter suas façanhas em segredo. Certamente não vou me incomodar em fazer isso com as minhas.

De fato, esta manhã eu cobrei minha dívida com Myron. Ele tem um mês para me entregar o dinheiro antes de eu entregar o caso para a polícia.

É apenas um momento depois de eu dizer as palavras que a sala inteira inunda com novas fofocas. Desta vez, as mulheres que compartilham suas façanhas secretas com outras pessoas na sala ou seus desejos por tais encontros. Satisfeita com o que comecei, volto a Rhoda e Hestia.

— E aqui estava eu pensando que estava sendo ousada saindo do luto tão cedo. — Diz Rhoda. — Você está mudando tudo.

Eu dou de ombros. — Apenas acho que devemos ter os mesmos direitos que os homens. Até no quarto.

★ ★ ★

QUANDO O CAFÉ DA MANHÃ É SERVIDO, eu ainda não estou pronta, e ainda vestida com uma camisola. Esta é uma peça preta e adequada. Embora as mangas curtas cubram meus ombros, o material sedoso se abre de cada lado do meu abdômen, das costelas mais baixas até abaixo dos quadris. Escolhi o design porque os homens adoram usar meus quadris e cintura como apoios para as mãos quando me beijam até perder os sentidos.

Eu tiro meu cabelo do meu rosto antes de entrar na sala de estar para o desjejum.

Kallias se levanta da mesa do café assim que eu abro a porta, e seus olhos imediatamente vão para as aberturas da minha camisola, onde ele pode ver a pele macia das minhas segundas melhores curvas.

— Minha empregada não me informou que você estava se juntando a mim esta manhã. — Eu digo como explicação. — Vou colocar um roupão.

— Não. — Ele objetifica.

Eu levanto uma sobrancelha.

— Quero dizer, eu sou o intruso. Você pode usar o que quiser no seu próprio quarto. — Ele olha para o meu rosto. — Você quer companhia esta manhã?

— Certamente. — Sento-me na frente dele.

— Sua roupa de dormir é... diferente. — Acrescenta.

— É respirável.

— Você sente calor enquanto dorme?

— Só quando não estou dormindo sozinha.

Kallias vira a cabeça para a minha porta.

— Não há mais ninguém lá. — Eu digo. — Eu não quis dizer que tive companhia ontem à noite.

Ele volta seu olhar para mim.

— Você diz isso quase melancolicamente.

Bem, agora que estamos sendo honestos sobre nossas façanhas do passado…

— Faz... faz muito tempo.

— Mais do que tem sido para mim?

— Diabos, não!

Ele olha para mim e eu me pego rindo da conversa.

— Quanto tempo faz para você? — Ele quer saber.

Verdade ou mentira?

— Pouco mais de um mês.

Ele pisca. Ele tenta iniciar uma nova frase, mas se detém três vezes, então: — Alguém que eu conheça?

— Ele não era ninguém. Alguém para me divertir para passar o tempo, enquanto eu esperava Chrysantha ficar noiva.

Um silêncio se espalha entre nós enquanto dançamos em torno de um tópico tão perigoso.

Finalmente, ele deixa escapar: — Um mês? Um *mês* é longo para você?

— Nem todos nós temos tanto autocontrole quanto você.

— Eu não estou tão no controle como você pensa. — Ele olha para as batatas desfiadas na mesa. Nosso café da manhã intocado.

— Ah? Você está brincando com alguma dama em segredo? — As palavras saem amigáveis e distantes, mas por algum motivo, começo a ver vermelho nos cantos da minha visão.

— Isso não foi o que eu quis dizer. — Kallias coloca um pedaço na boca e mastiga devagar, como se estivesse dando uma desculpa para não dizer mais nada.

Ele é salvo por uma batida na porta. Uma empregada atende e depois retorna com uma carta para mim.

— Coloque na minha mesa. Eu vou cuidar disso mais tarde. — Digo a ela.

— Não. — Diz Kallias apressadamente. — Por favor, não me deixe afastar você da sua correspondência. Pode ser importante.

Ele está querendo mais tempo. Tudo bem, eu vou satisfazê-lo.

Pego a carta e leio:

Para Lady Alessandra Stathos,
Estou escrevendo sobre o desaparecimento de meu filho Hektor, que está ausente desde 27 de julho, três anos atrás. Soube que você pode ter tido algum tipo de relacionamento com meu filho, e espero que tenha mais informações sobre o desaparecimento dele.

Como um favor para mim, por favor, venha à minha propriedade para que possamos conversar? Eu odiaria trazer esse assunto para a casa do rei.

Atenciosamente,
Faustus Galanis, Barão de Drivas

Não sinto falta da ameaça flagrante. *Venha para mim ou então eu vou até você.*

— Algo errado? — Kallias pergunta.

Eu olho para cima e reuno meus pensamentos rapidamente.

— É um convite para a propriedade do Barão de Drivas. — Não é mentira.

— Oh. Conheço o barão, mas não posso dizer que o vi mais do que algumas vezes. Mas se você quiser ir, ficarei honrado em acompanhá-la.

Meus dedos embranquecem na carta. Kallias acha que fui convidada para uma festa ou algum evento. Claro que sim, e ele está tentando mostrar que agora está no nosso ardil.

— Na verdade, o barão me deixa... desconfortável.

Nessa palavra, tenho a atenção total de Kallias.

— Ele fez algo desagradável?

— Ele está conversando com meu pai e minha irmã. Agora ele está quase ameaçando de vir ao palácio se eu não for até ele. Eu acho que ele está tramando algo.

Eu fiz o meu melhor para nunca mentir para Kallias. É fácil se deixar levar pelas mentiras. Fácil demais para descobrir. Deixei Kallias tirar suas próprias conclusões das minhas palavras.

— O barão tem muitos filhos, não é? — Kallias pergunta.

— Sim, ele tem. — Eu digo com resignação.

— Talvez eu deva conversar com ele sobre você estar indisponível.

— Oh, por favor, não faça disso um problema. — Eu digo — Mas se não for pedir muito, ele poderia tentar vir ao palácio...

— Não deixarei que os guardas permitam sua entrada. Não diga mais nada.

Relaxo. Enquanto eu estiver na confiança de Kallias, não preciso me preocupar com o barão. Hektor não vai estragar isso para mim.

Kallias volta para o café da manhã, enquanto penso em uma resposta para o barão. Irei garantir que, apesar do que ouviu, mal conheci o seu filho e receio

não ter informações para ajudá-lo na busca. Então lhe dar minhas desculpas.

Sim, isso deve cuidar das coisas por enquanto. Certamente não posso deixar o palácio para lidar com esse problema pessoalmente.

Não quando as coisas finalmente estão mudando para Kallias e eu.

★ ★ ★

EU ENCONTRO KALLIAS NOVAMENTE no almoço.

Duas vezes em um dia.

— Você ficará feliz em saber que ambos os seus planos estão progredindo esplendidamente. — Ele me diz enquanto um servo traz uma tigela com sopa fresca para o rei. — O povo de Pegai votou pela representação no conselho. A voz recém nomeada do povo está sendo seguida discretamente em todos os lugares que ele vai. Conheceremos todos os líderes da revolta em breve. Quanto ao bandido, ele atacou esta manhã e pegou as moedas recém-estampadas. Amanhã começaremos a procurar pelo ouro nas cidades próximas.

A perna de Kallias salta embaixo da mesa. Ele está de bom humor.

Uma onda de prazer toma conta de mim com suas palavras. — Excelente. Eu estou muito interessada em permanecer informada sobre as duas situações.

— Claro. Estou começando a perceber que não há mais nada que eu guarde de você.

Um silêncio amável se instala entre nós enquanto desfrutamos da comida. Em um certo ponto, encontro Kallias me olhando pelo canto do olho. Quando eu viro minha cabeça, ele apenas sorri quando é pego olhando.

— O que você está olhando?

— Isso deve ser óbvio. Ao invés disso, talvez você queira me perguntar o que estou pensando? — Seus olhos são fogo liquído, e eu me pergunto o quão perigoso pode ser fazer essa pergunta.

Mas eu faço assim mesmo.

— Estou pensando. — Ele responde. — Que você é muito bonita, e todos os homens nesta mesa queriam ser eu agora.

Meu estômago começa a tremer. — Você é rei. Todo homem gostaria de ser você.

— Não. Todo homem deseja ter você ao seu lado.

— Você disse que eu não era bonita o suficiente para ser tentadora. — Eu o lembro.

Ele tira o guardanapo do colo e escova os dedos sobre ele. — Eu menti. Você é a coisa mais impressionante que já pisou no meu palácio.

Nossos olhos se prendem. Estou impotente, mas mantenho a conexão escaldante entre nós.

E embora eu saiba que ele não vai infringir a lei – ainda não – por mim, saber que eu tenho influência sobre ele trás um sorriso aos meus lábios.

Ele olha para eles, para a mancha vermelha que enfeita minha pele.

— Por que você está me contando isso? — Eu pergunto finalmente. E então eu percebo: — Você não quer que eu passe mais tempo com Leandros.

Ele admite: — Quero manter você só para mim.

Não deveria me surpreender que um rei fosse egoísta, exigente e até cruel às vezes. Mas ele também é outras coisas. Ele é inteligente, bonito e generoso. E ele não é totalmente imutável. Ele já está mudando suas maneiras por mim.

— Eu acho, Vossa Majestade, que toda essa conversa sobre indulgências passadas está mexendo com sua cabeça.

— Talvez eu esteja simplesmente de bom humor. Tudo está indo esplendidamente.

E é tudo devido a mim.

Realmente, todo mundo deveria estar muito feliz quando sou eu quem governará todos os reinos.

Quando Kallias pede licença algum tempo depois, suas costas nem desapareceram ao redor da saída do grande salão antes de Hestia e Rhoda tomarem os lugares vazios perto de mim.

— Ouvi dizer que o rei comeu em seu quarto esta manhã. — Diz Hestia com um movimento de sobrancelhas.

— Ele comeu. Mas isso foi tudo. Café da manhã.

— Nenhuma fofoca nova para mim, então?

— Receio que não.

— Oh muito bem. Teremos que recorrer a fofocas menos emocionantes para ocupar nossa tarde.

— Que tal conversarmos sobre toda a dança que você fez no baile da noite passada? — Rhoda pergunta. — Com *lorde Paulos.*

Com tudo o que está acontecendo, deixei de perguntar as minhas amigas sobre o evento que perdi. Parece que as coisas correram muito bem para Hestia.

— Foram apenas algumas danças. — Diz Hestia. — Não foi nada. De verdade.

— Se for esse o caso, então por que ele está te observando agora?

— O quê? — Hestia vira a cabeça a tempo de pegar o homem que deve ser Lorde Paulos desviando o olhar rapidamente.

Ele é um pouco mais velho do que ela, com um pouco de cinza nas têmporas, mas ainda bem bonito.

Eu sorrio.

— Viu? — Rhoda continua. — E por acaso eu o ouvi contar aos amigos como você cheirava a canteiro de frutas na primavera. Os homens não dizem coisas assim, a menos que estejam afetados.

— Eles não dizem? — Hestia olha para a madeira da mesa e sorri timidamente.

— E ele obviamente gostou muito da conversa que vocês tiveram. Do que vocês falaram?

— Bem, comecei discutindo as últimas modas do palácio, mas de alguma forma a conversa se transformou em conversa sobre jogos.

— Jogos? — Rhoda repete.

— Meu pai gosta de jogar cartas e ele me ensinou. Lorde Paulos e eu estávamos ensaiando alguns de nossos movimentos favoritos do jogo de *hach*. Nós dois somos obcecados com a estratégia do jogo. Eu sei que não era muito gentil da minha parte discutir essas coisas, mas era tão terrivelmente divertido.

Às vezes, Hestia pode ser bem boba, mas sei que ela é filha única, com uma mãe ausente e um pai que não sabia ao certo como criar uma filha. Ela pode estar tentando me imitar ao extremo, mas parte de mim se pergunta se ela tem tanto medo de fazer ou dizer a coisa errada que acha que imitar os outros é a única maneira de estar segura. Então não é ela quem é rejeitada.

— Hestia. — Eu digo. — Você sabe como consegui chamar a atenção do rei?

Ela balança a cabeça.

— Sendo eu mesma. Discutindo o que eu queria discutir, e me comportando como eu queria me comportar e vestindo o que eu queria vestir. Não estar em conformidade com um padrão foi o que chamou a atenção de Sua Majestade. Se você deseja formar um casal feliz, acho que deveria fazer o mesmo. Não tenha medo de quem você é. Diga o que você deseja. Seja quem você deseja. Não tente ser outra pessoa. Você não quer pegar um homem que *me* quer. Você quer pegar um homem que quer *você*.

Hestia pisca algumas vezes antes de olhar para as roupas que ela usa, aquelas que lembram meu vestido apertado da semana passada. Ela leva um minuto inteiro para pensar enquanto olha para o tecido liso em sua cintura. De repente,

ela se levanta, caminha até Lorde Paulos e toma o lugar vazio ao lado dele.

Rhoda ocupa seu lugar vazio, para que possamos conversar mais facilmente. — Eu tenho tentado dizer a mesma coisa há anos. Eu acho que só precisava vir da futura rainha.

— Você acha que ouviremos notícias de um noivado em breve?

— Espero que sim.

Nós duas nos recostamos em nossos assentos, deixando nossos olhos viajarem para o Lorde Paulos, que agora está rindo do que Hestia acabou de dizer.

— E você? — Eu pergunto. — Algum progresso em sua busca por paixão?

— Oh, eu estou tendo um momento terrível quanto a isso.

— Como pode ser?

Rhoda passa uma mecha negra por cima do ombro. — Eu criei um sistema de classificação para homens que estão na corrida. Mas nenhum deles é exatamente o que eu quero.

— Você deve me falar desse sistema que você criou! — Eu digo, completamente intrigada com a conversa.

— Eu criei três categorias diferentes pelas quais julgar os homens. São: aparência, maneiras e personalidade. Cada categoria é classificada de um a cinco, sendo um uma pontuação baixa e cinco sendo uma pontuação alta. Agora pegue Lorde Toles, por exemplo. Com suas características esculpidas e pele escura, ele é um fácil ranking de cinco na aparência. Ele é bastante educado e atencioso, resultando em três em maneiras. Mas personalidade? Oh, ele é tão seco quanto um lago durante uma seca. No geral, ele ocupa apenas a nota nove de quinze.

— Que fascinante! Qual seria a nota para o seu futuro marido ideal?

— Pelo menos treze, você não acha?

Eu pondero por um momento. — Definitivamente. Se estivéssemos falando apenas de homens para a cama, eu diria que você precisa procurar apenas homem de nota cinco na categoria de boa aparência. Se você estivesse procurando um amigo, tudo o que você precisaria é de cinco no departamento de personalidade. Se você está esperando uma escolta para um evento, precisará de apenas cinco em maneiras, talvez pareça melhor se estiver tentando deixar uma boa impressão. Mas para um relacionamento? Definitivamente, pelo menos nota treze.

Rhoda assente. — Pensei que Lorde Cosse seria o escolhido após a última festa. Você sabia que ele e eu dançamos três vezes juntos? Não foi

consecutivamente, é claro. Mas três no total! Ele é quatro e meio em aparência e três e meio em personalidade. Mas boas maneiras? Quando implorei uma pausa na dança porque estava com sede, ele não se incomodou em oferecer algo da mesa de refrescos. Ele só foi em busca de uma parceira de dança diferente.

Você acredita nisso?

— Um ultraje. — Eu digo.

— Foi exatamente o que pensei. Lorde Doukas está atrás de mim há um tempo, mas ele é só um dois em aparência, isso se esivermos sendo gentis. — Acrescenta ela em um sussurro. — O homem é nota cinco, tanto em maneiras como em personalidade. Então é uma pena. Não gosto de me considerar superficial, mas certamente devo encontrar um homem que seja atraente se eu quiser cortejá-lo?

— Concordo.

Rhoda suspira. — Às vezes, acho que não há homens suficientes na corte. E estou certa de que o homem perfeito não existe.

Sem avisar, o rosto de Kallias se eleva ao fundo da minha mente. A simetria perfeita de seu rosto. O volume escuro de seus cabelos. Seus olhos verdes inteligentes e brilhantes. A visão de seu peito nu e a nudez… de outras partes.

Penso em nossas provocações e brincadeiras. Nossas discussões sobre roupas de cama e alcançar o que queremos. Penso na maneira como ele esperou que eu chegasse antes de começar o jantar, como ele me esperou quando saí com Leandros.

Kallias tem suas falhas. Oh, tantas falhas. Eu penso em seu temperamento. De seu egoísmo para me manter para si mesmo.

Mesmo que ele não queira tudo de mim.

Com a boca seca, digo: — Não acho que seja necessariamente encontrar o homem perfeito, mas sim encontrar o homem perfeito para você. Uma pessoa pode classificar um homem de maneira bem diferente da outra, mesmo que ambos estejam usando seu sistema de classificação. Mas...

— O quê? — Rhoda pergunta.

— O rei é um quinze. Talvez não para todas. Mas ele é um quinze para mim. — E é a verdade.

Rhoda torce a boca para o lado. — Eu te garanto, Alessandra. Não é só você. O rei tem certamente nota quinze. Talvez eu devesse reformular. Nenhum homem *atingível* tem nota quinze.

Como ela está certa.

Mas ainda estou longe de desistir.

CAPÍTULO
17

O dia seguinte é mais sombrio do que os que temos tido ultimamente, com nuvens cinzentas bloqueando totalmente o céu. O ar está cheio de umidade e ameaçando chover constantemente, embora ainda não tenham caído gotas.

Apesar do clima, estou de bom humor após receber a carta mais recente de meu pai.

Alessandra, o que você fez! Lorde Eliades acabou de retirar sua proposta de casamento. Ele disse que havia muitos rumores sobre você e o rei. O que aconteceu?

Você sabe que estávamos dependendo disso, depois do seu fracasso para garantir o casamento com o rei. Agora terei que começar do zero para encontrar alguém que queira você. Por que você está tentando tanto?

Suponho que a notícia da minha aventura de nadar nua com o rei tenha chegado a Orrin. Estou tão feliz por me livrar dele.

Envolvo um xale grosso sobre meus ombros e vou para o exterior, penso que agora é a oportunidade perfeita para tomar um pouco de ar. É provável que mais alguém esteja do lado de fora. Não neste clima.

Pego um novo caderno de desenho comigo e procuro as roupas que Kallias mencionou que sua mãe mantinha enquanto estava viva.

Ao contornar os estábulos, um braço serpenteia no meu. Eu pensei que seria Hestia ou Rhoda se não sentisse os músculos distintos escondidos sob uma jaqueta cor de cobre.

— Alessandra. — Diz Leandros, — Achei ter visto você desaparecer aqui fora. Você não está pensando em nos abandonar, está?

Eu ajusto meu xale para que possa segurar mais facilmente o braço do homem mais narcisista do palácio.

— Com nada além do meu caderno de desenho? — Eu pergunto.

— Bom ponto. O que devemos desenhar hoje? Deve ter passado pela sua mente me pedir para eu modelar.

Eu soltei um bufo não muito delicado. — Eu não desenho pessoas. Eu desenho modelos. Para eu costurar.

— E estamos nesse frio porque...

— Bem, estou aqui porque achei que os jardins poderiam ser um lugar encantador para me inspirar. Não consigo entender por que você está aqui.

— Vi uma oportunidade de finalmente te pegar sozinha. Qualquer outra vez que tento me aproximar de você, Kallias dispara adagas em mim com seu olhar sombrio.

— Eu não tinha notado. — Eu acho.

— Isso é porque você está tão encantada com ele. Mas ele não está aqui agora. — Ele diz em um tom travesso. — Diga-me, quando posso tirar você daqui novamente para outra noite de diversão?

Um sorriso triste surge nos meus lábios. Eu gosto do Leandros.

Ele é ridículo às vezes, mas é bom e gentil. Sem mencionar que é bonito. Seus modos às vezes fogem um pouco, mas ele deve ser pelo menos um treze no ranking de Rhoda.

Entretanto, ele não pode me fazer rainha.

Estou prestes a abrir meus lábios, mas Leandros se vira e coloca a ponta dos dedos contra eles. — Não, não diga o que você está pensando. Eu posso garantir que não vou gostar. Tome um tempo. Esperarei Kallias fazer algo para incomodá-la. E então venha me encontrar com sua resposta.

Paramos diante de um portão de ferro, através do qual posso ver fileiras e fileiras de flores. Leandros para.

— Vou deixar você com o seus desenhos. Mas venha me encontrar se você decidir que precisa de um modelo. Nu ou não. — Ele me dá uma piscadela antes

de sair.

Que diabinho travesso, mas encontro um sorriso largo no meu rosto quando entro pelo portão.

Percorro trilhas forradas de tijolos com manchas de flores.

Primeiro passo pelas rosas. Cada linha varia de acordo com tamanho e cor. Algumas são todas de uma só cor, enquanto outras são rosas e amarelas. Elas são tratadas de forma imaculada, sem florescer entre as plantas.

Mais adiante, vejo canteiros de outras espécies. Crisântemos, narcisos e tulipas, mas ainda não vou explorar. Paro diante de uma das roseiras, as pétalas de um amarelo brilhante. Eles brilham com o mais impressionante vermelho alaranjado nas pontas, e eu não posso deixar de encarar as flores individualmente. Como elas me lembram as cores tremeluzentes do fogo. Uma flor ainda não floresceu. Com apenas algumas pistas de laranja descascando, parece uma brasa se extinguindo lentamente. Diminuindo, em vez de aumentando, como sei que a flor fará.

Um vestido toma forma diante dos meus olhos. Um vestido amarelo com pontas laranja na bainha, pétalas individuais saindo das saias. Encontrando um banco próximo, me sento, abro para uma página vazia e movo minha caneta rapidamente contra o pergaminho, deixando o vestido tomar forma.

— Posso me juntar a você? — Uma voz profunda pergunta.

A voz dele.

Olho para cima e mal posso acreditar que Kallias entrou no jardim. Ele parece tão deslocado com o traje preto que escolheu para hoje, com as sombras que o cercam. Ele não parece pertencer a um jardim colorido.

Demodocus trota ao lado dele. Mas, alguma coisa distrai a fera, e ele decola como um tiro no jardim, pulando sobre um arbusto próximo de flores e dando um *uivo* alto.

Provavelmente viu um coelho.

Volto ao seu mestre.

Posso me juntar a você? ele perguntou. Que modos. Leandros presumiu que ele seria bem-vindo. E se Kallias realmente tem alguma intenção de sair se eu disser a ele para ir, então permanecerá desconhecido. Eu nunca consigo me ver afastando ele.

Não apenas porque eu preciso conquistar o coração dele.

Mas porque eu gosto dele e quero ele perto de mim.

— Por favor, venha. — Eu digo, e viro meu nariz para o espaço vazio ao meu lado. Ele se senta, mantendo um espaço apropriado de dois pés entre nós no

banco. — Como você sabia que eu estaria aqui fora? — Ou talvez ele não sabia. Talvez ele quisesse dar uma volta pelos jardins, buscando o ar livre e a solidão potencial assim como eu.

— Eu vi você pela janela.

— E você me seguiu? Você não estava em uma reunião?

— Eu estava.

Levanto os olhos do meu desenho, dando-lhe um olhar curioso.

— Decidi que preferia estar aqui com você, e adiei.

Satisfeita, volto ao meu desenho.

— Você está desenhando uma roupa nova? — Ele pergunta.

Mais uma vez, sinto-me satisfeita. Satisfeita por ele saber exatamente o que estou fazendo, por saber do que eu gosto. — Sinto-me em desvantagem. — Digo a ele. — Você conhece meus hobbies, mas ainda tenho que conhecer os seus.

Leandros mencionou esgrima e cavalgadas quando saímos juntos, mas certamente há mais.

Kallias coloca as mãos para a frente e apoia os cotovelos nos joelhos. — Eu gostava de esgrima acima de tudo, mas desde que me tornei rei, sou incapaz de ter um parceiro que não seja feito de palha.

— Oh. — Eu não tinha pensado nisso.

— Gosto de andar e passar um tempo com o Demodocus. Sempre gostei de animais, ainda mais recentemente.

Como se estivesse ouvido seu nome, Demodocus volta, com a língua pendendo para o lado da boca. Ele se senta diante de mim com expectativa, esperando um carinho atrás das orelhas. Eu o agrado.

— O que quer dizer? — Eu pergunto.

— Não posso tocar em outro ser humano, mas minhas habilidades não são afetadas pelos animais. Demodocus é o único companheiro que posso ter. Alguns dias, eu até o mimo e o deixo ficar na cama.

Eu nem tinha considerado isso. Que ele procuraria contato em outros meios.

Com a cabeça virada para baixo, uma mecha de cabelo cobre sua sobrancelha. Se ele fosse qualquer outro homem no mundo, eu alcançaria sua testa e a alisaria.

— Eu costumava tocar piano. — Diz ele mais baixo. — Quase tudo que aprendi a fazer foi com o tutor, mas não o piano. Minha mãe mesma me ensinou. Ela adorava música.

Eu engulo após um nó repentino na garganta. Isso é simpatia?

Por ele? Ainda mais suave que o seu discurso, pergunto: — Você tocaria

para mim algum dia?

— Você gosta de música?

— Eu acho que gostaria da sua música.

Ele se vira para mim e, assim como no primeiro dia em que nos conhecemos, um choque passa por mim com a conexão dos nossos olhos se encontrando.

A brisa aparece agora, soprando aquela mecha de cabelo roçando sua testa.

Meus dedos tremem e olho para minha mão enluvada.

Devagar, muito devagar, eu levanto.

Movendo-me com o máximo cuidado como se em direção a um cavalo ou a uma criança assustada, deixo minha mão deslizar em direção a Kallias, em direção àquela mecha de cabelo.

Seu olhar se volta para a minha luva, e eu não consigo adivinhar a trilha que seus pensamentos seguem.

Mas eu me movo em um ritmo que lhe dá o que parece o tempo todo no mundo para me impedir.

Em vez disso, suas sombras desaparecem. Ele se solidifica diante de mim, para que, quando meu dedo toque sua sobrancelha, ela não passe. Encontra resistência quente que roça aquela mecha de volta.

Ah, mas como eu gostaria de poder sentir a textura exata de seu cabelo.

Quando termino, deixo minha mão cair de volta no meu colo.

Mas nossos olhos ainda estão presos um no outro.

Finalmente, Kallias olha para o meu caderno de desenho. — O que você está fazendo? Um vestido para o dia? Algo com calças? — Sua voz é mais profunda do que era antes, noto, e quase vaga, como se ele estivesse inventando as palavras pouco antes de dizê-las.

Depois de uma longa pausa em que eu tinha esquecido que tinha qualquer coisa em minhas mãos, eu consegui dizer: — Um vestido de baile, na verdade. Eu fui inspirada pelas rosas da sua mãe. — Eu olho para as flores em questão.

— Devemos organizar um baile, então, para que você possa exibi-lo assim que estiver pronto.

— Poderíamos? Oh, eu nunca organizei um baile antes.

— Você gostaria?

Eu concordo.

— Você decide a data, e nós faremos acontecer.

De repente, não sinto que preciso do xale enrolado em meus ombros. Estou muito quente e leve.

Certa vez, havia outro garoto que me fez sentir assim. Alguém que me fez

sentir completa, vista e amada.

Agora os insetos da terra se deleitaram em sua carne.

Mas não vou deixar Hektor arruinar esse momento que estou tendo com o rei.

Algo move no canto da minha visão. Eu me viro, pensando que talvez seja apenas um caule de flor balançando com a brisa.

Mas é muito maior. Muito mais resistente. Muito mais vivo.

— Kallias!

Eu me lanço para a frente, mas é tarde demais.

Um tiro soa antes que eu possa me mover, enchendo o silêncio do jardim. Arruinando a paz.

Golpeando o rei.

Kallias cai para trás, batendo as costas em um pedaço de grama primeiro, antes de de suas pernas seguirem, deslizando pelas laterais do banco.

Estou paralisada no local, olhando horrorizada para onde Kallias está, seu colete de um preto profundo, bem no meio de sua barriga, onde o tecido ficou úmido de sangue.

Demodocus pula para atrás do rei. Ele geme levemente quando Kallias não se move depois que ele o cutuca com o nariz.

Minha mão treme quando alcanço Kallias, mas o que devo fazer? Eu não sei nada de cura.

Ajuda. Eu deveria procurar ajuda.

Levanto-me abruptamente, mas então noto um homem correndo em nossa direção. Não processo outra coisa senão o fato de que ele está segurando uma pistola semi-automática, que ele a coloca de volta no coldre do lado e pega a espada na cintura para substituí-la.

O assassino está vindo para garantir que sua morte seja efetuada.

Eu planto meus pés diante do banco e olho o assassino. Ele para bruscamente diante de mim e aponta sua espada para frente.

— Fora do caminho, ou eu vou te ferir.

Tudo o que posso ouvir é minha respiração nos meus ouvidos.

Tudo o que posso sentir é aceleração no meu peito. Mas não me mexo um centímetro para deixar o homem passar.

Minha única noite de boxe fracassado vem à mente.

Inútil.

As palavras são meu único aliado nessa situação.

— Você acertou ele no peito. — Eu digo. — Agora vá antes que os guardas

venham correndo para investigar o som do tiro.

Com a mão livre, ele me afasta. Eu caio no chão com força, mas não registro a dor quando me levanto para uma posição sentada, pegando minha bota.

Os rubis ao redor do punho da minha adaga brilham quando eu abro o arco e pego a adaga, afundando-a na coxa do homem.

Ele uiva e me rebate com a mão que não segura a espada.

Eu me alastro no chão novamente, realmente odiando os tijolos que tiram a pele dos meus joelhos.

O assassino estende a mão para a minha adaga. Com um grunhido, ele puxa a lâmina da pele e a joga fora.

Seus olhos assassinos estão voltados para mim agora, mas antes que ele possa dar um passo em minha direção, nós dois esticamos o pescoço em direção à forma escura que se ergue do outro lado do banco.

Kallias está fora do chão, firmemente em pé, envolto em sombras. Ele atravessa o banco e, ao fazê-lo, algo de metal *cai* na passarela de tijolos abaixo de nós.

A bala.

Embora suas roupas ainda mantenham a mancha de sangue, ele se mantém firme, sem se curvar ou qualquer outra coisa para mostrar sinais de que ele está sofrendo. Ele olha para mim no chão, para o contorno vermelho de uma marca de mão na minha bochecha, antes de voltar para o assassino.

— Você vai morrer por isso. — Diz Kallias, sua voz um estrondo profundo.

— É você quem vai morrer hoje. — Diz o homem, e ele dá um passo à frente, empurrando a ponta da espada através de Kallias.

O assassino quase perde o equilíbrio quando sua espada não encontra a resistência esperada, ao invés disso, passa pela forma sombria de Kallias.

— O que...?

Kallias passa por ele, e um arrepio passa por mim, quando me lembro da sensação da fumaça das sombras de Kallias ao meu redor.

O assassino gira, encarando Kallias agora que ele está do outro lado dele. Ele sacou a arma mais uma vez, e depositou toda a rodada de balas no peito de Kallias.

Mas é claro, elas passam por ele.

Ele solta a arma enquanto o rei puxa sua própria espada da lateral, as sombras desaparecendo ao redor da lâmina e da mão que a segura.

E então eles duelam.

Na verdade, Kallias não mentiu quando disse que sabia como usar essa

lâmina. Ele envia uma série de impulsos rápidos que o assassino desvia na hora certa. Ele é mais lento com a lesão que causei a ele, mas ele consegue escapar de cada movimento.

Depois de um tempo, percebo que Kallias está brincando com ele. Embora as duas espadas se encontrem no ar com barulhos metálicos, toda vez que o assassino tenta fazer seus próprios golpes em direção ao rei, eles passam direto por ele.

Como se ele estivesse duelando com um fantasma.

Inominável. Intocável.

Eventualmente, o assassino se cansa do jogo. Quando as espadas dos dois homens se juntam, ele lança seu peso na conexão, fazendo Kallias tropeçar para trás.

Então o homem sai correndo, seus passos forçando a perna que eu apunhalei. Kallias corre para um dos canteiros, se inclina sobre o chão e pega minha adaga. Ele mal aponta antes que a arma gire da sua mão.

Atingindo o assassino nas costas. Ele cai.

Kallias se vira para mim, dobrando os joelhos nos tijolos ao meu lado. Suas sombras se foram.

— Você está machucada? — Ele pergunta.

— Estou bem.

Mas ou ele não acredita em mim, ou ele não ouve minha resposta, porque suas mãos enluvadas varrem sobre mim. Primeiro tocando minhas bochechas e pescoço, depois deslizando pelos meus lados, por cima do meu abdômen, pelas minhas pernas. Verificando lesões.

Mas como não tenho, minha respiração trava com o contato. E mesmo que suas mãos estejam enluvadas, o calor delas atinge minhas pernas vestidas de calça.

Quando ele termina, ele deixa seu olhar voltar ao meu e ele congela com o que vê lá. Suas mãos estão em volta dos meus tornozelos. Elas apertam ainda mais quando seus olhos se fixam nos meus, e uma onda de calor aquece minha espinha.

Suas mãos se movem para os meus joelhos, afastando-os para que ele possa se estabelecer lá. Estamos perto. Tão perto. Perto demais. Mais perto do que jamais estivemos antes e...

— Majestade?

Nós nos separamos ao mesmo tempo, nós dois nem sequer ouvimos o som dos guardas se aproximando. As sombras de Kallias retornam rapidamente,

envolvendo com segurança todo o seu corpo.

Cinco homens com o brasão do rei em suas túnicas estão diante de nós, com floretes e pistolas desembainhadas.

Kallias se levanta e estende a mão para mim, as sombras sobre o membro oferecido desaparecem quando ele me levanta. Ele me libera quando encontro meu equilíbrio.

— Havia um atacante. Eu o derrubei ali. — Kallias aponta, e três dos homens vão em busca do corpo enquanto os outros dois começam a varrer a área. — Leve o assassino para as masmorras. Se ele não morrer de seus ferimentos antes disso, envie um curandeiro para atendê-lo. E também envie um curandeiro para a suíte da rainha. Venha Alessandra.

Kallias e eu caminhamos lado a lado até o palácio. Demodocus pula por cima do banco para caminhar ao nosso lado, o pelo de seus lábios úmidos por lamber o sangue do rei.

— Vira-lata inútil. — Diz Kallias, mas ele olha para o cachorro com carinho. — Ele é um amante, não um lutador. Isso é certeza.

Toques. Tantos toques. E olhares aquecidos. E assassinos com espadas e uma arma e...

— Você levou um tiro. — Eu digo, parando no lugar. — Como você está ileso? — Quando Kallias para ao meu lado, estendo a mão para pairar sobre a mancha de sangue em seu casaco.

— Se eu tiver tempo para mudar para a sombra antes que uma lesão me mate, as sombras a curarão.

— Eu pensei… — Eu não posso nem dizer em voz alta o que eu pensava. É terrível demais.

— Você se colocou entre o atacante e eu.

Eu fiz? Eu não estava pensando. Eu só agi.

— Obrigado. — Diz ele. — Mas nunca coloque sua vida em risco pela minha. Eu posso me curar. Você não pode.

Ele volta a andar, e eu tropeço para segui-lo. Não consigo focar um único pensamento em minha mente. Apenas repetir o que aconteceu repetidamente.

— O que você reparou sobre o atacante? — Kallias pergunta.

Reparar? Eu tento lembrar sua imagem, pensando em tudo.

— Ele era homem. — Eu me amaldiçoo silenciosamente.

Obviamente, não foi o que Kallias quis dizer. Por que estou lutando para lembrar de uma pessoa que acabei de ver minutos atrás? — Ele usava roupas escuras.

— Que tipo de roupa? — Kallias pede. Eu me pergunto por um momento por que ele se incomoda em me perguntar tudo isso quando viu o atacante por si mesmo também. Mas parece importante responder, então eu respondo.

— Era feito de couro. As bainhas estavam alinhadas em peles.

— Era... de Pegain. — Um assassino do reino que Kallias conquistou recentemente. O clima é mais frio lá. É por isso que as mulheres usam calças. O frio não pode subir pelas pernas.

— Bom. — Diz Kallias, como se minha resposta o agradasse.

Nós entramos no palácio e Kallias permanece bem ao meu lado enquanto subimos um conjunto de escadas.

Algo incomoda no fundo da minha mente. Algo errado. Alguma coisa sobre o assassino.

— Eu falei com ele. — Eu digo.

— Sim, eu ouvi.

— O sotaque dele não era de Pegai. Era Naxosiano.

— O que isso lhe diz? — Kallias pergunta.

— O assassino é daqui, mas alguém queria fazer parecer que o assassino era estrangeiro. Ele não atirou em mim. Só você. Ele deveria ser visto antes de fugir.

— Muito bom. — Diz Kallias.

— Por que você está me elogiando como se eu fosse uma colegial idiota?

— Você está em choque, Alessandra. Estou tentando manter sua mente ocupada.

Percebo então que minhas mãos estão tremendo. Kallias olha para elas assim como eu. Ele pega uma das minhas mãos nas suas, sem perder um passo.

Kallias é como um espectro enquanto se move pelo palácio, todas as sombras tremeluzentes flutuando de um lugar para outro.

Embora seus pés ainda imitam passos, eu me pergunto se eles precisam. Parece que seus pés mal tocam o chão. As flores em vasos situadas nas mesas dos corredores não farfalham quando ele passa.

O tapete preto não recua com seus passos. As cortinas ao redor das janelas não sussurram com o movimento enquanto ele passa por elas.

Eu sigo ao lado dele, fascinada por tudo sobre ele. Desde a maneira como os músculos de suas costas flexionam enquanto ele caminha, ainda visível através das sombras, até a maneira como os servos se pressionam contra a parede para nos deixar passar. Tudo nele exala poder.

Nós caminhamos por um corredor que leva... a algum lugar. Eu nunca estive nesta parte do palácio antes.

Espere, o que Kallias ordenou ao guarda? Algo sobre enviar um curandeiro para a suíte da rainha?

Alguns andares acima, Kallias para na frente de uma porta. Um vaso de hera repousa sobre cada uma das duas mesas colocadas em ambos os lados da porta, as videiras crescendo nas paredes e conectando-se no espaço acima da porta. É fácil imaginar uma carta mágica escondida do outro lado.

Kallias, ao me ver olhando maravilhada para as belas plantas, diz: — Minha mãe amava plantas. Rosas eram suas favoritas. Tenho certeza que você as notou detalhando toda a madeira do palácio. Ela as cultivava em seu campo e as pintava de preto.

— Preto? Por quê? — Eu respiro.

— Porque então eles a lembravam do meu pai. Das sombras.

— Isso é...? — Eu começo, incapaz de terminar.

Kallias entra pela porta sólida, me deixando sozinha no corredor escuro por um momento. Então eu escuto um trinco e ele abre a porta agora destrancada por dentro para mim.

— Estes eram os aposentos da minha mãe. — Diz ele. Embora sua mão deva ter se tornado corporal para abrir a porta para mim, ela já está envolta em sombras mais uma vez enquanto passo por ele.

Na sala de estar, uma grande mesa repousa, rosas frescas florescendo em um vaso. Um piano de cauda está encostado na parede oposta. E a parede atrás de mim, ao lado da porta pela qual acabei de entrar? O vitral cobre cada centímetro, formando pequenos pedaços de cor para criar a imagem de uma floresta florescente. Um cervo bebe de um lago que flui. Borboletas pairam abaixo das folhas de uma árvore. E em todo lugar no fundo, as flores florescem. A porta foi feita para se parecer com o tronco de uma grande árvore, sem prejudicar nem um pouco a opulência. Velas espalhadas por toda a sala iluminam toda a magnificência do design, as facetas internas ardendo como se as chamas vivessem dentro das peças de vidro individuais.

— Todo o palácio foi equipado com eletricidade, mas minha mãe preferia o modo como a luz das velas fazia o vidro brilhar. Eu ainda tenho empregados que as acendem. Eu acho que ela teria gostado disso.

Kallias abre outra porta, que leva ao quarto de dormir. A cama fica no alto do chão, tão amontoada com cobertores felpudos quanto travesseiros macios, eu me pergunto se teria que pular para alcançar a expansão dela. Tapeçarias de cama vermelhas foram amarradas a cada um dos quatro postes ao redor da cama, e eu suspeito que elas bloqueiam perfeitamente a luz quando estão soltas.

Tapetes vermelhos cobrem o tapete preto, tornando cada passo ainda mais suave. O guarda-roupa é enorme, com um desenho de espinhos de rosas cortados nas laterais de madeira. Uma penteadeira ocupa quase metade da parede, uma variedade de jóias e cosméticos amontoados sobre ela.

Vendo onde meus olhos pousaram, Kallias diz: — Pertenciam à minha mãe. Use o que quiser. Qualquer outra coisa, você pode deixar os criados removerem.

— O quê? — Minha mente tenta envolver tudo. O assassino. O sangue de Kallias. Os aposentos da rainha. — Porque estamos aqui?

— Estes são seus novos quartos.

— O quê? — Eu pergunto novamente estupidamente. — Por quê?

— Você salvou minha vida distraindo o assassino e me dando tempo para me curar. E nunca temi tanto por sua segurança. Você estará dormindo ao meu lado agora. — E então ele acrescenta, como se doesse dizer: — A menos que você ache isso desagradável?

Estou sem palavras por um momento. — Não. — Eu digo finalmente, meu rosto suavizando. — Não, eu vou ficar aqui. E ficaria honrada em usar as coisas de sua mãe. Não as remova daqui.

Embora seu rosto não mude, posso dizer que ele está satisfeito.

Talvez pela maneira como as sombras em seu rosto se iluminem.

— Essa porta no final da sala leva ao banheiro. E esta aqui — Ele aponta para uma porta que eu não havia notado perto da cama — Leva aos meus aposentos.

Minha garganta está um pouco tensa, e não consigo pensar o porquê. Porque eu estou tão satisfeita? Humilhada por esse gesto?

Talvez até com um pouco de medo pela intimidade disso?

Kallias corre para dizer: — Além disso, mantê-la na suíte da rainha ajuda ainda mais nosso ardil. Você também pode se intrometer no meu quarto, se quiser, como eu, de maneira tão rudimentar, já fiz várias vezes. — Seus olhos ainda estão voltados para a porta que leva aos seus próprios aposentos.

— Eu não sei o que dizer. — Digo finalmente. As grandes janelas deixavam toda a elegância quase brilhando. As pequenas árvores envasadas nos cantos da sala se aproximam da luz.

Eu me sinto como uma princesa da floresta.

Não, não uma princesa, eu emendo.

Uma rainha.

Estou nos aposentos da rainha.

— Você pode dizer se gosta ou não. — Oferece Kallias. — Se há algo

desagradável nas acomodações.

Eu sorrio, virando-me para ele. — Não acho nada desagradável.

Isso é lindo. Obrigada por compartilhar comigo.

— Estou feliz. — Diz ele. Então ele olha para as minhas mãos.

Eu percebo que elas ainda estão tremendo.

Kallias gentilmente empurra meus ombros para me sentar em cima da cama. Ele pega um cobertor de um divã perto do pé da cama e o envolve em meus ombros.

— Estou bem,. — Insisto.

— Você ficará, mas tudo bem se não estiver.

— Não é a primeira vez que vejo a morte, Kallias. — Eu gostaria de poder tomar de volta as palavras. Não preciso que ele me faça perguntas sobre Hektor.

— Ver-me matar um guarda é muito diferente de me ver matar um homem com a intenção de nos matar. Sua vida estava em perigo.

Oh, certo.

— Por que *você* está tão calmo? — Eu pergunto, olhando para ele. — Você foi quem levou um tiro, pelo amor de Deus.

— Porque eu sei há algum tempo que alguém está tentando me matar. Eu já esperava isso.

Kallias não me deixa até que uma curandeira chegue. Uma velha que me irrita, insistindo em olhar para o vergão vermelho no meu rosto. Sem surpresa, ela prescreve o descanso como tratamento.

— Você tem alguém que poderia ficar com você hoje à noite? — A velha pergunta.

— Por quê?

— Após acontecimentos assim, alguns acham difícil dormir. Outro corpo no quarto pode ajudar.

— Eu não sou uma criança pequena. Não preciso de alguém para verificar meus armários em busca de monstros.

— Não monstros. Assassinos. Homens que usariam você para chegar ao rei. — Ela comenta sem ajuda.

— Saia. — Eu estalo.

A curandeira reúne suas coisas antes de sair da sala e me deixar em um silêncio abençoado.

CAPÍTULO
18

Eu janto nos meus novos aposentos. Após a emoção do dia, não tenho vontade de estar com muitas pessoas. Kallias não se junta a mim, e suponho que deve ser porque ele está cuidando do homem que conseguiu entrar nos jardins de sua mãe sem ser detectado.

E provavelmente matando os homens que permitiram que isso acontecesse.

Quando termino minha refeição, uma empregada vem me ajudar a me despir.

— Eu trago suas correspondências comigo, minha senhora, caso deseje responder a qualquer uma desta noite. Vou pedir aos funcionários que tragam seus pertences para cá logo amanhã.

Ela coloca duas pilhas de cartas na mesinha de cabeceira ao lado da minha cama. No topo, noto a carta de amor de Orrin e me encolhi com desagrado.

Ela coloca uma das minhas camisolas mais simples na cama para eu me trocar, mas eu a dispenso, sem precisar mais de sua ajuda.

Garanto que a porta está bem trancada atrás dela. Verifico as janelas, certificando-me de que cada uma esteja trancada. Olho em cada canto da sala grande o suficiente para um intruso se esconder.

Eu acendo todas as luzes em todos os meus aposentos antes de tomar um banho e lavar tudo o que aconteceu hoje.

Seco-me metodicamente, visto a camisola branca simples, apago as velas, apago as luzes e subo na cama.

Assim que eu faço, meu coração dispara. Toda sombra na sala parece estar escondendo um intruso. Tento fechar as cortinas da cama, bloqueando o resto do

quarto.

De alguma forma, isso só piora as coisas. Não ser capaz de ver o que pode ou não estar lá fora.

Após acontecimentos assim, alguns acham difícil dormir.

Maldita seja a velha!

Logicamente, eu sei que não há nada no quarto. Eu sei que estou sozinha. Sei que ninguém pode entrar sem arrombar a porta ou quebrar o vidro de uma janela.

Mas não consigo fazer meu corpo relaxar o suficiente para dormir.

Hoje à noite, pelo menos, eu sei que não vou descansar se estiver sozinha aqui.

Eu me pergunto se eu poderia convencer Rhoda ou Hestia a se juntar a mim hoje à noite, mas dificilmente parece justo despertá-las agora. Já é muito tarde. Eu não poderia incomodá-las.

Um som fraco mal chega até mim, e eu me assusto, apesar de sua gentileza. Foi apenas um latido suave. Demodocus e Kallias devem finalmente ter retornado para dormir. Nada com o que se preocupar.

Sento-me na cama, afasto as cortinas e olho a porta adjacente aos nossos quartos. Antes que eu possa pensar duas vezes, estou pronta para correr por aquela porta como se fosse a chave da minha salvação.

Bato suavemente. Talvez muito timidamente. Kallias poderia ter ouvido isso? Talvez eu não *queira* que ele ouça. Eu estou sendo tão ridícula. Talvez eu deva tentar dar algumas voltas pela sala para me livrar da energia nervosa e...

A porta se abre, sugerindo que ela não tenha sido aberta há muito tempo.

— Alessandra. — Diz Kallias. Como se houvesse mais alguém do outro lado da porta, chamando por ele.

Seu cabelo está despenteado, como se ele estivesse passando as mãos por ele há horas. Sua camisa está fora da calça, todos os botões abertos, expondo seu peito liso. Eu o peguei enquanto ele trocava de roupa. Embora isso não pareça importar para ele se ele ainda abriu a porta.

— Eu... eu não consigo dormir. — Eu digo.

Antes que ele possa dizer ou fazer qualquer coisa, um corpo peludo abre caminho entre as pernas de Kallias e entra no meu quarto. Demodocus enfia o nariz ao longo da parede, cheirando o interior do novo quarto.

— Só um momento. — Diz Kallias. Ele deixa a porta aberta enquanto volta para o quarto. Embora o quarto esteja escuro, vejo o contorno fraco de uma cama enorme, grande o suficiente para cinco caberem confortavelmente, eu acho. Eu me pergunto se é a mesma cama que seu pai usou ou se Kallias a fez

especificamente para si.

Como é Kallias quando dorme? Ele está quieto e imóvel com nada além do movimento do peito para cima e para baixo para sinalizar que está vivo? Ou ele se vira e solta alguns roncos? Ele está envolto em sombra em seus sonhos ou é sólido?

Sua forma retorna, bloqueando minha visão da cama. Ele está vestido com uma túnica comprida, com as luvas de volta para suas mãos. Perfeitamente coberto da cabeça aos pés.

E nem uma sombra à vista, noto com certo prazer.

Eu me afasto, permitindo que ele entre na sala. Seus olhos encontram Demodocus enfiando as narinas molhadas no guarda-roupa para inspecionar os cheiros encontrados lá, a fera subindo nas pernas traseiras.

— Demodocus, para baixo.

O cachorro escuta e vai procurar outras coisas para cheirar.

— O que a incomoda? — Kallias pergunta.

Volto para a cama, sentando na beirada, e ele se junta a mim.

— Nada, mas eu não consigo dormir.

— Tivemos um pouco de emoção hoje, e os homens que deixaram o intruso entrar foram cuidados, mas você está segura. Eu prometo. Há homens no corredor e homens no pátio, observando as janelas. Não que algo possa chegar até você aqui em cima, mas é melhor mais precauções do que menos.

Eu concordo, já sabendo tudo isso.

— Eu estou na porta ao lado, se você precisar de alguma coisa. Você não está desamparada. — Kallias diz enfaticamente. — Você esfaqueou o agressor com uma adaga na coxa, pelo amor de Deus. Você é muito capaz. — Ele coloca uma mão reconfortante na minha coxa.

Eu me viro para ele. — Obrigada. Eu sei tudo isso, verdadeiramente. Eu simplesmente não consigo relaxar.

— Deite-se. — Ele instrui, e eu faço isso, deslizando para o lado oposto da cama, para que haja espaço para ele. Ele começa a reclinar, mas seus olhos se movem para mesa de cabeceira, onde minhas cartas estão empilhadas.

Kallias pega uma, e eu estou prestes a agradecê-lo por não bisbilhotar minhas coisas, quando percebo o que ele está segurando.

— *Minha querida Alessandra.* — Lê Kallia em voz alta. — *Espero que você perdoe minha ousadia, mas chegou-me a notícia de que o rei não a acompanhou até seu último passeio na propriedade dos Christakoses.*

Eu pulo para frente, tentando arrancar a carta do seu aperto, mas Kallias fica

fora do meu alcance, nunca cessando sua leitura. — *De fato, há rumores de que você passou a noite com um amigo de infância. Isso me atreveu a esperar que talvez você tenha terminado as coisas com Sua Majestade. Você, é claro, conhece minhas viagens de negócios. Elas me mantiveram longe do seu lado por muito tempo, mas penso em você diariamente. Sinto falta da sua conversa, do seu sorriso, do jeito que você olha para longe de mim quando fica envergonhada pela minha generosidade.* Quem diabos escreveu isso? — Os olhos de Kallias saltam para o final para encontrar a assinatura. Então ele solta uma risada. — Orrin escreveu uma carta de amor para você!

Eu estou de pé, tentando arrancar a maldita coisa de suas mãos, mas Kallias continua pulando fora de alcance.

— *Quando olho para o céu noturno, deixo de ver sua beleza. Tudo em que consigo pensar em você. Seu cabelo de zibelina e como eu desejo correr meus dedos através de seus comprimentos. Seus lábios, maduros como cerejas – como desejo prová-los. Seus dedos são tão delicados quanto as asas de borboleta, e seus olhos brilham para rivalizar com a luz das estrelas.*

— Maldito seja, Kallias, me dê isso! — Eu me jogo nele, e nesse momento, em vez de dançar fora de alcance, ele se transforma em sombra.

Junto com a carta, que agora está fora do meu alcance com segurança enquanto Kallias desejar.

— Isso é injusto. — Eu digo.

Kallias enxuga uma lágrima sombria de alegria de seus olhos. — Como você pôde esconder esse tesouro de mim? — Ele lê: — *Sua voz poderia ordenar que o mundo parasse de girar, que as plantas parassem de crescer, que o vento deixasse de soprar, que os insetos parassem de chiar.* — O rei começa a rir.

— Insetos chiando. Na carta de amor dele para você! — Kallias aperta o estômago com as duas mãos e, ao fazê-lo, perde o controle da carta. Ele solidifica instantaneamente, e eu a agarro antes mesmo de atingir o chão.

Eu rasgo a maldita coisa em pedaços e os deixo caírem no chão.

— Nem todos os homens têm habilidade com uma caneta. — Digo por entre dentes.

Kallias se vira para minha pilha de cartas. — Diga-me que essa não é a primeira carta dele. Oh, por favor, diga que tem mais!

— Não tem. — Eu lhe asseguro.

— Uma pena. Ah, eu não ria tanto assim... bem, em pelo menos um ano. Alessandra, você está corando!

— Não. Se meu rosto está quente, é da fúria que sinto por você.

— Por tirar sarro de Orrin?

— Por tirar sarro de mim. Por achar engraçado que alguém queira me escrever uma carta de amor.

Ele nunca vai me ver em uma perspectiva romântica?

Instantaneamente, a jovialidade desaparece de seu rosto, substituída por absoluta seriedade. — Alessandra, eu não estou tirando sarro de você. É apenas a tentativa de Orrin na poesia que me diverte. Você é digna de todo o conhecimento dos poetas, mas isso... — Ele aponta para os pedaços rasgados no chão. — Não é digno de você.

Um tanto apaziguada, eu desafio: — E suponho que você poderia fazer melhor?

— Eu certamente poderia. — Ele olha tristemente para os pedaços rasgados no chão. — Você tinha que destruí-la? Eu poderia ter emoldurado e guardado para sempre que estiver tendo um dia ruim.

— Cale a boca. — Volto para a cama, olhando para o teto. Eu me recuso a deixar um sorriso enfeitar meu rosto.

Mas a alegria de Kallias é muito contagiosa. E eu aprecio seu sorriso mais do que gostaria de admitir.

Um grande peso se junta a mim na cama, mas como está meio em cima de mim, eu sei que não é Kallias.

— Bem, olá. — Eu digo para Demodocus.

Kallias estala os dedos e aponta para o pé da cama. Com uma cara triste e abatida, Demodocus se levanta e deita aos meus pés.

Kallias reivindica o lugar ao meu lado. Ele entrelaça os dedos sobre o peito, olhando para o dossel.

— Eu não faço isso há algum tempo. — Diz Kallias.

— Deitar ao lado de uma mulher?

— Subir na cama da minha mãe.

Há vários metros entre nós, mas consigo me aproximar e apertar uma mão enluvada na minha. Ele não a afasta.

— Você não precisa ficar comigo. Eu posso… — Eu começo.

— Silêncio. Vá dormir.

A interrupção traz um sorriso aos meus lábios. Eu tento fazer o que ele sugere. Realmente, mas faz um tempo desde que eu tive um homem na minha cama. Dormir é a última coisa em minha mente.

Mesmo que qualquer outra coisa seja impossível.

E então me lembro do que aconteceu no jardim. Após o ataque.

Kallias estava com as mãos em mim. Verificando lesões, mas as coisas mudaram. Seu toque mudou. Os seus olhos mudaram. Sua respiração mudou.

Eu não considero isso uma melhoria. Nós quase morremos.

Depois, ele provavelmente estava bêbado com a energia de tal provação. E isso o deixou... apaixonado.

O que ele teria feito se os guardas não tivessem vindo?

Eu pergunto: — O assassino sobreviveu?

— Não. Entre sua ferida e a minha, ele não teve chance.

— Então você não foi capaz de descobrir nada com ele?

— Nada, exceto o que já discutimos sobre suas roupas e sotaque. Ele não tinha nada nos bolsos. Nenhum bilhete de quem o contratou, nem dinheiro. Quem o enviou foi muito cuidadoso.

Aperto levemente a mão de Kallias. — Então o que deve ser feito?

Sua mão livre se ergue sob a cabeça sobre o travesseiro. — Eu pensei que já teria respostas agora. Todo mundo foi questionado repetidamente sobre a noite em que meus pais morreram. Há muitas pessoas desaparecidas. Todos ficaram aterrorizados quando o arrombamento aconteceu. Ninguém se lembra de quem estava nas salas seguras com eles, salve a pessoa à sua direita imediata e esquerda. Metade dos meus nobres afirmam estar em lugares onde ninguém mais os viu.

— Ampelios está investigando quem pode ter envenenado minhas luvas há dois meses. Ele não encontrou nada. E o mais terrível é que não sei se isso é verdade, ou se ele está envolvido porque é um dos membros do meu conselho.

— Agora tivemos um novo ataque, que deveria nos apresentar novas vantagens. Mas o assassino está morto. Seu corpo não tem segredos para revelar. E todo o seu sotaque e roupas sugerem que alguém dentro da minha corte matou meus pais e agora está tentando me matar. O que eu já sabia.

Eu deixo meu polegar acariciar o dele enquanto ele fala, esperando confortá-lo silenciosamente.

— Você sabe — Diz Kallias, com a voz um pouco baixa. — Eu não te culparia se você fosse embora.

— Embora?

— Do palácio. Estar perto de mim coloca você em perigo, também. Você não precisa ficar. Eu nunca te forçaria a ficar aqui.

Viro meu pescoço, mas ele não encontra meus olhos. — Eu não estou indo a lugar nenhum. Você não está enfrentando isso sozinho.

Além disso, quando eu for rainha, as pessoas estarão tentando me matar de

qualquer maneira. Posso muito bem me acostumar com isso agora.

Sua respiração o deixa, como se ele estivesse segurando o fôlego enquanto esperava ouvir o que eu diria.

— Nós vamos descobrir isso juntos. — Eu digo.

Kallias assente, mas posso dizer que não dá alívio à sua mente perturbada.

★ ★ ★

QUANDO EU ACORDO, a quentura de outro corpo se curva em mim, me inundando com o calor. No começo, penso em colocar um braço sobre o homem, quem quer que seja, mas depois registro duas coisas simultaneamente.

Primeiro, estou vestida.

Segundo, o corpo ao lado do meu é estranhamente confuso.

Demodocus, ao que parece, manobrou seu caminho de volta para o início da cama quando Kallias saiu. Ele provavelmente voltou para o seu quarto assim que eu dormi. Ele não pode arriscar adormecer na minha cama. E se eu fosse rolar e o tocasse?

Eu coço meu companheiro atrás das orelhas. — Bom dia.

Demodocus tenta alcançar meu rosto com a língua, mas eu rolo e saio da cama.

— Sem beijos babados, obrigada.

Quando minha empregada vem me ajudar de manhã, um criado também chega para deixar Demodocus sair. Ela traz um vestido simples, mas isso não importa. Hoje vou começar os preparativos para o baile que Kallias está me permitindo planejar. Acho que vou marcar a data para um mês, o que significa que tenho muito a preparar. Convites para enviar. Um tema para selecionar.

Decorações. Comida. Arranjos de mesa.

Mas conheço apenas as duas damas perfeitas para pedir ajuda.

Uma batida soa na minha porta assim que eu estou vestida e pronta para sair para começar o dia.

— Lady Stathos. — Diz um homem do outro lado enquanto se inclina.

— Senhor Vasco. — O chefe do conselho de Kallias.

— Por favor, me chame de Ikaros.

Não retribuo o gesto de boa vontade.

— Posso entrar? — Ele pergunta, olhando atrás de mim para a câmara de saudações da rainha.

Quem ele pensa que é, se convidando para o meu quarto? Ele certamente não pode entrar. E como ele sabia que eu já estava aqui?

Ele deve ter um espião perto de Kallias. Ou de mim.

— Na verdade, eu estou saindo. — Pego minhas saias para atravessar o limiar e depois desço o corredor. Um pequeno exército de criados passa por nós, carregando meus pertences para meus novos aposentos. — E me perdoe, mas não apreciei particularmente nenhuma de nossas conversas anteriores. Tenho dificuldade em acreditar que esta será melhor.

Ikaros me segue enquanto me afasto.

— Estou tão feliz que você estava lá ontem para ajudar o rei. — Diz ele, ignorando tudo o que eu acabei de dizer.

Quase tropeço quando paro abruptamente no meio do corredor.

— Ajudar? Você quer dizer salvar a vida dele?

Ele cruza os braços na frente de si mesmo enquanto faz uma pausa comigo. — Isso é um exagero, você não acha, considerando que ele não estaria lá fora em primeiro lugar se você não estivesse?

— Você está tentando sugerir que eu tive algo a ver com a tentativa de acabar com a vida do rei?

Ele tira fiapos invisíveis de suas vestes. — De modo nenhum. Eu mal vejo o que você teria a ganhar matando o rei. Seu futuro próspero vem de mantê-lo vivo. O que suscita a pergunta: por que você insiste em passar um tempo com meu sobrinho quando está sendo cortejada por um rei?

Continuo andando, sem me preocupar em responder coisas que não são da conta dele.

— Eu sei que você passou uma noite inteira com Leandros, fazendo deuses sabem o quê. Você dança com ele nas festas. Você foi vista com ele do lado de fora pouco antes do ataque nos jardins.

— Você está me seguindo? — Eu levanto minhas saias enquanto descemos uma escada, recusando-me a olhar na direção dele.

— Existem olhos por toda parte. Nada que você faz passa despercebido. E se você persistir em agir como uma batedeira...

— Vasco. — Eu digo, virando para ele, mostrando o máximo desrespeito, negligenciando seu título e me recusando a usar seu primeiro nome quando ele me deu permissão. — Você deve ter muito cuidado com o que me diz. Agora, o rei confia em mim mais do que em você. E um dia serei sua rainha. Quando ele tiver mais idade e não precisar mais de você, quão difícil você acha que será para eu convencê-lo a tirar você do palácio?

Antes que ele possa dizer qualquer coisa, continuo: — Vou passar um tempo com quem eu quiser. Só porque estou cortejando o rei, isso não significa que não posso ter amigos. Felizmente, seu sobrinho não é nada como você. Não me siga.

Nas minhas costas, ele diz: — Tente manter o foco, Alessandra. O rei precisa de um herdeiro, e se você não demonstrar a quantidade adequada de interesse, ele pode simplesmente procurar em outro lugar.

— Quando me dizem para não fazer algo, só desejo fazer mais. — Digo antes de virar a esquina.

Mas algo me incomoda com a insistência do conselho em um herdeiro de Kallias. Eles não sabem exatamente como seus poderes funcionam? E se sim, eles não gostariam que ele evitasse tocar em alguém?

A menos que eles sejam realmente os que tentam matá-lo.

Estou começando a pensar que os medos de Kallias são perfeitamente justificados.

CAPÍTULO
19

Eu estou no meio do salão e viro em um círculo lento. — Vamos precisar de flores em vasos. Quero que todo o salão esteja alinhado com elas. Elas formarão caminhos como um jardim de flores.

Epaphras, o nomeador de Kallias, está menos do que emocionado por estar em meu emprego durante o dia.

(Aparentemente, fiquei do lado ruim dele quando o ignorei e invadi a reunião de Kallias.) Mas Kallias insistiu que ele poderia manter suas reuniões em ordem por um dia para que eu pudesse ter o melhor de seus agendadores anotando tudo para mim. Meu baile deve ter a máxima prioridade.

No começo, achei estranho ele insistir, mas então eu percebo que ele não quer essa atenção em si mesmo. Ele não quer que seu povo pense que está em perigo, que existe alguma ameaça contra ele. Ele quer que as coisas pareçam normais.

— Por que se preocupar com vasos? — Epaphras pergunta sarcasticamente. — Por que não jogamos a sujeira no chão do salão?

— Eu acho que é brilhante! — Hestia diz. — ***Jóias do jardim da rainha*** é um tema maravilhoso! O salão parecerá esplêndido quando você terminar.

— Todas as mulheres podem se vestir para se parecer com flores diferentes. — Rhoda acrescenta. — Oh, é melhor encomendarmos nossas costureiras rapidamente antes que elas estejam reservadas!

— Vocês estão em vantagem. — Asseguro a elas. — já que ainda tenho que enviar convites. Epafras! Vou precisar de artigos de papelaria e caligrafia, é

claro. Os convites devem sair neste final de semana.

— Naturalmente. — Epaphras morde.

— É melhor informar Kallias que preciso muito mais de seus serviços do que ele. Vou precisar de você pelo menos na próxima semana, acho.

O escriba empalidece e compartilho um sorriso secreto com Rhoda.

— Galen. — Rhoda diz para a sombra atrás dela. — Entre em contato com minha costureira e marque uma consulta. Certifique-se de que ela saiba que é urgente.

— Claro, minha senhora.

Epaphras caminha, murmurando algo sobre o desperdício de suas habilidades, quando sai do salão.

Assim que ele se foi, Hestia pula sobre mim. — Finalmente estamos sozinhas! Agora me diga rapidamente, ***é verdade***?

— Se eu for responder, preciso primeiro saber a pergunta, Hestia. — Respondo, embora ela sem dúvida queira discutir a tentativa contra a vida do rei.

— A minha criada ouviu isso da irmã, que trabalha como lavadeira, que ouviu de um jardineiro, que ouviu de...

— Querida. — Interrompe Rhoda, — Acho que não precisamos saber a linha exata que as notícias percorreram.

— Certo. — Hestia se vira para mim. — Você vai ficar nos quartos da rainha?

Eu pisco. Então eu ofereço a ela um sorriso sincero. — Sim.

Hestia geme de ciúmes. — Você é a garota mais afortunada em todos os seis reinos. Como eles são?

— Ontem à noite, tomei banho em uma banheira grande o suficiente para três caberem confortavelmente. As paredes são revestidas com óleos e fragrâncias. Coloquei pétalas de rosas frescas e óleos de lavanda na água. Se não tivesse medo de me afogar, teria dormido nela.

— Você deve me fazer uma lista. Preciso de uma cópia das etiquetas de todas as garrafas.

— Talvez eu pudesse...

— Cada. Etiqueta. — Ela diz, me cortando. — Eu simplesmente preciso saber quais marcas a rainha usou!

— Eu pensei que já tivéssemos discutido que você cheira bem do seu jeito, — diz Rhoda. — Que você não precisa copiar tudo o que...

— Isso não tem nada a ver! Você está me dizendo que não está nem um pouco curiosa se a rainha tomou banho de óleo de lavanda de Rondo ou Blasios?

Rhoda pensa um momento. — Eu concordo com você.

— Ha!

Com nosso trabalho feito, nos vemos fora do salão de baile.

Assim que chegamos à área principal de recepção, vejo uma figura entrando no palácio.

Orrin.

Ele finalmente voltou.

Nossos olhos se encontram, e um olhar semelhante a um animal ferido cruza seu rosto antes que ele se afaste de mim.

— Ele parece estar com o coração partido. — Hestia se inclina para dizer.

— Não é por mim que ele está com o coração partido. É pela minha irmã. Ele é de alguma maneira tão equivocado a ponto de pensar que somos a mesma pessoa.

— Ele parece muito... tonto às vezes. — Rhoda entoa. — No entanto, aquele homem herdou um condado?

— Todos os filhos inteligentes de seu pai não devem ter chegado à idade adulta. — Respondo com desgosto. — Eu vou me encontrar com vocês mais tarde. — acrescento, antes de me preparar para falar com Orrin.

— Lorde Eliades! — Eu chamo, caminhando até ele. Estou fazendo isso por Rhouben. Ele sustentou o fim da barganha e agora é hora de eu fazer a minha parte. — Gostaria de saber se podemos conversar em privado. Talvez nos seus aposentos?

— Não há mais nada a dizer, Lady Stathos. Você deixou seus sentimentos bem claros.

— Mas talvez se eu pudesse explicar. — Eu tento.

— Isso não será necessário. — Ele diz, e segue seu lacaio, que carrega um baú de suas coisas até seu quarto.

Entre todas as suas coisas estará seu selo. Eu preciso disso para que nosso ato funcione. Orrin não vai me deixar entrar no quarto dele diretamente, então terei que encontrar outro caminho.

★ ★ ★

EU TENHO UM NOVO quando Kallias se junta a mim na biblioteca para jantar, embora eu não tenha ideia se funcionará. Só por segurança, recuperei a carta forjada de Rhouben e pedi que Petros preenchesse a data. Com todos os

jogadores finalmente no palácio, tudo o que precisamos é desse selo.

— Disseram-me que você e Lorde Eliades tiveram um pouco de discordância no salão de festas esta tarde.

Quando Kallias se senta, Demodocus deita no chão ao meu lado, colocando a cabeça em cima do meu pé, como um travesseiro.

— Sim, bem, ele estava de alguma forma com a impressão de que ele e eu estávamos namorando. Receio que meu pai tenha encorajado o pensamento. Depois de nossas aventuras no lago, Orrin quis deixar bem claro que ele não deseja mais nada comigo.

— Seu pai sabe do nosso ardil?

— Claro que não. Ele só queria um plano de reserva, caso eu não consiga segurar sua mão. Meu pai está decidido a conseguir um dote enorme para mim. A propriedade dele está... falida.

Kallias pisca. — E então ele pensou em ***vender*** você para mim?

— Não é assim que as coisas são feitas?

— Bem, sim, mas não em termos tão grosseiros. Hmm. Talvez eu deva fazer algo sobre isso.

Eu sei que ***eu*** certamente farei algo sobre isso quando for rainha.

Uma pausa na conversa nos permite provar nossa ceia.

— Diga-me, — Diz Kallias. — Quando for seguro terminar nossa farsa, você não deseja se casar e ter uma família?

— Claro que sim. Casamento pelo menos. Ainda não tenho certeza sobre crianças. — Quero me dar um tapa assim que as palavras saem da minha boca. Como ele faz isso comigo? Às vezes, estou convencida de que somos verdadeiros amigos e posso ser sincera. Mas essa é a verdadeira farsa, não é? Ele é um alvo, e não posso cometer o erro de ficar muito confortável com ele.

Se eu quero me casar com o rei, certamente deveria ter dito que quero filhos. Esse é o dever de uma rainha. Ter herdeiros. Não importa que Kallias não viva o suficiente para produzir.

— Eu me sinto da mesma maneira. — Diz Kallias, me surpreendendo. — Então por que você não tem nenhum interesse em Orrin? Eu sei que ele é muito rico. As damas da corte parecem considerá-lo atraente.

— Elas obviamente nunca tiveram uma conversa com ele.

Satisfeito com a minha resposta, Kallias volta sua atenção para sua comida. Meu pé adormeceu graças ao peso significativo de Demodocus, e sua respiração aquece meu outro pé.

— Por que você escolhe a biblioteca para jantarmos? — Eu pergunto. —

Você gosta de ler? Nunca te vi com um livro na mão.

— Meu pai adorava ler. Ele era um homem velho. Ele gostava de adquirir conhecimento. Esta sala não apenas me lembra dele, mas também cheira a ele.

Embora Kallias sempre tenha sido rápido em falar de sua mãe, esta é a primeira vez que ele diz algo pessoal de seu pai.

— Não tenho tempo para ler. — Diz Kallias. — Mas, mesmo que eu tivesse, não faria. Não é um hobby meu. Eu preferiria correr com Demodocus ou passar um tempo com você.

— Ele era o homem mais velho da história, seu pai?

— Não. Tenho um trisavô que viveu setecentos e cinquenta e oito.

— Ele durou mais de setecentos anos antes de tomar uma esposa e ter filhos?

Ele concorda.

— Quanto tempo você acha que vai durar? — Eu pergunto.

— Você duvida da minha determinação? — Ele pergunta, trocando de assunto.

Estou tentando imaginá-lo aos setecentos anos e não tendo lido um livro inteiro. Seu corpo ***e*** sua mente permanecerão os mesmos?

Escondo meu sorriso atrás de um gole de vinho.

— Livros não são a única maneira de aprender. Ficarei mais esperto e mais poderoso à medida que meu império se espalhar. À medida que descubro novas estratégias para liderar meus exércitos. Como homens e mulheres sábios me aconselhando.

— E você ficará mais solitário. Você não acha que esquecerá como é ser humano se afastar todos os mortais em sua vida? Eu não estou tentando convencê-lo a me cortejar neste momento. Eu estou honestamente curiosa.

— Eu não te afastei.

— Mas um dia eu vou morrer. Vou envelhecer e você não, contanto que viva sua vida nas sombras.

Kallias se afasta da comida que estava trazendo aos lábios, como se esse pensamento nunca lhe tivesse ocorrido. Finalmente, ele diz: — Daqui a muito tempo. — Mas ele não encontra o meu olhar.

Não importa. Isso é o suficiente de conversa amigável por uma noite. Hora de seguir em frente, colocando meu plano em ação para ajudar Rhouben.

— Kallias, ouvi uma história sobre você roubando sapos de um lago para colocar na cama de uma das suas tutoras.

Ele sorri maliciosamente com a lembrança. — Ela era uma chata terrível.

Eu avalio Kallias.

— O quê? — Ele pergunta.

— Estou me perguntando. Com sua habilidade, são apenas objetos inanimados que você pode transformar em sombra com um toque?

Demodocus me deixa e vai se sentar ao lado de seu mestre, finalmente restaurando o fluxo de sangue no meu pé.

— Por quê? — Kallias pergunta.

— Eu tenho que me infiltrar nos aposentos de alguém. Por um amigo. Eu me perguntei se você poderia me deixar entrar pela porta. E eu quero dizer, ***através*** dela.

— Você acha que eu vou ajudá-la a invadir os aposentos de alguém? Alguém da minha própria corte?

— Por mim? Sim.

Uma luz dança por trás dos olhos de Kallias. — Os aposentos de quem?

— Orrin.

— Eu quero saber o que você está planejando?

— Eu acho que seria muito mais divertido se você assistisse as coisas acontecerem.

Kallias se abaixa para acariciar o topo da cabeça de Demodocus.

— Não finja estar acima dessas coisas comigo. — Acrescento. — Eu sei exatamente o quanto você gosta de entrar nos aposentos das cortesãs. E com todas as responsabilidades com as quais você está lidando ultimamente, você pode dar uma fugidinha.

O sorriso dele mostra os dentes. — Tudo bem, mas apenas porque é Orrin. E se você for pega, negarei ter qualquer envolvimento nisso. Pelo bem da aparência.

— E você vai me repreender em público apenas para me perdoar em particular?

— Algo parecido. Agora vamos embora enquanto todo mundo ainda está jantando lá embaixo.

Kallias me ajuda a levantar da cadeira e mantém a porta da biblioteca aberta para nós. Faço uma pausa lá fora.

— O que foi? — Ele pergunta.

— Na verdade, eu não sei onde estão os aposentos de Orrin.

— Eu ficaria preocupado se você soubesse. Por aqui.

Eu o sigo pelo corredor. Subo um lance de escadas. Por outro corredor. Ele para diante de uma porta que parece apenas como todas as outras.

— Como ***você*** sabe onde estão os aposentos dele? — Eu pergunto.

— Eu sei onde estão os aposentos de todos. Eu gosto de saber de onde vêm todas as ameaças em potencial.

— Mas você mantém as pessoas mais perigosas mais próximas de você?

— De modo nenhum. — Ele passa um dedo vestido de couro na ponta do meu nariz antes de pegar minha mão na dele. Kallias olha para os dois lados do corredor, garantindo que estamos sozinhos.

Então me sinto desaparecer.

Eu nunca notei o quão pesado meus membros são até que de repente não consigo sentir o peso deles. Sombras percorrem minha pele, enrolando em torno de meus dedos, deslizando sobre os pelos finos em meus braços.

Aperto a mão de Kallias com mais firmeza, enquanto sou dominada pela sensação de que vou flutuar e desaparecer no céu se ele não me manter no chão.

— Você se acostuma. — Diz ele. — Agora vamos fazer isso.

Kallias vai primeiro, inclinando a cabeça para a frente para cutucar a porta. Confirmando que está vazio, ele então me puxa com ele.

A sensação de deslizar através de uma parede sólida é semelhante a cortar uma faca através de manteiga macia. Muito pouco atrito. E quase satisfatório de uma maneira.

Então acabou.

O quarto de Orrin é singular comparado aos meus aposentos de rainha. As cortinas e a colcha são de um azul royal com enfeites de prata nas bainhas. Enquanto tento identificar os toques pessoais, percebo que realmente não há. Não há fotos de família (como algumas pessoas possuem), nem bugigangas ou enfeites – não há livros nas prateleiras.

Talvez com a frequência com que ele viaja a negócios, ele não se incomode com essas coisas.

Mas então esqueço completamente o meu entorno, pois percebo que ainda estou segurando a mão de Kallias.

— O que aconteceria. — Pergunto. — Se nos tocássemos nesse estado?

Kallias leva a mão livre aos lábios e tira a luva com os dentes.

Ele traz os dedos para o meu rosto.

Registro o contato e sinto-o distante, mas não há calor. Não há a sensação que vem de tocar em alguém que você acha atraente.

Na verdade, é horrível. Querendo esse contato e não conseguindo. Mesmo com um toque.

— Eu sei. — Diz ele, lendo o olhar no meu rosto. — É, bem, uma sombra de como é o contato real. — Ele se inclina para recuperar a luva que ele deixou cair.

— Vou esperar lá fora e avisar se ele vier. Basta bater se precisar de alguma coisa.

E então ele desliza de volta para o corredor com um fio de sombra.

Sinto meus membros voltando ao normal, vejo como as sombras desaparecem. Isso parece muito melhor.

A mesa de Orrin fica de frente para a grande janela da sala principal. Seus aposentos consistem em um quarto e um banheiro.

Nenhuma sala de estar ou estudo, como nos meus.

Eu abro a primeira gaveta e encontro tudo o que eu preciso em um lugar. O selo, cera e as ferramentas para queimá-lo.

Acendo o pavio e ponho a cera por cima, esperando que derreta. Como nunca fui muito paciente, decido vasculhar as coisas de Orrin. O restante das gavetas em sua mesa está cheio de instrumentos de escrita e algumas cartas inacabadas.

Orrin tem alguns baús e um guarda-roupa. Um dos baús está trancado. O outro possui roupas de cama extras. Seu guarda-roupa não contém nada além de suas roupas suaves de cor e branco e marrom.

Olho o baú trancado.

— O que poderia estar aí dentro? — Eu sussurro para mim mesma. Nada mais está trancado na sala. Não as gavetas com suas correspondências. Nem mesmo a gaveta que guarda uma bolsa de necos.

Testo o peso do baú trancado. Eu posso levantá-lo do chão. Não é nada pesado, exceto pela madeira de que é feito. Nem é terrivelmente grande. Um pouco mais largo que meu próprio corpo.

Fico de pé depois de colocar o baú de volta no chão e olho o quarto. Se eu fosse Orrin, onde esconderia a chave, supondo que ele não a tivesse?

Encontro-me de volta à mesa, examinando as gavetas individuais um pouco mais de perto.

E noto que uma não parece ser tão profunda quanto as outras.

Um fundo falso.

Com uma chave de bronze embaixo.

Orrin, seu tolo simples.

Volto para o baú, solto um suspiro de alívio quando a chave se encaixa perfeitamente dentro da fechadura e levanto a tampa.

Tem roupas lá dentro. Que cheiram mal.

Por que diabos ele iria querer trancar isso?

Primeiro, tiro uma camisa amarrotada em tons de marrom. Uma mancha

gruda nas minhas próprias luvas depois de tocá-la, e lamento a perda do acessório.

Então eu encontro um par de calças não dignas de nota. Abaixo dessas, há um par de botas.

Orrin não é inteligente o suficiente para desviar a direção, então o que...

E é aí que vejo o item final no fundo do baú.

O que incrimina-o.

Eu seguro o tecido e deixo-o balançar pelas pontas dos dedos da minha luva já suja.

Uma máscara.

A máscara.

Do bandido. O mesmo que roubou Kallias e eu.

Eu soltei uma risadinha. Oh, Orrin.

Mas é claro que é Orrin. O piedoso benfeitor que quer adotar órfãos. É claro que ele roubaria de sua própria classe e ajudaria os pobres.

O bobo.

No começo, penso em sair correndo e mostrar a Kallias, mas depois percebo que ele pode prender Orrin. Ainda não posso deixar isso acontecer. Ele tem um papel a desempenhar para salvar Rhouben.

Enfio a máscara no bolso do vestido, recoloco todo o resto no baú e o fecho, devolvo a chave e, finalmente, selo a carta que trouxe comigo antes de colocar todos os suprimentos em seus devidos lugares.

Então eu bato na porta. Kallias estende a mão, me agarra e me puxa de volta para o outro lado.

Começamos a andar.

— Tudo está indo conforme o planejado? — Ele pergunta.

— Melhor ainda.

Kallias me olha com cuidado enquanto dobramos a esquina. — Não me lembro de ter visto você tão feliz. Estou com ciúmes, sabendo que Orrin foi quem causou isso.

— Não fique. — Eu digo. — Acabei de encontrar evidências incriminadoras no quarto de Orrin.

Kallias estreita os olhos. — Você colocou lá?

Eu ri. — Na verdade não. Eu vim para um propósito completamente diferente e me deparei com isso.

— E eu saberei o que é?

— Sim, mas depois. Preciso que Orrin faça uma coisa por mim primeiro.

Você confia em mim?

Kallias faz uma pausa e me avalia, honestamente considerando a pergunta. — Sim. — Ele diz finalmente, como se as palavras o surpreendessem. Ele corre para acrescentar: — Estou cheio de curiosidade, mas vou tentar ser paciente.

— Você é muito bom em ser paciente. — Quero dizer as palavras brincando, mas de alguma forma, acho que uma nota amarga entra na minha voz.

CAPÍTULO
20

Está na hora.

Rhouben entregou a carta a Melita. Seu pai, Lorde Thoricus, está na corte, embora com relutância. Orrin está de volta de suas viagens, que agora percebo que não tinham nada a ver com negócios, mas eram uma desculpa para suas atividades ilegais.

Eu ainda mal posso acreditar que ele tem a capacidade no cérebro para essa fraude.

Mas isso não importa. Orrin será exposto em breve.

Rhouben chega aos meus aposentos às oito e meia.

— Ela simplesmente se desculpou do nosso passeio no jardim, dizendo que estava cansada e iria deitar cedo hoje à noite. Ela está mordendo a isca, Alessandra! — A excitação de Rhouben traz um sorriso aos meus lábios. — O que fazemos agora?

— Subornei um criado para seguir Orrin o dia inteiro e me enviar cartas regulares com o paradeiro dele. O que vem a seguir é levá-lo aos aposentos de Melita.

As pernas de Rhouben remexem sob suas calças bem feitas. — Como você irá fazer isso? Todo mundo já ouviu falar da maneira como ele a dispensou no hall de entrada.

Jogo meu cabelo por cima do ombro. — Por um apelo à sua melhor natureza. Não se preocupe com isso. Você se lembra da sua parte?

Rhouben limpa a testa com um lenço. — Eu digo ao meu pai que Melita

disse que ela não estava se sentindo bem. Pergunto se ele gostaria de me acompanhar para checá-la em seus quartos. Eu preciso agir como se eu estivesse preocupado com a minha noiva. — Ele faz uma careta enquanto diz as palavras.

— Você pode fazer isso. — Digo a ele. — Mas lembre-se, o tempo é tudo. A boa notícia é que seu pai e Melita estão no mesmo andar. Ainda assim, você deve esperar até ter Orrin e eu na sua frente.

Rhouben solta um suspiro profundo enquanto coloca o lenço no bolso. — Tudo certo. Estou pronto.

Rhouben me deixa para alcançar seu pai, o visconde de Thoricus, e eu dou meu melhor sorriso antes de procurar Orrin, um pequeno buquê de flores em minhas mãos. A última carta que recebi dizia que ele estava voltando para seus aposentos para dormir.

Ainda bem que agora sei onde eles estão.

Ele responde depois de duas batidas. O conde ainda está vestido e seu rosto cai ao me ver.

— Lady Stathos, não quero ver você. — Ele começa a fechar a porta na minha cara.

— Lorde Eliades, não pode esperar um momento? Eu tenho algo que preciso dizer.

Ele para com a porta aberta, aberta apenas o suficiente para que seu rosto fique visível. Eu respiro fundo. Se isso não funcionar, acho que sempre posso tirar a máscara de bandido do bolso e *obrigá-lo* fazer o que eu preciso. Mas algo me diz que Orrin não seria um ótimo ator.

— Admiro muito suas boas ações. — Começo, tomando cuidado para não estremecer com a mentira direta. — Eu tenho pensado sobre minhas ações ultimamente e como eu te machuquei. Eu desejo mudar. Ninguém é um seguidor mais devoto dos deuses, e não consigo pensar em homem mais justo que você. Eu espero que você esteja disposto a me ajudar a mudar meu caráter. — Tento um tom humilde, mas como não faço ideia de como isso soa, não tenho tanta certeza de que consigo.

Eu relaxo enquanto Orrin sorri, embora levemente. — É muito admirável da sua parte, Alessandra. Posso te chamar de Alessandra?

— Por favor, claro.

— Os deuses estão sempre dispostos a perdoar. São os mortais como eu que precisam de mais tempo para seguir o exemplo deles.

— Sou eu quem precisa de um exemplo. — Me apresso a dizer.

— O seu, de fato. Escute, sempre estive em desacordo com Lady Xenakis.

— Por quê? Ela é tão encantadora.

Se alguém considera delicioso o sabor de um limão.

— Desejo fazer algo de bom para ela. — Continuo, ignorando sua pergunta. — Acabei de saber que ela se retirou cedo e está doente. Eu pensei que poderia levar isso para ela. — Eu levanto as flores. — Mas não tenho tanta certeza de que tenho coragem de ir sozinha. Não depois de quão terrível eu fui com ela no passado. Você pode me acompanhar?

— Você torna tão impossível dizer não a você.

Eu sorrio. — Obrigada!

Coloco meu braço no dele antes de seguirmos as escadas para o andar de baixo.

— Conte-me sobre sua última viagem de negócios. — Digo enquanto descemos o corredor para os aposentos de Melita. Orrin nem percebe Rhouben do lado de fora da porta de seu pai, enquanto me conta mentiras sobre vender colheitas e cuidar de seus deveres como proprietário de vários inquilinos. Eu aceno educadamente e ofereço algumas respostas apropriadas.

Rhouben bate imediatamente na porta do pai quando viramos a esquina. Eu ouço as batidas fracas ecoando atrás de nós.

Quando o quarto de Melita finalmente está à vista, paro com Orrin do lado de fora.

— Você seguraria isso por apenas um momento?

Orrin pega o buquê sem questionar, sempre cavalheiro.

O corredor está muito quieto. Onde está Rhouben? Talvez seu pai esteja sendo difícil de coagir a sair de seu quarto.

— Você não vai bater? — Orrin pergunta quando estamos lá.

— Em apenas um momento.

Um silêncio constrangedor preenche o espaço.

Orrin inclina a cabeça. — O que estamos esperando?

Onde diabos está Rhouben? Não podemos entrar sem saber que ele está logo atrás de nós.

— Eu só preciso de um momento para reunir minha coragem.

Orrin assente em entendimento. — Fazer a coisa certa nem sempre é fácil. E ser a pessoa maior, a primeira a alcançar a bondade, exige grande força de caráter. Você não precisa temer, Alessandra. Fazer a coisa certa nunca é a resposta errada.

Orrin tem um estranhamente duplo senso de certo e errado. Ele mente para mim sobre sua viagem de negócios. Ele rouba de seus colegas. Isso não está

errado?

E então eu ouço. Passos suaves no tapete e o profundo barítono de vozes masculinas.

Oh, graças aos demônios.

— Obrigada. — Eu digo. — Eu precisava ouvir isso. No entanto, talvez você não se importe em entrar nos aposentos primeiro? Talvez eu possa seguir sua liderança neste caso?

A simpatia brilha em seus olhos. — Claro. — Ele se vira e bate três vezes na porta.

— Entre! — A voz brilhante de Melita vem de dentro.

Orrin entra no quarto e eu continuo andando pelo corredor enquanto as vozes ficam altas atrás de mim.

— A pobrezinha! — O pai de Rhouben está dizendo. — Você acha que devemos pedir ao cozinheiro que envie alguma coisa?

— Melhor checá-la primeiro. — Diz Rhouben. — Se é uma dor de estômago, não queremos piorar as coisas enviando comida.

— Muito bem. — O visconde responde.

Dobro a próxima esquina quando ouço a porta do quarto se abrir.

— Que diabos! — O visconde grita. — Melita! O que você está fazendo? — Há um som de pés se arrastando.

— Eu… eu não sei o que está acontecendo. — Aquele é Orrin.

— Você estava beijando a noiva do meu filho! Era o que estava acontecendo.

Uma voz clareia. — Sinto muito, lorde Thoricus. — Diz Melita. — Eu não quis desrespeitar você ou seu filho.

— Oh, isso é muito desrespeitoso. Como se atreve a arruinar-se enquanto está noiva do meu filho! O que seu pai diria? Este é um escândalo horrível, e não faremos parte dele! Não acredito que você disse a ele que estava doente para poder se encontrar com seu amante!

— Ainda não sei o que está acontecendo. — Diz Orrin. — Vim apoiar Lady Stathos. Lady Xenakis acabou de se jogar em mim!

— Lady Stathos? Você está flertando com *duas* mulheres prometidas, Eliades? Que vergonha. — Diz Thoricus. — E você, Melita? Eu não posso nem mesmo imaginar quão decepcionado seu pai vai ficar. Venha, Rhouben. Seu noivado com Lady Xenakis terminou oficialmente.

E então os dois homens partem pelo caminho que vieram, Rhouben com muito mais alegria em seus passos, imagino.

— Essas flores são para mim? — Melita pergunta.

— Sim, mas elas não são minhas. — diz Orrin. — Elas são da Alessandra. Ela deveria estar no corredor. Eu tenho que ir.

Ainda não consigo ver nada de onde me escondo na curva do corredor, mas o visconde deve ter deixado a porta para os quartos de Melita aberta, permitindo-me ouvir as vozes dos dois ainda lá dentro.

— Não, precisamos conversar. — diz Melita. — Eu nunca soube que você se importava comigo! Por que você não me contou antes? Estava me vendo com Rhouben? Isso fez você ficar com ciúmes? Oh, Orrin, você é um dos homens mais bonitos da corte! Claro que eu escolheria você em vez de Rhouben. Rhouben não se importa comigo nem um pouco.

— Você está enganada. Eu nem sei o seu nome.

— Mas é claro que você sabe! Você escreveu em sua carta.

— Minha carta?

Há um som como papel se desenrolando.

— É notavelmente perto da minha letra e esse é o meu selo, mas temo não ter escrito isso.

— Mas é claro que você escreveu! — A voz de Melita cresce frenética.

— Sinto muito por sua angústia, mas aqui. — Eu o imagino entregando-lhe o buquê. — Eu devo ir encontrar Lady Stathos.

— Lady Stathos? Por que você a traria para isso?

Saio pelo corredor antes que Orrin tenha a chance de me encontrar.

★ ★ ★

KALLIAS E EU TÍNHAMOS combinado um jantar tardio naquela noite, devido a uma reunião que ele sabia que terminaria tarde.

Quando me junto a ele na biblioteca, não ando, danço meu caminho pela porta, girando minhas saias atrás de mim.

— O que você está fazendo? — Kallias quer saber.

— Estou de excelente humor hoje à noite.

— Eu posso ver isso.

Faço uma pausa na minha dança para notar Kallias e seu grande sorriso. — O quê?

— Também estou de bom humor. Descobrimos muitas coisas durante a reunião desta noite. Reunimos todos os revolucionários de Pegai. Eles serão mortos amanhã cedo. E encontramos vários aldeões carregando o dinheiro

roubado do bandido. Um deles está disposto a conversar! Embora ele não conheça o bandido por seu nome verdadeiro, ele pode identificá-lo de vista. Tudo o que precisamos fazer é que ele dê uma olhada em todos os nobres.

Eu rio um pouco antes de puxar a máscara do meu bolso. — Não precisamos fazer isso.

Kallias se levanta da cadeira tão rápido que quase tomba. Ele assusta Demodocus, que dá alguns passos para o lado. O rei se aproxima e tira a máscara dos meus dedos.

— Onde você conseguiu isso?

— No quarto de Orrin.

— Eliades? — Kallias diz com descrença. — Essa é a evidência incriminadora que você encontrou? Como você pode não me dizer imediatamente?

— Fiz uma promessa a Rhouben. Eu disse a ele que iria livrá-lo de seu noivado com Melita, e o fiz. Agora você está livre para prender Orrin.

Kallias está muito satisfeito com a visão da máscara em suas mãos para me dar mais sermões sobre a demora. Ele corre até a porta e grita ordens para lançar Eliades na masmorra até que Kallias possa ir lidar com ele.

Quando ele retorna para a mesa, Kallias segura uma taça de vinho. — Eu acho que um brinde está na sequência.

Encontro minha própria taça e a levanto.

— A você, Alessandra. Que sua inteligência nunca seja usada contra mim.

Eu rio antes de derramar o conteúdo da minha taça na boca. — E a você, Majestade. À sua boa liderança. Esse império em crescimento não seria o que é sem você.

Seus olhos estão nos meus enquanto ele bebe da sua taça pela segunda vez. E algo sobre esse olhar, a maneira como ele me absorve – enrola meus dedos dos pés dentro dos sapatos.

Mas nossa comemoração é interrompida por uma presença na porta.

— Entre. — Kallias chama depois de uma pausa na qual acho que ele considerou seriamente afastar o intruso.

Um criado entra com uma bandeja sobre as pontas dos dedos da mão direita. Ele se abaixa diante de mim.

— Uma carta para você, minha senhora.

Pego o pergaminho e olho para a letra que escreve meu nome na frente. Eu não a reconheço.

— Eu não tenho palpites de quem é. Não há selo. — Digo a Kallias enquanto

leio a carta para mim mesma.

— O que é isso? — Kallias pergunta quando vê o olhar no meu rosto.

Eu sei quem está tentando matar o rei. O assassino foi uma distração. Algo para ocupar a mente do rei antes que a tentativa real contra sua vida seja executada. Não posso divulgar a identidade do indivíduo, afinal. Eles são muito poderosos. Se essa nota for interceptada, temo pela minha vida. Basta dizer que o rei não pode confiar em seus conselheiros.

Disseram-me que você é um dos poucos em quem o rei confia. Isso é suficiente para eu confiar em você também. Encontre-me no endereço listado abaixo em duas noites. Eu vou te encontrar então. Use uma flor em seu cabelo, para que eu possa reconhecê-la.

Que os deuses abençoem o rei.

— Não há assinatura. — Digo enquanto passo a carta para ele.

Ele deve ler três vezes antes de se concentrar em mim novamente. Então ele se levanta abruptamente, corre para a porta e chama de volta o criado que entregou a carta.

— Quem deu isso para você? — Kallias exige dele.

— Um guarda na entrada do palácio.

— Qual guarda?

O servo se encolhe visivelmente. — Não sei dizer, senhor. Todos eles usam chapéus. Ele não olhou para cima. Sua Majestade, eu não acho que ajudaria. Duvido que ele tenha sido o primeiro a entregá-la. Poderia ter passado por um dos jardineiros primeiro e antes disso...

— Chega. — Diz Kallias. — Compreendo. Continue com seus deveres. — Ele fecha a porta atrás dele e se vira para mim. — O que você acha disso?

Pego a carta dele, olhando o conteúdo novamente antes de responder. —

Quem escreveu esta carta sabia que eu mostraria a você.

— Como você sabe?

— A carta te elogia demais. Você não é muito apreciado entre o seu povo. Se fosse um membro da sua nobreza, ele viria até você.

Kallias se irrita com as palavras, mas eu continuo. — Ele *ou ela* espera atrair você. Ou porque é uma armadilha para você prejudicar ou porque eles desejam falar com você pessoalmente. Como eles não pediram sua presença, estou inclinada a acreditar no primeiro.

— Eles deixaram muita coincidência para ser uma armadilha. — Diz Kallias.

— Ou eles fizeram o trabalho deles o suficiente para fazer você pensar assim.

— De qualquer maneira, eu vou.

— Você não pode ir. Não se for uma tentativa contra sua vida.

— Eu vou disfarçado.

Olho as sombras rodopiando sobre sua figura. — Você não pode disfarçar isso.

As sombras desaparecem em um piscar de olhos, e Kallias em toda a sua beleza sólida está diante de mim. A diferença é realmente surpreendente.

— E agora você está vulnerável a ataques. — Eu indico.

— Só se eu for reconhecido. Não serei.

Balanço a cabeça. — Não seja idiota. Se eles te virem comigo...

— Você pretende se juntar a mim? — Ele pergunta, cortando o resto da minha frase. Uma esperança juvenil permanece ao redor de seus olhos. Não sei se consigo ver porque são tão brilhantes sem as sombras, ou se é a primeira vez que ele me mostra essa expressão.

— Claro que estou indo. Não estou deixando você ir sozinho para isso – onde é esse endereço? Você conhece?

A esperança é instantaneamente substituída por um subida maliciosa de suas sobrancelhas. — Eu conheço. Estou um pouco chocado que você não.

— Onde é isso? Um lugar público? Uma taberna de algum tipo?

— Não exatamente. É um clube. Um particular. Mas eu posso entrar.

— Se for privado, como entrar sem que nossas identidades sejam descobertas?

— Deixe isso comigo. — Ele pensa por um momento. — Eu me pergunto por que nosso contato deseja encontrá-la lá. É um clube de cavalheiros.

— Então eu vou me destacar em um mar de homens?

— Bem, existem mulheres lá. Elas não são do tipo que vestem muita roupa.

— Ele desaparece na sombra, como se estivesse tentando esconder sua expressão. — Isso será um problema?

— Você está perguntando se eu tenho algum problema em fingir ser uma prostituta por uma noite?

— Eu não teria dito exatamente dessa maneira, mas sim.

Uma desculpa para mostrar meus melhores bens a Kallias?

— Como exatamente você diria isso?

— Gostaria de perguntar se você tem algum problema em deixar os homens acreditarem que você é uma dama da noite.

Eu digo levemente. — Eu vou estar disfarçada?

— Claro. Apenas para o caso de nosso contato saber como você é e apenas tentar enganá-la.

— Nos enganar.

Kallias afasta o comentário com uma mão. — Dentro de duas noites, seremos aqueles que enganarão.

CAPÍTULO
21

Sinto um déjà vu quando Kallias aparece no meu quarto segurando um vestido. Não foi há muito tempo que Leandros estava me oferecendo um vestido para desfrutar de uma noite divertida com ele.

Só que esta noite é muito mais provável que seja uma noite de perigo e decepção.

Eu seguro a roupa para que eu possa dar uma boa olhada nela.

— Eu quero saber onde você conseguiu isso?

— É limpo, se é com isso que você está preocupada. Recém-lavada.

— Maior do que eu pensava.

— Eu preciso de seus braços cobertos. — Explica ele. Sem as sombras dele, corremos maior risco de nos tocar. Embora eu tenha certeza de que ele usará suas próprias luvas, não pode haver nenhum erro.

— Não será um problema. — Eu digo. — Com este decote baixo, ninguém estará olhando para meus braços.

— Estou contando com isso.

Kallias espera do lado de fora enquanto eu amarro o pouco que há do corpete. Não posso usar botas para esconder minha faca, então encontro uma maneira de amarrar a bainha em uma das minhas cinta-liga. Como não posso ser vista saindo de meus aposentos assim, visto uma capa escarlate por cima de tudo. Com o jeito que ela se aperta na minha garganta, os lados cobrem meu decote e ombros. Ninguém vai pensar na ausência de anáguas. Eu sou conhecida por usar todos os tipos de esquisitices.

Quando encontro Kallias, ele está segurando uma rosa vermelha, os espinhos já arrancados do caule. Eu estendo minha mão para ela.

— Não é para você. — Diz ele.

— Mas eu devo usar uma flor para me marcar.

— E isso colocaria você em perigo. Vou dar a flor a uma garota do clube para atrair nosso contato. Então o questionaremos adequadamente quando tivermos a vantagem. Já tenho homens investigando a área. Vestidos como civis. Alguns já estão posicionados no clube discretamente.

— E se seus próprios homens participarem das tentativas feitas contra sua vida?

— Então eu acho que é melhor esperar que eles não consigam ver através de nossos disfarces. — Ele puxa uma peruca loira para mim, cachos ondulados saltando para todos os lados. Kallias me ajuda a colocar toda a bagunça por cima da minha cabeça, colocando todos os fios do meu cabelo escuro embaixo dela.

Para si, uma peruca marrom clara e uma ligeira barba, que ele prende com algum tipo de adesivo.

— Como eu estou? — Ele pergunta.

Na verdade, ele se parece muito com Leandros agora. A cor do cabelo e o comprimento da barba são os mesmos, embora eu duvide que ele aprecie esse comentário.

— Menos real. — Ofereço.

— Bom. Então vamos embora.

★ ★ ★

DAWSON'S ESTÁ LOCALIZADO BEM no meio da cidade. É o maior edifício de todo o quarteirão e o mais alto.

— Droga. — Diz Kallias do cavalo ao meu lado. — Acabei de perceber que não podemos entrar juntos.

— Por que não?

— Um homem não leva sua amante a um lugar como este. Ele vem aqui para ter uma pausa de sua amante.

— E a esposa dele? — Eu pergunto.

— Ele precisa de uma amante para ter uma pausa de sua esposa.

— E seus pais?

— Esse é um caso completamente diferente. Os homens da minha família

não renunciam ao poder por nada menos que o amor mais intenso. Algo pelo qual eles estão dispostos a dar a vida.

Suas palavras fazem minha boca secar, e eu não consigo encontrar seus olhos.

— Então suponho que é melhor entrarmos para proteger melhor a sua. — Digo. — O que devo fazer?

— Eu não quero nos separar.

— Você acabou de dizer que precisamos. Vamos chamar muita atenção se entrarmos juntos.

Ele pensa por um momento, ainda não se incomodando em descer do cavalo. — Deve haver outra entrada nos fundos. Só precisamos colocar você lá. Tente chegar à sala de jogos. Eu vou te encontrar lá. Mas se acontecer alguma coisa, se alguém tentar... agarrar você ou fazer qualquer coisa, você vai embora. Você sai. E eu farei isso sozinho. Eu deveria fazer isso sozinho de qualquer maneira.

— Tarde demais. — Eu digo. — Amigos não deixam amigos irem aos clubes de cavalheiros sozinhos quando alguém está tentando matá-los.

Ele não se incomoda em rir da piada esfarrapada.

Deslizo do meu cavalo. Fico de pé, entrego as rédeas a Kallias antes que ele possa proferir outra palavra de protesto.

Sigo meu caminho até a lateral do prédio. Música e risos se espalham por uma janela aberta quando chego aos fundos, a luz me ajudando a encontrar uma porta.

Não resta mais nada além de usar meus talentos de manipulação para chegar onde eu preciso estar.

Eu abro a porta, meus olhos piscando com o repentino ataque de luz. Dando alguns passos hesitantes na sala, tento entender onde estou. Banheiras de água. Pilhas de canecas usadas. Um forte aroma de ensopado.

Cozinha.

Uma jovem garota – talvez dez anos ou mais – olha de onde esfrega panelas em uma das banheiras de água quente, com as mãos vermelhas e cruas da tarefa.

— Oh. — Diz ela da minha entrada repentina. Ela balança a cabeça para trás, na tentativa de tirar uma mecha de cabelo preto grosso dos olhos. Seu cabelo não parece ter sido escovado em toda a sua vida. Um alívio. Ela não trabalha aqui como prostituta. Ela é apenas uma garota da cozinha.

— Desculpe. — Eu digo. — Eu acho que vim pelo caminho errado. Sou nova contratada. Você pode me indicar a sala de jogos?

— Aquela porta. Abaixo no corredor. Suba as escadas. Segunda porta. —

Suas mãos nunca deixam de esfregar.

Quando saio da sala, outra garota está entrando e colidimos. A queda faz minha capa se abrir e a mulher mais velha dá uma boa olhada em mim. Um bom olhar em mais de mim do que jamais foi visto em público.

— Quem é você? — A nova voz é severa e exausta. Ela é mais ampla do que eu, o que eu digo a mim mesma que é por que ela conseguiu manter o equilíbrio e eu não.

— Nova contratada. — Digo enquanto firmo meus pés.

— Acho que não. Eu faço a contratação das meninas que trabalham aqui.

Droga. Nova tática. — Eu preciso do dinheiro. Pensei que se eu estivesse pronta para trabalhar, você poderia precisar de mim.

Ela se aproxima de mim e abre a minha capa. Ela cai no chão em uma pilha emaranhada.

— Você está usando luvas? Querida, os homens aqui não estão preocupados em se sujar. — Ela aperta meus dedos enquanto desliza cada uma delas e as embolsa. Ela me examina enquanto caminha em círculo sobre mim. — Você tem experiência em um quarto?

— Sim, senhora.

— Você não tem muito para um homem segurar em cima. Abra sua boca.

Um pouco surpresa com o pedido, eu faço isso. É a única razão pela qual sou capaz de deixar deslizar o insulto ao meu decote.

— Você tem dentes bonitos. Isso é uma raridade por aqui. Tudo certo. Você está com sorte. Eu estou com uma garota a menos hoje à noite. Não posso lhe dar trabalho regular. Mas darei a você um quarto de necos se você terminar a semana.

— Um quarto de necos! — Eu grito de volta sem pensar, me esquecendo por um momento.

— Bem. Metade. Só por causa dos dentes. Mas se eu receber uma reclamação sobre você, você está fora.

Eu tenho que me lembrar de que não estou posando como uma nobre hoje à noite. Eu sou uma pobre trabalhadora.

— Feito. — Eu digo.

— Pegue isso. Você vai me salvar de uma viagem. — Ela me entrega uma bandeja cheia de canecas transbordando de cerveja.

Então Madame Dawson me dá as mesmas instruções até a sala de jogos. — Deixe os homens darem uma boa olhada em você. A maioria deles é regular, então eles já sabem onde estão os quartos. Eles podem mostrar para você onde

podem receber seus serviços.

Pego as bebidas oferecidas e empurro a porta de balanço com o quadril, muito feliz por estar fora daquela sala. Eu não podia acreditar em todas as coisas que Madame Dawson disse na frente da menina.

Embora se ela trabalha aqui, provavelmente já ouviu muito pior.

Mesmo sem as instruções, tenho certeza de que poderia ter encontrado a sala certa. Música de violinos e outros instrumentos de cordas desce as escadas, junto com o tilintar de moedas atingindo mesas. A fumaça do charuto obstrui o ar.

Assim que entro, contenho o desejo de tossir.

Como diabos eu devo encontrar Kallias aqui?

Como deixei o *rei* me convencer a trazê-lo a um lugar como este?

Mesas redondas estão espalhadas por toda a sala. Meninas dançam no topo de um palco com a música de violino. Mais garotas vestindo menos do que eu andam ao redor ou sentam-se no colo dos homens. Passo por um casal enfiado em um canto, o homem chupando o pescoço da prostituta.

Depois de mais um minuto, ele a agarra pela mão e a arrasta passando por mim. Para onde quer que estejam os quartos.

Cartas e dados parecem ser os jogos de escolha. Eu ando pela periferia da sala espaçosa, tentando avistar Kallias. Demoro um momento para lembrar que não estou procurando cabelos escuros, mas claros. Uma peruca. E ele não terá sombras para me ajudar.

Diabos, qualquer coisa poderia acontecer com ele aqui.

Pelo menos todas as armas de fogo são verificadas nas portas.

Mas não é difícil esconder uma faca debaixo da roupa. Mesmo usando tão pouca roupa como eu.

Um homem de repente corre até mim, e eu entro em pânico antes de lembrar que estou segurando uma bandeja de cerveja. Ele pega uma caneca e espia meus seios expostos o tempo todo.

— Hm. — Diz ele, dando um tapa na minha bunda antes de voltar pelo caminho que veio.

Eu congelo por um momento, lutando com a nobre mulher que sou e com a prostituta que estou fingindo ser hoje à noite.

Ninguém me toca sem permissão.

Mas estar aqui. De vestido. Isso é permitir. É o trabalho.

Oh, mas meus dedos coçam pela faca de cabo de rubi presa à minha coxa. Eu poderia facilmente colocá-la nas costas dele.

— Eu não te reconheço. — Uma voz grossa com bebida diz, me tirando dos

meus pensamentos.

Um homem com uma barriga inchada de muitas noites tomando bebidas me olha de cima a baixo.

— Eu sou nova. — Eu consigo dizer, enquanto encontro meus pés para retomar minha caminhada pelos cantos da sala.

— E rápida. Volte aqui.

Um puxão nas minhas saias quase faz cair a bandeja.

Verificando minha irritação, eu giro e seguro a bandeja. — Bebida?

— Não. Preciso de alguém para me fazer companhia à mesa. Fiz questão de provar todas as mulheres que Madame Dawson tem sob seu emprego.

— Eu sou apenas uma substituta. — Eu digo com o desgosto subindo pela minha garganta.

— Venha aqui. — Diz ele com mais força.

Oh, deuses.

— Esta já tem dono. — Diz uma nova voz, e meus ombros afundam com alívio.

Kallias.

Seus olhos estão no homem horrível que está me segurando.

— Cai fora. — Diz o homem bêbado. — Eu a encontrei primeiro.

Em apenas alguns passos, Kallias pega a bandeja das minhas mãos e a empurra no outro homem. — Você é bem-vindo para lutar comigo por ela quando estiver sóbrio, mas acho que você sabe melhor do que eu que não deveria nem tentar agora.

Com uma mão enluvada presa firmemente ao longo do meu braço nu, Kallias me leva a uma mesa, tecendo entre homens e meninas à medida que avançamos.

— Apenas me devolva quando terminar! — O outro homem grita atrás de nós.

Eu engasgo.

— Calma agora. — Diz Kallias.

E antes que eu possa registrar qualquer outra coisa, Kallias está sentando em uma cadeira, e eu estou no colo dele.

Apenas o conhecimento disso faz meu pescoço esquentar.

— Nunca vi uma dessas garotas coradas. — Diz um homem do outro lado da mesa. — Deve ser nova no trabalho. Bom para você, Remes. Sua vez, a propósito.

Uma mão desliza contra o meu abdômen, enquanto a outra pega uma mão de

cartas. Não estou familiarizada com o jogo, mas Kallias deve conhecer. Ele joga alguns necos na pilha crescente sobre a mesa e põe uma carta diante do homem ao seu lado. Há cinco deles na mesa. Eu não reconheço nenhum deles. Suspeito que nenhum seja um nobre que esteja atualmente vivendo no palácio.

Sinto um hálito quente no ouvido quando Kallias sussurra: — Você está bem?

Eu me viro para olhar para ele, com cuidado para não deixar meu rosto ficar muito perto dele. — Sim.

Ele pressiona seus lábios no meu ouvido, onde minha peruca impede que seu rosto me toque pele na pele. Para os homens ao redor da mesa, devemos parecer que estamos sussurrando flertes.

Tento esconder o arrepio que percorre pela minha espinha com o contato, mas tenho certeza de que Kallias pode senti-lo.

— O que aconteceu com suas luvas? — Ele pergunta.

— A madame disse que não eram apropriadas para minha linha de trabalho.

— Nós teremos que ter cuidado.

— Eu sempre sou cuidadosa.

— Bom. Agora ria como se eu tivesse acabado de dizer algo impróprio.

Suas palavras me pegam desprevenida, mas deixo meus olhos caírem meio fechados antes de soltar uma risada curta cheia de promessa. Eu bato no ombro dele de brincadeira por uma boa impressão.

— Remes, sua vez novamente.

Kallias leva menos de cinco segundos para olhar suas cartas e jogar uma nova.

— É como se você nem estivesse tentando. — Diz o homem do outro lado da mesa, antes de jogar sua própria carta. As outras três pessoas gemem quando ele varre a pilha de dinheiro em sua direção.

— Se é a moça que está te distraindo, então ela tem meus agradecimentos mais profundos.

— Basta entregar outra mão. — Diz Kallias. Ele deixa a mão no meu abdômen deslizar para o meu lado, antes de deixar um dedo enluvado percorrer meu braço nu.

Eu me pergunto se os homens do outro lado da mesa podem ver os arrepios subindo em minha pele tão claramente quanto eu posso.

Pelo amor de Deus, é apenas a luva dele. Eu não deveria estar me transformando em uma pilha de líquidos.

Mas, como se ele tivesse encontrado um novo jogo que ele gosta muito,

Kallias não olha para suas cartas. Seu olhar segura o meu enquanto ele deixa seus dedos percorrerem o lado do meu pescoço, através da minha clavícula, um pouco mais baixo.

Observando meu rosto por qualquer reação. Como se ele estivesse fazendo uma pergunta e esperando minha expressão lhe dizer a resposta.

E maldito seja, mas minha respiração para, os músculos das minhas pernas se apertam. Seu sorriso de resposta é o de um predador, orgulho masculino em seu melhor.

Ah, mas dois podem jogar esse jogo.

Sento-me um pouco mais em cima no colo dele, deixo uma mão subir pelo seu peito, da parte inferior do abdômen até o ombro, deixando meus dedos alcançarem o colete, para que haja menos tecido entre nossa pele.

Um som baixo sai da garganta de Kallias. Ele tenta escondê-lo atrás de uma tosse.

— Basta levá-la para o andar de cima e arrumar um quarto. — Diz outro homem à mesa.

— Não! — O primeiro grita de volta. — Ela é a nossa passagem para ganhar tudo da carteira dele.

Kallias se interessa pela nova mão de cartas, mas eu o ultrapasso, agarrando o baralho e segurando-as onde ele também pode ver. Eu deixo minha cabeça descansar no espaço entre seu pescoço e ombro, minha peruca nos protegendo de qualquer contato.

Mas coloco a mão livre sobre a lateral da sua coxa e aperto.

Ele empurra um pouco para frente, seu peito encostando nas minhas costas. Mas então eu percebo que ele não estava fazendo isso por minha causa.

— Desculpe! — Uma garota com uma nova bandeja de cerveja diz. Ela se endireita atrás de Kallias, depois de ter derramado um pouco do líquido escuro nas laterais das canecas antes de seguir em frente.

Ela está usando minha rosa no cabelo, observo. Eu me pergunto quando Kallias deu a ela. E como ele a convenceu a usá-la. Agora que ela está na sala conosco, Kallias tenta ser sutil enquanto ele segue a cada movimento dela. Esperando para ver se nosso contato – quem quer que ele seja – se aproximará dela.

Eu me viro para Kallias novamente. — Você me tocou? — Eu sussurro, preocupada que nos aproximemos demais.

Por alguma razão, Kallias não parece preocupado. Ele segura um dedo enluvado embaixo da mesa. Observo como um redemoinho de sombra aparece

ao seu redor.

— Não. — Ele diz.

O medo recuando, eu respiro em seu pescoço enquanto digo: — Que bom.

E, como se essa lufada de ar fosse demais, ele me afastou um pouco do seu colo em direção aos joelhos.

— Você vai ou o quê? — O homem irritado à nossa esquerda pergunta.

— Acho que terminei. — Diz Kallias, sua voz mais profunda do que era um momento atrás. Com um braço em volta da minha cintura, ele se levanta e me leva em direção à beira da sala. Ele passa por uma área particionada, onde assentos almofadados se alinham contra a parede. Ele gentilmente me coloca no chão antes de se sentar ao meu lado, nossas pernas apenas se tocando.

— Eu esperava me misturar na sala, mas é muito difícil assistir a nossa garota. — Diz ele. — Temos um ponto de vista melhor aqui.

— Bem, não podemos simplesmente sentar aqui. Nós nos destacamos demais. Você não leva uma prostituta para as almofadas só para falar com ela.

Ele se abaixa, pega minhas pernas e as joga sobre seu colo.

Uma mão passa por baixo das minhas saias para traçar minhas panturrilhas.

— Mais convincente? — Ele pergunta.

Eu engulo. — Sim.

E enquanto eu sento lá com as pernas no colo do rei, uma coisa se torna abundantemente clara.

Eu não posso acreditar o quanto eu quero que ele me toque.

Quero arrancar aquelas luvas amaldiçoadas e queimá-las no fogo, enterrar as cinzas em um buraco mais profundo do que aquele em que joguei Hektor.

Eu quero saber como são os lábios dele. Eu quero saber que tipo de beijador ele é. Que tipo de amante. Uma realeza egoísta e mimada? Ou um homem disposto a dar prazer e também a recebê-lo?

Kallias agarra meus joelhos e me puxa para mais perto, minhas saias subindo para mostrar minhas meias. Ele traz seu rosto a centímetros do meu. — Quero saber o que você está pensando agora.

— Você não suportaria.

Seus dedos se apertam sutilmente, e seu rosto se aproxima ainda mais. Se ele fosse qualquer outro homem no mundo, eu teria fechado essa distância semanas atrás. Como rei, ele tem que ser o único a decidir correr esse risco. Isso o torna tão vulnerável.

Meu rosto recua uma polegada, antes que eu perceba o que estou fazendo. Não quero que ele seja vulnerável.

— Cuidado. — Eu consigo dizer.

Kallias solta um suspiro de ar enquanto se inclina de volta para as almofadas, sua mão sob minhas saias fazendo mais progresso para cima.

O que eu estou fazendo? Acabei de me afastar dele?

Minha mente é um tornado de pensamentos, mas largo todos eles quando vemos um homem se aproximar de nossa garota com a rosa.

Mas é um alarme falso. Ele pega uma bebida antes de seguir em frente.

★ ★ ★

TORTURA.

Estar nessas almofadas é uma tortura absoluta. Tocando, mas não tocando.

Kallias e eu ficamos sentados por cerca de meia hora. Alterando nossas posições. Tentando ser convincente. Mas quem no mundo demoraria tanto tempo nas almofadas com uma prostituta sem levá-la para cima?

Eu tenho meu rosto virado para o pescoço dele, tentando parecer que estou aconchegada nele, brincando com sua orelha.

Meu corpo inteiro está vivo com calor. Não sei quanto tempo posso aguentar. O cheiro de lavanda e menta dele está em todo lugar. Não acredito que ainda não me acostumei.

— Ei! Você teve tempo suficiente para experimentá-la. Ou leve minha nova garota para o andar de cima ou a entregue a outra pessoa. Eu não estou executando uma instituição de caridade aqui.

Giro o pescoço para encontrar Madame Dawson com as mãos nos quadris.

— Estávamos a caminho. — Diz Kallias. Ele me pega e me coloca no chão enquanto ele se levanta.

— E agora? — Eu pergunto enquanto fazemos o nosso caminho em direção à saída.

— Nós...

Perco o equilíbrio antes mesmo de perceber o que está acontecendo. Meu corpo faz contato doloroso com o chão, Kallias pousando em cima de mim. Nossas cabeças batem juntas em um choque doloroso.

Há murmúrios na sala de jogos. Os apostadores se inclinam sobre suas cadeiras para investigar. Tantas pessoas estão nos cercando, o espaço de repente está lotado.

Uma umidade me atinge. Deixaram cair comida ou bebida ou algo com

molho nas minhas saias. E então o peso de Kallias me deixa. Várias pessoas estão me ajudando, tirando comida das minhas saias.

— Você está bem? — Outra das meninas de Dawson pergunta.

— Sim. — Eu digo.

Olho em volta, tentando descobrir quem se jogou em nós, mas várias meninas de Dawson foram ao chão para arrumar a bagunça, incluindo a pequena da cozinha, que parece ter aparecido para limpar pratos vazios das mesas.

O que diabos?

Kallias praticamente me empurra em direção à saída. Nos apertamos mais nos clientes de Dawson antes de finalmente sair para o corredor vazio.

— Você está bem? — Eu pergunto, colocando a mão sobre meu quadril latejante.

Mas Kallias está olhando para as mãos enluvadas.

— O que foi? — Eu pergunto.

— Eu não consigo conjurar minhas sombras.

CAPÍTULO
22

Nós dois estamos correndo para a saída. Ele bate no piso principal e abre as portas. Então ele ordena ao garoto do estábulo que traga nossos cavalos.

— Esse tropeço não ocorreu por acidente. Eles pretendiam me derrubar. Me oprimir. Não vi quem me tocou. Muitos tentaram me ajudar a levantar.

— Acho que a garota a quem você deu sua rosa pode estar envolvida. Ela esbarrou na gente uma vez, lembra? Eu acho… alguém está tentando nos forçar a nos tocarmos.

Kallias estende os dedos da mão direita na frente dele, e as sombras rodopiam em sua mão. — Não foi você. Ainda posso usá-las perto de você. Tivemos sorte com aquela batida de cabeça, mas...

— Agora você é um alvo. Quem enviou o assassino tentará novamente. Agora que eles sabem que você é corpóreo na presença deles.

Os cavalos finalmente chegam, e Kallias me joga no meu antes de pegar o seu, nem se incomodando em dar gorjeta ao garoto antes de sairmos para a noite.

Quando estamos a alguma distância do Dawson's, Kallias finalmente diminui o galope do cavalo, e eu paro ao lado dele.

— Eu estava certo. — Diz Kallias, finalmente. — Não foi nenhum criado que matou meus pais. Quem me quer morto. Somente um nobre poderia ter acesso a esse clube. Eu não vi ninguém que reconheci da corte. Você viu?

— Não. Eles poderiam estar disfarçados, como nós.

Kallias puxa a peruca e os pêlos faciais do rosto antes de jogá-os nas pedras aos pés de nossos cavalos. — Não que esse disfarça tenha nos feito algum bem.

Quem quer que fosse nosso contato, ele nos viu de qualquer maneira. — Ele suspira. — Eu deveria ter escutado você. Nós nunca deveríamos ter vindo. Estarei morto dentro de uma semana.

— Oh, quieto. — Eu estalo. — Os reis perfeitamente normais e *mortais* vivem até a velhice. Você está acostumado a se proteger. Tudo que você precisa é tomar precauções. Mais guardas espalhados pelo palácio. E você contrata para si um guarda pessoal dos melhores soldados para segui-lo onde quer que você vá.

— Isso não salvou meu pai.

— Seu pai não sabia procurar perigo em sua própria corte. Você sabe. Quando voltarmos ao palácio, você tomará as providências necessárias. E não deixe Kaiser selecionar os homens. Se ele participar, ele não escolherá os melhores candidatos para sua proteção. Você encontrará os melhores homens para o trabalho.

Kallias não diz nada em resposta.

— Não quero mais ouvir falar de você se *resignando* à morte. Sim, você é um alvo. Isso faz parte de se nascer na realeza. Mas você não é estúpido e não está morrendo perto de mim. Você entendeu?

Um sorriso solene substituiu sua expressão. — Se você está comandando.

— Eu estou.

— Bem, uma dama deve sempre conseguir o que quer.

Quando chegamos ao palácio, Kallias me leva ao meu quarto.

Ele promete tomar providências para sua segurança assim que me deixar.

— Veja o que você faz. — Eu digo. — Não tenho intenção de perder meu melhor amigo.

Kallias abre a boca. Fecha novamente. — Então, você e eu estamos jogando um jogo muito perigoso.

Eu tiro minha peruca, deixando-a balançar nos meus dedos enquanto balanço meu cabelo de verdade. — Foi só um pouquinho de fantasia. E uma pequena queda. Dificilmente perigoso. — Asseguro-lhe, oferecendo um sorriso.

Os olhos de Kallias me penetraram com toda a força de um cometa em chamas. — Eu não estava falando desse jogo. — Seus olhos disparam para os meus lábios brevemente, antes que ele se vire e se afaste.

★ ★ ★

QUANDO MEUS OLHOS abrem na manhã seguinte, sinto o sentimento mais delicioso de rajadas de felicidade em cima de mim.

Confusa, procuro na minha memória. Pensando que talvez eu tivesse tido um sonho agradável.

O rosto de Kallias se eleva à superfície e meu corpo todo se aquece. Sim, eu sonhei com ele. Finalmente chegamos perto fisicamente. Mas enquanto eu tento me lembrar dos detalhes – onde exatamente ele me tocou, onde ele me beijou, onde seus dentes tinham mordido minha pele – não há nada. Apenas uma névoa. E a frustração supera o sentimento de felicidade.

Jogo minha cabeça de volta no travesseiro. O que está acontecendo comigo?

Eu não *gosto* do rei. Ele é um meio para um fim. E embora eu aprecie profundamente consumar nosso casamento, não há mais nada para o qual Kallias seja útil.

Eu não me importo se ele me faz rir. Ou se às vezes ele parece me conhecer melhor do que eu. E quem diabos se importa se ele tem vinte perfeitos anos?

Esses pensamentos não servem.

Minha empregada providencia meu banho, e ela abençoadamente não faz nenhuma pergunta enquanto lava a fumaça de charuto do meu cabelo. Quando estou vestida e pronta, já tenho tudo decidido sobre o curso correto de ações do dia. Eu preciso fazer algo para me lembrar por que estou aqui.

A velha que serve como curandeira real do castelo tem um número considerável de ervas medicinais dentro de seu depósito, se eu puder encontrá-lo. Vou levar os ingredientes necessários para envenenar Kallias quando chegar a hora.

★ ★ ★

ALGUM TEMPO DEPOIS EU estou no caminho de volta para meus aposentos, no meu bolso, um frasco de água destilada minalen, uma planta nativa de Pegai. Posso muito bem continuar com o ardil usado pelo outro assassino.

Minha mente se acalma quando me sinto muito mais resoluta em minha tarefa.

Quando passo pela janela, um borrão chama minha atenção. Do lado de fora, Kallias caminha com uma pequena tropa de homens ao seu redor. Suas sombras se erguem sobre ele com força total.

Mesmo daqui, quando não consigo ver os detalhes de seu rosto, meu coração

dá um pulo.

Esse homem que me dá o que eu peço. Que arranja tempo para mim quando está tão terrivelmente ocupado governando seis reinos.

Que me leva com ele em missões perigosas porque ele confia em mim. Um homem que me desafia na inteligência, nas conspirações.

Que valoriza minha opinião e implementa minhas ideias para capturar bandidos e traidores.

Um homem que faz meu sangue ferver sem sequer me tocar.

Que pode aquecer meu coração com um olhar.

De repente, o frasco traidor dentro da minha bolsa parece mais pesado que um saco de pedras. Corro para o meu quarto, colocando-o no canto mais profundo do meu guarda-roupa.

Não sei mais o que estou fazendo. Mas eu sei uma coisa.

Ninguém além de *mim* pode decidir quando Kallias Maheras, rei dos seis reinos – por enquanto – vai morrer.

★ ★ ★

EU NÃO ME SENTO junto à Kallias no almoço naquele dia. Em vez disso, me aconchego no assento ao lado de Rhoda antes que outra dama possa pegá-lo. A dama em questão me lança um olhar ofendido, mas eu a ignoro. Assim como eu ignoro o calor na lateral do meu rosto. É sem dúvida o resultado do olhar que Kallias deve estar me dando. Ele me viu caminhar com propósito para este lugar. E ele felizmente não exige que eu me junte a ele. Talvez ele entenda que preciso de um pouco de espaço.

Talvez esse espaço devolva tudo ao seu devido lugar.

— Você não irá sentar com o rei hoje? — Rhoda pergunta, olhando o assento vazio à direita de Kallias.

— Quero sentar com minhas amigas. Isso é crime?

Rhoda me olha com dúvida. — Você e Kallias estão brigando?

— Não. — Antes que ela possa fazer outra pergunta, acrescento: — Prefiro não falar sobre isso.

— Muito bem.

O criado de Rhoda, Galen, trota até ela e coloca o guardanapo no seu colo. Ele passa a fazer o mesmo por mim antes que outro servo tenha a chance.

— Obrigada, Galen. — Eu digo.

— Claro, minha senhora.

Então ele volta a ficar de pé junto à parede, mas deixo meu olhar permanecer em Galen por mais um momento.

Ele está olhando para Rhoda. Não da maneira que um servo atento olha, esperando ser útil. Mas da maneira que um homem olha para uma mulher que ele quer.

Já notei isso antes, e ainda não consigo acreditar no quão cega sobre isso Rhoda parece.

Afasto o pensamento enquanto observo os guardas extras a cada saída da sala. Bom. Kallias ainda tem suas sombras como uma capa sobre ele, de alguma forma, então quem quer que o tenha tocado no Dawson's não está na sala conosco agora.

Viro as costas e vejo todos os cinco membros do conselho lá.

Kallias encontra meu olhar enquanto eu viro de volta.

Não, não foram eles, é o que ele parece dizer.

Mas poderia ter sido eles ordenando que alguém o tocasse.

Uma prostituta ou outro membro da nobreza que não esteja na corte.

Alguém que nunca seria suspeito, porque não está envolvido. Até agora. Até que alguém na corte de Kallias lhes oferecesse algo que não podiam resistir. Algo para arriscar traição. Ou talvez eles nem saibam. Kallias estava disfarçado. Eles poderiam ter sido pagos simplesmente para encontrá-lo. Tocá-lo. Eles acham que é um pedido estranho. Mas, com dinheiro suficiente, as pessoas não fazem perguntas.

— Onde está Hestia? — Eu pergunto quando a comida é colocada diante de mim.

— Você não a vê? — Rhoda inclina a cabeça para o outro lado da mesa.

Meus olhos se arregalam. Eu estava procurando por alguém vestindo roxo, que foi o que eu vesti ontem. Mas Hestia está usando um vestido de cor creme que combina bem com seu tom de pele. Ela está sentada ao lado de Lorde Paulos.

— Isso deve estar indo bem, então.

— Acho que sim. Ela parece feliz. Agora vocês duas têm os seus amados, e eu ficarei sozinha à mesa para sempre.

— Bobagem. — Digo enquanto levo uma colher de caldo aos lábios. — Você encontrará seu amor, Rhoda. É apenas uma questão de tempo. E quanto a Rhouben?

— Ele estava noivo de Melita não faz muito tempo.

— Então? Ele não está mais.

— Não importa. Eu não acho que ele é certo para mim. Você não viu o jeito que ele incomodava Melita? Eu não aguento esse tipo de coisa.

— Mas ele não iria *incomodá-la.* — Protesto. — Ele vai te adorar!

— Não. Não acho que somos adequados um para o outro.

— E Petros? É de conhecimento geral que ele gosta de mulheres tanto quanto de senhores.

— Os cortesãos são muito atraídos por ele. Eu ficaria com ciúmes.

— Mas ele nunca trairia sua confiança, fisicamente ou de outra maneira.

— Eu ainda ficaria com ciúmes.

— Então, o que dizer de Leandros? — Eu pergunto.

Ela torce uma sobrancelha. — Você está apenas passando o nome de todos que conhece na corte? Eu pensei que você poderia ter algo com Leandros – algo para quando o rei te chatear.

Como se ele pudesse sentir que estamos falando sobre ele, Leandros ergue os olhos da mesa. Ele me vê olhando para ele e sorri calorosamente.

— Eu retiro isso. — Diz Rhoda. — Eu não quero ninguém que já esteja apaixonado por você.

Eu sorrio, percebendo que ela me deixou a abertura perfeita. — O que você precisa é começar a prestar atenção em alguém que já está apaixonado por *você.*

Rhoda olha ao redor da sala significativamente. — Quem?

— Ele não está sentado nas mesas. Ele está contra a parede.

Seus olhos se concentram no homem instantaneamente. — Você quer dizer *Galen*?

— Ele está apaixonado por você, Rhoda. Você passa a maior parte do tempo com ele; certamente você notou?

Ela franze os lábios, pensando, como se repetisse em sua mente todos os momentos que compartilhou com ele. — Ele é meu servo. Um *plebeu.*

Tão verdade, e se fosse eu, isso significaria que o homem está muito longe do meu conhecimento. Mas essa é Rhoda, e ela não é como eu.

— Nunca te achei o tipo de mulher que se importaria com distinções de classe, especialmente quando você disse que não precisa se casar por dinheiro ou um título. Além disso, seu sistema de classificação buscava aparência, maneiras e personalidade. Título não foi incluído. E Galen é um quinze para você, Rhoda. Por seus próprios projetos, você realmente já deveria ter arrebatado ele.

— Eu... — Sua voz se afasta enquanto ela olha para Galen contra a parede sob uma nova luz, um olhar cuidadosamente considerando em seu rosto.

— Apenas o convide para o meu baile. Pegue algo para ele vestir. Diga a ele que é uma honra por ser tão dedicado a você todos esses anos. Você pode ter uma noite sem expectativas, mas um momento para vê-lo sob uma nova luz. Você não precisa se casar com ele para se divertir com ele.

Ela não parece convencida.

— Se você não o convidar. — Eu digo. — Eu vou.

Ela me lança um olhar antes de voltar seu foco para sua comida.

Mas posso ver que plantei uma semente forte em sua mente. Ela só precisa de tempo para crescer.

★ ★ ★

EU NÃO DIGO NENHUMA palavra sobre Galen durante nosso tempo na sala de estar durante a tarde. Depois de ter completado minha última roupa, eu trabalho no meu vestido para o meu baile em silêncio.

Hestia conta a sala inteira o quão romântico e encantador é seu Lorde Paulos.

— Jogamos muitas cartas. — Diz ela. — Adoro como ele me desafia durante nossos jogos. E você sabia? Ele costumava fumar um charuto durante todos os jogos, mas finalmente admiti o quanto detesto o cheiro. Ele não fuma nada desde então. Ele disse... — Ela faz uma pausa para abaixar a voz dela dramaticamente. — Que quando ele me beijar pela primeira vez, ele não quer ter gosto de cinzas, agora sabendo como eu detesto isso. Você consegue pensar em algo mais romântico?

— Quanto tempo você acha que vai demorar até ele te beijar? — Rhoda pergunta.

— Eu não sei! Só posso supor que ele pretenda fazê-lo em breve se desistiu dessas coisas terríveis.

Depois, volto com meu trabalho em andamento até os meus aposentos e tento decidir o que fazer comigo mesma até a hora do jantar. Talvez eu devesse ver o que Rhouben, Petros e Leandros estão fazendo. Já faz um tempo desde que passei um tempo com eles. Eu nem vi Rhouben desde que o tirei do casamento com Melita.

Eu fecho a porta dos meus aposentos sem olhar corretamente para o corredor primeiro. É por isso que Leandros é capaz de me surpreender tão facilmente.

Coloco a mão sobre o meu coração. — Não me assuste assim.

— Desculpe! Eu pensei que você tinha me visto.

Eu aceito seu pedido de desculpas enquanto coloco a chave do meu quarto no bolso do meu vestido. — Eu estava realmente procurando você e seus amigos. Pensei em ver o que vocês estavam fazendo esta tarde. Minha agenda está bastante livre.

— Fico feliz em ouvir isso. Eu estava esperando falar com você. — Ele olha para o chão, como se de repente estivesse tímido. É um olhar bastante estranho para Leandros, que geralmente é tão cheio de si, que temo que sua cabeça grande possa explodir.

Eu me abaixo para encontrar seus olhos e levanto sua cabeça de volta. — Tudo bem?

— Podemos conversar no seu quarto?

Não sei por que, mas tenho a sensação de que não devo convidá-lo para meu quarto. Não é que eu tenha medo de ficar sozinha com ele ou de algo assim, mas acho que essa pode ser uma conversa melhor para se discutir em locais mais abertos.

— Nós estamos sozinhos aqui. — Eu digo sem graça. — Continue.

Se ele se deixa levar por minha recusa indireta, ele não demonstra. — Recebi seu convite para o seu baile. Estou muito ansioso para participar. Pensei em perguntar o que você estará vestindo, para que possamos combinar.

— Não podemos combinar. — Eu disse, permitindo que minha voz aumentasse de volume como uma brincadeira. — O que isso pareceria?

— Como se eu estivesse apaixonado por você. — Diz ele, sua voz um pouco séria demais.

— Não, parecerá que eu sou uma mulher cujas atenções se desviam com muita facilidade.

— Não será desvio, se você concordar em ser minha.

— Leandros...

— Não, deixe-me terminar, Alessandra. Eu sei que brinco um pouco, mas deixe-me garantir que estou falando sério agora. Eu *estou* apaixonado por você. E eu não quero ser uma reflexão tardia. Não quero ser a quem você recorrerá quando Kallias te deixar de lado.

— Eu quero ser sua primeira escolha. E talvez nunca tenha deixado claro que *sou* uma escolha para você. Eu gosto de você, e se você me deixar, eu sei que posso te amar. Meu título pode não ser tão chique quanto o de Kallias, nem meu bolso tão profundo, nem minha propriedade tão grande.

— Mas meu coração será maior, Alessandra. E eu te amaria completamente,

inteiramente, como uma mulher deve ser amada. Não vou me esconder atrás das sombras. Eu não vou te amar de longe. Eu não vou apenas pegar partes de você. Eu quero tudo de você. Mente, corpo, alma. Eu quero estar com você. Sempre.

— Eu costumo me esconder atrás do humor, mas não desta vez. Não com você. Estou interessado. Você é a única mulher na corte que me interessa, e eu a faria minha se você também me quisesse. — Ele respira fundo. — Eu não espero que você responda agora. Eu tive semanas para pensar nisso tudo. E você não teve nem um minuto, mas espero que você pense sobre isso.

Seu corpo gira como se fosse partir, mas, percebendo que ele ainda não terminou, ele pega meus dedos. Ele mantém os olhos nos meus enquanto desliza minha luva para fora da minha mão, liberando lentamente cada dedo antes de puxar a coisa toda. O beijo que ele dá nas costas da minha mão não é suave, nem gentil. Mas proposital, persistente, cheio da paixão que ele sente.

É um lembrete de que ele pode me tocar. Ele *vai* me tocar se eu o escolher, e Kallias não.

Não posso mentir, o contato é delicioso, mas é só isso. Pele tocando a pele. Meus sentimentos por Leandros não são tão profundos.

— Você sempre foi um bom amigo para mim. — Digo quando finalmente ele solta minha mão. — Eu apreciei nosso tempo juntos. E eu sei que se eu escolhesse você, eu ficaria... — Não feliz. Contente, talvez. Por um tempo. — Seria uma combinação inteligente. Eu sei que você seria gentil e divertido sempre. E estou mais do que tentada por causa de todas as coisas que você pode me oferecer e que ele não pode.

O rosto dele cai. — Mas.

Ah, mas isso dói. O que eu estou fazendo? Não está em mim ser gentil. Especialmente com os homens. Mas é tão injusto com ele tratá-lo dessa maneira. Dar esperanças a ele.

— Mas, — Eu continuo. — Eu já me prometi meu cortejo a ele. Não é justo com você fingir que minhas intenções podem mudar. — Não há necessidade de esclarecer quem *ele* é, e parece errado dizer o nome de outro homem em voz alta quando Leandros está confessando seu amor.

— Ele nunca vai te amar. — Diz Leandros. Seu tom não é desagradável, apenas explicativo. — Ele nunca se casará com você, tocará em você ou estará com você de todas as maneiras que você merece. O que você planeja? Viver uma meia-vida com ele para sempre?

Estou chocada com a súbita percepção de que prefiro ter esta vida. Essa vida de confiança e amizade de Kallias, de ajudá-lo a governar um reino sem

qualquer poder real, apenas um ouvido do rei – eu preferiria ter tudo isso do que outra aventura com um homem que só me dará jóias porque gosta das coisas que eu faço com ele na cama.

Claro, não seria assim com Leandros. Ele se importaria comigo mais do que isso, mas eu não posso fazer isso com ele. Não quando ele sempre foi tão gentil comigo.

— É a minha vida e é assim que eu quero viver. — Digo. — E eu te disse minha decisão.

Leandros assente para si mesmo. — Você o ama?

Claro que não, eu acho. Não faço coisas infantis como me apaixonar. O amor me transformou em uma assassina. Isso me quebrou por um tempo. Eu tive que me recompor.

Mas certamente há *algo* se formando entre o rei e eu.

— Eu não sei. — Eu sussurro.

E isso já é suficiente, ou Leandros vê a verdade por conta própria, porque se inclina, cavalheiro.

— Com licença. — Diz ele.

E ele se foi.

Eu envolvo meus braços em volta de mim, triste pela troca.

Mas, quando me viro para o meu quarto, pensando em me deitar um pouco na miséria, vejo o pequeno vulto de uma sombra desaparecendo através da parede que abriga os aposentos de Kallias. É tão leve, acho que talvez eu tenha imaginado.

Mas, se não, não posso decidir se é bom ou ruim que Kallias tenha ouvido tudo isso.

CAPÍTULO
23

Eu pondero se apareço para jantar na biblioteca.

Por um lado, não falei com Kallias o dia todo. Temos muito a discutir, incluindo suas medidas de segurança e o que aconteceu no clube.

Mas então sei que ele me perguntará por que optei por evitá-lo o dia todo. E que os deuses proíbam que ele tenha ouvido minha conversa com Leandros e a traga à tona.

No final, eu decido que quero vê-lo, e isso é suficiente para suportar todo o resto.

Espero encontrá-lo à mesa, já começando o jantar. Em vez disso, ele está sentado em uma poltrona diante do fogo, acariciando Demodocus no topo da cabeça com uma mão e bebendo vinho de uma taça com a outra.

Ao ouvir minha entrada, ele diz: — Não consigo decidir se aqueles que desejam me matar não conseguem passar por meus novos guardas que ficam a postos o tempo todo, ou se estão simplesmente esperando passar um tempo, esperando que eu me sinta confortável antes de atacar.

— O primeiro, eu espero. — Eu digo, pegando a outra poltrona apontada para o fogo baixo.

— Não é tão ruim ser seguido por toda parte que eu vou. Honestamente, é preferível ao isolamento ao qual me resignei.

Não digo nada. Eu acho que talvez ele precise não escutar nada.

— Em outras novidades, condenei Lorde Eliades à prisão perpétua. Ele foi despojado de todas as suas terras e seu título. Ele não vai mais nos incomodar.

Também localizamos a maioria das moedas de ouro que ele pegou e redistribuiu. Todos os camponeses apanhados com elas também foram presos. Eles sabiam muito bem que estavam recebendo mercadorias roubadas.

— Você não parece muito feliz com tudo isso.

Ele olha para as chamas e bebe o resto de sua taça. — A patrulha não correu bem. Vários camponeses morreram no processo. Eles resistiram aos guardas. E muitos comerciantes não queriam desistir da moeda que já haviam recebido em troca de seus bens.

Eu me acomodo mais na minha cadeira. — E você me culpa.

Sua mão para de onde está pegando uma garrafa ao lado dele para encher sua taça. — Por que eu culparia você?

— Porque foi minha ideia pegar o bandido dessa maneira.

— Não é o que estou tentando dizer. Meus guardas fizeram um mau trabalho ao lidar com o assunto. Eles são os culpados, não o plano. Além disso, eu não poderia me importar menos com um pouco de inquietação pública.

— Então, qual é o problema? — Eu pergunto.

— O conselho deseja fazer algo sobre a agitação que causamos. Eles estão considerando um desfile real pelas ruas de Naxos.

Eu pisco. — Você não pode fazer isso. Essa é a oportunidade perfeita para nosso contato assassinar você.

Ele começa com outra taça de vinho. — Eu sei, mas temo que o conselho tenha votado contra mim. Eu não tenho escolha.

Minha pele brilha com o reflexo das chamas e sinto meu corpo esquentar por todo o lado. E não de um jeito bom. — Um deles está nisso! Tem que ser. Por que mais eles querem que você faça isso?

— Isso geraria boa vontade. Lembraria as pessoas que eu não sou um monstro colocando todo seu foco em reinos estrangeiros. Isso me humaniza, aparentemente. Torna-os mais propensos a pagar seus impostos ou algo parecido.

Ele termina de encher novamente a taça. — Ah, e o Reino de Pegai está oficialmente em paz mais uma vez.

Eu finalmente me viro na direção dele. — Estou tendo dificuldade em ler você. Você está chateado? Preocupado? Satisfeito? — *Aterrorizado?* Eu não digo em voz alta.

— Estou notavelmente calmo para alguém que sabe que haverá outra tentativa contra sua vida em breve.

— Uma tentativa, talvez, mas nada mais. Seu candidato a assassino não terá sucesso. Eles serão pegos.

Ele engole o resto do vinho e, finalmente, abaixa a taça vazia, deixando a cabeça cair contra a poltrona enquanto isso. — Bem, agora que toda a conversa agradável terminou, vamos passar para o motivo pelo qual você me evitou o dia todo?

— Essa foi a conversa agradável?

Ele para de acariciar Demodocus, e a cabeça do cachorro cai sobre as patas.

— O que a incomoda, Alessandra?

— Eu não acho que nós bebemos o suficiente para termos essa conversa.

— Por que?

— Prefiro que você não se lembre disso.

Um sorriso roça seus lábios. — Eu poderia beber um pouco mais, se você quiser.

— Não, você deve estar alerta o tempo todo. Caso algo aconteça.

Ele balança a cabeça uma vez. — Pare com isso. O fato é que… você não foi… bem tratada ontem à noite. — Como se as palavras o incomodassem, ele pegou a taça mais uma vez e a encheu novamente.

— Eu não fui? — Eu pergunto.

— Você foi tratada e tocada como uma prostituta, e deve ter sido vergonhoso e humilhante. Não te culpo nem um pouco por me odiar por isso.

— Oh. — Eu tento mascarar minha surpresa com as palavras dele.

— Você é uma verdadeira amiga, Alessandra. Alguém que eu considero minha igual em todas as coisas, exceto meu título. Não te tratei como tal ontem à noite.

— Kallias, você me deixou ajudá-lo ontem à noite. Você me tratou como faria com uma amiga. Nada menos. Não pense mais sobre isso.

Ele se levanta de repente, e suas pernas estão um pouco bambas, enquanto se apoia na mesa próxima. — Talvez eu tenha bebido mais do que pensei.

— Deixe-me ajudá-lo a ir deitar.

Pego o braço de Kallias e, embora nunca o tenha feito onde alguém possa ver antes (salvo quando estávamos disfarçados), mantenho um aperto firme nele quando saímos da biblioteca. Ordeno que os guardas nos escoltem até os aposentos do rei, mas ninguém mais ousa pôr a mão nele. Eu não poderia pedir ajuda se quisesse.

Eles não arriscariam suas vidas. Vou deixar Kallias me perdoar por nos tocarmos mais tarde.

Demodocus segue atrás de nós, sempre o filhote fiel.

Passamos por uma série de janelas no corredor, e o som de trovões e chuva

forte chega até nós. Uma tempestade é o que nos agracia nesta noite.

Os guardas nos deixam no final do corredor, e Demodocus e eu continuamos. Eu tento a porta de Kallias primeiro, mas como ela está trancada, e eu não vou procurar nos bolsos uma chave que ele provavelmente não tem quando ele pode andar pelas paredes, eu o deixo entrar no meu quarto.

Penso em levá-lo até minha própria cama, mas ele diz: — Não, por lá.

Eu tento a porta que liga nossos dois quartos. Está aberta.

— Por que você não trancou isso? — Eu pergunto.

— Por que eu trancaria quando é você do outro lado?

Ajudo-o a deitar-se sobre a cama e levanto os seus pés. Eu tiro as botas dele, uma de cada vez.

— Kallias, eu não estou brava com você. — Eu o tranquilizo, continuando a conversa de antes. — Eu não me importo com o que aconteceu ontem. O toque foi muito divertido, na verdade.

Demodocus pula na cama ao lado dele, colocando a cabeça em cima do estômago do rei. Kallias inclina o pescoço na minha direção.

— Mesmo se você não estiver brava com isso, você deve estar brava comigo por outras razões.

— Que razões?

Os olhos dele se fecham. — Eu vi você com Leandros. Ele lhe ofereceu felicidade e você o recusou. Porque estou forçando você a passar por esse ardil de me cortejar. Eu deveria libertá-la disso.

Eu sorrio. — Mas você não vai.

— Eu não posso. Eu preciso muito de você.

Talvez seja apenas o momento, mas eu gostaria muito de pensar que ele não quis dizer isso apenas da boca para fora.

Seus olhos se abrem de volta então, e seu braço gira antes de pegar minha mão enluvada e levá-la para sua boca, mas para antes que ele faça contato. Ele olha para a minha luva como se isso o ofendesse. Então ele está deslizando o tecido. Eu permaneço perfeitamente imóvel.

— Ele te beijou. Aqui. — Um dedo vestido de couro percorre minha pele.

— Sim, ele beijou.

— Não quero que ele faça isso. *Eu* quero fazer isso.

Ele abaixa os lábios, mas eu puxo minha mão violentamente antes que ele possa fazer contato. — Você não pode fazer isso até que esteja sóbrio. — Digo a ele.

— Absurdo. Me devolva!

Eu rio para ele. — Vá dormir, Sua Majestade. — Eu empurro contra seu ombro, e ele cai sobre seus travesseiros, seus olhos fechando mais uma vez. A luta o deixou.

Eu ando em direção ao meu quarto, dando uma última olhada no meu rei. — Eu não disse a Leandros não por causa de um acordo que tenho com você. Eu disse que não porque isso me afastaria de você.

Satisfeita por ele ter dormido muito rápido para se lembrar de qualquer coisa, fecho a porta e me arrumo para dormir.

★ ★ ★

KALLIAS ATRAVESSA a parede no meu quarto na manhã seguinte para o café da manhã. — Bem, isso responde a essa pergunta.

Ele tem uma mão pressionada contra a cabeça e ainda está com a mesma roupa da noite passada.

— Que pergunta?

— Eu ainda posso chamar minhas sombras ao seu redor.

— Havia alguma dúvida que você seria capaz? — Eu pergunto, tentando ignorar a maneira como o material fino de sua camisa acentua todas as partes musculosas dele.

— Não me lembro de muita coisa. Você me ajudou a ir para o meu quarto. Pensei que talvez tivesse me jogado em você.

Escondo meu sorriso atrás de uma xícara de chá. — Você se jogou. Eu tive que te afastar.

— Típico. Não ficava bêbado desde que fui nomeado rei. Naturalmente, me jogo na primeira mulher à vista.

— Naturalmente.

— Foi ruim? O que foi que eu disse?

— Você tentou beijar minha mão sem luva. Você é tão educado, Kallias, mesmo como um bêbado. — Então eu rio para ele.

— Minha mãe me criou para ser adequado. — Diz ele, sem desculpas.

— Ela ficaria orgulhosa de você.

Kallias deixa um sorriso triste enfeitar seus lábios. Então ele olha para si mesmo. — Devemos nos vestir e nos juntar aos outros nobres no café da manhã.

— Por quê? Nunca tomamos café da manhã com os nobres.

— Tenho algo para lhe mostrar e estou impaciente demais para esperar até a

hora do almoço. Eu mandei comissionar há algum tempo e acabei de receber a notícia de que está feito.

— E é... no grande salão? — O que ele fez? Encomendou uma toalha de mesa com nossas iniciais?

— Sim. Sem mais perguntas. Você entenderá. Volto em meia hora para buscá-la.

Então ele desaparece de volta através da parede.

— Você claramente não tem ideia de quanto tempo leva para uma dama ficar pronta! — Eu grito atrás dele.

★ ★ ★

OS GUARDAS NOS SEGUEM a uma distância não tão discreta, mas não me importo. Não quando eles estão mantendo Kallias seguro.

Ele pega meu braço assim, sem se importar com quem olha.

Talvez com um assassino à solta, não importa quem nos veja tocando através de nossas roupas.

Kallias de alguma forma encontrou tempo para tomar banho *e* se vestir esta manhã. Seu cabelo parece um pouco úmido, mas ainda mantém um volume impressionante. Eu me pergunto se ele mantém o cabelo fora do rosto porque ele sabe o quão deliciosas são suas características faciais. Seu nariz é tão reto e perfeito, que quero deslizar a ponta do dedo pela ladeira antes de traçar seus lábios carnudos.

Até seus ouvidos – partes do corpo decididamente pouco atraentes – conseguem parecer intocados. E não consigo deixar de imaginar que som ele faria se eu puxasse seu lóbulo com os dentes.

— Você parece distraída esta manhã. — Diz Kallias. — Aconteceu alguma coisa que eu não estou ciente?

— Não. — Viro meu rosto para longe dele enquanto sinto o calor correr pelas minhas bochechas. Estou corando? Eu não corei por ter sido pega encarando um homem em...

— Aqui estamos.

As portas do grande salão já estão abertas, o som da conversa dos nobres flutuando até nós.

Kallias não para quando entramos, embora os nobres se calem instantaneamente, talvez pela maneira como andamos de braços dados, quando

ninguém mais pode tocar no rei sem sofrer pena de morte.

Examino os rostos e os arranjos dos assentos, tentando descobrir qual é a surpresa. Ele não refez as paredes ou os tapetes.

A mesa parece a mesma, exceto: é minha imaginação ou é um pouco maior?

O rei e eu passamos por nobres de boca aberta a caminho de nossos assentos habituais, minha mente zumbindo enquanto tento descobrir o que perdi.

E é aí que vejo nossos assentos.

Eu congelo no lugar, colocando Kallias em uma parada brusca ao meu lado.

A mesa *é* maior. Ele encomendou uma nova. E na cabeceira da mesa, onde Kallias sempre se senta, há duas cadeiras.

Duas.

A mesa tem o dobro da largura, permitindo-nos sentar lado a lado na cabeceira do maciço pedaço de carvalho.

Este não é apenas um gesto educado. Esta é uma afirmação.

Toda a nobreza pode ver e entender.

Mas *eu* não entendo.

— Por quê? — Eu pergunto.

Kallias olha em volta para os nobres silenciosos e tosse significativamente. Eles retomam instantaneamente a conversa matinal. Portanto, não podemos ser ouvidos.

— Eu te disse, você é minha igual. Você me ajudou em mais de uma maneira. Você tem sido minha companheira constante nos últimos meses e eu nunca quero que você vá, Alessandra. Quero mostrar como respeito e aprecio você.

— Mas isso, na frente de todos os nobres. Também pode significar que você me propôs.

— Na verdade, eu quero falar sobre isso mais tarde.

Minha cabeça se vira na direção dele tão rápido que meu pescoço quase se quebra.

— Quando estivermos sozinhos. — Ele esclarece. — Venha. — Ele gentilmente me puxa em direção a nossos assentos.

De alguma forma, consigo fazer meus pés se moverem, apesar de minha cabeça estar girando. Primeiro alegria, depois decepção, revezam-se em meus pensamentos.

Ele vai me propor.

Mas ele disse isso de uma forma tão despreocupada. Não foi romântico. Eu não acho que ele quis dizer romanticamente. Ele quer uma aliança prática,

certamente.

Mas ele vai me dar poder. Compartilhar seu poder. Assim como ele está dividindo a cabeceira da mesa.

Mas ainda não poderei tocá-lo. Eu não vou tê-lo.

Qual é mais importante?

Eu sei a resposta para isso. Obviamente, o poder. Mas então, por que me sinto tão infeliz por dentro?

— Majestade, a nova mesa é simplesmente divina! — Uma voz diz da minha direita imediata.

Eu me assusto. Quando Rhoda se sentou? À sua direita está Hestia, que também está sentada ao lado de seu Lorde Paulos. As duas cadeiras mais próximas de Kallias ficam vazias, mas meu lado está cheio. Kallias está praticamente na forma de sombra total para complementar os novos arranjos da mesa.

— Estou feliz que você aprove. — Diz Kallias.

— Você parece surpresa, Alessandra. Você não sabia? — Rhoda pergunta.

— Eu não sabia.

— É um gesto terrivelmente romântico. — Diz ela, baixando ligeiramente a voz.

Kallias a ouviu. — Fico feliz que *você* pense assim, Lady Nikolaides. Lady Stathos não parece saber como reagir ainda.

— Estou satisfeita, é claro! — Corro para dizer. — Foi apenas inesperado.

— Faço gestos românticos o tempo todo. — Diz ele em uma defesa falsa, fazendo um show para os que estão sentados mais próximos de nós.

— Ele tem razão. — Diz Hestia, afastando a atenção de Lorde Paulos por um momento. — Ele te banha com presentes. Todos nós vimos as lindas bugigangas. Isso não deve ser diferente.

— É uma mesa. — Eu digo. — Não é um colar. Muito diferente.

E muito inesperado.

Kallias leva uma colher de mingau aos lábios. — Eu tenho que continuar a surpreendê-la, caso contrário você me acharia chato e terminaria comigo.

Rhoda ri. — Não é provável, Vossa Majestade. — Ela olha de cima a baixo o que ela pode ver do perfil dele antes de me dar uma olhada significativa. *Quinze,* seus olhos dizem. Como se eu pudesse esquecer.

Kallias sorri para ela educadamente, e a refeição recomeça.

Enquanto meus olhos percorrem a mesa, vejo Rhouben e Petros rindo juntos de algo. Eles parecem tão despreocupados e felizes, mas não posso deixar de

notar que um nobre está faltando na nova mesa, como se sua própria existência o impedisse de se juntar a nós.

Pobre Leandros.

★ ★ ★

— VOCÊ NÃO TEVE REUNIÕES HOJE? — Eu pergunto assim que terminamos o café da manhã e Kallias me acompanha pela sala.

— Não. Eu limpei minha agenda. Sua moral está subindo rapidamente. Eu pensei que poderia ajudar com o resto dos preparativos. E como eu mencionei, há algo sobre o qual precisamos conversar.

Eu limpo minha garganta. — Sim, estou… curiosa para saber mais sobre esse tópico que vamos discutir.

Bem, isso parecia abertamente formal.

O homem quer propor, pelo amor dos demônios, e eu me vejo querendo fugir para longe.

Mas é isso que eu queria. É toda a razão de eu ter vindo aqui.

Então, por que estou com medo dessa conversa?

— Vamos para a biblioteca? — Ele pergunta.

Não digo nada, mas ele me leva nessa direção da mesma forma, seus guardas seguindo.

— Está um dia lindo. — Comenta Kallias, enquanto olha pela janela pela qual passamos. — A tempestade passou rapidamente. — Então ele amaldiçoa. — Por que eu estou falando sobre o maldito tempo?

Ainda não digo nada. Os guardas nos deixam entrar na biblioteca sozinhos e Kallias fecha a porta atrás de nós.

— Você quer sentar? — Ele pergunta.

Balanço a cabeça.

— Sinto muito. — Diz ele. — Eu fui estúpido. Eu não quis trazer isso à tona desse jeito.

— A proposta, você quer dizer?

— Sim. Também não deveria ter surpreendido você com a mesa. Eu deveria ter falado com você antes de fazer. Eu apenas pensei que você iria gostar.

Olho para minhas botas. — Mas não é apenas uma mesa, é Kallias?

— Não, não é.

Está silêncio por um momento, e levanto meu olhar para estudar a lombada

dos livros ao redor da sala. Qualquer coisa para evitar olhar para ele e seus traços perfeitos. Para esta conversa, acho que não posso suportar olhar para ele.

— Nós apenas nos saímos bem juntos. — Diz ele finalmente. — Você planeja melhor do que qualquer um dos meus conselheiros. Você já se provou repetidamente uma aliada inestimável. Simplificando, você é brilhante.

— Eu me divirto sempre que estou na sua presença. Mesmo se estamos brigando por algo. Gosto de nossas viagens para longe do palácio. Estar disfarçado, sair em aventuras – é mais diversão do que eu já tive em anos. Ultimamente tenho me sentido muito sozinho, mas desde que você chegou, eu fiquei… feliz.

— Mas isso não é só comigo. Também é sobre você, e tenho tentado pensar no que esse arranjo poderia lhe oferecer. Já falamos sobre convites para festas e bailes. Prometo começar a participar com você. Quero que você se junte a mim em todas as minhas reuniões...

Isso me faz desviar o olhar das paredes instantaneamente.

Vendo que ele tem toda a minha atenção agora, ele continua. — Eu quero você ao meu lado, me ajudando a tomar decisões para o reino. Quero que você me ajude a conquistar os três últimos reinos neste vasto mundo. Quero que você seja minha igual, Alessandra. Minha rainha. Você teria poder. Um guarda seu. Conversaríamos antes de tomar decisões. Nós tiraríamos o Conselho das minhas costas de uma vez por todas, e você estaria livre de sua família. É claro que você teria acesso ao tesouro e aos fundos do reino. Você não ficaria sem seus próprios meios.

Poder igualitário. Governar o reino… *com* ele?

O que significa...

Eu não teria que matá-lo. Ele vai me dar tudo o que eu quero, e não precisarei me livrar dele. Meu amigo e companheiro.

Mas e quanto a… mais?

Eu engulo. — Você quer que eu seja sua rainha. Mas apenas no nome. Isso está certo?

Kallias perde a voz enquanto procura no meu rosto por alguma coisa. — Está certo. Nós nos casaríamos. Então seria oficial. Mas você ficará com seus aposentos, e eu ficarei com os meus. Ninguém precisaria saber que não consumamos o casamento. Muito poucos sabem o motivo pelo qual não posso tocar nas pessoas. A maioria não será capaz de dizer se somos íntimos.

É isso. É tudo que eu sempre quis. Ele está me oferecendo o mundo.

Ele simplesmente não está me oferecendo ele mesmo.

Quando eu comecei a querer isso?

Uma batida forte bate na porta.

— Vá embora! — Kallias diz, nunca tirando os olhos de mim.

— Desculpe, Majestade. — Reconheço Epafras, o responsável pela nomeação, como o proprietário da voz do outro lado da porta, — Mas você deveria ser informado imediatamente se o Barão Drivas viesse ao palácio. Ele era bastante forte e os guardas tiveram que contê-lo. Ele também está acompanhado por uma policial.

Meu fôlego me abandona sabendo que o pai de Hektor está no palácio.

Kallias se vira para mim. — Por que o barão traria uma policial para tentar fazer você se casar com um de seus filhos? Você assinou algum tipo de contrato com ele?

Eu engulo. — Não, eu não assinei.

— Isso é ridículo. — Ele diz para si mesmo. — Epafras, peça aos guardas que os deixem entrar. Vamos lidar com isso imediatamente.

— Claro, senhor.

Sinto meu estômago afundar sob o assoalho. — Devemos?

— Você não precisa ficar aqui. Posso assustar o barão sozinho, mas esse assédio é ridículo. Eu deveria ter lidado com isso no momento em que você chamou minha atenção.

— Eu vou ficar. — Eu digo debilmente, pensando em nenhuma maneira de adiar esse momento. Ou sair dele. Eu deveria ter dito rapidamente que me casaria com Kallias, embora não sei se isso teria me oferecido mais proteção para o que está prestes a acontecer.

A porta se abre minutos depois. Os guardas cercam duas figuras. Uma, reconheço como Faustus Galanis, o pai de Hektor. A mulher com ele deve ser a policial mencionada anteriormente.

— Sua Majestade. — Diz Faustus. — Finalmente! Eu estou tentando...

— Você não vai falar até que eu permita. — Diz Kallias com toda a autoridade de um rei. — Quem é você? — Ele pergunta, virando-se para a mulher.

— Policial Damali Hallas, Sua Majestade.

— E qual é o seu propósito em estar aqui?

— O Barão Drivas me contratou para investigar o desaparecimento de seu filho mais novo, Hektor.

Kallias não vira a cabeça, mas ele olha para mim brevemente pelo canto dos olhos. — Desaparecimento?

— Foi assim que iniciamos a investigação, Majestade, mas agora sabemos que o nobre jovem foi assassinado.

CAPÍTULO
24

Meu estômago cai mais uma vez, mas não permito nada além de surpresa passar pelo meu rosto. — Hektor está *morto*? — Eu pergunto.

Noto que a policial Hallas observa meu rosto com um olhar perceptivo. Procurando por qualquer informação. Ela é uma mulher com características difíceis. Um osso um pouco grande demais, olhos muito próximos, um queixo quadrado. Ela tem o cabelo de ébano varrido do rosto em um coque arrumado.

— Por vários anos, me disseram. — Diz ela. — Alguns dias atrás, seu corpo foi descoberto na Floresta Undatia. Aparentemente, houve uma série de deslizamentos de terra na área. Dois cavaleiros encontraram e denunciaram o corpo.

— Espere um momento. — Diz Kallias. — Quem é esse Hektor?

— Ele me dirige a pergunta, e eu entendo o verdadeiro significado: *quem é esse homem para você?*

— Meu primeiro amante. — Eu respondo.

— E a assassina dele! — O barão se lança para mim.

— Mais uma palavra de você, Drivas. — Diz Kallias. — E mandarei enviá-lo para as masmorras.

Os guardas que o cercam dão um passo para dentro, prontos para atacar o barão, se necessário.

— Vossa Majestade — Diz a policial. — Com sua permissão, tenho algumas perguntas para Lady Stathos.

Kallias se vira para mim. *Demora-se* em mim.

Como ficaria se eu os mandasse embora sem dizer uma palavra? Não, devo parecer inocente.

— Eu vou responder as perguntas dela.

A policial dá um passo à frente. — Você admite, então, ter um relacionamento com o falecido?

— Sim, éramos íntimos, mas isso foi há anos. O que aconteceu com Hektor?

— Não restava nada dele além de ossos a essa altura.

Um soluço sai do barão, mas ele não diz uma palavra para acompanhá-lo.

— Nós o identificamos pelo brasão da família que ele usava no dedo. — Continua a policial. — Eu tive os restos examinados ontem. Uma das costelas foi cortada. Definitivamente aponta para uma ferida de adaga. Foi-me dito que você carrega uma adaga em sua pessoa o tempo todo.

Começo assustada, como se estivesse ofendida. — Você não está seriamente sugerindo que *eu o* matei? E *quem* disse que eu carrego uma adaga?

— Sua irmã. — Hallas tira um caderno do bolso e olha através dele. — Chrysantha Stathos.

— Sim, eu sei o nome da minha irmã. — Digo amargamente.

Chrysantha. A desgraça da minha existência. Por que ela simplesmente não morre em um buraco? — Muitas pessoas carregam adagas. Por que isso importa?

— Não aconteceu só isso, mas os restos de um baú de madeira foram encontrados com ele. E uma das tábuas trazia as iniciais *AS*. Essas são suas iniciais, não são? — Hallas faz a pergunta como se tivesse fazendo qualquer outra. Friamente, sem emoção, como se realmente não pudesse se importar com a resposta. Mesmo que ela já saiba as respostas para todos elas.

Ouso olhar para Kallias. Ele está me olhando com a expressão peculiar. Uma que eu não posso decifrar. Como se ele estivesse me vendo de novo.

Ele não pode acreditar nela!

Perco a força nas pernas e caio levemente. Kallias está lá, no entanto, me segurando.

— Certamente muitas pessoas no reino têm as iniciais *AS*. — Oferece Kallias.

— Talvez. — diz Hallas. — Mas nem todos eles também tiveram um relacionamento com o falecido. Quem terminou esse relacionamento, Lady Stathos? Foi Hektor, não foi? Ele partiu seu coração e você revidou esfaqueando-o no peito e depois enterrando-o na floresta.

Oh, deuses.

— Você está especulando. — Eu cuspo de volta. — Não há provas de que Hektor encerrou o relacionamento ou que eu tivesse qualquer motivo para prejudicá-lo.

— Talvez, ainda não, mas vou encontrá-lo. Eu já falei com a equipe do espólio de seu pai. Me disseram que você certamente teria a capacidade e os meios para tirar o corpo de Hektor da propriedade sem ser vista. Você frequentemente saia despercebida à noite, apenas para retornar bem depois do meio dia no dia seguinte. E gostaria de pedir a permissão do rei para apreender a adaga de sua pessoa para compará-la com o entalhe nas costelas do falecido.

Eu mantenho meu olhar frio e calmo quando me viro para Kallias, me concentrando nele desta vez.

Por favor, leia minha calma como inocência.

Ainda não perdi tudo. Hektor não voltará para me arruinar uma última vez. Estou *tão perto de* me tornar rainha.

— Policial. — Diz Kallias com uma calma que me assusta. — Você e o barão vão nos dar licença. Agradeço por trazer essa questão ao meu conhecimento. Como Lady Stathos é uma membro da minha corte, cuidarei da investigação daqui por diante e chegarei ao fundo da questão.

O barão parece ter muito mais a dizer, mas, querendo permanecer em boa posição com o rei, ele permite que os guardas o escoltem e a policial se afaste.

Epafras os segue, fechando a porta atrás de si. Consigo caminhar até a poltrona mais próxima e cair nela. Esperando.

Esperando. Esperando.

Kallias vai explodir em mim a qualquer momento. Ele me jogará na prisão até que ele decida o dia e os modos adequados para me matar. Inferno.

Kallias ri tão alto e abruptamente que quase caio da poltrona.

Ele tem as mãos nos joelhos, enquanto todo o corpo estremece com a força da risada. O que diabos?

Eu enlouqueci o rei?

Ele consegue se endireitar depois de um momento e olha para mim, mas então seu rosto se contorce e ele volta a uma risada incontrolável.

Sinto meus membros se enrijecerem, meu rosto ficando quente, a raiva se acumulando em cada músculo.

— O que diabos há de errado com você? — Eu estalo, gritando por cima de sua risada. Ele não estava tão risonho quando leu a carta de amor de Orrin.

Ele diz algo que não consigo entender, depois esfrega as lágrimas dos olhos e tenta novamente. — Você o matou! — Ele joga a cabeça para trás e ri e ri.

E de alguma forma, eu sei que não estou com problemas. Como posso se ele é tão jovial sobre o fato?

Eu poderia negar. Implorar em meu nome. Mas Kallias não é estúpido. Embora a policial não tenha provas suficientes para me condenar, Kallias sabe a verdade.

— Eu tenho uma inclinação para matar de novo. — Eu digo, olhando para ele.

Kallias se apoia na estante de livros mais próxima, recuperando o fôlego. Uma vez que ele está calmo, ele se aproxima de mim e coloca as mãos enluvadas em ambos os lados da minha cabeça.

— Meu pequeno inferno. Quanta força a ser contida, não é? Oh, diga que se casa comigo, Alessandra!

Eu engulo, completamente confusa. — Você não vai me enforcar?

— Enforcar você? — Ele repete, deixando as mãos caírem ao lado do corpo. — O homem fez algo de errado para você, Alessandra. Honestamente, você me tirou o trabalho de localizá-lo e matá-lo eu mesmo.

— Mas...

— Eu perdoo você. — Ele diz simplesmente.

Eu pisco. — Bem desse jeito?

— Bem desse jeito. Qualquer coisa para a minha amiga.

Não sei se já odiei essa palavra mais do que quando sai da boca de Kallias.

— Você quer se casar comigo? — Ele repete, voltando facilmente à nossa conversa anterior.

— O que acontecerá se eu disser não?

— Você ainda está perdoada, se é com isso que está preocupada. Eu nunca chantagearia você para nos casarmos! Você ficará livre para permanecer no palácio pelo tempo que desejar ou se quiser, partir. — O rosto dele cai um pouco. — Mas eu ficaria… mais triste se você fosse embora.

Penso por um momento, mas Kallias não pode suportar o silêncio.

— Eu preciso de você, Alessandra. Diga que você será minha e eu serei seu.

Ele precisa de mim. Mas ele não me quer. Ele está me dando poder. Tudo o que eu poderia querer.

Por que essa é uma decisão difícil?

Por fim, digo: — Quero uma proposta adequada. — Cruzo os braços sobre o peito. — E não ria mais de mim por causa de Hektor Galanis. Na verdade, nunca mais quero ouvir o nome dele.

Kallias pega minha mão enluvada e a beija. — Feito. Agora, vamos discutir

o que você fez até agora para o nosso baile que se aproxima. Você não acha que será a oportunidade perfeita para uma proposta adequada e pública?

★ ★ ★

EU VOU CASAR COM O REI.

Os crimes do meu passado estão perdoados.

Estarei livre da minha família de uma vez por todas. Eu posso bani-los da corte para sempre!

Mas há um assassino lá fora. Alguém que quer tirar Kallias e esse futuro de mim.

Eu não vou deixar isso acontecer.

Percebo que Kallias e eu estivemos talvez preocupados com a coisa errada. A ideia de um desfile público pelas ruas nos preocupou, mas agora percebo que meu baile é mais cedo e mais público.

Será quando o assassino agirá. Estou certa disso.

Eu compartilho minhas preocupações com Kallias enquanto estou sentada em meus aposentos, trabalhando no meu vestido para o baile em algumas semanas depois.

— Eu pensei nisso também. — Ele responde. — Vamos dobrar os guardas. Verificar todos os convidados em busca de armas antes de serem permitidos no salão de baile.

— Qual é o alcance de suas habilidades? — Pergunto-lhe. — Qual é a distância que o assassino precisa para inutilizar suas sombras?

Kallias encolhe os ombros.

— Você nunca testou?

— Claro que sim. Só não quero te preocupar.

Ao meu olhar de resposta, ele responde: — Cinquenta jardas.

— Só isso! — Um atirador talentoso poderia resolver isso facilmente.

— Eu estarei seguro, Alessandra. *Estaremos* a salvo. Vai ficar tudo bem.

— Eu me sentiria melhor se nenhum dos membros do seu conselho fosse convidado.

— Eu também gostaria, mas não podemos deixar de convidá-los. Agora pare de se preocupar. Venha me mostrar no que está trabalhando.

— Não. — Eu digo. — Prefiro que você veja em mim quando estiver pronto.

— Isso é bastante tecido. — Diz ele tristemente.

— Ah, cale a boca.

CAPÍTULO
25

Rosas em vasos alinham as entradas do salão de baile. Elas formam um caminho parecido com um labirinto para a mesa de refrescos, antes de abrir no centro da sala para permitir bastante espaço para a dança. Todos os membros da orquestra usa uma rosa negra – os homens no bolso do peito, as mulheres nos cabelos – em homenagem à falecida rainha.

Eu tinha o salão de baile pintado, então parece que a hera sobe nas colunas. Tapetes verdes cobrem o chão, imitando perfeitamente a grama. As pétalas de rosas foram espalhadas pelo chão, emitindo uma fragrância suave.

Foram necessários vários criados e longas escadas, mas também conseguimos pendurar buquês de rosas no teto. Uma pétala ocasional cairá, chovendo o chão com ainda mais. Ordenei que tapeçarias ficassem ao longo das paredes, fazendo-as parecer como se as margens de um jardim repousassem ao nosso redor.

Os lustres elétricos brilham intensamente. Eu queria tudo bem iluminado. Não apenas para dar a ilusão de meio dia no jardim, mas para que qualquer traição ou engano fosse impossível de esconder atrás das sombras.

Ninguém está matando meu rei hoje à noite.

Os convidados já começaram a aparecer, embora o baile não comece oficialmente por mais dez minutos. Eu posso ver tudo de cima, onde espero na escada, com vista para os meus arranjos.

Como esse é meu baile, eu quero fazer uma grande entrada, então espero até o momento certo.

Realmente, estou apenas esperando Kallias aparecer. Eu não gostaria que ele perdesse de me ver no meu vestido novo.

Eu me superei.

No geral, o vestido é amarelo claro. A cada poucos centímetros, o tecido se dobra sobre si mesmo quando se move para cima, para dar a forma das pétalas sobrepostas de uma rosa. Manchei o fim de cada dobra com um laranja vermelho brilhante para combinar com as rosas finas encontradas no jardim da rainha. Normalmente não gosto muito da cor laranja, mas as rosas da rainha (e meu vestido por padrão) são simplesmente divinas. Uso uma saia de malha sob as camadas de seda, mas o corpete está ajustado, a blusa sem mangas e minhas luvas amarelas combinando estão pontilhadas de laranja na ponta dos dedos.

Eu prendi meu cabelo para um lado, então ele cai no meu ombro esquerdo, deixando meu pescoço nu no lado direito. Enrolei os fios para que caíssem em cachos perfeitos, uma maravilha negra sobre o tecido leve.

Quando Kallias finalmente chega, ele não se anuncia. Em vez disso, ele tenta entrar em silêncio, indo direto para o trono no estrado.

Tendo visto o tecido que eu estava usando para fazer meu vestido, ele usa um colete amarelo combinando – tão leve que poderia ser confundido com branco. Parece notável contra sua pele de bronze.

Assim que ele está sentado, dou ordens para me anunciar.

— Nossa anfitriã, Lady Alessandra Stathos, segunda filha do conde de Masis.

Eu seguro meu vestido com as duas mãos e deixo um sorriso leve enfeitar minhas feições enquanto desço as escadas.

Todas as cabeças se voltam na minha direção.

E sei que não é apenas o meu vestido deslumbrante que causa a conversa deles. Eu sou a garota que chamou a atenção do rei. A garota que tem o conselho seguindo suas estratégias. A garota que salvou o rei de um assassinato.

Eu desenvolvi uma reputação de fato.

E hoje à noite, Kallias irá propor e chocar a todos.

Ele me observa agora, enquanto eu dou cada passo cuidadoso.

O vestido é largo o suficiente para permitir bastante movimento às minhas pernas, mas a bainha até o chão e as botas de salto tornam a viagem fácil.

Ainda mantenho meus olhos nele.

Com aquele olhar ardente em mim, posso ver o quanto Kallias me quer. Não é mais uma questão de atração entre nós. É uma questão de manter-se a salvo de ataques. Temos um bom arranjo.

Nós dois teremos o que queremos depois desta noite. Ele terá uma rainha para ajudá-lo a gerenciar e equilibrar o conselho. Ele terá alguém do seu lado em quem ele confia. A única pessoa em quem ele confia.

E em troca eu ganho poder. O poder de governar um reino ao lado de Kallias, quando ele completar 21 anos. Serão apenas mais dezessete meses.

Quando chego ao final da escada, Kallias não se aproxima de mim. De fato, ele se afasta, envolvendo um de seus membros do conselho em uma conversa.

Desapontamento e irritação se misturam dentro de mim, mas mantenho meu rosto em um sorriso agradável.

Penso em começar a receber meus convidados, mas quando dou alguns passos em uma direção, os foliões... se dispersam.

O que diabos?

Talvez eu só tenha imaginado isso? Dirijo-me para a mesa de bebidas, pensando em verificar os arranjos da comida. As saias balançam no meu caminho, e um grupo de cavalheiros interrompe sua conversa no meio da frase para se afastar de mim e encontrar outros lugares para ficar.

Qual é o problema com todos?

Quando estou longe da mesa, relaxo quando alguém se aproxima de mim. Até eu perceber que é meu pai.

— Não me lembro de lhe enviar um convite. — Digo, me distraindo com uma taça de champanhe da mesa.

— Deve ter escapado da sua mente. — Diz ele. Mas quando ele chega perto o suficiente para não ser ouvido, ele acrescenta: — Estou aqui para resgatá-la, Alessandra.

Tomo um gole da minha taça como se não o ouvisse. Papai espera obter uma reação minha. Isso não vai acontecer.

— Você me ouviu Alessandra? Vou salvar você e sua reputação.

Mais uma vez, não digo nada.

— Com os rumores de seu crime se espalhando como fogo, precisamos mantê-la em segurança, casando você com um homem poderoso.

Meus olhos voam para o rosto do meu pai. — Rumores do meu crime?

— Sim, o assassinato de Hektor Galanis. Todo mundo está falando sobre isso.

É por isso que todo mundo está subitamente me dando um gelo.

Eles acham que eu sou uma assassina.

Maldito Faustus. Ele deve saber que o rei me liberou de todas as acusações, mas isso não o impediu de soltar a língua.

— Não se preocupe, querida. — Diz meu pai. — Um casamento apressado oferecerá alguma proteção. Estive conversando com o visconde de Thoricus...

— O pai de Rhouben?

— Você conhece o filho dele, então? Maravilhoso. Recentemente, ele terminou seu noivado com a filha de um barão. Vocês dois farão uma combinação inteligente.

Eu quase cuspi o champanhe da minha boca. — Então agora eu vou me casar com alguém abaixo da minha classe?

— Ele tem dinheiro, Alessandra. E com meu querido amigo Eliades atrás das grades, não podemos mais confiar nele.

Coloquei minha taça de champanhe vazia em uma bandeja enquanto um criado passava. Então eu encaro meu pai completamente. — Portanto, nada menos que um duque para Chrysantha, mas devo me casar com um futuro visconde. É isso?

— Você não pode se dar ao luxo de ser exigente com a maneira como as pessoas estão falando sobre você.

Assusto meu pai quando começo a rir. — Você nunca me ouve. Você nunca ouviu, mas deixe-me esclarecer. Eu não preciso que você me salve. Eu não preciso de um casamento apressado. Eu tenho o rei e ele me perdoou de todas as acusações. Você saberia disso se se desse ao trabalho de me perguntar sobre a situação, em vez de tirar suas próprias conclusões e soluções.

— Ele está me propondo esta noite. — Termino.

— Ele não pediu minha permissão...

— Ele não precisa. Ele é o rei, e como eu disse, você não está recebendo um centavo do meu dote.

Ele tenta entrar em outra frase, mas eu não deixo.

— Não. Esta é a minha festa. Minha noite. Você não pode estragar tudo. — Olho alguns guardas contra as paredes. Quando capto a atenção deles, eu os chamo com uma mão.

Eu meio que espero que eles não obedeçam. Mas eles fazem.

Dois jovens avançam, com rifles pendurados nos ombros.

— Sim, minha senhora? — Um deles pergunta.

— Acompanhem o conde para fora do baile. Ele não é bem vindo. Se ele não sair de bom grado, você tem minha permissão para usar a força.

Meu pai solta uma risada. — Quem você pensa que é? A rainha?

Mas os dois guardas ficam entre mim e meu pai. — Por aqui, meu senhor.

O pai olha para mim com espanto. E então, por um breve momento, sinto

que ele finalmente me vê. Minha ambição. Minha astúcia. Minhas realizações. Os guardas que atendem aos meus comandos são prova suficiente do que venho tentando explicar ao meu pai há semanas.

Consegui exatamente o que me propus a fazer.

E então meu pai parece perceber que, se isso é verdade, o que eu disse sobre não receber o meu dote também deve ser verdade.

Seu rosto se enche de pânico quando os guardas seguram seus braços com firmeza e o escoltam para longe.

Todos no salão de baile fizeram uma pausa para assistir ao espetáculo, embora nem a música nem a conversa tenham cessado.

E agora, nenhuma alma parece ter um problema em se aproximar de mim. Não quando eu posso retirá-los da festa. Não quando os guardas do rei obedecem aos meus comandos. Na verdade, sou recebida por nada menos que dez nobres, enquanto tomam drinques e experimentam aperitivos.

— Uma festa surpreendente. Esses chocolates têm o formato de botões de rosa? — Rhouben pega um doce da mesa e o joga na boca. Depois de engolir, ele acrescenta: — Eu poderia te beijar agora.

— Melhor não fazer isso em público. — Eu digo.

— Sério, Alessandra. Obrigado. Eu sei que já disse isso, mas vou repetir. Você me libertou de Melita. Ela deixou o palácio, ficou tão perturbada com a separação, a rejeição de Eliades e a prisão dele. Sou um homem livre de novo.

E ele nem sabe que eu o salvei de um casamento comigo também.

— Como você está aproveitando sua despedida de solteiro? — Eu pergunto.

— Vou comemorar dançando com todas as lindas mulheres que estão hoje à noite. Isso inclui você. Me guarda uma dança?

— Claro.

Ele beija minha mão e eu o vejo decolar para um canto onde Petros e Leandros riem juntos.

É bom ver Leandros. Eu me preocupei que ele não viesse.

Como se sentisse meu olhar, ele me olha. Ao me ver assistindo, ele oferece um pequeno sorriso. Eu ofereço a ele um grandioso em troca.

Leandros está vestido de preto, assim como Kallias na primeira vez que eu o vi. A diferença é que Leandros usa uma rosa negra pintada perto de suas lapelas. Quase não noto a planta, já que combina muito bem com o colete dele. A visão da flor encarece Leandros ainda mais. Kallias não fala com ele há um ano e, no entanto, ele aparece em uma festa em homenagem a mãe do rei e veste sua flor favorita. O resto de seu traje escuro faz a pele dourada de Leandros parecer mais

clara, e realmente mostra os tons mais escuros em seus cabelos castanhos claros.

Não importa o que ele veste – ele é tão bonito e atencioso. Ele realmente fará uma garota muito feliz.

Eu forço meu olhar para longe e examino mais da sala. Tenho o prazer de descobrir que quase todo mundo está aparecendo com o traje adequado. Vejo um grupo de damas vestidas de tulipas, com os decotes subindo nas costas até um colarinho, curvando-se em torno da cabeça e dos lados da face, modelando como as pétalas de uma tulipa. Bandanas ao redor de suas cabeças têm o estame saliente.

Uma dama é ambiciosa o suficiente para tentar o que eu acho que deveria ser um narciso. Com um chapéu de ouro em forma de chifre da flor, ela parece... diferente.

Os homens são previsivelmente entediantes, com nada além de flores nos bolsos dos peitos para combinar com as mulheres.

Vejo Hestia e Rhoda e corro até elas. Rhoda está vestida como seu homônimo. A bainha na base do vestido está agrupada em formas que parecem rododendros rosa-roxo. Simples, mas bastante elegante.

Hestia é uma maravilha em rosa enevoado. Ela também buscou rosas, mas em vez de modelar todo o vestido como uma, ela simplesmente mandou a costureira costurar pérolas requintadas por toda a saia, modelando trilhas de trepadeiras espinhosas e flores desabrochando.

— Vocês duas parecem requintadas. — Eu digo.

— Obrigada. — Diz Hestia. — Você notou meu xale?

Eu dedico um tempo para examinar a seda rosa sobre seus ombros. — Oh, você costurou você mesma, não foi?

É uma tarefa simples, costurar as pontas para dar uma vantagem suave ao acessório, mas eu sei o quão terrível Hestia era quando ela começou a aprender a costurar, incapaz de manter os pontos retos. E mesmo o xale não sendo perfeito, como posso ver um fio solto pendurado em uma extremidade, a maioria dos pontos é fantástica.

— Parece incrível. — Digo a ela.

— Eu tive uma boa professora. — Diz ela em troca.

— A decoração ficou ainda melhor do que você descreveu. — Oferece Rhoda. — E você envergonha todo mundo com seu vestido. Como você consegue parecer uma flor sem parecer ridícula?

— Passei muito tempo nisso. — Admito. Quando não estava com Kallias, estava costurando.

— Algo está faltando. — Observo enquanto examino Rhoda. — Ah, eu te disse para trazer Galen! Onde ele está?

Rhoda passa uma mecha preta por cima do ombro, discretamente apontando a cabeça em direção a um ponto contra a parede.

Eu preciso de três tentativas antes de encontrá-lo. Eu estava procurando por um criado, vestido com algodão simples e cores monótonas. Eu não estava preparada para um homem arrojado de brocado roxo-rosa. Ele até arrumou o cabelo, de alguma forma tirando as pontas do rosto. Apesar do traje melhorado, o homem parece terrivelmente desconfortável com a maneira como suas mãos se agitam ao lado do corpo e com o olhar que ele dá aos guardas próximos, como se esperasse ser expulso.

— O que ele está fazendo lá? — Eu pergunto.

Rhoda suspira. — Ele está esperando, bem, por mim.

— Mas você não disse a ele que ele seria seu acompanhante?

— Eu disse, mas acho que ele me entendeu mal. Ele só aceitou a roupa que eu tinha feito para ele, porque ele sabia que não poderia me *servir* esta noite se ele não estivesse vestido para a ocasião.

— Oh, Rhoda, você deve esclarecer as coisas para ele.

— Foi o que eu disse a ela. — Diz Hestia.

— Eu tentei. — Diz Rhoda. — Eu disse a ele para andar comigo e estar ao meu lado, mas ele insistiu que podia ver se eu precisava de algo nos cantos da sala.

Balanço a cabeça. — Pare de ser tão tímida com ele. Às vezes, os homens precisam de uma pequena ajuda. Faça algo que ele não pode confundir como tarefa de um servo.

— Como o quê?

— Convide-o para dançar com você.

Seus olhos se voltam para baixo e ela mexe com os próprios dedos.

— Qual é o problema? — Hestia pergunta.

— E se ele me disser não? — Rhoda diz. — E se ele estiver tentando me dizer que não está interessado por entender intencionalmente minhas intenções? E se eu o estiver assediando? Ou pior, e se ele se sentir *obrigado* a respeitar meus desejos quando eu esclarecer as coisas, só porque eu sou sua empregadora?

— Oh, Rhoda. — Diz Hestia. — Toda essa incerteza e medo? Vem com estar apaixonada. Mas quando você passa por isso, tudo é maravilhoso! Claro que Galen se importa com você. Ele está ao seu lado há *anos*. Nenhum servo é obrigado a se tornar seu amigo e confidente, mas Galen sempre foi tudo isso

para você. Ele te ama. É óbvio para todos. Agora vá e pegue seu homem.

Rhoda se prepara antes de marchar na direção de Galen.

Eu me viro para Hestia. — Conselho muito sábio.

— Eu só aprendi isso há pouco tempo.

Faço uma pausa. — Como... como você supera esse medo? Como vale o que pode vir depois? O desgosto?

Ela considera minhas perguntas antes de responder: — Eu acho que quando você se importa o suficiente com alguém, você chega a um ponto em que é muito mais doloroso não tê-lo de qualquer forma do que tê-lo e arriscar perdê-lo. Você percebe que o risco vale a pena. Porque a felicidade, embora curta, sempre vale a pena.

Nós dois assistimos Rhoda chegar a Galen. Ela diz algo para ele, e ele assente. Ela diz algo mais, e ele olha para ela, com a cabeça curvada em curiosidade. Então ela joga a cabeça para trás, agarra o braço dele e o arrasta para a pista de dança.

É estranho assistir no começo. Rhoda lidera, porque Galen não aprendeu as danças. Não como um plebeu. Mas depois de um momento, seus braços a seguram com mais firmeza, seus pés encontram os passos, e ele só tem olhos para a deslumbrante mulher à sua frente. Ele tem a aparência de um homem que acaba de receber o mundo.

— Agora, isso não vale a pena? — Hestia diz.

— Onde está seu Lorde Paulos esta noite? — Eu pergunto, mudando de assunto.

— Ah, ele disse que chegaria um pouco atrasado. Alguns negócios que ele teve que cuidar.

— Os homens estão sempre atendendo aos negócios.

— Mas o rei não. Ele não está apenas sentado no trono? Por que você não foi até ele?

— Ele não veio até mim.

— Ele sabe que você está no comando dessa festa. Talvez ele tenha medo de atrapalhar.

— A festa já está toda planejada. Estou simplesmente aproveitando agora. Ele deveria estar aproveitando comigo. Mas ele nem sequer olha para mim agora.

Hestia contrai os lábios. — Às vezes eu gostaria que pudéssemos saber exatamente que pensamentos ridículos estão passando pela cabeça deles.

— De fato.

CAPÍTULO
26

Hestia sai do meu lado quando Lorde Paulos chega pouco tempo depois. Ela se oferece para ficar comigo e conversar, mas eu a afasto.

Só porque meu homem está me ignorando, não acho que ela deva ignorar o dela.

— Você está linda esta noite, Lady Stathos. — Vem uma voz nas minhas costas.

Lady Zervas não se incomodou em corresponder ao meu tema.

Suponho que seria mais estranho se ela o fizesse. Duvido que haja alguém no mundo que tenha mais má vontade em relação à falecida rainha do que a outra mulher que competiu pelo coração do rei. A mulher que perdeu.

— Você não está fantasiada. — Eu respondo, pegando seu vestido simples de cor esmeralda que não traz nenhum ornamento adicional.

— Eu uso verde, não é? O que é mais 'jardim' do que isso?

Não tenho nada a dizer em resposta.

— Fiquei surpresa ao receber seu convite. — Diz ela. — Eu não acho que você gostou particularmente da nossa última conversa.

— Eu não gostei, mas quem poderia aproveitar melhor um baile do que solteirões velhos e irritadiços?

Ela ri da piada – uma resposta que eu não esperava. — Eu gosto de você. — Ela diz. — Eu acho que você será uma boa rainha. Só pensei em lhe dizer como se proteger quando nos falamos pela última vez.

— É tarde demais para isso. — Eu digo, mais para mim do que para ela.

Ela assente, como se entendesse o que quero dizer completamente, antes de seguir andando.

★ ★ ★

O BAILE ESTÁ EM pleno andamento, e minhas amigas não poderiam estar mais felizes. Hestia e Lorde Paulos compartilham uma dança. Rhoda e Galen estão em um canto, conversando e trocando pequenos toques. Alguns olhares julgadores os observam, mas Rhoda está cega para eles. Eu tenho uma coisa ou duas a dizer se alguém tentar interromper a felicidade da minha amiga.

Petros tem um novo senhor nos braços e os dois são os dançarinos mais elegantes da sala, estou convencida. Nesse meio tempo, Rhouben está olhando uma mulher por cima da borda da sua taça de vinho. Até Leandros encontrou uma parceira de dança, uma garota bonita de lavanda.

Os guardas são sentinelas silenciosos nas bordas da sala.

Todas as armas foram verificadas nas entradas.

E Kallias...

Kallias ainda está em seu trono, me observando. Não participando, mas presente. Como ele sempre deve viver sua vida.

Eu suspiro e me viro. Suponho que isso esteja prestes a se tornar minha vida em tempo integral. Posso muito bem me acostumar com isso. Mas isso não significa que não posso aproveitar meu próprio baile. Rhouben ainda não reuniu a coragem de convidar a dama para dançar, então na próxima pausa entre as músicas, eu começo a caminhar até ele.

Uma mão gentil desce sobre meu ombro e eu me viro.

— Dance comigo.

Kallias me puxa em seus braços antes que eu possa responder, me segurando ali mesmo para o mundo inteiro ver. A música começa e ele nos leva a tempo para o suave zumbido dos violinos. Ele deixa suas sombras rodopiarem em seu rosto, para que qualquer espectador saiba que ele ainda está no controle total de seus poderes. Mas seus braços são tangíveis para a nossa dança, para que ele possa me girar, me levantar, me agarrar contra ele. Suas mãos enluvadas se movem sobre minhas costas e braços enquanto ele me conduz pelos degraus.

Não estou preparada para a repentina sensação de estar pegando fogo. Em todos os lugares que suas luvas tocam provocam queimaduras. Eu mal consigo sentir meus pés – eu até tropeço uma vez – estou tão consciente de onde seu

corpo toca o meu.

Maldito seja.

— O que você está fazendo? — Eu finalmente consigo soltar. — Você não pode me ignorar a noite toda, apenas para dançar comigo agora!

Ele se inclina para frente. — Você é tão bonita que dói.

— Que tipo de resposta é essa?

— Eu mantive minha distância para me impedir de fazer algo estúpido. Algo assim. — Ele me puxa para tão perto que é indecente quando passamos pelos próximos passos.

Eu não consigo mais ouvir a música. Tudo o que ouço são os frenéticos batimentos cardíacos de Kallias, seu hálito quente contra o meu cabelo.

Quando ouso olhar nos olhos dele, percebo que é a coisa errada a fazer.

Estou queimando. Meu núcleo arde em chamas. Seu olhar parece faminto, ardente, *desejoso.* O olhar de um homem que não tem contato humano há um ano.

Kallias disse isso ele mesmo. Ninguém desistiria do poder das sombras, a não ser pelo amor mais profundo e que mais consumia.

Não que eu *queira* que ele me ame.

Ele me conheceu há dois meses.

E eu costumava querer matá-lo.

Mas agora tudo está diferente e quero muito mais. Ao mesmo tempo, tenho pavor de ter mais e ser tão feliz que ele não possa me tocar, que ele nunca vai me machucar, porque nunca poderemos chegar tão perto.

A música chega ao fim, mas Kallias mantém uma das minhas mãos na dele. — Venha comigo. — Diz ele.

Ele nos leva até o estrado onde está o trono.

Não.

Agora existem dois tronos. Quando o segundo foi trazido?

Oh, deuses. Está acontecendo agora.

Por algum sinal de Kallias, o início de outra música foi interrompido. Meus convidados ficam em silêncio, e todos os olhos estão no rei.

Ele me senta no segundo trono, antes de cair de joelhos diante de mim e segurar um anel entre dois dedos.

Brilha na luz. Não percebo nenhum detalhe, porque meu olhar está fixo no de Kallias. Pequenos suspiros e exclamações soam pelo salão.

— Alessandra. — O rei diz com uma voz que só eu posso ouvir.

— Você me fez feliz de novo. Você me deu esperança e se tornou uma

confidente inestimável e a maior das amizades. U-uma mulher que eu poderia amar.

Amar.

Poderia amar. Se ele se permitisse. O que ele não vai.

Então ele levanta a voz para a sala inteira ouvir. — Lady Alessandra Stathos, você será minha rainha? Minha igual em todas as coisas? Uma protetora e governante de Naxos e os reinos conquistados? Você quer se casar comigo?

— Sim.

Uma vibração emocionante sobe da multidão, e eu me delicio com isso. Na atenção. Na proposta de casamento do homem mais poderoso do mundo. Para alcançar meu maior objetivo.

Ele é meu.

Mas então surge um golpe de medo, quando me lembro que alguém quer matar meu rei. E se pegarmos *esse* assassino, Kallias ainda será um alvo durante toda a sua vida. Ele poderia ser tirado de mim a qualquer momento.

Kallias é ignorante aos meus pensamentos quando ele desliza o anel no meu dedo, um aro de prata com um diamante preto na forma de uma rosa.

— Um brinde! — Lorde Vasco diz de algum lugar próximo. Eu odeio que ele tenha que fazer parte desse momento.

Taças de vinho são passadas para todos os foliões em apenas alguns minutos. Mas esses minutos parecem durar uma eternidade, e o anúncio afunda no meu peito. Há tantas pessoas na sala. Um assassino poderia se infiltrar facilmente.

Ele está seguro, eu me lembro. Proibimos a entrada de armas na sala. Todos os convidados foram cuidadosamente revistados, para sua própria irritação. Ninguém pode passar os guardas que cercam o estrado.

Os membros do conselho estão abaixo de nós. Empregadas domésticas espalhadas por toda a sala para encher taças até a borda. Kallias agradece à mulher que derrama líquido vermelho escuro em seu copo.

— Para o rei e futura rainha! — Lorde Ikaros Vasco diz, e a multidão repete com entusiasmo as palavras.

É quando eu a vejo. Escondida no meio da multidão, carregando uma carga de louça suja da mesa de bebidas.

É a garotinha do clube de cavalheiros.

Do lugar onde Kallias foi tocado. E agora, noto com horror, as sombras que estavam sobre sua cabeça se foram completamente.

Ele não percebeu ou não as está usando.

— Kallias, não! — Eu grito. Eu golpeio a taça que é levada aos lábios dele.

Mas é muito tarde. Ele já bebeu.

Ele imediatamente cai no chão e começa a convulsionar.

Espumas líquidas em sua boca, e ele fecha os olhos.

Gritos sobem, e o conselho tenta apressar-se para palco.

— Não! — Eu grito. — Todo mundo fica para trás.

Os guardas se aproximam, impedindo qualquer um de se juntar ao rei e a mim no estrado. Eu tento pensar. Eu preciso impedir as pessoas de tocá-lo. Ainda não sabemos quem é o assassino e...

Só que na verdade, nós sabemos.

Foi Vasco quem propôs o brinde e encheu as taças de todos.

Sabíamos que um dos membros do conselho de Kallias tinha que participar.

Estou dividida. Tenho que tirar a garotinha daqui, mas não quero sair do lado do rei.

E então Leandros, Petros e Rhouben estão tentando passar pelos guardas.

— Deixe-os passar. — Eu ordeno.

Os guardas se separam apenas o suficiente para deixar os três homens passarem.

— O que fazemos? — Leandros pergunta. — Ele precisa de um médico.

— Não deixem ninguém tocá-lo! — Eu grito. — Ninguém. Fiquem aqui com ele!

Eu pulo do palco e tiro minhas botas de salto antes de correr para aquela garotinha. Quando estou em cima dela, eu a levanto em meus braços e corro para a saída.

Ela deixa cair a louça suja e me agarra pela vida querida, temendo que eu a deixe cair. Ela faz pequenos protestos, mas eu a ignoro.

Corra, corra, corra.

Quão longe é o suficiente? O que Kallias disse? Cinquenta jardas?

Nós passamos pelas cozinhas, contornamos os funcionários sobrecarregados da cozinha e passamos pelas portas dos fundos.

Meus pés pisam em seixos ásperos e outros resíduos nas ruas, cortando minha pele, mas eu não deixo isso me parar.

Eu tenho que afastá-la de Kallias. Não estou contando meus passos. Estou muito frenética. Não tenho ideia para onde estou indo, mas não paro até estar exausta, o que, reconhecidamente, não está tão longe.

Não é sempre que tenho que me esforçar.

Caímos no chão, e só então percebo que a garota está chorando, suas pequenas mãos segurando meu pescoço.

— Eu não queria estar lá. — Ela está dizendo. — Eles me mandaram. Eu não sabia o porquê, mas sabia que algo estava errado. Primeiro eles me fizeram tocá-lo e depois... e depois...

Ela explode em mais lágrimas, seu ar estridente torna impossível ouvir qualquer outra coisa que ela diz.

Não quero ouvi-la chorando. Eu quero ir ver se Kallias está bem.

Mas não posso deixá-la fugir. Ela deve saber ou ser capaz de apontar quem está por trás de tudo.

— Quem são *eles*? — Eu pergunto. — Quem disse para você estar aqui hoje à noite? Quem fez você tocá-lo?

Ela não consegue expressar nenhuma palavra. Ela ainda está tão abalada pela maneira como a arrastei para longe da festa e pela visão do homem moribundo que ela agora deve saber que é parcialmente culpa dela.

Eu quero sacudi-la, fazê-la ouvir. Mas eu sei que isso não vai ajudar. E eu sei que não é realmente culpa dela. Ela tem sido usada por pessoas mais velhas e muito mais poderosas que ela. Eu só quero que ela diga que Vasco está por trás disso e termine tudo.

— Alessandra? — É Leandros.

— Por aqui. — Eu me preocupo em realmente olhar em volta para onde *aqui* é. Estamos em uma espécie de lacuna entre os estábulos e um pequeno escoamento da montanha.

Quando Leandros aparece, pergunto: — Como ele está?

— Ele está bem, mas ele está chamando por você.

Olho para a garota. — Eu não posso deixá-la.

— Eu vou ficar com ela. Ela estará aqui quando você voltar.

Eu a entrego, e a garotinha se deixa segurar por um novo estranho, embora com certa relutância. — Está tudo bem. — Digo a ela. — Ele é um bom homem.

Com essas palavras, ela deixa o rosto cair no peito dele e volta a soluçar.

E então eu decolo novamente. Desta vez, eu realmente sinto as pontadas de dor que atravessam meus pés a cada passo. O cenário é um borrão ao meu redor quando eu corro de volta pelas cozinhas e para a sala de baile, uma bela faixa marrom cobrindo o fundo do meu vestido que já foi amarelo.

Kallias está de pé, de costas para uma parede, sem sombras à vista, mas espero que seja uma coisa boa, não ruim. Seu conselho está tentando ordenar os guardas, escoltando os convidados da festa.

— Você está bem? — Eu pergunto.

Ao me ver, Kallias me agarra e me puxa para ele. — Estou bem. Olhe para

você! Você está machucada? Onde você foi?

Com o mínimo de palavras possível, explico sobre a garotinha e como a apressei para sair do salão. Eu digo a ele que Leandros está com ela agora.

— Graças a Deus por Leandros e esse lote. — Ele aponta para Petros e Rhouben, que estão de cada lado dele. — Meus conselheiros continuaram tentando se aproximar de mim. Vasco já foi levado para apodrecer nas celas até que eu esteja pronto para falar com ele. O melhor amigo do meu pai...

Eu tinha esquecido o que isso significa para ele. Não se trata apenas de pegar a pessoa que está tentando matá-lo. É sobre obter justiça para seus pais mortos.

— Havia mais de um. — Eu digo. — Eu não consegui tirar muito proveito da garota que estava servindo, mas ela disse claramente que havia mais de uma pessoa envolvida nessa trama. Vou voltar e interrogá-la assim que terminarmos aqui.

— Alguém mais pode fazer isso. — Diz Kallias enquanto seus braços se apertam em volta de mim.

— Não pode ser você. Você deve ficar longe dela. Precisamos descobrir o que fazer com ela. Mas depois. Por enquanto, precisamos saber o que ela sabe, e há poucas pessoas em quem confiar. Onde estão suas sombras? — Eu acrescento no final.

— Uma vez que me curei do veneno, eu queria acertar as coisas. O rosto de Vasco, em particular.

Eu resisto a um rolar de olhos. — Você deveria subir as escadas. Descansar desta provação. Vou me juntar a você assim que tiver mais informações.

Kallias suspira. Então ele olha para os homens que o rodeiam.

— Vão com ela. Ajudem-a com qualquer coisa que ela precisar.

De alguma forma, meu coração esquenta com a ausência dele dizendo para me protegerem. Ele sabe que eu posso me proteger.

Ele nem precisa mencionar isso.

Sento-me no estrado e apressadamente escovo meus pés antes de calçar minhas botas mais uma vez. Agora que a pressa não é necessária, posso me dar ao luxo de usá-las. Então nós três voltamos para onde deixei Leandros e a garota, que parece ter finalmente se acalmado.

Eu me ajoelho na altura dela. — Qual o seu nome?

— Drea. — Diz ela depois de uma fungada. — Por favor, eu não sabia que ele era o rei até hoje. Eu nunca o vi antes.

— Está tudo bem, Drea. — Diz Leandros, passando a mão pelos cabelos. — Diga a eles o que você acabou de me dizer.

— Havia dois deles. — Diz ela. — Aquele homem, quem anunciou o brinde ao rei e à rainha. E a dama.

— Qual? — Eu pergunto. *Há uma mulher envolvida?*

— Aquela que está sempre vestindo preto. Mas hoje à noite ela está de verde.

CAPÍTULO
27

Eu sinto minhas sobrancelhas dispararem até meu cabelo. Lady Zervas.

Claro. O veneno é a arma de uma mulher. Ela odiava o pai de Kallias por não a ter escolhido. É claro que ela mataria ele e a esposa. E Kallias. Ela tentou me avisar para ficar longe dele porque ele não demoraria muito neste mundo. Seu ódio deve ser tão profundo que ela gostaria de matar os filhos da união romântica que deveria ter sido dela.

Leandros abaixa a cabeça. — Meu tio. Sinto muito, Alessandra.

Eu não fazia ideia.

— Eu sei. — Eu digo. — Está tudo bem. Já o prendemos, mas preciso alertar os guardas pela traição de Lady Zervas também.

— Não há necessidade. Eu vou fazer isso. Você... você vai cuidar dele e dizer que sinto muito?

Coloco a mão no ombro dele. — Você não tem nada para se desculpar.

— Eu deveria ter notado algo, certamente. Eu poderia ter...

— Pare com isso. Não há nada a fazer senão deixar para lá. Você ajudou Kallias hoje. E vocês também. — Acrescento, virando-me para onde Petros e Rhouben estão vigiando. — Vou garantir que o rei se lembre disso. Está na hora dele parar de afastar seus amigos.

Especialmente com os assassinos de seus pais finalmente capturados.

★ ★ ★

EU COLOCO A GAROTA em um quarto no lado do castelo oposto aos quartos de Kallias, dando-a para um dos funcionários da cozinha para mantê-la segura. É claro que terei que fazer arranjos mais permanentes mais tarde, mas por enquanto estou totalmente exausta.

Lady Zervas e Lorde Vasco estão em celas separadas da masmorra. Eu finalmente consegui afastar os nobres e suas perguntas e parabenizações.

Quem estava por trás disso?

Minha bebida também foi envenenada? Acho melhor ver um médico.

Vamos ver o anel, Lady Stathos!

Vocês dois são uma combinação inteligente. É claro que minha Clarissa também teria sido uma boa escolha para o rei.

Fechei a porta dos meus aposentos e me encostei nela por um momento, esfregando as têmporas.

Gerenciar pessoas pode ser cansativo, mas ainda não há nada mais gratificante do que assistir as pessoas fazerem exatamente o que eu digo.

— Você parece como me sinto. — Diz Kallias do meu quarto. Ele está sentado na minha cama, um pé cruzado sobre o outro.

— Eu tive que aliviar as preocupações dos nobres.

— Você já é uma boa rainha.

Eu tiro minhas botas, estremecendo quando meus pés rasgados atingem o chão. Andando sobre os calcanhares, chego a uma cadeira almofadada e desmaio.

— Você está machucada.

— Nada que uma longa imersão em água quente não conserte.

— Vou preparar um banho para você. — Kallias se move metodicamente para o meu banheiro. Eu o ouço mexendo nas torneiras e nos sabonetes antes que o som da água aquecida enchendo uma banheira possa ser ouvido.

Ele se aproxima de mim com os pés descalços, me pegando nos braços e me carregando até a banheira.

— Era Zervas. — Digo a ele quando ele não pergunta. — Ela estava trabalhando com Vasco. A garota do clube confirmou sua traição e a nomeou também. Temos os dois nas masmorras.

Quando Kallias nos leva para o banheiro, ele tem o cuidado de me posicionar para que minha bunda possa encostar na beira da banheira, minhas costas contra ele e meus pés balançando na água.

Estremeço uma vez que os cortes nos meus pés fazem contato. A barra do meu vestido agora sujo absorve a água, mas eu não me importo. Já está

arruinado.

É tão bom mexer os dedos dos pés na água morna, e as mãos de Kallias começam a massagear os nós dos meus ombros.

Estou um pouco preocupada com o silêncio dele com a minha revelação, mas dou a ele o tempo que ele precisa para processar tudo. Eu não digo nada. Apenas deixo que ele se concentre em mim, se é disso que ele precisa agora.

— Estou aliviado por ter acabado. — Diz ele finalmente. — Eu realmente estou. Mas também terminei com isso.

Engulo, e tenho certeza que Kallias deve sentir a repentina tensão em mim. — Com o quê?

Não sei o que farei se ele disser que é sobre mim.

Suas mãos estão no meu cabelo agora, deixando os fios peneirarem entre seus dedos. — A noite inteira, eu assisti você de longe, exceto no final, quando eu não aguentava mais. E agora? Fiquei escondido de uma garotinha por medo de que alguém pudesse me tocar. — Ele balança a cabeça. — Não importa quais precauções eu tomo. Eu poderia me trancar em uma caixa de concreto para que nada pudesse me machucar, mas isso não é uma maneira de viver.

— Ser rei é correr riscos. Estou disposto a aceitá-los. No final, vale a pena. — Ele olha para mim agora. — Você vale a pena, Alessandra. Estou farto de viver separadamente de todos os outros. Os assassinos de meus pais finalmente serão levados à justiça. Mas mesmo que não fossem, eu ainda faria essa escolha.

— Que escolha?

Sua mão desce para o lado do meu rosto e ele me vira, inclinando minha boca para cima.

Eu respiro assustada, e Kallias usa esse movimento para colocar seus lábios em volta do meu lábio inferior. Ele lambe levemente a minha pele enquanto ele gentilmente se afasta.

Esquecendo meus pés machucados, levanto e o empurro com tanta força que quase caio na banheira quase cheia.

Aproveito o tempo para desligar a água antes de sair do outro lado, mantendo a banheira entre nós.

Mas já é tarde demais.

— O que você fez? — Eu grito.

— Eu te beijei. — Ele responde simplesmente.

— Você me *tocou.*

Ele está em linha reta, sem medo dessa luta, ao que parece. — Você não estava me ouvindo? Eu estou cansado disso! Eu não sou meu pai. Não vou

passar minha vida sozinho para chegar a cem anos. Trezentos. Um milênio. Não me importo mais com uma vida longa. Não suporto ficar sozinho por mais um segundo. Não suporto ficar longe de você por mais um segundo. — Seu rosto cai quando algo lhe ocorre. — Mas se você não se sente da mesma maneira, me desculpe por ter te abordado.

Piscinas de água estão escorrendo do meu vestido no chão ao meu redor, mas eu ignoro. — Da mesma maneira. — Repito. — Como? Como você está se sentindo?

Kallias enfia a mão no bolso da calça e puxa um pergaminho dobrado. — Eu escrevi no papel. — Ele abre, olha as palavras e balança a cabeça. — Não consigo ler em voz alta. É para você ler. Mais tarde. Realmente, eu só queria provar que poderia escrever melhor do que Eliades. Mas vou deixar aqui e partir.

Ele se vira e coloca a carta na mesa de cabeceira antes de ir em direção ao seu quarto.

— Kallias Maheras, não se atreva a me deixar agora.

Ele faz uma pausa e consegue encontrar meus olhos.

— Diga-me. — Eu digo. — Você não precisa ler uma carta.

Apenas me diga.

Ele fecha as mãos em punhos ao seu lado. — Eu quero você.

Espero ele dizer mais. Quando ele não diz, eu acrescento: — Certamente você pode fazer melhor que isso.

Ele estreita os olhos com o desafio. — Eu não quero mais assistir você flertar com outros homens. Eu estou cansado disso. Não quero que você beije ou toque ninguém além de mim.

Eu mantenho uma cara séria enquanto esfrego uma mão no meu outro braço. — Isso é muito egoísta da sua parte.

— Você fique quieta agora. Eu não terminei de falar. Você queria que eu dissesse isso. Então eu vou dizer tudo. Sendo egoísta ou não.

— Quando te vi pela primeira vez, fiquei furioso porquê você nunca me olhava. Nem uma vez durante aquela baile insano. Não foi até eu me aproximar de você que você se dignou a encontrar meus olhos. E então você me insultou. Você zombou de mim todas as chances que teve. Você não se curvou e rolou como qualquer outro ser humano vivo. Você me desafiou.

— Isso foi quando eu soube que estava condenado. — Ele dá um passo à frente. — E então passamos todas aquelas refeições juntos, separados por uma mesa maldita. E você me contou sobre seus sonhos. Sobre seus medos. E não queria nada além de conceder seus sonhos e remover seus medos.

Ele dá outro passo. — Você pediu para passar mais tempo comigo. Foi a única coisa que pensei que não poderia dar. Porque se eu passasse mais tempo com você, eu me apaixonaria ainda mais. Essa garota que não se importava que eu fosse rei. Mas então você passou aquela noite com Leandros, e eu percebi que uma coisa pior do que não ter você era não ter você e ver você com outra pessoa. Então eu me torturei passando mais tempo com você.

— E você me deixou falar sobre minha mãe. Você me ajudou a desafiar o conselho. Você acabou com quase todos os problemas no meu reino. Você não era apenas perfeita para mim, você era perfeita para Naxos. Então eu sabia que casar com você era o que eu tinha que fazer. Para o bem do reino. Mesmo que isso significasse que eu seria miserável todos os dias tendo você por perto e não *tendo você.*

— Mas a tortura mais extraordinária de todas foi a noite no clube dos cavalheiros, quando eu pude sentir suas reações comigo tocando em você. Eu não sabia se era porque era *eu* tocando em você ou se era só porque você não tinha sido tocada há algum tempo, como você tinha mencionado antes.

— Quero uma vida com você, Alessandra, uma sem as sombras entre nós. E eu não me importo em ser vulnerável. É para isso que servem meus guardas. Vou pegar um testador de veneno. Vou viver como outros reis. Não preciso de um dom antigo dos séculos que é realmente apenas uma maldição.

— E mesmo que você não me queira de volta, ainda vou remover a lei sobre as pessoas que me tocarem. Eu não quero mais isso. Estou cansado de viver uma vida sombria.

A essa altura, os joelhos de Kallias estão do outro lado da banheira, ele está tão perto. Não consigo me mexer. Estou apavorada e desesperada para acreditar nele. Deixá-lo ser o que ele quer ser.

Casar com ele de verdade.

Porque havia Hektor.

Mas...

Kallias sabe que eu matei Hektor. Ele conhece todos os meus segredos e não se importa. Ele me quer, apesar deles. Por causa deles, até.

— Por favor, diga alguma coisa. — Diz ele.

— Você tomou essa decisão antes do ataque hoje à noite?

Ele concorda.

— Você me queria... desde o começo?

Outro aceno.

E percebo que se eu disser que não, ficarei exatamente como ele era. Sozinha

porque estou com medo de ser vulnerável. Mas posso superar isso, como ele está fazendo agora, e posso ter tudo.

O poder.

O reino.

O homem.

— Venha aqui. — Eu digo, porque meus pés ainda doem um pouco, e eu também não sei se posso me mover com a maneira como ele está olhando para mim.

Kallias mantém os olhos nos meus enquanto tira as luvas e as deixa cair no chão.

Eu engulo.

Entre um piscar de olhos e o próximo, ele está diante de mim.

Ele levanta uma mão e segura minha bochecha. Eu me inclino nesse toque. O que eu desejo há tanto tempo.

Então Kallias me levanta, me segura com um braço nas costas e o outro embaixo dos joelhos. Meus braços vão para o pescoço dele, e eu encosto meu rosto no seu.

— Eu queria fazer isso desde a primeira vez que te vi. — Digo antes de nossos lábios se tocarem.

E então eu estou em chamas.

Não há suavidade ou paciência para este beijo. Para Kallias, é aquele pelo qual ele esperou o ano inteiro. E para mim, sinto como se tivesse esperado a vida toda.

Ele tropeça levemente enquanto tenta contornar a banheira sem interromper o beijo, e eu rio contra seus lábios antes que ele me silencie com a boca.

Não sei como ele consegue não me deixar cair. Mas ele chega até a minha cama. O tempo todo dando a máxima atenção aos meus lábios.

Estou deitada de costas enquanto ele se mantém em cima de mim, sua boca se movendo para investigar a inclinação do meu pescoço.

— Prometa-me… — Eu começo, e então perco minha linha de pensamento quando ele encontra um ponto na base da minha garganta e passa os dentes por ela.

Eu coloquei minhas mãos em seus ombros, afastando-o por um momento, apenas para que eu pudesse recuperar meus pensamentos. — Prometa que não vai me mandar embora, porque sou eu quem o torna mortal. Prometa que não mudará de ideia mais tarde e decidirá que não sou suficiente pelo preço da mortalidade.

Sua respiração é irregular, mas ele consegue se concentrar. — Eu prometo, Alessandra. Você não vai a lugar nenhum. Você é minha.

Ele se ajoelha e começa a desabotoar sua camisa.

Eu sigo seus dedos com meus olhos, observando cada centímetro de sua linda pele ser revelada.

Eu não gosto de estar em desigualdade, então me sento também. Ele tira a camisa do peito e a joga no chão, e eu entendo.

Coloco a palma da minha mão contra o peito dele, e ele fecha os olhos. Ele não é tocado há tanto tempo. E o que ele quer agora – o que ele precisa – é ser tocado.

Minhas mãos fazem uma busca minuciosa no peito dele, e depois as substituo pelos lábios, sentindo todos os músculos, todas as inclinações, todas as superfícies lisas e ásperas.

Eu o deito, subo em cima dele, deixo que ele sinta o peso do meu corpo. Meu cabelo desliza contra suas bochechas quando beijo a barba por fazer em seu queixo, e então passo para o pescoço dele, até sua orelha, agarro o lóbulo entre meus dentes e língua.

E então, como se ele não aguentasse mais, ele nos rola, efetivamente me deslizando por baixo dele. Meu vestido levanta e uma das coxas dele fica entre as minhas, se movendo para cima...

E então eu estou ofegante, mas ele cobre o som com a boca.

Não consigo pensar. Eu não consigo respirar. Eu não posso...

Kallias retarda o beijo. Desenha cada conexão de nossos lábios quase preguiçosamente, como se ele tivesse todo o tempo do mundo.

Meus sentidos retornam, e eu apenas aprecio a sensação dele, o calor dele, a maneira como seus lábios inteligentes se movem através dos meus.

O Rei das Sombras é o homem mais paciente do mundo. Ele me beija por horas. Ele brinca comigo, acelerando os beijos por um tempo e depois diminuindo a velocidade, como se para ver o quão perto ele pode se aproximar do limite do controle antes de se acalmar.

Ele nunca tira as calças. Ele nunca tira o meu vestido. Ele nem deixa suas mãos se desviarem para lugares divertidos.

E eu estou tão aterrorizada que ele mude de ideia. Que ele vai me mandar embora. Que ele vai decidir que não me quer mais – como Hektor – que eu não tento apressar nada. Por mais que eu o queira, deixo que ele controle o ritmo e a velocidade com que vamos.

Só por essa noite. Quando as coisas são novas e aterradoras.

Talvez seja disso que ele precisa. Para voltar a se lembrar de como é *sentir*.

★ ★ ★

QUANDO EU ACORDO, eu tento agarrar-me a restos de um sonho delicioso. Havia eu e Kallias e...

Mas quando meus olhos se abrem, eu o encontro na cama ao meu lado, um braço sem luvas e sem camisa pendurado na minha cintura.

Não é um sonho.

Uma bela realidade.

Meu Rei das Sombras.

Seus olhos se abrem e ele apenas olha para mim, como se estivesse assustado. Mas então ele se recompõe. — Isso vai levar algum tempo para me acostumar.

— Acordando com outro rosto?

— Acordando com um rosto que não é de Demodocus. Por mais que eu o ame, prefiro o seu. — Sua mão serpenteia para frente para segurar meu rosto, e ele me atrai para um doce beijo.

Mais ou menos uma hora depois, ele me deixa para se vestir em seu próprio quarto, mas não se preocupa em fechar a porta que normalmente nos separa, para que possamos conversar.

— Estou mudando suas coisas para cá. — Diz ele.

— Mudando para onde? Seu quarto?

— Nosso quarto. Vamos derrubar essa parede. Fazer dele um quarto maior. Eu não ligo. Mas você está dormindo comigo. Não haverá bobagens de sua-cama-e-minha-cama. — Suas próximas palavras são abafadas, como se ele as dissesse enquanto puxava a camisa sobre a cabeça. — A menos que você realmente queira seu próprio quarto... — Parece que as palavras lhe custam muito.

Eu sorrio, sem responder imediatamente, porque isso o deixaria louco. Por fim, digo: — Não preciso do meu próprio quarto.

— Bom. Vou pedir à equipe para mudar suas coisas imediatamente. Vamos trazer alguns construtores aqui para derrubar a parede enquanto estivermos fora em nossa lua de mel.

— Estamos saindo para a nossa lua de mel?

Ele aparece na porta, sem se preocupar em perguntar se estou vestida. —

Uma *muito* longa.

Enquanto eu consigo passar meu vestido pela minha cabeça, eu não posso apertar os laços nas costas. — Você vai me ajudar, ou devo chamar uma empregada?

Ele não diz nada e, no instante seguinte, sinto seus dedos varrendo meu cabelo por cima do ombro. Ele trabalha nas cordas nas minhas costas, fazendo uma pausa a cada uma para adicionar um beijo na parte de trás do meu pescoço. Quando ele termina, pego minhas luvas, mas Kallias as tira dos meus dedos e as joga fora.

— Sem luvas. — E ele puxa meus dedos com os dele, encaixando-os juntos.

— De repente, você se tornou muito mais exigente.

— E eu acho que você ama isso. — Diz ele, me puxando para perto, passando o nariz pelo meu pescoço.

Ah, com certeza.

★ ★ ★

UM MONTÃO DE guardas nos acompanha para as masmorras.

Acho que levará algum tempo para ajustar a quantidade apropriada por todo o castelo, agora que Kallias estará vulnerável a ataques constantes, como qualquer homem normal.

Quando somos deixados entrar por uma porta grossa com uma abertura gradeada no topo, fico feliz por não usar um dos meus próprios desenhos aqui. O chão está positivamente imundo. Eu suspeito que nunca foi limpo.

Cada passo ecoa alto, e tochas acesas brilham de suas arandelas. Os fios elétricos nunca devem ter sido instalados aqui embaixo. Por que eles deveriam ser? Os criminosos não precisam da luz.

— Ikaros primeiro. — Diz Kallias, e um homem corpulento com um anel de chaves nos leva através de um labirinto de celas antes de parar diante de uma ocupada.

Lorde Vasco – apenas Vasco, agora que suponho que ele será destituído de seu título – fica de costas para as grades, de frente para um canto abandonado. O outro canto não tem nada senão um balde, e não quero pensar para quê é usado.

Também não havia encanamento nas masmorras.

— Eu só quero fazer uma pergunta. — Diz Kallias. — Por quê?

Vasco não se vira, não faz nenhum movimento para indicar que ouviu nossa

abordagem. Ele mantém a cabeça firme na curva, como se fosse a coisa mais interessante do mundo.

— Meu pai e minha mãe... — Kallias engole. — Eles te amavam. Você tinha o respeito deles. Por que você faria isso com eles?

Mais uma vez, sem resposta.

— Você queria o poder, é isso? Sem a linha de Maheras, você pensou que iria governar no lugar? Bem, você não teria. Eu tenho primos em terceiro grau. Eles assumiriam o trono antes de você. Então por que?

Quando Vasco não se move, Kallias grita. — POR QUE? — O som ricocheteia nas paredes e eu resisto ao desejo de cobrir meus ouvidos com as mãos. Eu só fico ao lado de Kallias, segurando sua mão em busca de apoio. É um problema pessoal para ele. Vou respeitá-lo, deixando-o lidar com isso da maneira que achar melhor.

Quando os ecos morrem completamente, Kallias tenta novamente. — Você achou que eu seria fácil de controlar? É isso? Você pensou que eu seria seu rei fantoche? E quando eu não fui, você pensou em se livrar de mim também?

Ainda assim, nenhum movimento.

Kallias se vira, me levando com ele de volta pelo corredor, mas ele diz por cima do ombro: — Você tem três dias para pensar sobre isso. Depois disso, recorremos a meios menos agradáveis de obter informações de você. — Para o guarda: — Leve-nos para Zervas agora.

— Seus pais não eram quem você pensava que eram. — Diz uma voz fria atrás de nós. Kallias para, mas não se vira.

— Você nunca deveria ser rei. — Continua Vasco. — Seu pai mereceu o que aconteceu.

O aperto de Kallias enforca meus dedos e envolvo minha mão livre em torno de seu braço.

— Para a cela de Lady Zervas. — Digo ao guarda. E deixamos Vasco atrás de nós.

Somos levados a outro corredor, e onde a cela de Vasco estava inicialmente tão silenciosa quanto uma tumba, a de Zervas soa com música.

Ela está cantando.

Não consigo entender as palavras com a maneira horrível que as celas ecoam, mas é provavelmente uma pequena canção cantada para ela quando criança.

Suponho que seja preciso passar o tempo de alguma maneira.

Uma vez que ela ouve nossos passos, ela silencia, nos observando quando

chegamos à vista.

Ela suspira dramaticamente. — Vocês estão aqui para me deixar sair?

— Não. — Diz Kallias.

— Bem, então, deixe-me saber quando você estiver aqui para me deixar sair. — E ela retoma a cantar.

O que diabos?

— Você está presa por *assassinato.* — Digo a ela. — Você deveria levar isso mais a sério.

Sua voz corta novamente. — Eu não sou a responsável pelas mortes do falecido rei e rainha. Eu nunca levantei uma mão para Kallias. Quando o verdadeiro assassino atacar novamente, eu serei libertada.

— Você combinou com a descrição perfeitamente.

— Uma descrição dada por quem? — Ela pergunta.

Nem Kallias nem eu ousamos dizer: *Uma garotinha*.

— Ou era de uma fonte altamente confiável ou de alguém que participava disso. Alguém que quer que você pense que sou eu, então assim você vai baixar a guarda. Honestamente, a pessoa por trás do ataque tem meu maior respeito. Eu sou um bode expiatório perfeito. Eu tenho os meios e o motivo. Mas enquanto eu queria que seu querido pai sofresse, não fui eu quem o matou. E não há razão para eu querer *te* matar.

— Se eu fosse você, teria muito cuidado. E honestamente, talvez você deva dar uma olhada mais de perto *nela.* — Leva um momento para perceber que ela está falando de mim. — Afinal, o amor é um excelente motivador para matar.

E então ela volta a cantar.

CAPÍTULO
28

Kallias e eu nos juntamos ao resto dos nobres para almoçar no grande salão. Precisamos ser uma frente forte e unida para todos os cortesãos verem. Kallias não se intimida com o ataque à sua vida. Ele é tão forte como sempre. E todo mundo está aqui para testemunhar.

Exceto Vasco, Zervas e Orrin, é claro.

Inclino-me para a frente no meu assento. — Rhoda, onde está Galen? Por que ele não está se juntando a nós?

Rhoda vira a cabeça para encarar o homem encostado na parede com os outros criados. Ela gira de volta, um olhar desamparado no rosto. — Ele não quis vir. Disse que colocaria muita pressão e atenção em mim. Você acredita nisso? Ele está preocupado comigo!

Kallias ergue os olhos da refeição. — Você está perseguindo seu servo? Romanticamente?

Rhoda encontra o olhar de Kallias sem vergonha. — Eu estou. — Ela leva uma mordida a boca.

Kallias assente. — Ajudaria se eu o fizesse senhor? Desse-lhe um pouco de terra e um título?

Rhoda engasga.

— Eu acho que sim. — Eu digo.

Rhoda toma um gole profundo de sua taça. — Vossa Majestade, eu nunca poderia pedir uma coisa dessas!

— Se isso faria Alessandra feliz, então já está feito. — Kallias coloca o

garfo na mão esquerda. A mão direita dele está embaixo da mesa.

Na minha perna.

Eu tento manter meu rosto neutro com o peso repentino.

— Oh, senhor, obrigada! Mas tenho terra em abundância para nós dois. Ele não precisa disso. Mas um título! Ele ficaria bastante honrado em aceitar.

— Então eu vou oficializar tudo e mandar meus homens elaborarem todos os detalhes. Vamos oferecer a ele em público para ajudar a acabar com a suspeita sobre vocês dois.

Rhoda sai da mesa abruptamente e corre para Galen. Ela o pega pela mão antes de levá-lo para fora da sala.

Enquanto isso, a mão de Kallias desliza para dentro da minha coxa. Eu não sei como ele administra isso enquanto também leva comida aos lábios. Eu quase largo minha colher quando o polegar dele esfrega sobre um ponto especialmente sensível. Estou tão feliz por ter optado por um vestido com saias finas hoje.

Mesmo que seja impossível se concentrar em uma única palavra que Hestia está dizendo.

Algo sobre me convidar para visitá-la na propriedade de Lorde Paulos. Ou talvez...

A mão de Kallias desliza mais para cima.

Oh, que homem mau.

— Perdoe-me. — Digo, levantando-me da mesa. — Mas não estou me sentindo tão bem. Acho que vou descansar nos meus aposentos.

Eu praticamente corro da mesa, esperando esconder o calor em minhas bochechas e minha respiração acelerada. Não poupo a Kallias nenhum olhar de relance.

★ ★ ★

QUANDO EU CHEGO NO MEU QUARTO, eu descarto todos os servos que tinham começado a mover minhas coisas para os quartos de Kallias. Eles parecem ter terminado minha penteadeira e banheiro, mas pararam no guarda-roupa.

Talvez eu deva considerar um banho frio.

Há uma batida, seguida pela abertura da porta. Kallias, é claro.

— Você está doente? Por que você não disse...

Eu me jogo nele, colocando beijos quentes de boca aberta nele.

Embora assustado a princípio, ele logo os devolve em espécie.

Hortelã e lavanda enche meus sentidos, e sua boca tem um leve sabor de vinho.

Eu o inclino contra a parede mais próxima, fundindo nossos corpos, deixo minhas mãos deslizarem a jaqueta de seus ombros.

— Estou bem. — Digo enquanto recuo um pouco para lidar com um botão que está impedindo meu progresso. — Você, no entanto, está com problemas.

— Pelo quê? — Ele pergunta inocentemente.

— Me distrair a ponto de não poder comer minha refeição.

Ele nos gira, *me* gira, então minha frente está pressionada contra a parede, minha cabeça se vira para o lado para olhar para ele.

— Isso não parece certo. — Diz ele. — Tudo o que fiz foi...

E então ele está se abaixando, puxando minhas saias para que ele possa traçar o mesmo caminho que ele fez debaixo da mesa, só que desta vez na minha pele nua. Enquanto isso, seus lábios estão explorando a parte de trás do meu pescoço, e eu estou presa, impotente para fazer qualquer coisa, exceto senti-lo enquanto seus dedos exploram mais e mais.

Quando não aguento mais, afasto-me da parede e giro para encará-lo. Seus lábios encontram os meus e seus dedos estão nos meus cabelos, puxando os alfinetes que eu costumava segurá-lo esta manhã.

Coloco minhas mãos nas costas, tentando alcançar os laços prendendo meu vestido. Eu preciso disso. Agora. Há muito entre o corpo dele e o meu.

Depois que ele percebe o que estou fazendo, ele diz: — Não. — Ele dá um passo para trás. — Não. — Ele repete.

E acho que posso gritar se ele tentar parar com isso, se ele...

— Deixe-me. — Acrescenta.

Em poucos segundos, meu vestido se foi e estou diante dele de camisola.

Ele me olha devagar, para a pele que pode ver por baixo do material praticamente transparente.

— Se eu fosse um homem melhor, mandaria você embora. — Diz ele. — Minha vida é perigosa. Sempre tem alguém tentando me matar. Mesmo se essa ameaça tiver sido tratada, haverá outras. Você pode se machucar por estar perto de mim.

— Ainda bem que você não é um homem melhor. — Tiro a gravata e começo pelos botões da camisa dele. — Por quê? — Eu pergunto. — Por que você não me tomou ontem à noite?

— Eu não tinha certeza se você queria. Ou se você queria esperar até depois do casamento. Você não...

— Eu quero. — Eu arranco o último botão depois que ele desliza entre meus dedos pela segunda vez.

E então ele me carrega para a cama.

O Rei das Sombras, ao que parece, valeu a pena esperar.

★ ★ ★

A ANTIGA SALA DE ESTAR da rainha agora é *minha* sala de estar. Ainda tenho a intenção de redecorá-la, mas por enquanto é o lugar perfeito para Rhoda, Hestia e eu passarmos algum tempo sozinhas.

Especialmente quando tenho muito a dizer a elas.

— Como foi? — Hestia quer saber. — Estar com um rei?

— Foi... melhor do que qualquer coisa que eu poderia ter imaginado. — Eu digo. — Mas acho que não teve nada a ver com o fato de Kallias ser rei. É sua paciência, sua capacidade de se conter até o momento certo que o torna um amante tão bom.

— E você e Lorde Paulos? — Eu pergunto. — Vocês dois...?

— Não. — Ela diz simplesmente. — Perguntei se poderíamos esperar até depois do casamento.

— Ele te pressionou? — Eu pergunto, de repente ficando protetora com minha amiga.

— Ah, não. Ele tem sido maravilhoso nisso. Você pode pensar que sou boba, mas só quero esperar até que seja esposa dele.

Eu pego a mão dela na minha. — Não há nada de bobo em esperar até que você queira. Não deixe ninguém lhe dizer o contrário. É o seu corpo para fazer o que quiser.

Ela sorri para mim então, e eu me preocupo em ser a primeira pessoa a dizer isso a ela.

Esperando. Não esperando. Um amante. Cem amantes. Não deve haver julgamento de qualquer maneira. Uma mulher não é definida pelo que faz ou não no quarto.

— E você, Rhoda? — Hestia pergunta. — O que há de mais novo com você e Galen?

— Se dependesse de mim, eu teria dormido com ele depois do baile. — Diz Rhoda. — Galen quer esperar. Ele murmurou um absurdo sobre preservar minha virtude. Mas se você me perguntar? Ele quer esperar até o casamento, então não

posso mudar de ideia. Como se ele tivesse algo com que se preocupar!

— Talvez você precise ser um pouco mais persuasiva. — Sugiro.

— Estou aberta a ideias.

— Você já tentou esperar por ele em sua cama à noite?

— Sim!

— Nua?

Ela abre a boca. Para. — Não.

— Ele não vai resistir a isso. — Em uma voz mais prática, acrescento: — Você pensaria que ele ficaria um pouco mais agradecido depois de ser feito senhor. Ele deveria estar adorando você.

— É verdade. — Diz Rhoda. Ela suspira.

E eu olho para minhas duas amigas. Minhas primeiras amigas de verdade. Eu achava que as mulheres sempre eram minhas concorrentes, pessoas com inveja. Quão errada eu estava.

Estamos todas tão felizes. Espero que dure para sempre.

A porta da sala de estar se abre, quase voando pelas dobradiças.

— Lady Stathos, você foi ordenada a comparecer perante o rei imediatamente. — Algum guarda indefinido emite o comando. Ele é ladeado por dois outros homens usando o brasão do rei.

— Kallias está bem? — Eu pergunto enquanto levanto abruptamente.

— Leve-a. — Diz o primeiro guarda, e os outros dois me cercam, cada um segurando um dos meus braços, e começam a me puxar fisicamente em direção à porta.

— O que você pensa que está fazendo? — Rhoda grita atrás de mim. — Essa é a futura rainha. Liberte-a de uma vez.

Mas ela é ignorada, e meus braços são machucados quando eu sou arrastada pelas escadas, em direção à biblioteca que Kallias e eu usamos para nossas refeições particulares.

Depois de um tempo, paro de lutar e aguento a humilhação. Vou lidar com esses três homens quando estiver com Kallias. Oh, como eles vão pagar então.

Isso é algum tipo de erro. Eles devem ter entendido mal as ordens do rei. Não consigo imaginar o que ele disse para dar a impressão de que eu deveria ser tratada como prisioneira.

Mas quando eles finalmente me libertam, encontro Kallias sozinho na biblioteca, de costas para a porta.

— Esperem lá fora. — Diz ele aos guardas. Eles fazem, me empurrando sem cerimônia em direção ao rei.

— Kallias, o que é isso? Deuses, tenho contusões dos guardas!

Ele se vira, seus olhos indo para os meus braços para avaliar o dano. Então, como se lembrando, ele desvia o olhar, endurecendo suas feições.

— Por que você veio a corte? — Ele pergunta em tom baixo.

— Porque você me pediu! — Estou fumegando agora.

— Não. Qual era o seu verdadeiro objetivo? Por que você estava no baile, aquele especificamente indicado por meus conselheiros porque eles queriam que eu selecionasse alguém para cortejar? Por que você me ignorou, praticamente me forçou a ir até você?

O medo afunda no meu peito, mas como – como ele poderia saber?

— De onde vêm essas perguntas? Fiz algo errado? Kallias, sou *eu*.

Zervas falou mais bobagem sobre eu estar envolvida nos ataques contra ele?

— Os criados terminaram de mudar suas coisas para o meu quarto. Isso foi encontrado no seu guarda-roupa.

Ele levanta o frasco de minalen – o que roubei da curandeira e depois enfiei na parte de trás do meu guarda-roupa, eras atrás.

E prontamente esqueci.

— Kallias...

— Você é suspeita de traição. — Ele morde. — E você vai me chamar de *Sua Majestade* nesses procedimentos.

Algo no meu coração torce, quebra, se dissolve. Deixando uma ferida aberta em seu lugar. Eu preciso de uma mentira. Uma convincente. Rápido. Agora.

Mas eu, conivente e intrigante, Alessandra Stathos, não consigo pensar em nada para dizer quando me olha com tanta repugnância.

— Por que isso estava no seu guarda-roupa? — Ele exige. — Um dos meus curandeiros já o examinou. É o mesmo tipo de veneno que foi encontrado na minha taça depois do seu baile.

Oh, uma horrível coincidência.

Eu abro minha boca.

— Acho que você nunca mentiu para mim, Alessandra.

Não. Na verdade, nunca.

— Você me enganou, é claro, quando se tratava de Hektor e do barão. Mas acho que você nunca me contou uma mentira direta. Você acha que eu seria capaz de dizer se você está mentindo? Vamos descobrir. Agora me diga para que você usou isso.

Olho para os meus dedos e os encontro tremendo.

— Olhe para mim! — Ele diz.

Eu olho. Qualquer hesitação da minha parte parece apenas que estou tentando inventar uma mentira. Então a verdade começa a sair de mim.

— Eu… — Eu tusso e forço meu rosto a permanecer calmo. — Eu fui àquele baile com a intenção de chamar sua atenção. — Eu começo.

— Eu não preciso da história toda. O que eu preciso é que você me diga para quem era o veneno e por quê. — Ele considera o frasco. — Está fechado, e não adianta me matar antes de nos casarmos. Você estava trabalhando com Vasco? Ele colocou seu plano em ação cedo demais sem você? Ou você estava trabalhando para ele? Me distrair para tocar em você e ficar vulnerável a ele?

— Não! Eu não estava trabalhando para ou com Vasco de nenhuma maneira. Não tive nada a ver com o que aconteceu no baile.

— Então para que você ia usar isso, Alessandra!

Uma única lágrima desliza pela minha bochecha. — Você. Eu ia usar em você.

O homem cruel diante de mim desaparece por um breve momento. O rosto de Kallias cai, a dor suaviza suas feições. Então o vilão está de volta.

— Por quê?

— Eu tinha um plano. Havia três etapas simples. Eu estava indo seduzi-lo. Eu ia me casar com você. E depois...

— E depois o *quê*?

— E então eu ia te matar e tomar o seu reino para mim.

Um sorriso amargo se estende por seus lábios. — Isso é mesmo do seu feitio.

— Mas, Kallias, joguei fora esse plano semanas atrás. Eu não tinha mais vontade de matar você porque eu...

— O que? Você o *que,* Alessandra?

Agora as lágrimas estão chegando rapidamente. Não posso olhar para ele enquanto digo. Não *quero* dizer isso, mas minha vida está em risco. — Eu me apaixonei por você.

Ele ri. O som não é gentil, e o espaço vazio onde meu coração estava queimava de dor. — Todo esse tempo, eu me preocupei com ameaças antigas, quando eu também deveria estar procurando por novas. Suponho que um rei nunca é permitido ter amigos ou amantes. Não quando toda pessoa no mundo quer algo de mim.

— Não foi assim. Não mais. Eu juro. Eu nunca menti para você. Eu nunca fingi nada com você. Eu não *preciso*. Você não vê?

— Eu não quero ouvir mais nada.

— Kallias, por favor.

Seu pescoço se encaixa na minha direção. — Eu te disse. Você não tem mais permissão de me dirigir dessa maneira, Lady Stathos.

A dor é tão profunda, mas a raiva também.

E naquela noite com Hektor surge na minha mente.

Minha adaga está na minha bota, é claro. Eu poderia desembainha-la muito mais rápido do que Kallias o seu florete.

Especialmente quando ele se afasta de mim.

E embora minha raiva seja rica e crua, não tenho desejo de pegar minha adaga.

Eu não poderia nunca, *nunca* desejar nenhum dano a Kallias.

— Você irá embora. — Diz ele. — Eu não ligo para onde você vai, desde que eu nunca precise vê-la novamente. Se você voltar aqui – se eu tiver que olhar para seu rosto novamente, eu mesmo a matarei.

Eu esfrego as lágrimas quando elas caem. Tento reunir meus pensamentos, mas a dor no meu peito está me consumindo.

— Saia, caramba! Antes que eu mude de ideia! — Ele se aproxima de mim e acho que ele pode me remover fisicamente da sala se eu não mexer minhas pernas.

Então eu fujo.

— Saia do castelo até a noite! — Ele diz para as minhas costas.

— Eu não me importo se você tiver que deixar suas coisas para trás.

Essa é a última coisa que eu ouço. No corredor, vejo Hestia e Rhoda, esperando. Elas trouxeram meus outros amigos, Leandros, Rhouben e Petros. O que eles poderiam fazer? Defender meu nome?

Eles não sabem o que eu fiz. Kallias dirá a eles?

— Alessandra… — Rhoda começa, mas eu a ignoro. Corro por todos eles, subo as escadas, ignorando os olhares que os criados me dão ao ver meu rosto vermelho e minhas bochechas manchadas de lágrimas.

— Eu vou atrás dela. — Acho que ouço alguém dizer distante. — Você fala com o rei. — Mas eu quase não entendo nada. Tudo é um borrão através da umidade nos meus olhos. Procuro a chave do meu quarto três vezes antes de abrir a porta. O espaço está completamente vazio.

Certo. Minhas coisas foram levadas para o quarto dele.

As lágrimas começam de novo quando eu ando até a porta adjacente. E olho para o quarto que foi feito para caber tanto as coisas dele quanto as minhas. Nossos guarda-roupas estão lado a lado. Travesseiros extras foram adicionadas à cama. Minha penteadeira foi colocada em uma parede livre, perto do banheiro

que cheira a sabonetes que ele usou esta manhã.

Olhando para tudo isso, para a evidência da vida que eu poderia ter, com *ele*, caio no chão em uma pilha de saias, minha cabeça caindo em minhas mãos.

Quanto tempo até o anoitecer? Eu não sei. Eu não ligo. Não quando tudo está arruinado.

Não sei quanto tempo fico sentada lá antes que a batida mais suave me atinja.

— Alessandra? Posso entrar?

Eu não respondo. Tento enxugar minhas lágrimas com minhas mangas.

Ele entra de qualquer maneira.

Leandros. Ele parece ter tomado banho recentemente, com o cabelo ainda úmido. O cheiro de rosas flutua sobre mim. Ele deve ter tido pétalas na água.

— Oh querida. — Diz ele quando me vê. Então ele cai no chão e me aproxima dele, deixando minha cabeça descansar em seu peito.

Uma de suas mãos acaricia meu cabelo enquanto sua voz solta sons suaves.

Eu chorei até secar, no entanto. Minhas lágrimas cessaram.

— Você quer falar sobre isso? — Ele pergunta.

— Não há nada a dizer. Ele me mandou embora. Tenho até o anoitecer para recolher minhas coisas. — Minha voz parece rouca.

Leandros aperta seu abraço. — Como ele pôde te mandar embora? O que você fez?

— Nada. — Eu digo. E é verdade. Fui pega com o frasco de veneno, mas não o usei. Na verdade, eu não tinha feito nada. Eu não ia fazer nada. Por que eu roubei isso em primeiro lugar?

— Então ele é um tolo. — Leandros se afasta o suficiente para olhar para mim, para limpar a última lágrima secando no meu queixo.

— Eu sei que você está sofrendo, mas você vai superar isso. Tudo ficará bem.

E, enquanto estou sentada, olhando para Leandros, sou tomada por um impulso repentino.

O desejo de machucar Kallias.

Ele fez eu me apaixonar por ele e depois me mandou embora.

Jogou-me para o lado, como aconteceu comigo uma vez antes.

Como ele ousa?

Então eu me inclino para frente e beijo Leandros. Ele não devolve. Ele é rígido como uma prancha diante de mim, então eu uso minhas mãos para me aproximar, antes de deixá-las flutuar em seu pescoço. Eu pego seu lábio inferior

com os dentes, e isso resulta no mais delicioso ruído de sua garganta.

Então ele devolve tudo em espécie.

Ele é um beijador excepcional, mas ele não é Kallias.

Eu não ligo.

Minhas mãos deslizam para o cabelo dele, ainda um pouco úmido. Há um pouco de outro perfume nele, mas não consigo identificá-lo. Mistura-se bem com o de rosas.

Queria que Kallias entrasse. Queria que ele pensasse em verificar meu progresso. Gostaria que ele mudasse de ideia e me pedisse para ficar. Me implorasse por perdão. Ficasse de joelhos e...

— Você está bem? — Leandros pergunta, se afastando. — Você parece distraída.

Todos os anos de prática com meus amantes anteriores tornam mais fácil fingir. — Você torna difícil que eu pense.

Ele sorri.

— Você é bom demais para mim. — Eu digo. — Como você pode ser tão gentil quando eu o rejeitei? Leandros, sinto muito. Eu nunca deveria ter dito não.

Ele se inclina para a frente e beija a ponta do meu nariz. — Não pense nisso. Eu sabia que você veria meus méritos eventualmente.

Eu sorrio quando meus olhos avistam a janela. O sol está começando a se pôr. — Eu tenho que ir. Ele me mandou ir embora antes do anoitecer.

— Não se preocupe. Você não ficar longe por muito tempo.

Pego o que encontro. Uma pequena bolsa de dinheiro. Minha jaqueta favorita para me proteger do frio. — Você viu como ele estava com raiva.

— Me dê um tempo para conversar com ele. Você estará de volta à corte, desta vez no meu braço, em pouco tempo.

Estou enjoada. Não, apenas miserável. Kallias nunca me permitiria voltar à corte, e mesmo que ele permitisse, eu não suportaria estar aqui e não com ele. Eu beijei Leandros e para quê?

Isso não me fez sentir melhor. Isso não enfureceu Kallias. Tudo o que fez foi dar uma falsa esperança a Leandros.

Talvez não seja totalmente falsa. Não posso voltar para o meu pai. Ele provavelmente vai me expulsar como eu fiz com ele no meu baile. Minha melhor chance é me casar rapidamente. Talvez eu possa convencer Leandros a fazer uma proposta para mim e depois me manter em sua propriedade rural.

— Vou escrever para você. — Eu digo.

— Eu vou buscá-la. — Ele responde. — Quando for a hora.

Tão otimista. Como ele gerencia isso o tempo todo? Certamente deve ser cansativo.

CAPÍTULO
29

A carruagem bate ao longo da rua, descendo a encosta da montanha, levando-me a uma pousada localizada na base.

Em toda a minha miséria, não percebi uma coisa.

Tenho sorte de estar viva. Kallias tinha todo o direito e autoridade para ordenar a minha morte imediata. Ele poderia me enforcar junto com Vasco e Zervas.

Mas ele me disse para ir.

Por quê?

Por que ele faria isso?

Nem uma única razão vem à mente.

O cenário que passa me deixa doente. Isso me lembra quando Kallias e eu subimos a montanha juntos. Quando eu caí nele. Quando ele confiou em mim com seus segredos. Quando ele permaneceu um cavalheiro enquanto nadávamos.

Ele era tudo menos um cavalheiro na noite passada.

Meu coração parece quebrar tudo de novo quando lembro o tempo que passamos juntos. Quando penso em seus toques e beijos.

Quando penso nas coisas que ele sussurrou no meu cabelo.

Ah, eu o amava.

Mas ele foi cruel ao forçar a confissão de mim. E quando eu disse a ele como o amava, ele riu na minha cara.

Aquela pessoa não é o Kallias que eu conheço.

Eu tenho pelo menos mais três horas na carruagem, então tento me sentir

confortável, deixando minhas pernas descansarem no assento oposto.

Ele não pode fazer isso comigo. Conosco.

Nós éramos perfeitos juntos. Nós fomos feitos um para o outro.

Como governantes. Como amantes. Não há razão para não estarmos juntos.

Minhas mãos se fecham em punhos. Eu tenho que fazê-lo perceber. Eu tenho que convencê-lo. Mas vale a pena o risco da minha própria vida? Ele jurou que me mataria se eu voltasse.

Como eu poderia convencê-lo de que não queria lhe fazer mal?

Como posso convencê-lo de que quero a vida que ele esculpiu para nós?

Meus ombros relaxam e minhas mãos se abrem. Uma nova onda de dor me atinge quando vejo o anel de Kallias no meu dedo, mas então meus olhos pegam algo abaixo dele.

— Ugh. — Uma mancha de sujeira marca a parte inferior da minha mão. Eu tento esfregar no assento da carruagem. A carruagem de Kallias.

Não sai.

Eu passo meus nós dos dedos nela, quando isso também não funciona, eu molho um dedo com a língua e esfrego.

Mas não sai.

Hesitantemente, abaixo o nariz e cheiro.

Esse aroma de antes, aquele misturado com as rosas de Leandros, flutua suavemente em minha direção.

Eu conheço esse cheiro. Como eu conheço esse cheiro?

Minhas mãos. Elas estavam no cabelo de Leandros enquanto eu o beijava.

Sim, cabelo! Existe um produto usado para tingir o cabelo das mulheres. Cheira exatamente assim.

Mas por que Leandros tingiria seu cabelo?

Enquanto me sento lá, lembro-me da insistência de Lady Zervas de que ela é inocente, de que será libertada quando o verdadeiro assassino aparecer.

Vasco é culpado. Disso tenho certeza, mas ele poderia ter convencido o sobrinho a ajudá-lo?

Não, Leandros nunca faria isso. Por que ele iria? Ele era amigo de Kallias. Ele foi a corte após a morte do irmão de Kallias. Por que Leandros poderia ter algum motivo para prejudicar o rei?

Mas então lembro como ele insistiu que eu voltaria ao palácio em breve e ao seu lado. Ainda assim, por que ele poderia querer prejudicar Kallias?

Eu olho para a mancha na minha mão.

Ele foi a corte após a morte do irmão de Kallias.

Quando Kallias e eu fomos disfarçados para o clube de cavalheiros, notei como Kallias se parecia tanto com Leandros com os cabelos mais claros.

O que Leandros teria a ganhar ao prejudicar Kallias, a não ser que...

Demônios!

— Retorne a carruagem! — Eu grito as palavras, e a carruagem para severamente. Eu sou quase jogada no assento oposto.

— Minha dama? — O cocheiro pergunta.

— A vida do rei está em perigo. Temos que voltar de uma vez.

— Eu vou levar você embora. Ordens do rei.

Jogo minha cabeça pela janela, para poder encarar o homem simples. — E o que você acha que acontecerá quando o rei morrer, e eu disser ao conselho que você poderia ter evitado isso?

Ele ainda parece inseguro.

— Tenho cinquenta necos na minha bolsa. — Digo.

Com isso, ele vira os cavalos e voltamos a subir a montanha, desta vez a uma velocidade vertiginosa.

* * *

EU NÃO SEI O QUE estou fazendo.

Kallias vai me matar. No momento em que ele me ver, eu estou morta. Não há muito tempo, eu não hesitaria em me salvar, mesmo que isso significasse a morte de outra pessoa. Eu ainda faria – se fosse alguém, exceto Kallias.

Eu o odeio.

Mas eu o amo mais.

Ele precisa saber a verdade. Mesmo que ele me mate por isso.

Ele precisa saber quem matou seus pais. Não era Zervas, nem Leandros. Não era nem Vasco, mas ele deve estar envolvido de alguma forma. Eu não entendi bem tudo isso.

Mas eu sei o suficiente.

Eu pulo da carruagem quando chegamos ao palácio novamente.

Amaldiçoo as saias que impedem minha velocidade. Se eu tivesse escolhido usar calças hoje – mas não tinha pensado que estaria correndo para qualquer lugar. Só me lembro do que Kallias fez da última vez que usei saias...

O sol já se pôs há muito tempo; o palácio está tão quieto quanto uma tumba. Guardas vigiam todas as aberturas do palácio, mas suspeito que ainda não

tenham sido informados da minha traição.

Ninguém me impede de entrar, e felizmente não vejo os três que me entregaram à biblioteca para aguardar o julgamento do rei.

Estou ofegante quando chego ao corredor – nosso corredor.

— O rei está em seus aposentos? — Peço aos guardas de plantão.

— Não, Lady Stathos. Ele não voltou para a cama ainda.

Minha voz se transforma em um rosnado. — Onde ele está?

— Nós não somos designados para sua guarda pessoal. Eu não saberia lhe dizer.

— A vida do rei está em perigo. Eu preciso saber onde ele está agora! — Mas gritar não ajuda. De repente, não dá as respostas que eu quero.

Eu me viro, voando de volta pelas escadas. Quando ouço os guardas seguirem, grito de volta: — Não, fiquem nas posições caso ele volte. Não deixem seus postos.

Onde ele estaria tão tarde da noite? Se ele não tem nenhuma reunião, para onde ele iria?

Ele estava na biblioteca da última vez que o vi, assim que eu faço o meu caminho até lá em vez disso. Mas, com um pressentimento, mudo de curso no meio do caminho, indo para a sala de estar da rainha.

O quarto de uso do dia de sua mãe.

Eu me xingo por minha tolice quando não vejo nenhum guarda do lado de fora das portas. Mas então, e se Kallias abandonasse seus guardas?

Entro na sala a toda velocidade, a porta batendo na parede atrás dela. Um par de braços me pega antes que eu caia no chão.

— Alessandra?

Eu me empurro para fora dos braços de Kallias, ainda com medo da maneira como ele me tratou quando nos vimos pela última vez. — Você está vivo!

Ele me olha como se eu tivesse enlouquecido. — Sim.

— Onde está sua guarda? — Eu solto as palavras em torno de respirações ofegantes.

— Eu dei a eles a noite de folga. Com todas as ameaças contra mim tratadas – incluindo *você*, devo acrescentar – pensei que teria algum tempo sem eles. Não importa, o que você está fazendo aqui atrás? Eu...

— Você está sozinho? — Eu digo por cima dele.

— Não, eu também estou aqui.

Leandros sai da alcova em que estava parado. — Estávamos nos alcançando. O que você está fazendo aqui?

Eu giro para Kallias. — Você precisa correr. Agora. Vá para seus guardas. Onde quer que os mais próximos estejam.

— Por quê? Você vai tentar me matar de novo? — Ele pergunta com amargo sarcasmo.

— Eu nunca tentei te matar, e não sou eu quem representa uma ameaça à sua vida. Ele é! — Eu aponto para Leandros, cujos olhos se arregalam com a acusação.

— O quê? — Kallias pergunta. — Leandros não ajudou seu tio. Ele me protegeu dele quando Ikaros tentou se aproximar de mim depois que eu engoli o veneno.

— Ele não te protegeu. — Digo quando a realização começa. — Ele aproveitou a oportunidade para tocar em você. Você conseguiu usar suas sombras desde que entrou nesta sala?

— Eu não tentei, e elas não vão funcionar com você aqui. Agora saia! — Kallias agarra meu braço, tentando me arrastar para longe.

— Ele não é quem ele diz que é. Lorde Vasco não tem sobrinho!

O aperto de Kallias afrouxa com as palavras, e puxo meu braço livre. — Do que você está falando? — Ele pergunta.

— Eu tenho a mesma pergunta. — Diz Leandros, e sua voz está muito mais próxima agora.

Sem pensar, eu me empurro entre os dois homens, usando meu corpo como um escudo para Kallias. Mesmo quando vejo a espada pendurada nos quadris de Leandros, não perco o equilíbrio.

— Olhe para ele, Kallias. Olhe para ele de perto. Você o conhece.

— Sim. — Sua voz vem atrás de mim. — Ele é meu melhor amigo. Ou foi, até eu...

— Não, você o conhece antes disso. Ele parecia um pouco diferente na época, com cabelos tão negros quanto os seus, um nariz que não estava quebrado. A mente vê o que quer ver quando não consegue entender mais nada. Seu irmão morreu, então como ele poderia voltar disfarçado como outra pessoa?

E então Leandros – *Xanthos* – estreita os olhos para mim.

— O que aconteceu com você? — Eu pergunto. — Você foi espancado; isso é óbvio. Mas por que fingir sua morte? Por que voltar e matar seus pais e tentar matar seu irmão? Não faz sentido.

Xanthos olha por cima da minha cabeça para Kallias. — Acho que ela está se sentindo culpada. Ela me beijou esta noite, você sabe. Depois que você a mandou embora.

— Pare com isso! — Eu grito, sentindo vergonha e raiva ao mesmo tempo. Mas não ouso olhar para Kallias. Não consigo tirar os olhos de Xanthos, da ameaça. — Fiquei ferida. — Digo como explicação. — Isso não é desculpa, mas me revelou sua traição.

Eu seguro minha mão acima da minha cabeça, então a mancha está apontada para Kallias. — Tintura para cabelo. Isso manchou minhas mãos. Ele veio até mim logo após usá-la. Eu suspeitava que ele queria me ver longe. Certificar-se de que ele poderia realmente ficar sozinho com você pela primeira vez, para que ninguém o veja matar você.

A sala fica em silêncio.

— Não. — Diz Kallias, finalmente. — Não, ele não pode ser Xanthos. Eu amei meu irmão, mas ele era provocador. Cruel. Leandros não passa de...

— Um ator. — Eu termino. — Um assassino disfarçado.

Mais uma vez, silêncio. Se estende por tanto tempo, acho que posso me virar apenas com a dor de não ser capaz de ler o rosto de Kallias.

E então o calor nas minhas costas recua quando Kallias dá um passo para trás. — *É* você.

Xanthos olha para o céu. — Ótimo, Alessandra. Bem feito. — Ele sacou a espada. — Estou trabalhando nisso há quatro longos anos, e então você precisa arruinar tudo.

— Você é quem estragou tudo. — Eu indico, mostrando a ele a marca marrom.

— Pensei em tirar uma última coisa do meu irmão. Ele tinha tudo o que deveria ter sido meu. O Reino. O império. As sombras. A única coisa que realmente era dele era você, e eu também queria tomar isso.

Dou um passo para trás quando sinto a mão de Kallias descer no meu ombro, me puxando em sua direção.

— O assassino nos jardins. — Eu digo. — Ele estava lá por suas ordens. — Eu tinha visto Leandros logo antes de Kallias aparecer. Não acredito que não fiz a conexão mais cedo.

— Ele estava servindo como servo por uma semana. — Diz Xanthos. — Estávamos apenas esperando o momento certo. Quando não havia guardas por perto. Quando Kallias deixou suas sombras escondidas.

— E a carta? — Eu pergunto. — O clube dos cavalheiros?

Xanthos balança a cabeça. — Não, isso foi obra de Vasco. Eu nunca concordaria com um plano tão estúpido e complicado. Ele tem sorte de ter visto o disfarce de Kallias. Sorte que ele não foi visto no clube.

Um peso de chumbo afunda baixo no meu peito. — Deixei você no tablado com ele no baile. Eu disse para você cuidar dele!

— E ele teria morrido se Petros não tivesse me visto tocá-lo. Ele pensou que foi um acidente, mas ele me mandou embora para que Kallias pudesse se curar.

— Xanthos. — Diz Kallias finalmente, como se ele ainda não pudesse acreditar, como se ele não tivesse ouvido nada da conversa que acabamos de ter. — O que aconteceu com você? Por que você não me disse que era você? Eu teria...

— Você teria o *que?* — Xanthos estala. — Deixado de ser rei? Dado o título de bom grado e felizmente? Você e eu sabemos que você não teria feito isso. Não depois que você experimentou o poder. Além disso, não poderia me revelar até a mãe e o pai morrerem. Até você estar morto, então ninguém poderia ficar com você para contestar minha reivindicação ao trono.

— Oh. — Eu digo, quando a realização começa. — Você não tinha a habilidade. As sombras. Seu pai não queria que você se tornasse rei. Você o envergonhou, não foi?

Xanthos levanta a espada, então a ponta pressiona contra a minha garganta. — Eu ficaria em silêncio se eu fosse você.

— Deixe-a fora disso. — Diz Kallias, puxando-me para fora do alcance da espada. Ele coloca seu corpo entre mim e seu irmão mais velho. — Eu não entendo. Nosso pai ordenou que você fosse espancado?

As narinas de Xanthos se abrem quando seu rosto endurece. — Ele me bateu. Até a morte, quase. Essa era certamente a intenção dele. Ele me deixou na beira da estrada, perto de uma carruagem em que seus homens tombaram, para parecer um acidente. E então ele foi embora, nem um pingo de culpa.

— Foi quando Vasco encontrou você. — Eu digo.

— Quando ele descobriu o que meu pai fez, ele prometeu sua lealdade a mim. O verdadeiro rei. Ele cuidou de mim. Me ajudou a me disfarçar, jurou me ajudar a recuperar o trono. Contratamos aqueles homens para entrar no palácio, colocar todo o local em bloqueio. Eu matei nosso pai antes mesmo que ele soubesse o que estava acontecendo. Foi muito rápido. Ele deveria ter sido espancado primeiro, como eu. Mas eu sabia que não tinha muito tempo.

A respiração de Kallias se acelerou. — E a nossa mãe? — Ele pergunta, sua voz falhando no final.

— Eu não tinha certeza de que ela não estava nisso. Era mais difícil matá-la, mas eu sabia que precisava. Ela já estava começando a suspeitar quem eu era.

Mas isso foi demais. Kallias se lança em Xanthos, esquivando-se da espada e

derrubando-o no chão. A espada voa para o lado, e eu corro para recuperá-la. Então me afasto, observando os dois homens.

Kallias tem a luta na mão.

Ele pousou em cima de Xanthos. Montando nele, ele solta os punhos no homem caído. — Ela. Era. Minha. Mãe. — Ele pontua cada palavra com um golpe de seus dedos.

Xanthos se joga, batendo a cabeça no nariz de Kallias. Ele o empurra para o lado, libertando-se das garras do irmão mais novo.

E então ele o chuta. Kallias cai.

— Não pense que você era o único que a amava. — Diz Xanthos. Ele puxa as abotoaduras quase sem notar, e lembro que ele gostava de usar aquelas em forma de rosas. A flor favorita da mãe deles. — Quase me matou acabar com ela também. Mas você? Você, eu vou gostar de matar.

Kallias se afasta e consegue encontrar os pés, mas um gotejamento constante de sangue sai do seu nariz.

Eles se entrelaçam novamente. Esquivando-se e lançando punhos. Não posso fazer nada além de assistir. E se eu cortar o homem errado com a espada? Devo correr para os guardas?

Não se eu quiser arriscar Xanthos vencendo a luta.

— Quanto você gostou do meu direito de nascimento, Kallias? Você gostou de governar por trás do conselho? Você gostou da suíte do rei? Sentado à cabeceira da mesa de jantar?

— Eu gostei. — Diz Kallias. — Eu nunca teria abrido mão. Não para um filhote impotente, patético e matricida como você.

Xanthos grita enquanto se joga em Kallias. Eles rolam um sobre o outro no chão, até que Xanthos fique por cima dessa vez.

Kallias leva um soco nos lábios, no olho esquerdo e na garganta.

Xanthos o matará, tenho certeza disso.

Dou um passo à frente com a espada, coloco-a embaixo da garganta dele. — Fora. Agora.

Ele me ignora, tenta dar um tapa na espada com os dedos, então deixo a ponta penetrar em sua pele, traçando uma linha de sangue.

Isso chama a atenção dele. Ele se levanta com a minha próxima insistência e se afasta, recuando até suas costas baterem em uma parede.

— Deixe-me ir, Alessandra! — Ele grita.

— Não.

— Ele te mandou embora! Ele disse que te *mataria* se você voltasse. — Ele

estava ouvindo nossa última conversa? — Por que você o defenderia?

Eu dou de ombros. — Apenas sinto vontade, realmente. — Não estou prestes a professar meu amor mais uma vez, onde Kallias pode ouvi-lo.

— Ele não te quer. Salvá-lo não vai mudar isso. Afaste-se. Agora.

— Não.

— Se você quiser me parar, terá que me matar. Acho que nós dois sabemos que você não faria isso.

Quando ele tenta se mover, deixo a ponta da espada rasgar sua pele, deslizando até atingir a parede.

Os olhos de Xanthos se arregalam de surpresa quando um ruído sufocado sai de sua garganta. Onde o sangue escorre de suas vias aéreas.

— Você realmente não me conhecia. — Eu digo. — Se você me conhecesse, saberia que já matei por amor uma vez.

E então ele cai para a frente, pregado na parede como uma tapeçaria macabra. Morto.

Eu me viro para Kallias, o encontro me olhando do chão, seus olhos entrando e saindo de foco.

Então eu corro para os guardas.

CAPÍTULO
30

Assim que eu soube que Kallias estava seguro, que um curandeiro estava cuidando dele e um pelotão inteiro de guardas o vigiava, eu saí. Eu sabia que ele só me mandaria embora novamente quando tivesse forças para fazê-lo. A menos, é claro, que ele decidisse me matar.

Eu o salvei, mas de alguma forma, estou tão infeliz como sempre.

Talvez Zervas estivesse certa. É muito melhor saber que ele era meu antes de morrer do que saber que ele vai ficar com outra pessoa.

Eu aperto meu travesseiro antes de ajustá-lo abaixo do peito, passando os braços em volta dele e deixando meu queixo afundar na borda da suavidade felpuda.

Rhoda está me deixando ficar na propriedade dela pelo tempo que eu quiser. Ela está com Galen, hospedada em alguma pousada rural, muito, muito longe de fofocas e de quem os conhece.

Eu tento não ficar amarga com a fuga romântica que eles estão tendo. Como posso ficar com ciúmes quando tenho uma propriedade de duquesa gloriosa para ficar?

Sozinha.

Deixada de lado.

Ameaçada de morte pelo homem que amo.

Amava.

Não posso continuar gostando dele depois do que ele fez. Faz uma semana desde que ele me expulsou do palácio. Desde o duelo na sala de estar. Uma

semana dormindo terrivelmente tarde todas as manhãs ou tardes, na verdade. Uma semana vendendo as bugigangas que Kallias me deu para encher minha bolsa. Uma semana andando pelos vastos corredores desta propriedade, percorrendo os arredores (ainda evitando os jardins). Eu ando a cavalo todas as tardes. Aprecio deliciosos pratos preparados pelo requintado cozinheiro de Rhoda. E tento decidir qual é o próximo passo para mim.

Não preciso mais me casar. Eu tenho todo o dinheiro que eu poderia precisar e um lugar livre para ficar indefinidamente.

Não tenho nada para planejar. E acho que não gosto de homens no momento.

Hestia escreveu para mim, perguntando se ela poderia me visitar. Ela também enviou um convite de casamento.

Não sei se posso suportar a visão de minhas amigas e a felicidade delas agora.

O que eu preciso é sentir o controle. Talvez eu compre minha própria propriedade. Ordene meus próprios servos. Isso deve me fazer feliz.

Eu chamo uma empregada para ajudar a me vestir e arrumar meu cabelo. Então entro no escritório de Rhoda, onde me sento diante de uma mesa. Vou perguntar depois de qualquer terreno à venda. Ou talvez eu veja se a propriedade do Vasco está em leilão.

Ele perdeu junto com seu título quando foi condenado.

Depois de algum tempo, uma carta chega da minha irmã. Ela defende o caso do pai, me dizendo como ele deseja desesperadamente que eu volte para casa. Ela pede desculpas por ficar longe de mim por tanto tempo.

Se ao menos eu estivesse com você para dar o exemplo. Talvez você não esteja sozinha e sem perspectivas. Gostaria de vir ficar comigo e com o duque por um tempo? Claro, você não pode continuar como está enquanto estiver aqui.

Você era tão jovem quando a mãe morreu e, como sua irmã mais velha, eu deveria ter cuidado melhor de você. Papai e eu certamente não culpamos você por se transformar em uma prostituta. De que outra forma você

poderia se divertir enquanto eu estava em festas e bailes?

— Eu não sou uma prostituta. — Anuncio para a sala vazia. — Sou uma mulher com poderes sexuais e não há nada de errado nisso.

Como ela ousa tentar argumentar sobre moralidade comigo?

Através de uma *carta.* E como o pai poderia ir até ela para me convencer a voltar para casa? Ele só quer um dote por mim. Sem mim, ele ficou pensando em como salvar sua propriedade sozinho.

Bom, eu acho. É problema dele lidar com isso. Não meu. Ele nunca deveria ter tentado me usar. Eu valho muito mais que isso. Eu gostaria que ele tivesse me tratado assim.

Volto para a carta que estou escrevendo, quando a maçaneta da porta chacoalha.

— Prefiro não ser incomodada com mais correspondências. — Digo sem olhar para o criado. Por uma boa medida, rasgo o bilhete da minha irmã em pedaços antes de jogar o papel no chão para outra pessoa limpar.

— Você vai permitir uma visita, então?

Fico de pé abruptamente, virando para o som da voz que se tornou mais doce do que a música.

— Receio ter intimidado os criados para me deixarem entrar sem ser anunciado. — Diz Kallias. — Eu me preocupei que você ordenasse que eles me mandassem embora antes que eu tivesse a chance de vê-la.

Ele tem alguns machucados amarelos no rosto que ainda estão desaparecendo. Apesar de seus olhos e lábios não estarem mais inchados, algumas cascas de ferida ainda cobrem suas bochechas e sobrancelhas. Mas ele está vivo e bem.

— Você não se curou. Com suas sombras. Eu vou sair. Então você pode...

— Eu desejo me curar pelo caminho mais difícil dessa vez. Eu mereço a dor que vem com elas.

O silêncio preenche o escritório de Rhoda. Quando não aguento mais, pergunto a ele: — Você mudou de ideia?

Ele parece um pouco intrigado com a pergunta. — Sim, claro.

Concordo e deixo meus olhos percorrerem o chão. — Como é que vai acontecer, então?

Ele fica em silêncio por um momento. — Pensei em pegar a carruagem.

— E depois?

O silêncio se estende tanto tempo que eu olho para cima. — Bem? — Eu falo. — Como vou morrer? Devo ser enforcada? Esfaqueada e esquartejada? Você vai me empurrar de um penhasco? Me estrangular com suas próprias mãos? O que vai ser, Kallias? — E então, lembrando o que ele disse antes, altero: — Quero dizer, o que vai ser, *Majestade*? — Talvez se eu for civilizada, será uma morte rápida.

Um olhar de horror cruza suas feições antes que ele diminua o espaço entre nós. Ele cai de joelhos diante de mim, pegando minhas mãos nas suas nuas. Seu polegar passa sobre o anel no meu dedo.

O anel dele. Que eu não consegui me obrigar a tirar ainda. Ele o encara por um momento antes de dizer: — Você entendeu mal. Quando eu disse que mudei de ideia, eu quis dizer sobre mandar você embora. Sobre destruir nossa vida juntos.

Eu fico tão quieta; Eu acho que meu coração pode parar de bater.

— Você poderia me deixar morrer. — Diz ele. — Você poderia ter deixado Leandros, quero dizer, Xanthos, me matar e depois governar como rainha com ele. Mas você não fez isso. Você o matou. Você matou o por mim.

— Mas eu sabia antes disso. Eu estava machucado, sim, mas eu ia voltar para você logo antes de Xanthos se aproximar de mim. Eu estava na sala de estar da minha mãe, porque tentei imaginar um futuro em que aquela sala não seria sua, e não consegui.

Ele se levanta então, mantendo minhas mãos entrelaçadas nas dele. — Eu estava assustado. Eu estava com tanto medo de confiar em alguém e magoei você como resultado. Eu disse coisas que não deveria ter dito. E eu sinto muito, Alessandra.

Antes que eu possa falar, ele está afastando as mãos e lutando para pegar algo no bolso da jaqueta.

Com uma falta de jeito incomum, ele deixa cair uma carta no chão e se abaixa para recuperá-la. — Você nunca leu isso. Comecei logo após a noite em que li a carta de Orrin para você. Eu percebi que as palavras podem ser tão difíceis de encontrar quando faladas em voz alta no momento. Mas escrever? Dá-me tempo para articular exatamente o que sinto. Eu era covarde demais para ler para você antes. Mas eu vou ler agora.

— Minha Alessandra, todos os poetas de todo o mundo poderiam escrever odes para a sua beleza. Você é adorável, incrivelmente bonita. Até um tolo poderia ver. Mas não foi isso que me atraiu para você. Foram os seus olhos. Foi o jeito que você não olhou para mim que me fez perceber que você é especial.

Você não olhou para mim como se eu fosse um rei, alguém para ser respeitado e adorado. Você olhou para mim como um homem. Um homem que diz coisas tolas e toma decisões terríveis. Você me fez lembrar o que é ser humano. Eu tinha esquecido. Tendo passado um ano inteiro sem ninguém para tocar, ninguém para conversar – foi você quem me lembrou o que é viver. Seus olhos falavam de uma mente que gosta de provocar e que gosta de vencer. Mas eles também me mostraram seu coração, um que poderia ser tão reservado, mas pronto para amar, se eu pudesse merecê-lo. Eu não mereço. Eu nunca vou merecer. Eu poderia passar um milhão de anos tentando te adorar, e ainda não seria digno de você. Mas estou desesperado por você da mesma forma. E, embora não tenha milênios para viver, quero dar quantos anos me restarem para você. Porque eu amo você. Eu amo a mulher que me salvou. E embora ela não precise de mim, eu a quero. Ferozmente. O tempo todo no mundo não vale nada se eu não gastar com você. Para sempre seu, Kallias.

Quando termina de ler, Kallias dobra a carta metodicamente, demorando um pouco, com medo de olhar para cima, eu acho.

— Por que você demorou tanto tempo para vir me ver? — Eu pergunto, mantendo a emoção longe da minha voz.

Ele encolhe os ombros e ri desconfortavelmente. — Eu estava uma bagunça. Eu pensei que poderia ter uma chance maior de você me aceitar de volta se meu rosto não estivesse todo machucado.

Eu deixei uma mão deslizar contra sua bochecha, descansando a palma da mão lá. — Eu não poderia me importar menos com o seu rosto.

Sinto a força dos músculos quando seus lábios se contraem. — Não?

— Eu gosto quando está saudável e bonito, mas não é por isso que eu amo você.

Sua respiração falha quando ele diz: — O dinheiro e o poder também ajudam.

— Foi o que originalmente chamou minha atenção, mas perdi o interesse em tudo, mais cedo ou mais tarde. Tudo menos você. Porque em você eu encontrei meu par. Em você encontrei meu igual.

Kallias, meu Rei das Sombras, me agarra, me puxa para seus braços. — Eu te amo, Alessandra. O que posso dizer para que você me perdoe e me aceite de volta?

— Palavras significam muito, mas ações falam muito mais alto, você não acha?

— Eu acho.

Ele abaixa a cabeça, escova meus lábios nos dele.
E começamos nossa nova vida juntos. Para nunca mais ficarmos sozinhos.

TAMBÉM POR TRICIA LEVENSELLER

Daughter of the Pirate King
Daughter of the Siren Queen

Warrior of the Wild

SOBRE A AUTORA



Tricia Levenseller, autora de *Daughter of the Pirate King*; e a sequência, *Daughter of the Siren Queen*; e *Warrior of the Wild*, é de uma pequena cidade do Oregon, mas agora vive perto das Rocky Mountains, em Utah, com seu cachorro mandão, Rosy. Ela se formou em inglês e edição e está emocionada por nunca mais ter que ler um livro. Quando não está escrevendo ou lendo, Tricia gosta de montar quebra-cabeças, jogar vôlei e assistir a seus programas de TV favoritos enquanto come pipoca com manteiga. Você pode se inscrever para receber atualizações por e-mail aqui.